

VALTER DA ROSA BORGES

A REALIDADE TRANSCENDENTAL

**(UMA INTRODUÇÃO À
TRANSCENDENTOLOGIA)**

Edições Bagaço - Recife - 1999

Este livro é apenas o marco inicial de uma nova ordem de conhecimento interdisciplinar que denominamos de Transcendentologia. Ele não tem a pretensão de ser um tratado sobre o transcendental, mas se propõe a oferecer uma visão panorâmica e sistematizada de fenômenos insólitos que evidenciam a existência de um outro nível da realidade - a realidade transcendental.

A Transcendentologia, que tem por objeto o estudo e a investigação da fenomenologia transcendentológica e das concepções a respeito da realidade transcendental, não é uma nova ciência, uma nova filosofia, uma nova religião, mas um sistema cognitivo autônomo que não é redutível a qualquer dos três ramos clássicos do conhecimento. Mas, por sua natureza interdisciplinar, se vale dos subsídios de cada um deles, seja no que diz respeito à metodologia de pesquisa, seja no que concerne às reflexões e análises comparativas dos fenômenos transcendentais.

Enquanto a ciência procura, cada vez mais, adentrar-se no conhecimento da realidade física, ampliando a sua visão do mundo dito material, desde a investigação das partículas elementares até a procura de novos universos nas mais distantes galáxias, a Transcendentologia se remete à investigação de outros níveis da realidade que, de uma forma ou de outra, interajam com o nível da realidade onde vivemos. No mundo contemporâneo, voltado quase que totalmente para o exterior, com os seus desafios, conquistas e seduções, a preocupação com questões classificadas de metafísicas passou a ocupar um lugar secundário e de interesse ocasional.

A realidade transcendental, pela sua complexidade, não pode ser abordada apenas sob uma determinada óptica cognitiva, mas por um elenco epistemológico de saberes, cuja convergência empírica, experimental e especulativa resulte na compreensão, cada vez mais profunda, das dimensões do real.

A Transcendentologia, que tivemos a ousadia de criar, não é uma resposta, mas uma proposta às questões que transcendem a rotina dos fatos ordinários e constitui um salutar desafio àqueles que se aventuram perigosamente a navegar pelo oceano do Desconhecido.

CAPÍTULO I

A REALIDADE TRANSCENDENTAL

Matéria & realidade

Para se postular a existência de um universo transcendental, é necessário, preliminarmente, questionar se a matéria é o fundamento da realidade física e se só o que é material é real.

A ciência vem procurando, até hoje, identificar a realidade com a matéria e encontrar o elemento fundamental da própria materialidade.

Inicialmente, concebeu a matéria como tudo o que nos afeta e que podemos perceber.

Depois, observou que poderíamos também ser afetados pelo que não percebíamos. Então, a matéria passou a ser entendida como tudo o que nos afeta, mesmo aquilo que não podemos perceber, tais como os raios ultravioletas, os microorganismos, etc.

Graças, porém, ao crescente progresso científico e tecnológico e em razão das nossas extensões artificiais, estamos aumentando, gradativamente, o alcance da nossa materialidade.

Teilhard de Chardin proclamava que toda vida consiste em ver e que a história do mundo vivo se reduz a criação de olhos cada vez mais perfeitos no seio de um Cosmo onde é possível perceber sempre melhor. Tem razão Chardin: quanto mais percebemos, mais aumenta a materialidade do nosso universo.

Pensamentos, emoções, idéias, desejos têm também a sua “materialidade”, pois podem nos afetar, apesar de sua imaterialidade.

Mas, afinal, o que é a matéria?

Aitareya definiu a matéria como tudo o que é capaz de manifestação, afirmando que entre a matéria original e a matéria final há inúmeras gradações.

O Jainismo, por sua vez, lecionava a existência de seis níveis da matéria: a) o denso-denso ou físico; b) o denso; c) o denso-sutil; d) o sutil-denso; e) o sutil; f) o sutil-sutil.

Para Leibniz, a matéria, na sua essência, é força, visto ser constituída de um conjunto infinito de centros de força, denominados de mônadas, que são átomos virtuais.

Berkeley, por sua vez, afirmou que a matéria não existe, pois é um conjunto de qualidades sensíveis. Em consonância com a Escola Vedanta, ele asseverava que o mundo é uma representação de Deus e só existirá enquanto Deus pensar nele.

Hume proclamava que a realidade são fenômenos subjetivos e que causa e substância, tempo e espaço não passam de criações psicológicas.

Bergson sustentava que a realidade é "lastreada de geometria". E assinalou:

"A realidade é um processo de perene criação sem princípio nem fim, que não tem duas vezes a mesma fisionomia, mas assume a cada instante um aspecto original e imprevisível". Por isso, a forma *"nada mais é senão um instantâneo tomado numa transição"*.

Para Bergson, *"não há coisas, apenas atividades"*.

Pietro Ubaldi assinalava que a matéria é, essencialmente, relações e trajetória e que o real na vida não é a forma, mas o seu tornar-se.

Para Bertrand Russel *"a matéria, em seu centro, está reduzida a uma simples ficção matemática"*. A matéria não é mais constituída por "coisas". Ela foi substituída *"por emanações de uma localidade"* e a Física moderna reduziu a matéria a *"um conjunto de eventos que se deslocam para o exterior provenientes de um centro"*. A coisa é *"uma construção lógica"*, tem uma *"realidade momentânea"* e não passa de *"uma determinada série de aparências, relacionadas entre si pela continuidade e por certas leis causais"*.

E concluiu:

"Agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schrödinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido dissolveram-se e a matéria tornou-se tão fantástica quanto uma visão espírita".

Para John Gribbin, *"nada é real, senão enquanto vemos"*, tal como sucede no mundo quântico.

Werner Heisenberg comentou ser difícil considerar a matéria como *"verdadeiramente real"* e assegurou que, para a ciência moderna, não há mais objeto material, porém forma, simetria, matemática.

Heisenberg advertiu que a física moderna se inclinou, definitivamente, em favor de Platão, porque as mínimas partes da matéria não são, de fato, objetos físicos no sentido ordinário da palavra, mas formas, estruturas ou, na acepção platônica, Idéias, que podem ser descritas, sem ambigüidade, em linguagem matemática.

Teilhard de Chardin advertia:

"Atingindo o extremo de suas análises, os físicos não sabem mais se a estrutura que eles alcançaram é a essência da matéria que eles estudam ou, então, reflexo de seu próprio pensamento."

E Arthur Koestler escreveu um réquiem final para a matéria:

"Todo um corpo de laureados do Prêmio Nobel da Física ergue sua voz para nos anunciar a morte da matéria, a morte da causalidade, a morte do determinismo."

Aliás, conforme observou Heinz Pagels, a matéria é a exceção na moderna concepção do universo, onde quase tudo é vácuo. Não um vácuo como vazio, mas como plenitude, formado de pares de partículas e antipartículas espontaneamente criados e aniquilados. Podemos, assim, dizer que o vazio está pleno de infinitas potencialidade pulsantes.

Afirma, ainda, Pagels que tudo o que pode ter existido ou virá a existir está potencialmente no nada do espaço, o que nos faz lembrar, de certo modo, a hipótese dos "registros akashicos" do ocultismo.

James Jean declarou que a melhor maneira de descrever o universo, mesmo de forma imperfeita e inadequada, consiste em considerá-lo como um pensamento puro, um pensamento de quem, à falta de outro conceito mais abrangente, poderíamos descrever como um pensador matemático. Na verdade, disse ele, o universo está começando a parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina.

Henri Margenau vai mais além e postula que a matéria nada mais é do que um constructo da mente.

A realidade virtual, criada por programas de computadores, são simulações da realidade e que, um dia, poderão tornar-se concretas. O computador antecipa vivências e situações, propiciando amostragens de futuros possíveis. O real físico sofre, agora, a concorrência do real virtual e passa a ser controlado, até certo ponto, por ele.

A realidade, no entanto, para nós, é sempre material, pois matéria é o modo como decodificamos a realidade. A matéria, portanto, não é ilusória, mas, sim, a nossa crença de que ela é a única forma da realidade.

A matéria é um constructo perceptual de cada organismo, e cada espécie, aqui, na Terra, tem o seu universo material específico. Logo, a realidade não se reduz à nossa materialidade humana e, conseqüentemente, existem outros níveis da realidade com a sua materialidade própria.

Ainda não se comprovou que matéria é constituída de elementos irreduzíveis, indivisíveis, pois a ciência, até agora, não descobriu o átomo, na verdadeira acepção do termo. Já foram identificados cinco níveis da matéria – moléculas, átomos, núcleos, hádrões e quarks – e ainda não foi encontrada a sua estrutura fundamental. A realidade parece ser composta de infinitos níveis fenomenológicos, com ilusórios elementos constitutivos. Por isto, afirmava Pietro Ubaldi que *"cada mundo é real em seu nível e é ilusório, se visto de outros níveis"*.

Onde termina a matéria e começa a energia e vice-versa?

Einstein sustentou que matéria é energia congelada. E Pietro Ubaldi advertiu que a diferença entre matéria e energia consiste na diversidade do movimento: rotatório, fechado em si mesmo, na matéria; ondulatório, de ciclo aberto e lançado no espaço, na energia.

A materialidade não está lá fora, mas em nós mesmos, no nosso modo de perceber o mundo exterior. Matéria é a nossa relação com os seres e as coisas. Isso não quer dizer que eles sejam produtos da nossa mente, mas, sim, que eles são materiais para nós porque podemos percebê-los. A essência da matéria é, portanto, a percepção. A cultura da sociedade em que vivemos é que nos fornece a materialidade das nossas percepções. Por isso, nós vemos a realidade com os olhos que a cultura nos deu, porque ver não é um fato apenas biológico, mas principalmente uma experiência culturalmente condicionada. O que chamamos de *fato* é uma percepção interpretada.

A Escola de Copenhague afirma que a realidade quântica é, em parte, criada pelo observador. Ou seja, como diz Heinz Pagels, a intencionalidade humana influencia a estrutura do mundo físico. Por isso, John Wheeler asseverou que nenhum fenômeno é fenômeno, senão quando observado. Assim, podemos argumentar que a matéria só é matéria quando nós a percebemos.

No passado, Gargyayana já afirmava que a realidade é a mente. O mesmo dizia o Hermetismo. A Escola Yogachara enfatizava que o mundo exterior é o próprio pensamento e que as coisas nada mais são do que representações ou idéias. E, finalmente, os fundadores da Escola da Mente, Lu Hsiang-Shan e Wang Yang Ming, ensinavam que o universo e a mente são idênticos e que nada existe fora da mente.

No mundo moderno, Eddington concluiu que o estofado do mundo é de natureza mental.

O que chamamos de físico, portanto, é a materialidade específica do nosso universo e ela é apenas uma das formas de "materialidade" do real.

Existe uma realidade transcendental?

Uma região da realidade, além do tempo e do espaço, sempre foi intuída por místicos e filósofos, e, atualmente, por cientistas. Platão concebeu-a como o mundo das Idéias. David Bohm a denominou de ordem implícita ou implicada. E Rupert Sheldrake, de campos morfogenéticos.

Esta realidade, que podemos denominar de realidade transcendental ou RT é a região matriz da realidade fenomênica. Ela é tida como o mundo real, o mundo das possibilidades infinitas, pois a essência do real é o possível. Assim, o que chamamos de real é apenas uma parte do possível que fenomenologicamente se realizou.

Wolfgang Pauli postulava a existência, no cosmo, de uma ordem distinta do mundo das aparências e que escapa à nossa capacidade de escolha.

Arthur Eddington afirmou, enfaticamente, que toda realidade é de natureza espiritual e não material, e não é em parte material e em parte espiritual. E, incisivamente, asseverou que a exploração do mundo exterior, com os métodos da ciência física, não nos conduz a uma realidade concreta, mas a um mundo de sombras e símbolos, para além do qual aqueles métodos são incapazes de penetrar. Eddington concluiu que o mundo está composto de "matéria mental".

A RT é anterior, simultânea ou posterior à realidade física? É ela a causa ou consequência da nossa realidade dita material?

Scott Rogo mencionou a seguinte hipótese:

"Um vasto reino espiritual pode ter surgido ao mesmo tempo que a vida evoluiu neste planeta e enquanto tomavam forma nossa concepção da existência. Seria vão indagar se os nossos pensamentos criaram essa dimensão espiritual ou se o reino espiritual promoveu a evolução do homem. Tudo o que se poderia propor é que o mundo físico e o mundo espiritual desenvolveram-se mutuamente, cada qual interagindo dinamicamente com o outro. A medida que o pensamento e a fé humana evoluíram geraram um sistema de crenças que se tornaram realidades no interior do reino espiritual. Uma vez criadas, essas realidades tornaram-se independentes das mentes e das crenças, que lhes deram origem.

O que essa teoria declara é relativamente simples. Quando um grupo de pessoas ou uma sociedade inteira partilha uma visão do mundo religioso em comum, sua ideologia acaba por se traduzir numa realidade espiritual literal. O mundo de Jesus, da Virgem Maria e dos anjos existe de fato nessa realidade, e continuará a existir enquanto as crenças cristãs forem aceitas por milhões de pessoas. O reino dos deuses hindus e os muitos céus e infernos que constituem o reino espiritual da crença budista podem igualmente existir nessa dimensão.

Essa hipótese pode certamente ajudar a explicar alguns dos milagres que deparamos ao estudar a vida dos místicos da Igreja. É difícil ler suas biografias sem reconhecer que as visões e as aventuras espirituais que eles vivenciaram durante os seus êxtases eram algo mais do que meras alucinações produzidas por

suas crenças religiosas. Em seus transe, esses místicos, como Teresa de Ávila, Catarina Emmerich, Therese Neumann e muitos outros estavam provavelmente entrando numa dimensão espiritual tão real para eles como o mundo dos cinco sentidos o é para nós. O mesmo se poderia dizer dos mundos espirituais para onde os xamãs das culturas primitivas viajam durante os seus transe e experiências fora do corpo.

Esse reino espiritual pode não existir como uma realidade pessoal em benefício unicamente desses místicos. Como um sistema de crenças ou uma concepção do mundo se converte em realidade no reino espiritual, torna-se também uma realidade para toda a cultura que o sustenta. Embora a maioria de seus membros possa não estar em contato com ele durante suas vidas terrenas, ainda assim ele existe no universo.

Essa teoria geral pode também fornecer uma explicação para os notáveis poderes "superpsíquicos" de fazedores de milagres como São José de Cupertino, Santo Antônio de Pádua, Padre Pio e Teresa Higginson, cujas habilidades parecem ser muito maiores e mais consistentes do que as dos numerosos paranormais que vêm chamando a atenção da parapsicologia durante décadas.

Os santos e místicos de todas as religiões são fazedores de milagres exatamente por causa de sua sensibilidade a esse reino espiritual. Se seus poderes psíquicos os põem em contato com o mundo espiritual ou se o contato com o mundo espiritual os leva a tornarem-se paranormais é uma questão controversa. Seja qual for o caso, talvez esses indivíduos paranormais possam lançar mão de vastos reservatórios de energia espiritual gerada por esse reino espiritual a fim de intensificar suas capacidades. Podem estar tão sintonizados com as forças criativas do universo que se tornam capazes de usar essa energia criativa para modificar os padrões da realidade".

Certos fenômenos paranormais estudados pela Parapsicologia e outros tidos por milagrosos, observados em todas as religiões, transgridem as leis da realidade física e ultrapassam, de muito, a capacidade do ser humano, permitindo-nos especular sobre a existência de um outro nível da realidade - a realidade transcendental ou RT. Os fenômenos paranormais e os milagrosos são fenômenos insólitos, mas nem todos os fenômenos insólitos são paranormais ou milagrosos, pois podem consistir numa manifestação patológica da mente humana ou naquilo que se chama aberração da natureza ou teratologia.

Há uma intencionalidade, um conhecimento e um poder por trás de certos fenômenos insólitos que não podem ser explicados pelas aptidões ainda pouco conhecidas do inconsciente do homem.

Parece-nos sensato admitir que os fenômenos insólitos que não possam, razoavelmente, ser atribuídos a uma pessoa humana, na condição de agente psi ou AP, devem ser considerados como indícios da interferência de um agente transcendental ou AT, nome genérico para os seres transcendentais ou STs, os quais foram identificados, pelas religiões, como deuses, anjos, demônios, devas, espíritos da natureza e espíritos dos mortos.

Este universo transcendental, também conhecido por mundo espiritual, é, até hoje, do domínio exclusivo das religiões, as quais jamais se conciliaram para buscar uma visão holística e coerente do mesmo. É a competição acirrada e

dogmática entre as diversas religiões só resultou em conflitos desnecessários e na manutenção de concepções setorizadas e excludentes a respeito da RT.

Enquanto a Ciência tem procurado harmonizar todas as ciências dentro de uma concepção unificada da sua metodologia cognitiva, a Religião, pelo contrário, se mantém fragmentada pela querela estéril de religiões e seitas, dando a impressão de que a RT é, fundamentalmente, caótica e ininteligível.

Parece-nos evidente que a RT é extremamente complexa, constituída de diferentes níveis fenomenológicos, o que, por certo, esclarece a diversidade das revelações espirituais e das comunicações mediúnicas. Há, porém, uma interessante convergência nestes relatos: a existência de planos espirituais hierarquizados, melhor diríamos, diversificados. É a nossa tendência à simplificação que nos deixa atordoados e confusos ante a presumível heterogeneidade da RT.

A Parapsicologia, instituindo-se como ciência, procurou humanizar o insólito, atribuindo a aptidões humanas ainda desconhecidas a causa única de tais fenômenos. O avanço científico e tecnológico, como um todo, vem favorecendo esta tarefa da Parapsicologia, minimizando a explicação transcendental, visto que alguns fenômenos paranormais já podem ser voluntariamente obtidos em laboratório.

Definição da paranormalidade

Ainda não existe, entre os parapsicólogos, um consenso para definir o conceito de paranormal, principalmente porque ainda não sabemos determinar o que é normalidade e quais os seus limites. Empiricamente, porém, distinguimos um fato normal de um acontecimento insólito, visto que normal é, para nós, tudo aquilo que é habitual, previsível e até mesmo, em certos casos, controlável. Tudo o que é insólito nos assusta ou incomoda, porque perturba as nossas expectativas e nos priva, ainda que temporariamente, da segurança que nos proporciona o conhecido. Mas, o insólito, paradoxalmente, também nos fascina por descortinar novas modalidades do real, rompendo com a rigidez de certos determinismos.

Não nos basta apenas testemunhar coisas fantásticas: é preciso acordar para perceber a sua importância na investigação do real. O mal é que nos acostumamos com o trivial, o rotineiro e então passamos a desconfiar do inédito, talvez - quem sabe? - por temê-lo. A testemunha preconceituosa, por isso, não passa de um sonâmbulo, pois vê o insólito deformado pelo seu condicionamento óptico, resultante do vigente paradigma científico.

Foram a miopia e o astigmatismo da comunidade científica do século XIX (e moderadamente da do nosso século) que impediram e ainda estão impedindo a percepção correta da inusitada fenomenologia paranormal. Uma pequeníssima minoria que teve “olhos para ver” (William Crookes, Charles Richet, Friedrich Zöllner, entre outros) foi hostilizada e ridicularizada por seus colegas implacáveis, sob o fundamento implícito de que o que não se compreende não existe.

À luz da Parapsicologia, o homem é dotado de um talento cognitivo especial (psi-gama) e de uma aptidão ocasional de agir psiquicamente sobre a matéria e sobre os seres vivos (psi-kapa). O paranormal é o normal incomum. Por isso, parece situar-se nas fronteiras das potencialidades do homem. Como não sabemos

– e esta é a magna questão – quais os limites reais da capacidade humana, o que podemos é estabelecer teoricamente os parâmetros razoáveis desta capacidade.

O paranormal, portanto, pertence ao universo hominal, embora contrarie o paradigma científico da realidade.

A paranormalidade, psicologicamente, enseja a especulação metafísica da divindade implícita do homem por atender à necessidade mítica do herói, latente no inconsciente da humanidade, tornando-nos capazes de prodígios que nos aproximam dos deuses, dando-nos o poder de dominar a matéria e o tempo e de contrariar as chamadas leis da natureza.

Consciente e inconsciente

Tido, pelos parapsicólogos, como causa da manifestação paranormal, o inconsciente se estabeleceu como núcleo do ser, desbancando o consciente para as áreas de fronteira entre o homem e seu contexto sociocultural.

Consciente e inconsciente não são entidades autônomas, mas expressões operativas da mente humana. O inconsciente não é um gênio oculto e sim a mente humana vista como um todo, onde o consciente constitui uma atividade seletiva em consonância com o conteúdo cultural onde cada homem está inserido.

Sob certos aspectos, o processo inconsciente é o modo não-intencional que todos nós temos de resolver, de maneira extremamente habilidosa, os nossos problemas. Isto importa em reconhecer que o nosso modo consciente e intencional é rotineiro e pouco criativo.

O poder ilimitado do psiquismo inconsciente, defendido por alguns parapsicólogos, é a metafísica da Parapsicologia. Deram-lhe o nome pomposo de super-psi. Aliás, a ciência, como um todo, possui uma metafísica: a crença de que, um dia, explicará todos os fenômenos da natureza.

Mas até onde vai o poder do nosso inconsciente? Simplesmente porque não conhecemos os seus limites, deveremos habituar-nos a tratá-lo como se fosse uma instância humana praticamente dotada de onisciência e onipotência? Um inconsciente que sabe tudo e pode tudo é, a bem da verdade, uma réplica ou sucedâneo de Deus.

A atitude de certos parapsicólogos tem sido radical: ou explicam todos os fenômenos insólitos pelo psiquismo inconsciente do AP ou negam a realidade daqueles que não cabem nesta hipótese, atribuindo-os à fraude, às deficiências da pesquisa ou ao misticismo do pesquisador. É evidente que todos os fenômenos paranormais são insólitos, mas nem todo fenômeno insólito é paranormal.

Jung já havia advertido que *"se o inconsciente fosse efetivamente superior à consciência, seria simplesmente difícil ver do que consiste, afinal, a utilidade do consciente, ou porque motivo o fenômeno da consciência surgiu no transcurso da evolução filogenética como um elemento necessário"*.

Apesar de todas as conquistas da investigação parapsicológica, uma parte significativa dos fenômenos paranormais permanece inabordável pela metodologia científica, sendo manifestamente insatisfatória a sua explicação por aptidões desconhecidas do psiquismo inconsciente, principalmente porque o conceito de inconsciente é extremamente vago tanto na Psicologia como na Parapsicologia.

Paranormalidade & transcendentalidade

A paranormalidade é um conhecimento (psi-gama) e uma ação (psi-kapa) que excedem a capacidade habitual do ser humano.

Ressalta-se, na manifestação paranormal, um agente conhecedor e executor de conhecimentos e habilidades não aprendidos, não só em relação ao nosso universo físico, mas também em domínios desconhecidos pela ciência, cuja interação com o mundo material redundava na infringência das “leis naturais”.

Inicialmente, se faz necessário estabelecer as fronteiras entre o paranormal e o transcendental, definindo os seus respectivos domínios fenomenológicos. A tarefa de distinguir o transcendental do paranormal ainda é mais árdua do que a de distinguir o paranormal do normal. Assim, a pesquisa transcendentológica procura, preliminarmente, determinar se um dado fenômeno insólito é de natureza paranormal ou transcendental. É quase sempre difícil estabelecer esta distinção, pois não existe um critério confiável para determinar uma clara fronteira entre as duas ordens de fenômenos. Por isso, adotamos o critério da razoabilidade, o qual consiste em declarar que um fenômeno insólito é transcendental quando ele não pode, razoavelmente, ser atribuído a ação do inconsciente do AP.

Há, portanto, uma imperiosa necessidade de se demarcar, teoricamente, os limites operacionais do inconsciente nas suas manifestações paranormais. Mas, como ainda não sabemos os limites da capacidade humana, só podemos estabelecer, teoricamente, os parâmetros razoáveis desta capacidade. O poder ilimitado do inconsciente, defendido por alguns parapsicólogos, não passa de uma hipótese metafísica e, portanto, incompatível com a natureza científica da Parapsicologia.

A Parapsicologia, por ser uma ciência, não pode lidar com hipóteses metafísicas, e só lhe compete atribuir ao homem a causa exclusiva dos fenômenos paranormais. Assim, ela não deve apenas afirmar que o inconsciente é a causa daqueles fenômenos, mas comprovar experimentalmente esta hipótese, mediante a utilização de técnicas e procedimentos estritamente científicos. Para isso, é necessário que ela demonstre que o AP pode produzir voluntariamente alguns deles. Porém, são raríssimos os fenômenos paranormais que ocorrem em tais condições e, assim mesmo, a sua magnitude é enormemente inferior àqueles que acontecem espontaneamente e, em alguns casos, contra a vontade do AP.

É necessário que o parapsicólogo esteja ciente desta limitação, reconhecendo que certos fenômenos não podem ser satisfatoriamente explicáveis pelo inconsciente. Nem sempre a inteligência e a intencionalidade, que existem por trás de tais fenômenos, parecem ser a evidência de uma autonomia operacional da inconsciência humana. Na verdade, é de difícil defensibilidade a hipótese de que, a nível inconsciente, o homem possui o conhecimento de leis que ignora em seu estado de vigília e que contraria o atual paradigma científico da realidade. Enquanto não soubermos como o inconsciente age para produzir estes fenômenos, estaremos fazendo apenas uma especulação sem qualquer respaldo experimental e até mesmo empírico.

É claro que certas pessoas, após um longo treinamento, são capazes de interferir nas atividades involuntárias do organismo, como, por exemplo, aumentar ou diminuir os batimentos cardíacos e aumentar a temperatura do corpo e, em

alguns casos, produzir, voluntariamente, fenômenos paranormais. O que se questiona é se tais poderes são inatos ou conseqüência de prévio treinamento.

Acontece que, na maioria dos casos, esta aptidão é inata em algumas pessoas. Elas a descobrem, na maioria das vezes, por acaso, e quase nunca conseguem, durante toda a sua vida, utilizá-la voluntariamente.

Se há fenômenos paranormais que não são, até agora, cientificamente explicáveis pelo psiquismo inconsciente seria, na verdade, um evidente excesso de antropomorfismo admitir que o homem, a nível inconsciente, possua conhecimento de leis e manipule forças ainda desconhecidas da ciência.

Estes fenômenos insólitos, que transcendem o paranormal, são os fenômenos transcendentais os quais pertencem a outra ordem da realidade. Assim, pode-se definir a transcendentalidade como o conjunto fenomenológico resultante de uma interação entre o universo físico e a realidade transcendental mediada ou não por um ser biológico, no caso um ser humano.

O problema da sobrevivência *post-mortem*

A fronteira do paranormal não vai além da vida biológica. Por isso, a Parapsicologia só investiga os poderes incomuns do homem biologicamente vivo e não cogita da existência de um universo transbiológico ou transcendental.

Mario Bunge assinalou que não adota uma atitude científica aquele que despreza a investigação da alma humana em razão de sua inobservabilidade, advertindo que "a ciência teórica contemporânea ocupa-se predominantemente de inobserváveis, tais como as partículas elementares, os campos eletromagnéticos, a evolução geológica e biológica, a economia nacional, etc."

Ora, o que chamamos de Espírito é um inobservável, mas, à semelhança das partículas elementares, sua existência pode ser detectada pelos "rastros" que ele deixa em certos fenômenos paranormais.

A pesquisa da sobrevivência *post-mortem* do homem não implica a admissão de sua imortalidade. A sobrevivência pode ser transitória. Ou seja, o Espírito pode durar séculos, até mesmo milênios, retornar várias vezes à existência física (reencarnação) e, um dia, finalmente, morrer. A imortalidade do ser humano, diferentemente da sua sobrevivência *post-mortem*, não é verificável empiricamente e sempre será matéria de especulação filosófica e religiosa. No entanto, a imortalidade do Todo é, por vezes, assunto de postulação científica. A afirmação de Lavoisier "*nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*" é a mais sólida e respeitável metafísica da ciência.

A sobrevivência pode ser uma programação ontológica do ser humano, na qual a morte constitui uma mudança da fase biológica de homem para a fase transbiológica de ser transcendental. Assim, a rigor, não se pode falar em sobrevivência, mas em mudança ontológica, tal como a lagarta que, após a morte, não sobrevive como lagarta, mas como borboleta.

Admitamos que a mente é um resultado da própria evolução do cérebro, como este o foi da evolução do organismo humano.

O cérebro morre com a morte do corpo. Morrerá a mente com a morte do cérebro?

Acontece que corpo e cérebro são entidades físicas. A morte de um implica necessariamente na morte do outro.

Para aqueles que admitem que a mente é uma entidade não-física e não um mero epifenômeno do cérebro, a questão crucial é se ela também se extingue com a morte do cérebro. Se a ligação mente-cérebro é apenas operacional e não substancial, a conclusão que se impõe é que a morte do cérebro não importa na morte da mente.

Já dizia Lawrence LeShan:

“Aquilo que é absolutamente corriqueiro em um domínio da experiência pode não existir em outro.”

E afirmou ainda:

Portanto, quando afirmamos que a morte aguarda inevitavelmente o corpo e indagamos se isto também é verdadeiro no que diz respeito à consciência, a qual existe em um diferente domínio da experiência, a pergunta não é tão simplória como poderia parecer inicialmente.

Existe um acesso público ao corpo. Ele existe no domínio sensorial e podemos observar o corpo de outra pessoa enquanto ele se movimenta, respira, se mantém e quando cessa de fazer tais coisas. Existe apenas um acesso particular à consciência e não podemos jamais observar a consciência de outra pessoa antes ou após a morte biológica do corpo. O que observamos é a morte do corpo. O que inferimos é a morte da consciência. São duas construções separadas, mas ainda assim nós as tratamos como se fossem uma só.”

LeShan argumentou ainda que não existe uma verdade empírica, analítica ou científica que diga respeito à aniquilação da consciência após a morte do corpo.

Disse mais:

“A “morte” é uma construção, um sistema que organizamos a fim de relacionar um grupo de fatores observáveis.”

E, mais adiante:

“Os fatores observáveis que a morte apresenta são a cessação do movimento, a perda da comunicação e a impossibilidade de automanutenção (ação sem reação da segunda lei da termodinâmica). Não existe um fator observável no Domínio da Consciência. No domínio sensorial, e unicamente nele, a construção (ou sistema) da morte é bem organizada.”

Concluiu LeShan:

“A aniquilação da consciência é outra coisa. Não é uma verdade empírica ou analítica. Não pode ser observada. Não posso observar a aniquilação de minha consciência. Devido ao acesso privado à consciência, também não posso observar a aniquilação da consciência de outra pessoa. Nada existe na definição do corpo ou da consciência que nos leve analiticamente a ter clareza de que a morte do corpo deva levar à morte da mente.

Além do mais, a aniquilação da consciência não apresenta conseqüências em relação a qualquer coisa que possamos observar. A morte do corpo de outra pessoa resulta na perda de nossa capacidade em nos comunicarmos com ela e vivenciar sua consciência. Quer sua consciência seja aniquilada ou não, o resultado é o mesmo. A pessoa somente poderá expressar a existência de sua consciência através de seu corpo. Quando ela morre, essa capacidade desaparece. O resultado é o mesmo, continue ou não sua consciência a existir.”

Quando alguém se encontra em estado de coma, presume-se que esteja inconsciente apenas pela simples inferência de que ele não está se comunicando com as pessoas presentes ou reagindo a estímulos físicos. Ora, a ausência de algo não importa necessariamente na sua extinção. Não há constatação direta de que o estado comatoso importa necessariamente em inconsciência. Ao contrário, há casos em que a pessoa, quando saiu do estado comatoso, revelou que não perdeu a sua consciência e estava consciente do que acontecia ao seu redor.

Com muita lucidez, Bozzano destacou a importância do conhecimento prévio das potencialidades da mente humana como base indispensável à investigação da sobrevivência do homem.

Informou ainda Bozzano que os antigos magnetólogos sustentavam que todos os seus sonâmbulos, quando em estado de sonambulismo, afirmavam a existência de Deus e a sobrevivência da alma, embora em seu estado normal fossem materialistas e ateístas.

Argumentou Milan Rizl:

“A psicologia apresenta fortes argumentos de que existe realmente uma esfera de regularidades no universo, que se estende além da faixa de regularidade na esfera material. À luz desses argumentos, é completamente plausível que a personalidade humana exista em diferentes níveis e abranja também as partes componentes não materiais (conforme o afirmaram vários filósofos e líderes religiosos da antigüidade). Se essas partes componentes “mais elevadas” existem realmente, não é necessário que morram ao mesmo tempo com o corpo. Podem sobreviver. É possível também que tenham propriedades completamente diferentes das que comumente atribuímos aos “espíritos”. Entretanto, apenas podemos legitimamente falar até então dessa possibilidade. Procurar a prova será o próximo passo - e indubitavelmente um passo muito difícil.”

Disse ainda:

“Determinar os limites da percepção extra-sensorial seria também importante para a pesquisa sobre a sobrevivência post-mortem. A menos que conheçamos esses limites, não poderemos projetar um teste crucial para provar ou refutar a sobrevivência post-mortem. Até então, não se encontram limites à percepção extra-sensorial e, conseqüentemente, qualquer teste que se projete e quaisquer que sejam os resultados que se obtenham, a percepção extra-sensorial continua sendo uma hipótese suficientemente satisfatória que torna desnecessária a hipótese sobre a sobrevivência post-mortem”.

De acordo com este ponto de vista, tudo é explicável pela percepção extra-sensorial, embora não se saiba o que ela seja.

Tal hipótese, segundo o princípio de Ockam, é a mais econômica. Porém, podemos opor-lhe a seguinte objeção: se não sabemos ainda os limites da percepção extra-sensorial, deveríamos explicar todos os fenômenos psi pela percepção extra-sensorial como se ela fosse ilimitada?

J. B. Rhine foi mais otimista:

“Podemos dizer que a pesquisa de ESP faz diretamente surgir a questão do lugar da personalidade no sistema espaço-tempo, oferecendo positiva indicação a favor da sobrevivência. Se não tivesse havido nunca formulação anterior do problema da sobrevivência, ele teria surgido da pesquisa de ESP.”

Rupert Sheldrake, com base na sua teoria da ressonância mórfica, concluiu que as lembranças não precisam estar armazenadas no cérebro, visto que os organismos sintonizam com organismos similares no passado e quanto maior for a similitude entre eles maior será a sua sintonia recíproca. Argumentou que se as lembranças não são armazenadas no cérebro, não há motivo para que elas se deteriorem com a decomposição do cérebro. Assim, se o eu consciente não é idêntico ao funcionamento do cérebro, mas interage com ele através dos campos mórficos, então é possível que a consciência permaneça associada a esses campos mesmo depois da morte do cérebro e conserve a capacidade de sintonizar seus próprios estados passados. São esses "campos mórficos" que, segundo Sheldrake, organizam moléculas, cristais, células, tecidos, organismos e sociedades de organismos. Assim, a memória de tudo o que existe se situa nestes "campos mórficos" e não em qualquer nível da matéria.

Observa-se existir uma tendência para a impessoalização do que chamamos de espírito. Estrutura informacional, energia consciente e campo substituíram a noção abstrata de alma. Rupert Sheldrake anotou este fato:

"O resultado é que, agora, pensa-se que toda a natureza consiste em campos e em energia. A energia, como matéria aristotélica, pode existir sob muitas formas diferentes. Na física aristotélica, essas formas eram organizadas por almas; na física moderna, são organizadas por campos." Por isso, disse ele, mais adiante: *"os campos da física moderna desempenham muitos dos mesmos papéis que as almas desempenhavam nas filosofias animistas e pré-mecanicistas da natureza."*

Na pesquisa do transcendental, como veremos posteriormente, não se busca saber apenas se o homem sobrevive à morte, mas se o ser no qual se transformou ainda guarda lembranças do ser que foi e, nesta condição, testemunha a existência de uma realidade transcendental.

Paul Davies argumentou:

Podemos assim decidir rejeitar a crença de que a mente nada mais é do que atividade celular do cérebro, porque isso é cair na armadilha reducionista. Contudo, parece que a existência da mente é apoiada por essa atividade, e assim surge a questão de como poderão existir mentes sem corpo. Recorremos de novo à analogia: uma novela constrói-se com palavras, mas a história podia estar igualmente guardada oralmente em fita magnética, codificada em cartões perfurados, ou digitalizada num computador, por exemplo. Pode a mente sobreviver à morte do cérebro, sendo transferida para outro mecanismo ou sistema? Em princípio, isto seria possível.

Poderíamos igualmente questionar: tudo é feito de partículas, mas de que é feita uma partícula?

Disse ainda Paul Davies:

"Já não podemos entender a mente referindo-nos a células nervosas, do mesmo modo que não podemos compreender células por simples referência aos seus componentes atômicos. Seria fútil buscar a inteligência ou a consciência no meio das células cerebrais individuais - o conceito não tem sentido neste nível. É claro, pois, que a propriedade da autoconsciência é totalizante, e não pode atribuir-se a mecanismos eletroquímicos específicos do cérebro."

Paul Davies foi mais além:

"Apesar de algumas idéias parecerem assustadoras, elas aumentam a esperança de que se possa atribuir sentido científico à imortalidade, porque realçam que o componente essencial da mente é a informação. É o padrão interior ao cérebro, e não o próprio cérebro, que nos torna no que somos. Assim como a Quinta Sinfonia de Beethoven não deixa de existir quando a orquestra acaba de tocar, assim também a mente pode suportar a transferência da informação para outro lado. Consideramos atrás que, em princípio, a mente pode ser colocada num computador, mas se a mente é basicamente "informação organizada", então o meio de expressão desta informação pode ser qualquer coisa; pode não ser nenhum cérebro em particular, pode nem mesmo ser qualquer gênero de cérebro. Em vez de "espectros na máquina", assemelhamonos mais a "mensagens num circuito", mensagem que transcende os meios de sua expressão."

Como qualquer instrumento musical não é causa da música, a música, por sua vez, não é causa de qualquer instrumento musical. O instrumento musical é o meio através do qual a música pode manifestar-se como realidade física. A própria peça musical que pode ser executada por centenas de instrumentos e de orquestras é apenas a cópia da peça concebida pelo compositor. Assim como o nosso eu, reproduzido em milhares de imagens cinéticas de si mesmo, não é o nosso eu.

Embora a personalidade esteja em permanente transformação, certos condicionamentos se mostram mais resistentes, prosseguindo incólumes às mudanças e acompanhando o indivíduo até a sua morte física e possivelmente além dela.

Deepak Chopra apontou evidências de que a memória do ser humano está contida não apenas no cérebro, mas também em todas as células.

"Alguns pacientes de transplante relatam uma experiência excepcional após a recepção de um rim, fígado ou coração doados. Sem saber quem foi o doador do órgão, começam a participar de suas lembranças. Associações que pertenciam a outra pessoa começam a ser liberadas quando os tecidos daquela pessoa são colocados dentro de um estranho. Em um caso, uma mulher acordou após um transplante de coração ansiando por beber cerveja e comer Chicken McNuggets; ela ficou muito espantada, porque jamais quisera nem uma coisa nem outra. Depois que começou a ter sonhos misteriosos nos quais um jovem chamado Timmy a procurava, ela veio a descobrir quem era o doador do seu coração, do qual só sabia que fora vítima de um acidente fatal de trânsito; quando entrou em contato com a família dele, descobriu que se tratava de um rapaz chamado Timmy. A mulher ficou atônita ao descobrir que ele gostava muito de beber cerveja e fora atropelado quando voltava para casa vindo de um McDonald's.

Em vez de procurar uma explicação no sobrenatural para tais fenômenos, pode-se vê-los como uma confirmação de que nossos corpos são feitos de experiências transformadas em expressão física. Tendo em vista que a experiência é algo que incorporamos (literalmente, "fazer entrar num corpo"), nossas células foram instiladas com nossas lembranças; assim, receber as células de uma outra pessoa é receber, ao mesmo tempo, as suas lembranças."

Isto evidencia que a mente está inerente, em sua totalidade, em cada célula do nosso corpo. Logo, a mente não é apenas cérebro. Mente é corpo e os fenômenos

paranormais sugerem que ela está também além do corpo. Todas as células, quem sabe também os átomos, estão impregnados de mente, mas não são a causa da mente. Por isso, não é de estranhar que as nossas células conttenham memória de nossa vida e, se transplantadas num órgão para outro organismo, passem a integrar a memória de outra pessoa.

As experiências realizadas com ratos revelaram que, no transplante de células entre eles, ocorreu a transmissão de aprendizado.

Acontece, porém, que estas células transplantadas em pouco tempo morrem e, no entanto, transmitem essa memória às suas sucessoras. Reencarnação celular ou simples questão hereditária? Aliás, hereditariedade e reencarnação não seriam, a rigor, a mesma coisa: ou seja, conjunto de informações e de tendências que se transmitem de organismos a organismos?

Somos, na verdade, um conjunto dinâmico de informações que se celulariza. Estamos pulverizados em todas as nossas células, e cada célula que nasce é uma reencarnação celular de nós mesmos. E, quando morremos e morrem todas as nossas células, porque não foram incorporadas, como tais, em outro organismo, este conjunto dinâmico de informações, que constitui o nosso ser, morre definitivamente. Parece-me que assim o será se o conjunto dinâmico de informações se situar apenas a nível celular, ou se esta estrutura informacional não puder subsistir por si mesma.

Se a memória do ser residir a nível atômico, a morte celular não afetará o conjunto dinâmico informacional. Mas onde estará essa memória: nos átomos ou nas subpartículas?

Se a memória humana se situar a nível atômico, ela pode estar espalhada em todas as partes, ou pode estar concentrada numa determinada região do espaço, o que poderia ser uma explicação para certos sítios mal-assombrados.

Larry Dossey, discutindo o problema da forma, argumentou:

"O que, então, controla as formas das coisas não-vivas, como os cristais, as rochas, ou a argila? Elas não possuem ADN, portanto outros fatores devem estar envolvidos, tais como as forças atômicas intramoleculares, descritíveis pela física moderna. Nos cristais de quartzo, forças subatômicas internas fazem com que certos ângulos de ligação sejam formados entre e dentro dos átomos e moléculas constituintes. Estas formas contribuem não só para as configurações internas, mas também para o formato externo do cristal. Todas as moléculas, dos seres vivos e não-vivos, são configuradas por essas forças."

Mas, que forças serão essas senão forças não-físicas, forças informacionais! Ou, numa linguagem analógica, campos informacionais. Assim, o que chamamos de "espírito" é um campo informacional que gera a matéria sobre a qual atua, desde a chamada matéria bruta, ou sem vida, até a matéria nobre, que é o ser vivo.

Roger Penrose, admitindo que certas idéias matemáticas *"devem ter alguma forma de existência intemporal, independente de nossos eus terrenos"*, argumentou que esta constatação abre *"a possibilidade de um tipo etéreo de existência para os fenômenos mentais"*.

Será a consciência o modelo organizador de todas as formas, uma espécie de ímã não-físico que congrega em torno de si as "limalhas" dos átomos, moléculas e células?

Uma boa observação de Penrose:

"Talvez a mente inconsciente tenha realmente uma consciência de si mesma, mas essa consciência é mantida em geral separada da parte da mente a que chamamos "nós"."

A afirmação esotérica de que tudo é mente não é mais, portanto, destituída de sentido. Pelo contrário. A mente parece ser a essência de tudo o que existe e todas as formas que existem são manifestações mentais individualizadas, comunicando-se entre si, numa teia de informações, onde a hereditariedade e a telepatia são apenas alguns dos aspectos destas interações. Por isto, Larry Dossey aduziu que *"o nosso lugar não é apenas onde estamos agora, mas em toda parte."*

Logo, o que chamamos de ser é um composto dinâmico de informações formalmente expresso num campo operacional a que chamamos de corpo.

O corpo é a consciência do ser individual no nível da realidade onde ele se encontra. Sem corpo, não há consciência, pois o corpo é o ponto referencial do processo. Por isso, dizia, elegantemente, Merleau-Ponty que o corpo é o nosso ancoradouro no mundo, o nosso meio geral de ter um mundo. O corpo é o poder geral de habitar todos os lugares do mundo. Assim, diz ele, ser é sinônimo de estar situado.

O corpo físico é que nos dá consciência no mundo físico. Assim, o ST também tem seu corpo, que é o veículo pelo qual ele percebe o mundo transcendental, o qual é, para ele, a sua realidade. É, então, de se indagar se o ST pode também perceber o nosso mundo físico, ou se somente o percebe quando interage psiquicamente com um ser humano.

Pietro Ubaldi argumentava que um organismo não pode ser criado a partir das próprias células. Dizia ele:

"Cada uma das células, por mais que seja levada por hábitos e lembranças atávicas, a refazer um caminho já tantas vezes percorrido (a ontogênese repete a filogênese), não pode dirigir um trabalho de conjunto diferente do de cada uma, não pode possuir um conhecimento que supere as funções da própria vida de cada uma."

A mente não é um epifenômeno do cérebro. Humberto Maturana e Francisco Varela, em acordo com o pensamento de Gregory Bateson, admitiam uma identificação entre o processo do conhecer e o processo da vida. Segundo Maturana e Varela, o cérebro não é necessário para que a mente exista. A bactéria e a planta não têm cérebro, mas possuem mente. Para eles, mente é um processo de cognição, e o cérebro, uma estrutura específica onde este processo opera, embora o cérebro não seja a única estrutura onde a mente atua.

J. B. S. Haldane argumentou que, se as nossas opiniões são resultados dos processos químicos do cérebro, elas são determinadas pelas leis da química e não da lógica. Talvez um intransigente reducionista pudesse contra-argumentar, afirmando que os processos lógicos também resultam das atividades bioquímicas do cérebro.

Alega-se que a mente é uma "propriedade emergente" do cérebro. Como explicar que a essa "propriedade emergente" do cérebro possa "emergir" em outro cérebro, como ocorre na experiência telepática?!

Para Wilder Penfield, o mais alto mecanismo cerebral não passa de um mensageiro entre a mente e outros mecanismos cerebrais. E exclama que é uma

"grande emoção descobrir que o cientista também pode, legitimamente, acreditar na existência do espírito".

Alguns cientistas já admitem que a mente não tem localização no espaço e no tempo, é não-física e, por isso, seu efeito não diminui com a distância, não está confinada ao cérebro, nem é produto dele, embora atue por seu intermédio.

Steven Weinberg reconheceu a impossibilidade de trazer a consciência para o âmbito da física e da química.

A mente é o modelo organizacional da matéria. Ela não é o resultado da complexificação do cérebro, mas o cérebro é a estrutura onde a mente melhor se expressa.

Tudo, portanto, é resultado de uma idéia, e o que chamamos de abstrato é a raiz de tudo o que é concreto. As coisas nada mais são do que materializações de idéias e sonhos bem sucedidos.

Por outro lado, a mente pode também interagir com as próteses orgânicas. Lembra Rupert Sheldrake:

"Del mismo modo que los fantasmas que surgen cuando se cortan o anestesian los nervios pueden separarse de un miembro de carne y hueso y fundirse con él de nuevo, los fantasmas pueden fundirse también con los miembros artificiales. De hecho desempeñan un papel muy importante en la adaptación de la gente a las prótesis mecánicas que sustituyen los miembros o partes de miembros perdidos."

E, mais adiante:

"En los amputados que no llevan miembros artificiales, hay una tendencia a que el fantasma se acorte. Pero, el uso de prótesis contrarresta ese acortamiento, y puede lograr incluso que un fantasma "encogido" vuelva a crecer."

Coloca-se, de novo, a velha polêmica: o órgão gera a função ou a função cria o órgão? No primeiro caso, a extinção do órgão redundaria na abolição da função. No segundo caso, a extinção do órgão não teria o mesmo efeito, ficando, porém, a questão se, à míngua do seu veículo de atuação, a função, mais cedo ou mais tarde, também se extinguiria, a não ser que, de um modo ou de outro, gerasse um novo órgão.

O mesmo raciocínio se pode aplicar a questão mente-corpo. Se o corpo gera a mente, a imagem do corpo cria a mesma imagem da mente, ou seja, sua réplica fantasmagórica

Se, ao contrário, é a mente o fator organizacional do corpo físico este é a imagem do seu corpo psíquico, e o estropiamento ou a morte do organismo em nada afetaria o organismo psíquico. A experiência fora do corpo ou EFC parece ser uma evidência da existência deste corpo psíquico, embora se possa argumentar que se trata de um corpo alucinatório decorrente da imagem que, a nível inconsciente, temos do nosso corpo físico. Ora, se uma pessoa é capaz de sentir seu membro fantasma, por que, em ocasiões especiais, não poderia ver o seu corpo fantasma, desligado do corpo físico?

Se a mente é um epifenômeno do cérebro, o fantasma, como resquício da imagem corporal, na ausência definitiva deste, mais cedo ou mais tarde, se extinguirá. Mas se a mente é autônoma, ou ela possui um corpo prévio ou criará a sua extensão psíquica como substituto do corpo na ausência definitiva deste.

Há os que afirmam que tudo é matéria e esta é a causa da mente ou do espírito. E há os que apregoam que tudo é mente ou espírito e a matéria é gerada por um deles. Por que não se optar por uma terceira posição? Mente e matéria formam uma unidade indissolúvel, onde a matéria gera a mente e vice-versa. A mente como informação e a matéria como expressão de tudo quanto existe. Assim, o que chamamos de corpo nada mais é do que o campo operacional do ser. O corpo físico é apenas o espectro visível deste campo operacional. Tudo o que existe tem forma, limite. Por isso, não podemos compreender o ilimitado, o infinito e, como concebemos Deus como o ilimitado, o infinito, não podemos compreendê-lo.

Se matéria e mente ou espírito são aspectos operacionais complementares do ser, a matéria é uma fonte perene de informação, sustentando a mente e esta, por sua vez, gera permanentemente matéria para a sustentação do campo operacional do ser. Lembremo-nos, no entanto, que esta matéria a que nos referimos não é apenas a matéria que conhecemos perceptualmente, mas a materialidade total do ser, ou seja, o seu campo operacional.

Sob este aspecto, o que chamamos de morte é a cessação da operacionalidade do ser num determinado espectro da matéria, ou seja, da matéria do nosso universo físico. Em outro nível da materialidade, no caso no universo transcendental, o ser apresenta características operacionais diferentes das que ele apresentava quando atuava no nosso mundo físico. A morte não é a extinção do ser, mas a cessação de sua atividade neste universo. Não há, portanto, que se falar em sobrevivência, pois o ser total não é o que sobreviveu da individualidade biológica falecida, assim como, por analogia, o corpo não é o que sobreviveu de um membro ou órgão que foi amputado. A nossa individualidade física com a sua materialidade específica é apenas um aspecto do ser total com a sua plena materialidade operacional, porque, como veremos adiante, o ser é processo, quando observado em seu aspecto fenomenológico.

A investigação parapsicológica tem evidenciado que há, no ser humano, um elemento não-físico capaz de agir sobre a matéria, produzindo os fenômenos de psi-kapa. Este elemento não-físico parece exercer uma ação autônoma em relação ao organismo com o qual interage, o que leva à inferência de que ele não seja afetado pela morte do corpo físico. É possível, no entanto, que esta aparente ação autônoma do elemento não-físico seja apenas funcional, extinguindo-se, assim, com a morte do organismo.

Em um dos nossos livros havíamos observado:

“O nosso erro consiste em questionar o problema da sobrevivência, referida aos parâmetros de tempo e espaço. O espírito não nasce quando, não veio de onde, não vive onde e não vai para onde, pois ele não é uma entidade tempo-espacial. Logo, sob este aspecto, o espírito não sobrevive em algum lugar, quando deixa de se relacionar com o universo tempo-espacial.”

Observamos ainda:

“Os espíritos não existem para o nível físico da realidade. E, por outro lado, não podemos afirmar que eles existem em outro nível da realidade, pois existir, para nós, é um conceito centrado na realidade física. Assim, pelo fato de não existirem segundo nosso modo de existir não importa na afirmação de que são irreais.”

Afirmamos também que poderíamos conceber a sobrevivência como um singular processo de clonagem, o qual é a estratégia dos microorganismos assexuados. E argumentamos, por analogia, que, se o nosso organismo continuamente se auto-replica a nível celular, este processo pode ocorrer também a nível transcendental, garantindo a sua continuidade, apesar de todas as transformações que o ser possa experimentar.

Ian Wilson relata o seguinte caso que sugere a independência da mente em relação ao cérebro:

*“Este ponto é ainda mais reforçado pelos exemplos de pessoas que sofreram danos cerebrais sérios e que, embora incapazes de falar ou controlar seus movimentos, e talvez parecendo até imbecis, apresentaram poderes mentais totais, talvez até excepcionais, quando se pode encontrar uma forma de comunicação com eles. Um deles foi Christopher Nola, de Dublin no Eire, cujo córtex cerebral sofrera danos tão sérios durante seu nascimento que não conseguia controlar seus movimentos, falar, andar, engolir apropriadamente, sentar sozinho ou até manter a cabeça erguida durante um período muito longo. Durante a infância, sua família achava que podia detectar sinais de inteligência - ele às vezes era o primeiro a rir de piadas - mas foi apenas em 1977, quando Christopher tinha 11 anos, que uma combinação de uma droga antiespástica e um dispositivo semelhante ao chifre de um "unicórnio" colocado em sua cabeça permitiu que se comunicasse, apertando as teclas de uma máquina de escrever elétrica. Quando fez isso, o que surgiu, aparentemente totalmente desenvolvido, foi um talento literário de uma maturidade que ia muito além da que se esperava de uma criança normal de 11 anos. Sua autobiografia, publicada recentemente, *Under the Eye of the Clock*, deixa clara a nitidez de sua mente, apesar de uma aparência física tão desoladora.”*

Para aqueles que defendem a hipótese de que a mente é um epifenômeno do cérebro, é de se lhes indagar como um cérebro danificado pode produzir uma mente superior e como se explicar esta evolução da mente em separado, dada a sua impossibilidade de se expressar através de um mecanismo cerebral extremamente deficiente.

Agostinho, no século V d.C., já havia advertido que o homem não é apenas um ser biológico, vivendo no mundo, mas possui um destino transcendental. O seu destino não se esgota no mundo, nem se explica pelo devir histórico, mas se projeta além do mundo e da história, numa dimensão sobrenatural.

CAPÍTULO II

A TRANSCENDENTOLOGIA

O que é a Transcendentologia

Se existe um paradigma científico para a investigação da realidade física, é de fundamental importância a tentativa de se elaborar um paradigma para o estudo da realidade transcendental ou RT, utilizando subsídios das mais diversas áreas do conhecimento humano.

Segundo David Bohm, o conhecimento é sempre uma proposta. A Transcendentologia é a proposta de um conhecimento interdisciplinar que tem por objeto a investigação da RT. Para isso, ela se utiliza da metodologia científica, da especulação filosófica e das experiências místicas e mediúnicas para a investigação de fenômenos que sugerem a existência deste outro nível da realidade. Aliás, Einstein já houvera advertido: *"A ciência sem a religião é parálitica - a religião sem a ciência é cega."*

A Transcendentologia tem por objeto:

- a) a investigação de fenômenos insólitos que possam ser atribuídos a um AT;
- b) a especulação a respeito da RT com base nas informações fornecidas pelo AT.

Fenômeno transcendental é o nome genérico de todos os tipos de interação entre o AT e o nosso universo físico.

A Transcendentologia postula a existência de infinitos níveis da realidade, dos quais a realidade física é apenas um deles e conceitua a RT como uma expressão genérica para todos os níveis não-físicos do real. Steven Weinberg, físico teórico e prêmio Nobel, admitiu a possibilidade da existência de um espaço com mais de três dimensões. E outro físico, Saul-Paul Sirag, teorizou um número variável de 48 a 192 dimensões.

Steven Weinberg reconheceu que talvez aquilo que hoje chamamos de leis da natureza varie de um subuniverso para outro. Hoyle também achava possível que as constantes da Natureza variem de região para região, de modo que cada região

do universo seria como um subuniverso. Ora, se tais leis podem variar na realidade física, por que não seriam diferentes na RT?

Dividimos a Transcendentologia em duas partes: a Transcendentologia Geral que estuda a RT como um todo e a Transcendentologia Especial que examina questões particulares da RT, como, por exemplo a investigação da sobrevivência *post-mortem* do homem.

A Transcendentologia, como estudo da experiência humana do transcendental, vale-se dos subsídios experienciais de santos, místicos, gurus, médiuns e xamãs, sob as mais diversas formas de suas manifestações, para elaborar especulações e reflexões sobre as coincidências significativas das experiências transcendentais. Examina, também, as diversas concepções religiosas sobre o mundo espiritual, destacando convergências e analisando criteriosamente as divergências, observando, ainda, as influências dos fatores socioculturais e históricos.

A Transcendentologia postula que a vida não é apenas um fato biológico, mas transbiológico e que, em ocasiões especiais, existe uma interação entre os seres vivos ou biológicos e os seres transvivos ou transbiológicos.

Postula, ainda, que o homem, após a sua morte, se converte num tipo de ser transcendental, a que denomina de ser humano transcendental ou SHT e que, nesta condição, guarda resquícios do ser que já foi, revelando a conservação de um fator sobrevivente ou FS.

A Transcendentologia se apóia nos seguintes postulados:

- a) A realidade transcendental, sendo não-física, é ininteligível pelas leis que governam a realidade física;
- b) A realidade transcendental é povoada por seres transcendentais ou STs, que possuem uma natureza diferente da nossa e por seres humanos transcendentais ou SHTs, que são os espíritos das pessoas falecidas.

Denominamos de ST os seres que nunca viveram no universo físico e, teoricamente, também os seres falecidos de outros mundos materiais.

Em algumas ocasiões, os STs e os SHTs entram em relação com a nossa realidade física, utilizando-se dos mais diversos meios, como nas experiências místicas e nas manifestações mediúnicas.

Denominamos de mediador biológico ou MB o ser humano que, eventualmente ou habitualmente, é o meio interagente entre a realidade física e a RT. Porém, nem sempre o AT se vale do MB para agir sobre o nosso universo.

Poder-se-ia argumentar que a Transcendentologia é um Espiritismo reformado e, por isso, devemos desfazer esta aparente impressão.

Gabriel Delanne, um dos grandes teóricos do Espiritismo, assim o definiu:

"O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais imprpropriamente se têm chamado mortos."

E em outro trecho:

"O Espiritismo não é uma religião: não tem dogmas, nem mistérios, nem ritual. É uma ciência de experimentação, da qual emanam conseqüências morais e filosóficas."

Embora semelhante à proposta do Espiritismo, a Transcendentologia dele difere pelos seguintes motivos:

- a) A Transcendentologia não é uma ciência, nem uma filosofia, nem uma religião, mas se vale dos subsídios destes tipos de conhecimento para a investigação da RT;
- b) A Transcendentologia se propõe investigar a RT e não apenas a questão da sobrevivência pessoal, admitindo a existência de outros seres transcendentais que jamais passaram pela experiência humana, o que torna o seu objeto de estudo muito mais amplo do que o do Espiritismo;
- c) A Transcendentologia reconhece a impossibilidade de se demonstrar a imortalidade do ser individual, embora estimule a livre discussão sobre o assunto;
- d) A Transcendentologia investiga a RT, não se valendo apenas do testemunho de médiuns espíritas, mas de pessoas de outras religiões que também tiveram experiências com ATs.

A rigor, as evidências do transcendental são mais fortes do que as da sobrevivência do espírito humano. Por isso, algumas religiões do passado concebiam o universo transcendental povoado de deuses e outros seres espirituais e não de espíritos de pessoas falecidas. A RT, portanto, pode existir independentemente da sobrevivência *post-mortem* do homem.

As mitologias e as religiões mencionam encontros fantásticos entre homens e seres transcendentais. E cultuam os heróis, espécies de semideuses, porque filhos de um deus e de uma mulher e, por isso, dotados de poderes excepcionais. Os médiuns e os santos milagreiros são, *mutatis mutandi*, sucedâneos modernos dos heróis mitológicos.

A RT, desde o início, foi concebida como território do sagrado e morada de Deus, ou dos deuses, dos heróis divinizados e, em alguns casos, de seres demoníacos.

Algumas religiões se transformaram em organizações que administravam o transcendental, cuidando das relações com a RT e instituindo, para isso, uma estrutura burocrática sacerdotal. Todos os negócios com o "Além" começaram a ser gerenciados pelos sacerdotes, tidos como representantes, na Terra, do universo transcendental.

Porém, em paralelo com a organização sacerdotal, vicejou uma casta de livres-atiradores do sagrado: as pitonisas, os médiuns, os xamãs e os feiticeiros, ou seja, os especialistas do transe.

Enquanto os sacerdotes tinham nas igrejas, nos templos e nas mesquitas o seu território do sagrado, os especialistas do transe firmavam este território nas suas experiências com a RT.

Porém, com os indícios de que os homens sobreviviam à morte física e passavam a habitar a RT, o sagrado se profanizou. E o contato com o "Além" não mais se resumiu a uma relação entre pessoas humanas e seres sagrados, mas entre pessoas vivas e SHTs.

Talvez a dessacralização do transcendental tenha provocado uma compreensiva reação da classe sacerdotal, negando a possibilidade da comunicação entre os seres humanos e os SHTs ou advertindo que esta comunicação estava proibida pela divindade.

O misticismo, que é a experiência do sagrado, cresceu em paralelo com a teologia, que é a essência do sacerdotal. O teólogo é o teórico da religião e o zelador

da fé organizada, enquanto o místico é o especialista do transe e o prático da fé, e sua experiência nem sempre se concilia com a doutrina teológica.

Joachim Wach afirma que a principal função do sacerdote é cultural. Ele é o guardião de tradições e o protetor dos conhecimentos sagrados e da técnica de meditação e oração. Ele é o guarda da lei sagrada.

Os profetas, os videntes e os médiuns em muito se assemelham, pois todos eles passam por estados alterados de consciência, apresentando, em alguns casos, manifestações catalépticas. Cada qual, a seu modo, é um veículo dos STs.

O mago é o técnico do transcendental. Ele se julga competente para lidar com as forças do sagrado e delas tirar o melhor proveito.

Cada religião é uma perspectiva da RT.

São os STs mera projeção das necessidades dos homens, variando de cultura a cultura? Ou são seres reais?

O Xintoísmo transformou ancestrais em deuses. A religião romana cultuava os manes, ou seja, os ancestrais falecidos.

Os santos católicos são considerados como tais, não apenas por suas vidas exemplares, mas também por seus feitos miraculosos. Presume-se que eles são veículos da Divindade para operar prodígios no universo físico.

Mas os santos, quando falecem, também se tornam intercessores das necessidades dos homens. Eles são invocados por seus devotos, chegam, supostamente, a aparecer a alguns deles e, por isso, em nada diferem do papel dos espíritos no atendimento às necessidades dos homens.

No século XV d.C., Jacques de Jüterborg ou de Paradis, abade cisterciense de Paradis, escreveu o *Tractatus de animabus exutis a corporibus*, onde afirmou que as aparições dos mortos caracterizam a cristandade, enquanto as aparições de demônios se referem aos sarracenos e judeus.

Moisés manteve vários contatos com Iavé e dele recebeu o Decálogo.

Alá e o anjo Gabriel ditaram o Alcorão para Maomé.

Joseph Smith fundou a religião dos Mórmons com base nas revelações que lhe foram feitas pelo anjo Moroni.

A Igreja Católica fala de seres não-físicos – anjos e demônios -, que nunca foram humanos.

As primeiras religiões que se referiram à existência dos anjos foram o Zoroastrismo e o Judaísmo e, posteriormente, o Catolicismo e o Islamismo.

No Concílio de Nicéia, em 325 d.C., a crença nos anjos foi declarada como um dogma da Igreja. A Patrística reconheceu que se tratava de matéria de especulação teológica.

Com Dionísio, o Areopagita, no século VI, a angeologia católica assumiu a sua forma clássica. Ele classificou os anjos em três hierarquias: a) a dos Serafins, Querubins e Tronos; b) a dos Domínios, Virtudes e Potestades; c) e a dos Principados, Arcanjos e Anjos.

No século XIII, Tomás de Aquino dedicou quatorze livros de sua *Summa Theologica* à natureza e poderes dos anjos, dando um tratamento sistemático a angelologia.

Os teólogos católicos da Patrística e da Idade Média discutiam constantemente se os anjos eram ou não seres corpóreos. Orígenes e Duns Scotus sustentaram que os anjos possuíam um corpo sutil ou etéreo. E Tomás de Aquino,

em posição oposta, argumentou que os anjos eram seres espirituais e, por isso, não eram corpóreos, embora pudessem assumir um corpo, quando em contato com o mundo material.

Tertuliano e São Basílio diziam que os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que eles têm o poder de transfigurá-lo momentaneamente em carne humana, a fim de se fazerem visíveis aos homens. Por sua vez, Santo Agostinho ensinava que os anjos devem ter um corpo ao qual não estão submetidos, podendo dar-lhe a forma que queiram.

Santo Hilário ensinava que nada existe na criação que não seja corporal, sejam coisas visíveis ou invisíveis. Assim, as almas, estejam ou não ligadas a um corpo têm uma substância inerente (diríamos, uma "materialidade") à sua natureza.

E São Cirilo de Alexandria argumentava que somente Deus é um ser incorpóreo e, por isso, todos os seres individuais são necessariamente corpóreos, ainda que seus corpos não se assemelhem ao nosso.

Para o Islamismo, os anjos possuem formas celestiais, mas também podem assumir a forma humana, quando aparecem no universo físico.

Emanuel Swedenborg, no século XVIII, afirmou ter tido contato com os anjos e escreveu sobre eles e o mundo espiritual. Afirmou que os anjos não sabem o que é o tempo.

Em nossos dias, diz-se que o Padre Pio sugeria às pessoas que, se não pudessem ir a ele, enviassem, em seu lugar, o seu anjo da guarda. Além de receber os anjos da guarda dos seus fiéis, Padre Pio também encaminhava o seu anjo guardião às pessoas que necessitassem de seu auxílio.

Em algumas obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, há referências explícitas aos seres da natureza.

Pietro Ubaldi sustentava a existência de entidades que jamais viveram na Terra ou que, por serem tão elevadas, habitam em dimensões conceptuais e planos de consciência superiores. Dizia ele que as entidades elevadas jamais se definem em sentido humano, não constituindo centros individuais de pensamento, mas correntes de pensamentos ou *noúres*, nas quais elas vivem numa forma de existência coletiva. Este tipo ubaldiano de ST é, portanto, ultra-individual, formando um centro de consciência comum, onde não faz sentido a identidade individual.

O SHT Frederic Myers, no livro "O Caminho da Imortalidade", psicografado por Geraldine Cummins, afirmou a existência de uma alma-grupo, constituída de número variável de espíritos, agindo e reagindo reciprocamente na escala ascensional da evolução psíquica.

Os STs "Lazaris", "Seth Dois", "Michael" e "Ra" afirmam que são seres grupais. Assim, analogicamente, eles se assemelham às "noúres" de Pietro Ubaldi.

Alguns MBs afirmam que também são intermediários de outros seres transcendentais e não apenas de SHTs, embora as evidências dessa assertiva ainda sejam extremamente frágeis.

Santos e místicos cristãos relatam seus encontros com seres angelicais e suas disputas com seres demoníacos.

A ação do SHT sobre o mundo material é, portanto, admitida pelo Catolicismo e pelo Espiritismo, seja pela intercessão dos santos, seja pela comunicação dos espíritos.

Investigação do SHT

Para se investigar se um fenômeno insólito é produzido por um SHT, é necessário que, por intermédio deste meio de comunicação com o mundo material, ele utilize o seu FS, fornecendo informações a respeito de si mesmo e que sejam passíveis de comprovação e refutação.

Assim, só podemos constatar a continuidade do ser humano na condição de SHT, com fundamento no seu FS, ou seja, no que ele foi e não no que ele é, pois o que ele é, é inverificável. O SHT, na sua comunicação, terá, pois, de revivenciar o ser humano que ele foi e talvez nem sempre seja feliz nesta tentativa, podendo ser traído por falhas de sua memória.

O que é a mente depois da morte do cérebro, agora que ela perdeu todos os referenciais com o universo físico? Esta mente, ou consciência, guardaria as mesmas características de sua antiga vida física? Em caso afirmativo, por quanto tempo?

Aksakof observou que a identificação do espírito só é possível mediante um esforço da memória para reconstituir os traços da personalidade terrestre. Esse esforço, diz ele, torna-se cada vez mais difícil, pois a lembrança da personalidade terrestre deve desaparecer, cada vez mais, com o tempo, o que torna raríssimos e mais ou menos defeituosos os casos comprobatórios desse gênero.

Evocar quem morreu é realmente evocar quem não mais existe.

O grande problema reside em saber se o ser que se ausentou operacionalmente do nosso universo físico mantém e por quanto tempo memória e interesse em relação aos seres e coisas do nosso mundo material com os quais interagiu no seu aspecto de individualidade biológica.

É difícil identificarmo-nos com o que já não somos, pois não podemos pensar e sentir como a pessoa que, há muitos anos, deixamos de ser. Por isso, em relação ao nosso mundo, o FS é o ontem que não mais existe, pois o SHT é outra identidade que não conhecemos nem podemos conhecer, pois habita uma realidade diferente da nossa. Logo, o SHT não pode comunicar-nos o que ele é, mas o que ele foi, o seu FS, e, mesmo assim, nem sempre com a fidelidade desejável para o seu reconhecimento. Por viver num mundo fundamentalmente diferente do nosso, ele nunca nos poderá fornecer uma noção satisfatória do mesmo, ainda que usando de metáforas.

Como nada é imutável na natureza, a personalidade também não o é. Logo, o SHT, mesmo que conserve parte da personalidade que morreu, poderá modificar-se, depois de algum tempo, radicalmente, em razão de sua permanência em outro nível da realidade. Com a extinção total do FS, o SHT passará assim a ser um novo ser e, nesta condição, nada mais terá em comum com a pessoa que faleceu.

Já afirmava Pietro Ubaldi que, embora sobrevivendo, a personalidade humana deve experimentar mutações que lhe fazem perder seus atributos humanos, seus sinais de identificação psíquica e as características que lhe eram próprias no ambiente terrestre.

Paul Davies também é de opinião que a personalidade não sobrevive na sua totalidade, porque uma grande parte das nossas faculdades está ligada às necessidades e capacidades do corpo. O Espiritismo kardecista já fazia esta mesma afirmação.

Uma comunicação de um ST denominado "Técnico" reforça essa suposição:

“Evidentemente, o mundo dos espíritos conhece sentimentos; mas estes são totalmente diversos dos sentimentos humanos: não podem ser descritos com suas palavras, nem comparados com as emoções e os sentimentos humanos”.

Charles Tart observou não ser provável que venhamos a despertar, depois da morte, mantendo intacto o nosso habitual sentido do eu, porque o nosso eu poderia vir a ser, depois da morte, muito diferente daquilo que ele é no estado de vigília.

Wately Carrington também admitia a sobrevivência pessoal, mas com reservas quanto à sua forma:

"Quiero decir por esto que no tengo humanamente hablando ninguna duda de que el hombre sobrevive a la muerte en cierto sentido y hasta cierto punto, pero no estoy ni de lo uno ni de lo otro, ni lo que significa la supervivencia, ni el tiempo que puede durar."

As experiências de memória extracerebral sugerem que o SHT pode retornar à vida física como ser humano, conservando o seu FS de algumas vidas passadas. O que se questiona é se todos os SHTs voltam uma vez ou várias vezes à condição humana e se aqueles que retornam, (pois não se sabe se todos retornam) preservam o seu FS, ao menos de sua última vida passada.

Na pesquisa do SHT, procura-se investigar não apenas se ele ainda guarda lembranças do ser humano que já foi, mas se ainda mantém interesse em relação aos seres e coisas do mundo material com os quais interagiu, quando era fisicamente vivo. É possível que a grande maioria dos SHTs não tenha esse interesse, pois, afinal, para que eles deveriam provar que continuam sendo a pessoa que morreu, se eles agora são um novo ser?!

Muitas pessoas que passaram pela experiência da quase-morte ou EQM afirmaram que perderam seu interesse pela vida material e desejavam não mais voltar à vida física.

Camilo Flammarion já havia observado que os “mortos” se comunicam com mais freqüência nos primeiros dias após a morte e que a freqüência das comunicações vai rareando com o passar do tempo até a sua extinção total.

Modernamente, os fenômenos denominados de transcomunicação instrumental ou TCI demonstraram que pessoas falecidas, na maioria das vezes, se comunicam com parentes e amigos no período de 24 horas depois de sua morte.

Embora evidenciada a existência do FS no SHT, deixamos em aberto a discussão do problema da existência do FS em animais, conforme relatos de algumas comunicações mediúnicas e de experiências xamânicas.

Aqui, devemos lembrar a distinção entre AP e MB. O AP é a pessoa que manifesta fenômenos paranormais e o MB é aquela que constitui o meio orgânico pelo qual os SHTs agem sobre o universo físico, produzindo fenômenos transcendentais. Por conseguinte, a Transcendentologia lida com os MBs por eles serem um dos elementos fundamentais para a investigação da RT.

As informações fornecidas pelo AT sobre a RT não são adequadas à investigação científica, pois não há como comprová-las ou refutá-las. No entanto, é

o material de que dispomos, apesar de sua complexidade e pouca confiabilidade, para elaborar um modelo, mesmo precário, da RT.

No século passado, Allan Kardec havia advertido que os Espíritos não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral e que todo saber de que dispunham se circunscrevia ao seu grau de evolução. Portanto, tudo o que eles diziam tinha o valor de uma opinião pessoal. E cautelosamente ressaltou que a possibilidade e exatidão das comunicações não dependiam do médium nem do Espírito.

Aksakof asseverou que as comunicações mediúnicas não nos podem dar noção alguma razoável acerca do mundo espiritual e de seus habitantes, pois o mundo transcendental é uma concepção tão incomensurável para o mundo fenomenal quanto a idéia da quarta dimensão. Por isso, disse ele, não podemos formar qualquer juízo a seu respeito.

A investigação transcendentológica, no entanto, admite a possibilidade de se elaborar um modelo unificado e coerente da RT, não como dogma religioso, mas como paradigma epistemológico, suscetível de desdobramentos, aprofundamentos e revisões, em face da própria dinâmica da realidade.

Se marchamos para uma teoria unificada da realidade no universo físico, não podemos excluir, desta tentativa de unificação, a RT por mais complexa que ela seja.

Classificação dos fenômenos transcendentais

Há dois tipos de fenômenos transcendentais:

- a) fenômenos transcendentais subjetivos;
- b) fenômenos transcendentais objetivos.

Os fenômenos transcendentais subjetivos são aqueles em que o SHT interage telepaticamente com o MB, o qual, na maioria das vezes, transmite a sua mensagem por psicografia, sob forma personificativa ou não.

Eles se apresentam sob as seguintes modalidades:

- a) comunicação transcendental subjetiva (telepatia e comunicação transcendental subjetiva personificativa);
- b) aparição subjetiva;
- c) percepção transcendental (clarividência, experiência fora do corpo ou EFC e experiência de quase-morte ou EQM);
- d) cognição transcendental (memória extracerebral, xenoglossia e criatividade psi).

Os fenômenos transcendentais objetivos são aqueles em que o SHT se comunica com os seres humanos ou age sobre o mundo físico, utilizando, quase sempre, os recursos orgânicos do MB. Suas modalidades são as seguintes:

- a) ação transcendental (escrita direta ou pneumatografia, pintura ou desenho diretos, escotografia, telecinesia, levitação, "poltergeist", curas transcendentais e metafanismo);
- b) comunicação transcendental objetiva (voz direta ou pneumatofonia e transcomunicação instrumental ou TCI);
- c) aparição objetiva.

A aparição é a forma pela qual um SHT é percebido por uma só pessoa (fenômeno transcendental subjetivo) ou por várias pessoas simultaneamente (fenômeno transcendental objetivo).

No primeiro caso, a aparição é denominada de aparição subjetiva, porque resulta de uma alucinação telepática visual produzida pelo SHT sobre uma pessoa.

No segundo caso, a aparição é denominada de aparição objetiva, porque o SHT se apresenta, sob forma física, podendo realizar diretamente ações físicas e inclusive tocar e ser tocado pelas pessoas. Este fenômeno que, em Parapsicologia, denominamos de personificação objetiva, é conhecido, no Espiritismo, pelo nome de materialização.

Nos fenômenos transcendentais subjetivos, o SHT se comunica indiretamente, através de um MB, com os seres humanos, seja falando (psicofonia), seja escrevendo (psicografia), seja pintando (psicopictografia), seja compondo músicas (psicomusicografia). Ele pode identificar-se e fornecer as informações que comprovem o seu FS.

Nos fenômenos transcendentais objetivos, o SHT se comunica diretamente com os seres humanos, ora se tornando fisicamente visível (aparição objetiva), ora falando (voz direta), ora escrevendo (escrita direta), ora pintando (pintura direta) ora imprimindo sua imagem em película fotográfica (escotografia), ora se utilizando dos meios eletrônicos (transcomunicação instrumental).

Há fenômenos que podem ser considerados transcendentais subjetivos, porque sugerem a ação autônoma da mente em relação ao organismo e a sua interface com a RT, como as EFCs e as EQMs. Também a memória extracerebral se inclui nesta categoria. Estes fenômenos constituem indícios da sobrevivência *post-mortem* do ser humano, favorecendo a hipótese do SHT, assim como da existência de uma possível RT.

Há fenômenos que podem ser considerados transcendentais objetivos, porque parecem ultrapassar as potencialidades do ser humano e, por isso, sugerem a intervenção do AT no universo físico. Esses fenômenos são o metafatismo, a levitação e certos tipos de telecinesia e de "poltergeist", como também as curas espirituais ou "milagrosas".

À medida que os fenômenos insólitos sejam ser melhor explicados pelo AT, eles passam à categoria de transcendentais. Teremos, porém, de admitir a existência de fenômenos insólitos mistos que são aqueles que podem ser explicáveis tanto pela Parapsicologia como pela Transcendentologia.

As interações entre a realidade física e a transcendental

Admitida a existência da RT, temos de discutir como uma realidade não-física pode interagir com a realidade física, já que ambas possuem propriedades tão diferentes.

Não sabemos como a mente influi sobre o organismo e, ainda muito menos, sobre o mundo exterior, como acontece nos fenômenos de psi-kapa, e, por isso, apenas conjecturamos como um ser não-físico pode atuar sobre o universo físico. Podemos postular que a relação matéria e mente seja a mesma entre matéria e energia. Matéria não seria apenas energia, mas também mente congelada. Ou será

que, na verdade, mente, energia e matéria formam uma trindade, interagindo entre si em conversões recíprocas?

Yajnavalkya afirmava que entre a matéria e a mente só há diferença de grau.

O ocasionalismo, representado por Geulincx e Malebranche sustentava que tudo o que ocorre no universo é "ocasião" para que Deus intervenha nele. Na verdade, a relação entre matéria e espírito é um contínuo milagre de Deus do qual somos meros espectadores.

Conforme Malebranche, inexistente comunicação entre mente e corpo. Por isso, o espírito se encontra impossibilitado de tomar conhecimento do que se passa no mundo. Mas, como existe em Deus as idéias de todas as coisas e Ele está imanente em todos os espíritos, podemos tomar conhecimento, através d'Ele, do que acontece no mundo. Estes acontecimentos não são causais, mas sincrônicos. Compare-se esse princípio da sincronicidade na teoria das mônadas de Leibniz, na teoria do ocasionalismo de Geulincx e Malebranche e, modernamente, na teoria da sincronicidade de Jung.

Jung admitiu a possibilidade de que a relação entre a alma e o corpo seja de natureza sincrônica, porque *"é difícil ver como processos químicos sejam jamais capazes de produzir processos psíquicos"* e como uma psique imaterial possa movimentar a matéria.

J. B. Rhine admitiu que a telepatia e a psicocinesia constituem o meio de comunicação entre os seres da realidade física e da RT.

Poder-se-ia argumentar da dificuldade quase intransponível de se distinguir se é a mente de uma pessoa viva que, a nível inconsciente, está produzindo fenômenos psi, ou se é um SHT que está manipulando o inconsciente desta pessoa.

Se a interação entre o SHT e o ser biológico é uma relação mente a mente e se a ação psíquica é capaz de produzir modificações na matéria, inclusive modelando formas, por que não poderia o SHT agir psiquicamente sobre o mundo material, ainda que com o auxílio energético de um MB?

Descartes asseverou que a interação entre o espírito e a matéria era mediada pela glândula pineal. E séculos depois, em mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, a epífise ou glândula pineal foi destacada por apresentar o papel mais importante no exercício mediúnicos de qualquer modalidade.

Alguns pesquisadores acreditam que o lobo temporal direito do cérebro nos permite perceber outras realidades e, talvez, penetrar nelas. Michael Schroeter, filósofo e cientista da Universidade de Heidelberg, Alemanha, admite que o lobo temporal direito é a área do cérebro onde ocorre a interação entre a mente e o corpo.

David Bohm, entrevistado por Renée Weber, asseverou que talvez a consciência seja uma forma mais rarefeita de matéria e movimento, um aspecto mais sutil do holomovimento. Isto posto, é admissível que um SHT possa influenciar, telepaticamente, a mente de um MB, induzindo-a a agir sobre o seu próprio organismo ou sobre o mundo exterior, exercer uma ação sobre o universo físico, utilizando a energia orgânica do MB, ou, ainda, agir diretamente sobre a matéria.

Na concepção religiosa, a comunicação entre os dois mundos se processa através dos estados alterados de consciência ou, de maneira mais ostensiva, nos fenômenos de "incorporação" ou de "possessão". Não há, na verdade, uma

“incorporação” ou mesmo “possessão”, pois não se trata de ocupação de um corpo, mas de uma conexão com o mesmo. A mente não pode ocupar o corpo, pois o que é não-físico não pode ocupar um lugar no espaço, no caso, o organismo. Não sabemos, ainda, como a mente se interconecta com o corpo e, por isso, também ignoramos como outra mente pode fazê-lo, estabelecendo duas conexões simultâneas.

A comunicação entre o universo físico e o transcendental recebeu um novo nome: *chanelling* ou *canalização*.

Jon Klimo definiu a canalização ou *chanelling* como o "*processo de receber informação de algum nível da realidade diverso do nível físico comum ou de fora do eu como o entendemos normalmente*". A canalização "*inclui mensagens de qualquer fonte mental que seja externa à consciência ou inconsciente normal do indivíduo, não se tratando de nenhuma outra pessoa encarnada no nível físico da realidade*".

Segundo Bozzano, alguns SHTs informaram que, "*quando se acha imerso na "aura" vitalizante do médium, o Espírito volve, por instantes, às condições terrestres, o que faz que no seu sensorio automaticamente se reavivem os sentimentos emocionais e as particularidades que se produziram na última crise trágica de sua existência planetária*" e disto resulta na sua impossibilidade de evitar que essas emoções sejam transmitidas ao MB.

Podemos teorizar que, quanto menor se torna esta conexão, mais a mente se “afasta” do corpo, diminuindo a sua ação sobre ele e, em conseqüência, sofrendo menos a sua influência. Neste estado, a pessoa perceberia, superpostamente, a realidade física e a realidade espiritual como se fossem uma só, observando, ao mesmo tempo, seres humanos e SHTs. No extremo deste “afastamento”, ela não mais perceberia a realidade física, mas apenas a transcendental e, assim, em algumas situações, teria a impressão de que morreu.

As descrições de George Ritchie, enquanto estava clinicamente morto e andava por alguns lugares da Terra, confirmam as mensagens mediúnicas de Francisco Cândido Xavier sobre as atividades de SHTs ainda ligados à vida física, tentando inutilmente exercer atividades materiais, mas conseguindo influenciar pessoas. Nesta viagem extracorpórea, Ritchie estava sendo guiado por um Ser de luz, possivelmente um ST.

Na prática, há uma extrema dificuldade de se distinguir se é a mente de uma pessoa que, a nível inconsciente, está produzindo fenômenos psi, ou se é o seu inconsciente que está sendo manipulado por um SHT.

Parece evidente que a mente, quando ainda está vinculada ao universo físico, sofre sua influência e está submetida às suas leis. Ora, se não sabemos o que é mente, na sua interação com o organismo biológico, também ignoramos o que ela seja, uma vez desligada definitivamente do universo físico e em seu habitat natural. Portanto, não podemos avaliar a capacidade do desempenho do SHT nas suas relações com o universo material.

Porque vivemos num universo material, temos a propensão de tentar explicar todos os fenômenos psíquicos à luz das leis da Física ou como alterações bioquímicas do cérebro.

Podemos, metaforicamente, falar num espaço da consciência, mas não da consciência ocupando um lugar no espaço. Podemos observar indiretamente a ação

psíquica por seus efeitos sobre os organismos e a matéria em geral, como também mensurá-los. Na verdade, tratamos a consciência como se fosse algo físico para torná-la inteligível no universo sensorial, embora saibamos que se trata apenas de um recurso analógico, de uma estratégia pedagógica, de um expediente simbólico. E, por isso, falamos em peso da consciência, em consciência leve ou pesada. Afinal, qual é a forma, a cor, o aroma, a textura da consciência? O poeta poderá melhor compreendê-la com as suas metáforas do que o cientista com os seus instrumentos de medição. Aliás, também os cientistas se dão ao luxo de usar metáforas, quando definem cor e sabor nos quarks. A rigor, qual a “materialidade” das partículas atômicas, fundamento da materialidade das coisas físicas?

Um das questões fundamentais da Transcendentologia é a aptidão do SHT de agir sobre o universo físico. Por isso, poderemos questionar se o SHT:

- a) mantém as mesmas aptidões de agir sobre o mundo físico como o fazia quando era um ser humano;
- b) mantém estas aptidões, porém reduzidas e dependentes das condições mediúnicas de uma pessoa viva;
- c) apresenta aptidões maiores de agir sobre o mundo físico do que qualquer ser humano.

Não sabemos se um SHT tem um poder maior, menor ou igual ao que um ser humano possui de agir sobre o universo físico. Se, em determinadas circunstâncias, o SHT parece ter sua ação sobre o mundo físico submetida às condições mediúnicas de uma pessoa, em outras, demonstra um conhecimento superior e uma capacidade de ação que ultrapassam a de qualquer ser humano. Na verdade, os fenômenos transcendentais sugerem que o AT age sobre o nosso universo, utilizando-se de recursos e conhecimentos que nós desconhecemos. O que não sabemos é se o AT é um ST ou um SHT.

O SHT, por não ser uma mera continuidade do homem falecido, deve apresentar características ontológicas diferentes deste, possuindo aptidões próprias para interagir com o universo material. Logo, a assertiva de Bozzano de que o que faz um vivo deve fazer também um morto é passível de corrigenda. Parece-nos razoável admitir que nem tudo o que faz um ser humano um SHT possa também fazê-lo. E que tudo o que faz um SHT, ao interagir com o nosso universo físico, possa também fazê-lo um ser humano. O Espiritismo sugere que o Espírito, além de fazer tudo o que o homem faz, faz também muitas outras coisas que o homem não é capaz de fazer. Não concordamos, porém, com este entendimento, à míngua de qualquer evidência neste sentido.

Infelizmente, até agora, as perguntas dirigidas a pretensos SHTs sobre estas questões não foram satisfatoriamente respondidas. Geralmente, eles explicam que apenas querem que certas coisas aconteçam e elas acontecem segundo o seu querer. O que eles não sabem é como isso funciona, o que não é de espantar, pois também não sabemos como certas coisas funcionam no nosso universo.

Como podemos anular ou impedir a ação maléfica dos STs sobre o mundo físico, se eles conhecem leis e são dotados de poderes que ignoramos? Exorcismos e doutrinações são inócuos para intimidar e submeter os STs. É uma tola pretensão de nossa parte tentar impor-nos a um ST usando a nossa discutível força moral e espiritual ou simplesmente convencê-lo pela lógica dos nossos argumentos. Resta-

nos apenas apelar àqueles STs que sabemos benfeitores da humanidade e esperar o seu auxílio para livrar-nos destas formas nocivas de interação com a RT.

O método transcendentológico

Quatro são os métodos utilizados pela Transcendentologia:

- a) o método indutivo,
- b) o método qualitativo;
- c) o método comparativo;
- d) o método histórico.

O método indutivo consiste na coleta de dados que permitam, em determinado momento, elaborar uma proposta de generalização da fenomenologia transcendental.

Este método pode ser aplicado à investigação dos fenômenos insólitos, pois estes não resultaram de uma postulação teórica, mas da sua observação e da constatação de que eles não eram explicáveis pelas chamadas leis da natureza.

Consoante as regras ou fases do método indutivo, podemos constatar:

- a) que os fenômenos insólitos resultaram de uma observação sistemática, notadamente a partir das investigações de Allan Kardec;
- b) que há uma relação de constância entre eles, permitindo sua identificação e classificação;
- c) que é possível estabelecer uma generalização desta relação, com a teorização de sua causa.

A presença constante de um ser humano na manifestação de fenômenos insólitos permite a inferência de que ele, quando não for o agente do fenômeno, é o meio pelo qual o AT pode atuar sobre o mundo físico.

O somatório de casos que sugerem a ação do AT em determinados fenômenos insólitos poderá permitir, em dado momento, a sua generalização, apontando um ST ou um SHT como causa dos mesmos.

O método qualitativo é o que melhor se presta para a investigação transcendentológica, mesmo que diga respeito, não apenas aos casos espontâneos, como também às experiências controladas.

A pesquisa dos casos espontâneos se alicerça na confiabilidade do testemunho das pessoas que presenciaram os fenômenos e de sua manifesta isenção em relação a eles, assim como na coerência e consistência dos relatos com os respectivos fatos. Apesar da riqueza e diversidade das subjetividades, há sempre pontos comuns nas observações individuais e estes constituem o aspecto objetivo dos testemunhos.

Os instrumentos tecnológicos, utilizados para subsidiar nossas observações e até para corrigi-las, não podem substituir o testemunho humano. Eles são meros auxiliares e, não, juízes. Afinal, somos os senhores das máquinas e não o contrário.

Não há como repetir-se fenômenos insólitos com um SHT específico. É o conjunto de manifestações dos SHTs que demonstra a sua constância e consistência significativas. Cada manifestação do SHT é um fenômeno singular, autônomo, irrepitível.

A repetibilidade objetiva da metodologia científica é substituída, na investigação transcendentológica, pela repetibilidade subjetiva das experiências

transcendentais coincidentes. Não é, portanto, a repetibilidade do fenômeno na mesma pessoa, mas a repetibilidade do fenômeno em pessoas diferentes. A interpretação da nova teoria quântica, segundo a escola de Copenhague, derrubou a concepção clássica da objetividade, mediante a qual o mundo possuía um estado de existência bem definido e independente da nossa observação.

Aliás, Allan Kardec havia advertido que os Espíritos (SHTs) só se comunicam quando querem ou podem e que nenhum médium (MB) tem o poder de forçá-los a se apresentarem. E asseverou que é ilógico supor-se que eles venham a exhibir-se e submeter-se a investigações como objetos de curiosidade.

Embora o SHT não seja controlável, é possível estabelecer condições em que ele possa ser melhor observado. Afinal, estamos lidando com seres inteligentes que podem não concordar em se submeter aos critérios da nossa investigação. Assim, ainda que não possamos repetir, controlar e prever as manifestações de um SHT, o seu FS, em alguns casos, é passível de comprovação empírica.

O método comparativo visa à coleta do maior número possível de fenômenos insólitos, ocorridos na presença de místicos, santos, médiuns, xamãs e gurus, nas mais diversas culturas, no passado ou no presente, com o propósito de observar as suas características comuns, as suas formas coincidentes de manifestação, visando a elaboração de padrões epistemológicos coerentes e significativos.

O método histórico consiste no estudo e revisão dos casos espontâneos e nas pesquisas realizadas, no passado, por cientistas de reconhecida competência em investigação psíquica, o que poderá fornecer novos e valiosos subsídios para a avaliação da natureza dos fenômenos insólitos observados, definindo-os, em cada caso específico, como paranormais ou transcendentais. Mesmo que se trate de uma pesquisa histórica, ela interessa à investigação transcendentológica, porque o passado sempre fornece subsídios importantes que ajudam na compreensão da realidade presente, pois esta é a continuidade transformada de tudo o que passou. Se o passado fosse destituído de valor cognitivo, o que seria da História e da Arqueologia?

Devemos aplicar o princípio da navalha de Ockam na pesquisa transcendentológica e estabelecer que a explicação parapsicológica deve prevalecer sobre a transcendental. Ou seja: um fenômeno só deve ser declarado transcendental, quando não for explicado, razoavelmente, pela Parapsicologia. Todavia, a hipótese, conhecida por Super-Psi, que atribui poderes praticamente ilimitados ao inconsciente, não pode prevalecer sobre a transcendental, porque, além de sua natureza metafísica, ela jamais será empiricamente comprovada.

A investigação transcendentológica começa onde termina a investigação parapsicológica.

A Transcendentologia, embora se alicerce em observações sistematizadas, não se propõe a provar cientificamente suas hipóteses. Gregory Bateson advertiu que a ciência, às vezes, aperfeiçoa hipóteses, outras vezes as refuta, mas a prova talvez nunca ocorra, exceto no caminho da tautologia, totalmente abstrata. E salientou que a epistemologia é sempre e inevitavelmente pessoal e que o ponto de investigação está sempre no coração do explorador.

Tanto na experimentação parapsicológica como na investigação transcendental, a participação do pesquisador é de fundamental importância no resultado da pesquisa, pois a observação de seu objeto é influenciada pelas

expectativas do experimentador. Gustavo Geley já havia assinalado que as experiências mediúnicas são do tipo das “experiências coletivas”, porque os seus fenômenos resultam da colaboração psicofisiológica inconsciente do MB e dos experimentadores.

Na Física atômica, o observador não está separado do objeto da pesquisa, mas envolvido com ele, o que levou John Wheeler a asseverar que este envolvimento é a característica mais importante da teoria quântica e, por isso, propôs a mudança da palavra *observador* para *participante*.

Se a investigação de um SHT se reveste de tanta complexidade, mais difícil ainda é a pesquisa com outros tipos de ST referidos pelas diversas religiões. Como não possuem FS, visto não terem passado pela experiência biológica, a comprovação de sua realidade se torna extremamente difícil e meramente especulativa. Apesar, no entanto, de seu subjetivismo, não podemos desprezar o testemunho de santos, místicos, gurus, médiuns, xamãs e até de pessoas comuns, relatando suas relações com aqueles seres.

A pesquisa transcendentalógica

Há duas vertentes da pesquisa transcendentalógica:

- a) a identificação do STH, com base no seu FS;
- b) o estudo comparativo das informações dos mais diversos STs sobre o universo onde habitam.

A investigação do SHT consiste na procura de padrões fenomenológicos, na manifestação do seu FS, capazes de favorecer as condições de sua observação e compreensão, permitindo aumentar o grau de confiabilidade de sua identificação.

São indicativos da manifestação do FS de um SHT:

- a) a demonstração inequívoca de suas aptidões e habilidades, cacoetes e modos de expressão de quando ele era um ser humano;
- b) a comprovação da veracidade das informações a respeito da pessoa que ele foi e de que nenhuma outra poderia, razoavelmente, ter conhecimento.

A pesquisa transcendentalógica será direcionada:

- a) para os fenômenos que sugerem a intervenção de um ST;
- b) para os fenômenos que fornecem informações comprováveis de um FS vinculado a um SHT;
- c) para os fenômenos que sugerem a continuidade da consciência, após a constatação da morte clínica, nas pessoas que passaram pela experiência da quase morte ou EQM;
- d) para os fenômenos cognitivos que não podem ser explicados pela telepatia ou pela clarividência;
- e) para os fenômenos que sugerem lembranças de vidas anteriores.

Os fenômenos que sugerem a intervenção de um ST são aqueles em que não há constatação de um FS ou que o AT se identifique como não sendo um SHT.

A pesquisa transcendentalógica do SHT não se centrará diretamente sobre ele, mas sobre o seu FS e adotará os seguintes procedimentos:

- a) estudo de casos espontâneos, relatados por pessoas que presenciaram o fenômeno transcendental;

b) estudo e reavaliação de casos espontâneos investigados por pesquisadores competentes;

c) reavaliação crítica das experiências, realizadas por pesquisadores qualificados, com pessoas dotadas de aptidões paranormais;

d) realização de experiências com pessoas e/ou instrumentos que permitam observar fenômenos suscetíveis de serem interpretados como evidência do SHT.

Há dois tipos de fenômenos paranormais que sugerem a intervenção de um SHT em nosso universo físico:

a) a personificação subjetiva;

b) a personificação objetiva ou materialização.

Criamos o termo *personificação subjetiva* para designar o processo dissociativo, mediante o qual o AP, personificando uma pessoa falecida ou desconhecida, apresenta fenômenos paranormais. Assim, não se deve confundir personificação subjetiva com personalidade secundária ou alternativa, porque, neste caso, o processo dissociativo é resultante de problemas psicológicos.

Em se tratando de personificação subjetiva, a manifestação de um possível SHT deve obedecer aos seguintes requisitos:

a) que a sua personalidade, quando viva, não fosse conhecida do MB e das pessoas presentes;

b) que as informações fornecidas pelo possível SHT sobre sua personalidade falecida, suas peculiaridades físicas e outros detalhes de sua existência possam ser devidamente averiguados.

Uma vez comprovado o FS do SHT comunicante, o fenômeno não mais será tratado como paranormal, mas transcendentológico. Neste caso, não mais se tratará de uma personificação subjetiva, mas de uma comunicação transcendental subjetiva.

Há casos em que o MB, no processo personificativo, apresenta os mesmos sintomas da doença que sofria a pessoa falecida e que ele não conhecia. Não importa que um dos presentes conhecesse o falecido e a sua enfermidade, pois é altamente improvável que alguém, por telepatia, possa simular e transmitir ao MB os sofrimentos de outrem.

Aksakof, em relação a estes casos, estabeleceu o seguinte postulado: toda a individualidade transcendente que se manifesta de novo na esfera da existência terrestre fica submetida, enquanto dura esta manifestação, às mesmas condições nas quais se achava no fim de sua existência física.

Se a personificação subjetiva ocorrer mediante psicografia e o pretense SHT reproduzir a caligrafia e a assinatura de pessoa falecida, é necessário que a mensagem mediúnica seja submetida à investigação grafoscópica para a identificação do FS. Uma vez constatada a autenticidade do grafismo, poderão ser observados os seguintes níveis de identificação do SHT:

a) o MB conhecia a pessoa falecida, a sua caligrafia e assinatura, mas não as informações contidas na mensagem;

b) o MB conhecia a pessoa falecida, mas não conhecia a sua caligrafia, sua assinatura e as informações contidas na mensagem;

c) o MB não conhecia a pessoa falecida, mas um dos presentes a conhecia, assim como sua caligrafia, assinatura e as informações contidas na mensagem;

- d) o MB não conhecia a pessoa falecida, mas um dos presentes a conhecia, como também sua caligrafia e assinatura, embora não tivesse conhecimento das informações contidas na mensagem;
- e) o MB não conhecia a pessoa falecida, mas um dos presentes a conhecia, mas não sua caligrafia e assinatura, embora conhecesse as informações contidas na mensagem;
- f) o MB não conhecia a pessoa falecida, mas um dos presentes a conhecia, embora ignorasse sua caligrafia e assinatura, assim como as informações contidas na mensagem;
- g) nem o MB nem qualquer dos presentes conhecia a pessoa falecida, mas a caligrafia, a assinatura e as informações contidas na mensagem foram, posteriormente, comprovadas.

Se se tratar de personificação subjetiva xenoglóssica, é mister investigar:

- a) se o MB personifica pessoa desconhecida;
- b) se o MB personifica pessoa conhecida de uma das pessoas presentes e esta conhece o idioma falado ou escrito e a mensagem transmitida;
- c) se o MB personifica pessoa conhecida de uma das pessoas presentes e esta conhece o idioma falado ou escrito, mas não a mensagem recebida, a qual é confirmada posteriormente.

Quanto mais complexo se torna o nível de dificuldade desta gradação identificativa, maior é a possibilidade de que se trata de uma autêntica manifestação do SHT.

Na pesquisa da memória extracerebral, modalidade especial de personificação subjetiva, investiga-se o FS, não em algum SHT comunicante, mas na pessoa que recorda e vivencia uma personalidade que diz ter sido em vida anterior. A pesquisa transcendentológica pode examinar os casos espontâneos ou induzidos de recordações de vidas passadas.

Na memória extracerebral espontânea, que ocorre, geralmente, em crianças nascidas, no mínimo, dez meses depois do falecimento da pessoa que ela personifica, são analisados não só as peculiaridades psicológicas, mas sinais particulares, como cicatrizes, assim como o modo de se relacionar com seus parentes e familiares de sua vida anterior e a autenticidade de suas recordações.

As pesquisas realizadas principalmente pelo Dr. Ian Stevenson fornecem excelente material para investigação transcendentológica do fenômeno. Stevenson está convencido de que alguns dos casos que ele pesquisou fazem muito mais do que sugerir a reencarnação: parecem fornecer uma considerável evidência da mesma. E afirma que a mais promissora evidência relacionada com a reencarnação parece provir de casos espontâneos, especialmente em crianças.

No Brasil, Dr. Hernani Guimarães Andrade, o nosso mais qualificado pesquisador do assunto, investigou oito casos sugestivos de reencarnação e a sua metodologia também pode ser utilizada pela Transcendentologia.

Na memória extracerebral induzida, utilizam-se os mesmos critérios da personificação subjetiva em geral, podendo ser estudadas e reavaliadas as experiências feitas por pesquisadores experientes, entre eles a Dra. Helen Wambach.

Quando o conteúdo e a forma de uma comunicação aparentemente mediúnica excedem, em muito, a capacidade do AP, duas hipóteses podem ser levantadas:

- a) trata-se de uma mensagem que se origina do inconsciente do próprio AP, como resultado da sua capacidade criativa ou de experiências de vidas pretéritas;
- b) trata-se de uma mensagem originada de um SHT ou mesmo de um ST, quando, neste caso, inexistir FS a ser comprovado.

Em se tratando de aparição objetiva, a comprovação da manifestação do SHT exige um rigoroso controle, por parte dos pesquisadores, a fim de que sejam razoavelmente afastadas as possibilidades de fraude.

Criamos, em Parapsicologia, a expressão personificação objetiva para substituir, vantajosamente, o termo *materialização*, utilizado pelo Espiritismo e pela Metapsíquica. A personificação objetiva é um fenômeno insólito mediante o qual o AP desagregaria parte de seu corpo para produzir formas humanas com todas as aparências de um ser vivo.

A autenticidade da aparição objetiva pode ser constatada, não apenas pelo controle total das condições experimentais, mas também:

- a) pelo exame físico da aparição, realizada, no mínimo, por um dos pesquisadores;
- b) pela observação direta do processo de materialização ou de desmaterialização da aparição à frente dos pesquisadores ou de um pesquisador qualificado;
- c) pela fotografia da aparição no momento de sua apresentação;
- d) pela presença simultânea de mais de uma aparição;
- e) por provas materiais que a aparição possa deixar de sua presença, como, por exemplo, bilhetes escritos por ela durante a sua apresentação;
- f) pela observação simultânea do MB e da aparição em boas condições de visibilidade.

A aparição desconhecida do MB e de todos os presentes, sem a constatação do seu FS, não pode ser identificada como um SHT.

A aparição conhecida do MB e/ou de alguma das pessoas presentes deve ser identificada, não apenas pela sua aparência, mas, principalmente, pelo seu FS, seja por meio da fala, seja por outros meios convincentes. Esta evidência será melhor ainda, se ela deixar provas físicas de sua identidade, como mensagem escrita na presença dos pesquisadores ou moldes de suas mãos em parafina.

Aksakof, com razão, entende que a semelhança da aparição objetiva com a pessoa falecida não é prova suficiente de sua identidade: é necessário o conteúdo intelectual, ou seja, as informações que ela possa fornecer a respeito de si mesma e capaz de identificá-la sem sombra de dúvida.

Uma vez constatado o FS numa aparição subjetiva, não apenas por seu aspecto físico, mas também psicológico, o fenômeno será de natureza transcendental e não parapsicológica.

Se a personificação ocorrer por meio de voz direta, poderão ser observados os seguintes níveis de identificação do SHT:

- a) a voz é de pessoa falecida, conhecida do MB e de uma das pessoas presentes, transmitindo informações que somente esta conhece;

- b) a voz é de pessoa falecida, não conhecida do MB, mas conhecida por uma das pessoas presentes, transmitindo informações que esta conhece;
- c) a voz é de pessoa falecida, não conhecida do MB, mas conhecida de uma das pessoas presentes, transmitindo informações que esta não conhece e que são, depois, verificadas como verdadeiras;
- d) a voz é de pessoa falecida, conhecida de uma das pessoas presentes, falando em idioma que só ambas conhecem, fornecendo informações que identificam, sem sombra de dúvida, o SHT.

Admitido que o fenômeno de voz direta é produzido por um SHT ele será classificado como comunicação transcendental objetiva.

A comunicação personificada de um SHT pode também ocorrer por um processo denominado de transcomunicação instrumental, ou TCI. Trata-se de um fenômeno que vem despertando um vivo interesse na pesquisa do transcendental, pois se observou que, em alguns casos, o SHT dispensa o concurso do MB para entrar em contato com o universo físico. A identificação do SHT, por este processo, se torna mais convincente quando ocorre um diálogo entre ele e o pesquisador.

A credibilidade dos pesquisadores e a análise crítica de cada caso fornecem subsídios valiosos para uma maior e mais profunda compreensão deste canal de comunicação entre os seres de realidades diferentes.

Outro excelente material de pesquisa transcendentológica diz respeito à comunicação de mensagens que estão muito acima da capacidade intelectual e do nível de conhecimento do MB. Neste caso, a ausência da comprovação do FS do pretenso SHT comunicante não é de fundamental importância, pois é suprida pelo conteúdo do comunicado, o qual pode ser interpretado como de natureza paranormal ou transcendental segundo o caso.

Em relação ao estudo da RT, a Transcendentologia investiga as diversas concepções religiosas a respeito do universo dito espiritual, observando as suas concordâncias e divergências, levando sempre em consideração que a sua extrema complexidade e diversidade de níveis ontológicos são fatores impeditivos para a elaboração de um modelo simplista e genérico do transcendental.

CAPÍTULO III

FENÔMENOS TRANSCENDENTAIS SUBJETIVOS

Comunicação transcendental subjetiva

Podemos postular que a interface entre o universo físico e a RT se estabelece mediante a telepatia e as suas diversas formas personificativas, como a psicografia e a aparição subjetiva. Esta forma especial de comunicação psíquica envolvendo seres de universos diferentes nós a denominaremos de *telepatia transcendental*.

A telepatia transcendental

A telepatia é um dos fenômenos paranormais mais comuns. Consiste numa relação psíquica entre duas ou mais pessoas e, em casos ainda discutíveis, entre homens e animais.

Lyal Watson admite que todos os sistemas biológicos estão em constante comunicação recíproca e também com o mundo exterior. E argumenta:

"Todos nós somos unidades de radar. Nossos corpos emitem uma boa quantidade de energia nas mesmas frequências usadas pela maioria dos transmissores de radar. Nós irradiamos microondas com a largura de uma unha de polegar. Os padrões dessas ondas exploram tudo o que há na vizinhança, de maneira que todas as vezes que estamos com outras pessoas estamos

inconscientemente explorando-as e também sendo tocadas pelas suas transmissões."

E prossegue mais adiante:

"O nosso alcance eletrônico é limitado pelo fato de o corpo humano ser uma fonte de força relativamente fraca. Nosso sistema nervoso, no entanto, possui as mesmas propriedades semicondutoras de um transmissor e pode aumentar efeitos elétricos fracos até um milhão de vezes. Isso faz de nós receptores bem sensíveis, capazes de captar sinais à distância. Teoricamente, não há razão para não podermos detectar mensagens diretas vindas de organismos semelhantes a muitos quilômetros de distância, possivelmente de pontos além de nosso horizonte visual e talvez até mesmo de transmissores no outro lado do planeta."

Informa ainda:

"Na Universidade de Delaware, alguns macacos resus ficaram sob observação sem que vissem os seus observadores, os quais só os olhavam por um orifício, de quando em quando, mas todas as vezes que o faziam os padrões das ondas cerebrais dos macacos se modificavam e eles se comportavam como se estivessem deprimidos. Num estudo comparativo com seres humanos, verificou-se que a pessoa observada tem suas batidas do coração aceleradas."

Pesquisas em telepatia revelaram, nos registros eletrocardiográficos e eletroencefalográficos, alterações fisiológicas nas pessoas pesquisadas no momento da experiência.

Essa interação e influência entre os seres vivos, ensejando uma unidade fundamental de todas as coisas, foram comentadas por Deepak Chopra:

"Até mesmo dizer "meu corpo" implica uma divisão que não existe obrigatoriamente. O ar nos meus pulmões faz parte do meu corpo? Caso positivo, o que dizer do ar que estou prestes a inspirar ou do que acabei de expirar? A expressão "lá fora" é composta de trilhões de átomos que já foram ou que logo serão o que sou, e todo o pacote de matéria e energia que chamamos de Terra é necessário para me conservar vivo. Eu poderia facilmente dizer que não passo de uma célula neste corpo maior, e já que preciso de todo o planeta para me sustentar, tudo na Terra é parte do meu corpo. Se isto é verdade, então nada deve ser considerado morto - carne putrefata, os vermes e os fungos que se alimentam dela e até os ossos dos meus ancestrais são apanhados na mesma onda de vida que me carrega na sua crista."

Ou seja: o conceito de corpo passa a ser meramente operacional. Corpo é um centro virtual de permutas atômicas com outros centros virtuais e com a totalidade do universo. Assim, o nosso corpo nunca é o mesmo a cada segundo.

Onde termina - se é realmente que termina - o nosso corpo? A dar razão à hipótese de que o universo é uma rede de conexões, o nosso corpo é, em virtude destas conexões, o próprio universo. Por isso, o hipnotizado pode sentir e perceber o que sente e percebe o hipnotizador. Pessoas há que, em dado momento, somatizam paranormalmente o que está experimentando uma pessoa ausente com a qual entretêm laços de amizade. Embora possamos sentir e conhecer tudo pela onipresença da rede de conexões, apenas sentimos e conhecemos o que tem significado para nós em cada momento do nosso existir. Ou, em outras palavras:

embora sejamos potencialmente onipresentes, nós apenas atualizamos o que convém à nossa condição de indivíduo.

O que chamamos de corpo pode, portanto, ser entendido como o campo operacional da nossa consciência.

Se não há separação real entre os nossos corpos e estes não são sistemas fechados, mas, ao contrário, fazem parte de uma rede ilimitada de relações, pode-se especular que organismos semelhantes estão mais sintonizados entre si do que aqueles que são dessemelhantes. Nesta hipótese, a telepatia nada mais é do que um relance desta interação em momento de forte alteração emocional de um dos organismos afetando outro que lhe é semelhante. Se assim o é, como ocorreria este fenômeno entre um ser humano e um SHT, visto que este não possui corpo físico?

Observou Sheldrake uma extraordinária semelhança entre o princípio da não-localidade da física quântica com a magia simpática. Enquanto aquela afirma que uma partícula, uma vez em relação com outra partícula, manterá esta mesma relação em qualquer lugar em que elas se encontrem, esta ensina que qualquer parte do organismo, uma vez destacada deste, continuará em permanente relação com o organismo donde se originou. Logo, o nosso corpo se prorroga em tudo aquilo com que, um dia, entrou em contato, podendo sentir o que se passa em outros lugares, como se ali fisicamente estivesse.

Todas as pesquisas realizadas até o momento evidenciam que não há qualquer indício de que a interação telepática seja mediada por qualquer força física conhecida. Assim, tudo leva à evidência de que a telepatia seja uma relação mente a mente e, portanto, se processe numa ambiência não-física.

Se a telepatia é um fenômeno não-físico e se existem seres não-físicos, poder-se-á aventar a hipótese de uma interação psíquica entre aqueles seres e os seres humanos. J. B. Rhine se mostrou favorável a esta interação telepática, argumentando:

“Qualquer transferência de pensamento de uma personalidade desencarnada para outra, ou para a encarnada, teria de realizar-se segundo a telepatia ou então indiretamente por meio de efeito psicocinético de certa espécie”.

Ou seja: Rhine postula não só a telepatia entre os seres não-físicos entre si, mas também entre seres não-físicos e seres físicos.

A Parapsicologia só reconhece a telepatia como uma experiência exclusiva dos seres vivos. Porém, em alguns casos, as experiências telepáticas parecem ultrapassar esses limites, evidenciando que o seu conteúdo não pode ser razoavelmente atribuído a uma pessoa viva e, sim, a alguém que já faleceu.

Por que, então, não se postular que uma das interfaces entre o físico e o transcendental é a telepatia, mediante a qual o SHT pode agir psiquicamente sobre o homem biológico, inclusive direcionando a sua energia orgânica para produzir fenômenos de psi-kapa?!

A ação do SHT deve ser de tal magnitude que afaste razoavelmente qualquer explicação que possa atribuí-la ao inconsciente de um ser biológico.

Uma das afirmações, em Parapsicologia, é que, a nível inconsciente, nós podemos saber muito mais do que sabemos a nível consciente.

Na verdade, nunca poderemos saber tudo o que existe de informações em nosso in-consciente, pois, a cada segundo, ele está sendo enriquecido de novas

informações originárias das mais diversas fontes sensoriais e extra-sensoriais. Na prática, no entanto, só podemos identificar as informações que passam pelo nosso consciente.

Se um AP faz revelações sobre a vida de uma pessoa presente e estas informações são por ela confirmadas, é evidente que se trata de uma telepatia cuja fonte foi claramente identificada. Mesmo que estas informações digam respeito a alguém falecido, se aquela pessoa delas tenha conhecimento, o seu inconsciente deve ser tido como a fonte da interação telepática.

Até aí, a hipótese parapsicológica tem sustentação científica, pois pode ser comprovável e refutável.

Mas, se o AP dá informações verídicas a respeito de alguém falecido e que um parente ou amigo ali presente não consegue recordar, a explicação parapsicológica é que um deles, a nível inconsciente, conhecia aquelas informações, embora delas não se lembrasse. A hipótese é logicamente convincente, porque se fundamenta no princípio de que nunca podemos saber tudo o que existe em nosso inconsciente. Logo, pelo princípio da navalha de Ockam, a informação deve ser atribuída a uma fonte humana, no caso o inconsciente de uma das pessoas presentes.

Acontece, porém, que esta hipótese, apesar de sua consistência, não é científica. Pelo fato de não sabermos tudo o que está em nosso inconsciente, não podemos razoavelmente sustentar que sabemos tudo a respeito das pessoas que conhecemos, embora não consigamos lembrar, a nível consciente, algumas dessas informações. Se alguém não reconhece informações trazidas pelo AP a respeito de pessoa falecida que ele conhecia, como poderemos comprovar que ele sabia dessas informações, embora não consiga delas se lembrar?

É esta hipertrofia da telepatia que a torna uma hipótese não-científica e nos permite postular uma hipótese não-científica concorrente – a telepatia transcendental.

A experiência parapsicológica tem demonstrado que a telepatia ocorre, quase na totalidade dos casos, entre pessoas que se conhecem e, principalmente, quando entre elas existe um forte vínculo afetivo. E, assim mesmo, quando uma delas está passando por uma intensa experiência emocional.

O que faz com que um MB estabeleça uma ligação telepática com um SHT que ele não conheceu, quando era um ser humano? Talvez se possa admitir que o MB seja dotado de uma extraordinária capacidade de ser influenciado pela mente de outras pessoas e, principalmente, por um SHT.

A telepatia, portanto, é um fenômeno transcendental uma vez constatado que a fonte emissora é um SHT.

Comunicação transcendental subjetiva

Somos sucessivamente múltiplos e, em algumas ocasiões excepcionais, alguns de nós podemos interferir no que somos agora, perturbando a homeostase do ego e ensejando o fenômeno conhecido por personalidade secundária, personificação subjetiva, incorporação, possessão, em consonância com o contexto onde ocorrer.

O fenômeno de dissociação da personalidade nos remete à indagação de nossa essencial pluralidade. Afinal, quantos somos? Não nos reportamos a todos os que fomos sucessivamente no transcorrer de nossa vida, desde a nossa longínqua infância até o que hoje somos, mas o quanto somos simultaneamente. Não só o quanto somos, como decorrência de um processo dissociativo da personalidade, mas o quanto incorporamos de seres que, um dia, foram biologicamente reais e se incrustam em nosso psiquismo com a denominação de “espíritos”.

Serão estes "espíritos", por nós incorporados, o que eles realmente foram, ou não passam de criações do inconsciente para suprir as nossas necessidades emocionais?

A teoria da personificação inconsciente postula que o médium que acredita na sobrevivência, precisa passar por experiências que comprovem a sua crença. Assim, ele é levado inconscientemente a imitar pessoas falecidas, obtendo, por meios normais ou paranormais, informações sobre elas.

O que chamamos de indivíduo não é uma identidade isolada e permanente, mas um processo dinâmico, interagindo com outros indivíduos e sofrendo as suas influências.

O processo dissociativo pode ocorrer em virtude de cirurgia. Pacientes cujos cérebros foram separados com o seccionamento do corpo caloso passaram a comportar-se como duas pessoas diferentes. Isto levou Penrose a questionar se, nestas circunstâncias, *"temos dois indivíduos com consciência separada que habitam um mesmo corpo"*. De alguma forma, diz, ele, *"a consciência original bifurcou-se"*.

Quando um MB assume outra personalidade e as evidências são de que não se trata de uma personificação subjetiva, mas da atuação de um SHT, o fenômeno é denominado de comunicação personificativa subjetiva.

Se a comunicação for de personalidade cujo FS não possa ser identificado, a intervenção de um SHT, embora teoricamente possível, é superada pela hipótese do inconsciente do AP. Porém, se a comunicação personificativa é de pessoa falecida, cujo FS foi satisfatoriamente comprovado, a explicação pela interferência de um SHT é, em alguns casos, melhor do que a do AP.

Há SHTs e STs que apenas se comunicam através dos MBs e há aqueles que se apresentam como seus "guias" ou "controles".

Eleonora Piper era "controlada" por "George Pelham" e "Phinuit". Margery, por seu falecido irmão Walter. Travers Smith tinha por guia "Eyen", que dizia ser egípcio e "Shamar", um indiano, que tinha a função de trazer comunicadores que estavam vivos. J. J. Morse personificava um chinês, que se dizia chamar "Tien-Sen-Tie".

William Stainton Moses foi quem possuiu o maior número de orientadores espirituais: Imperator (Malaquias), Preceptor (Elijah), The Prophet (Haggai), Vates (Daniel), Ezequiel, Theophilus (São João Batista), Thesophus (São João Evangelista), Theologus (São João, o Divino). E ainda: Solon, Platão, Aristóteles, Sêneca, Doctor (Athenodorus), Rector (Hippolytus), Prudens (Plotino) Philosophus (Alexander Achillini), Mentor (Algazzali ou Ghazali), Kabill, Cho, Said, Roophal e Magus.

Um grupo de guias era composto de índios peles-vermelhas como "Estrela do Norte", da Gladys Osborne Leonard; "Nuvem Vermelha", de Estelle Roberts;

"Pena Branca", de John Sloan; "Chefe Falcão" e "Kokum", de George Valiantine; "Pedra da Lua", de Alfred Vout Peters, o qual, em algumas ocasiões foi controlado por um comunicador vivo.

Outro grupo, era constituído de crianças e adolescentes, como "Feda", de Gladys Osborne Leonard; "Nelly", da Sra. R. Thompson; "Gota de Orvalho", de Bessie Williams; "Brilho do Sol", da Sra. Meurig Morris; "Pequena Stasia", de Stanislaw Tomczyk; "Ninia" e "Yolanda", de Elisabeth D'Esperance; e outros.

Florence Cooke era dirigida "Katie King", que se dizia chamar Annie Owen Morgan e ser filha de "John King", o mais famoso e influente de todos os "guias" ou "controles" nos Estados Unidos e na Europa. Ele dizia ter sido um bucaneiro chamado Henry Owen Morgan e que foi armado cavaleiro pelo rei Carlos II, o qual também o nomeou Governador de Jamaica. Entre os MBs que ele dirigiu se destacam os irmãos Davenport, Guppy II, William Eglington, Eusábia Paladino, Cecil Husk, entre outros.

No Brasil, Francisco Cândido Xavier tem como guias "André Luiz" e "Emmanuel". Destaca-se, ainda, o "Dr. Fritz", que se manifestou, inicialmente, em José Pedro de Freitas, mais conhecido por "Arigó" e se tornou atualmente o guia exclusivo dos MBs que se dedicam a "cirurgias espirituais".

Em Washington, J. Z. Knight vem incorporando uma entidade que se auto-intitula "Ramtha, o Iluminado" e que diz ter encarnado há 35.000 anos, como um líder espiritual e político conhecido como "The Ram" (O Carneiro). Afirma que partiu da lendária Lemúria para onde hoje é a Índia.

Kevin Ryerson, entre outras entidades, incorpora "John" que diz ter sido membro da seita judaica dos Essênios, tendo encarnado pela última vez na época de Cristo.

Jach Pursel incorpora "Lazaris" e, atualmente, passa quarenta e horas da semana em estado de inconsciência em contato com aquela entidade.

Um MB, conhecido pelo nome fictício de Jessica Lansing, manifesta uma entidade chamada "Michael", que se define como uma "entidade reciclada", composta de mais de mil fragmentos de "velhas almas".

Comunicação personificativa de pessoa falecida e conhecida de um dos presentes

Há casos em que o MB transmite uma comunicação personificativa de pessoa falecida, conhecida de uma das pessoas presentes, fornecendo informações que esta não conhecia e cuja veracidade é, posteriormente, constatada.

Um dos casos mais famosos desta modalidade foi o do falecido Raymond, filho de Oliver Lodge cujas comunicações personificativas foram transmitidas por Gladys Osborne Leonard. Convencido da realidade da sobrevivência *post-mortem*, Lodge escreveu um livro, onde relata as sessões em que ele e sua esposa dialogaram com Raymond, que falecera na guerra.

Francisco Cândido Xavier psicografou grande número de mensagens de jovens tragicamente falecidos, cujas informações foram reconhecidas como autênticas por seus familiares.

Há duas explicações parapsicológicas para o caso.

A primeira, é que o MB captou do inconsciente da pessoa que conhecia o SHT comunicante, quando vivo, aquelas informações que ela, embora não as conhecesse a nível consciente, na verdade as conhecia a nível inconsciente.

A segunda, é que, o inconsciente, por ser onisciente, sabe tudo o que acontece no mundo, o que invalida a existência da telepatia.

Acontece, porém, que ambas as hipóteses são inverificáveis e apresentam, por isso, menor grau de consistência do que a do SHT, cujo FS é verificável.

Não há como se comprovar, experimentalmente, se sabemos não apenas o que sabemos, mas também o que não sabemos e se um AP pode captar do nosso inconsciente aquilo que só sabemos em nível inconsciente. É possível um AP captar informações que, naquela ocasião não estavam em nosso nível consciente, mas das quais nos lembramos depois que são enunciadas. Neste caso, trata-se de recordação de fatos esquecidos, mas lembrados e não de fatos que não reconhecemos como fazendo parte da nossa memória.

Para contraditar a hipótese transcendentalista, teríamos de admitir que todos os MBs possuem uma extraordinária habilidade teatral de imitar, com convincente realismo, pessoas falecidas que eles não conheceram, quando vivas, recolhendo da mente de outras pessoas, por telepatia, o material mnemônico para essa dramatização. Por isso, Alan Gauld asseverou que existe um abismo entre acumular conhecimento factual sobre um falecido e desenvolver a habilidade de fazer imitação realista dele.

Uma característica interessante da pessoa que passa por uma experiência de personalidade múltipla é que cada uma delas apresenta um padrão de onda cerebral diferente, quando se sabe que, normalmente, este padrão não se altera mesmo em estado de emoção extrema. Também variam o fluxo sanguíneo, o tônus muscular, o ritmo cardíaco. E cada uma destas personalidades apresenta reações diferentes às medicações, e as doenças de umas não aparecem nas outras.

A telepatia entre o MB e a pessoa presente é a melhor hipótese para os casos em que a informação dada pelo pretense SHT é do conhecimento desta. No entanto, a hipótese é insustentável, se a informação não é do conhecimento da pessoa que conhecia o SHT, quando ele era fisicamente vivo. E menos ainda, se a informação é de pessoa falecida, desconhecida do MB e de todos os presentes, confirmadas, posteriormente, a sua identidade e a autenticidade da informação. Nestes dois últimos casos, a hipótese do SHT é a mais plausível. Aqui, não se afirma *a priori* a existência do SHT para a explicação do fenômeno, mas é o próprio fenômeno que *a posteriori* sugere a existência do SHT.

Comunicação personificativa de pessoa falecida desconhecida do MB e de todos os presentes

Neste caso de comunicação personificativa, a hipótese da atuação de um SHT prevalece sobre a do inconsciente do AP.

Ernesto Bozzano contou que Giuseppe Borgazzi, no dia 3 de março de 1901, psicografou uma comunicação de pessoa, que lhe era desconhecida e se dizia chamar, quando viva, Vincenzo Reggio, ex-Presidente da Corte de Apelação, falecido em Gênova a 27 de outubro de 1900, às 6h30 horas da manhã. Residira em Corso

Paganini n ° 16 e seu irmão era Tommazo Reggio, Arcebispo de Gênova. Nesta mensagem, pedia que se desse ciência do fato àquele prelado.

Essa comunicação ocorreu em Paris, na residência e sob o controle do Sr. Ferdinando do Rio, diretor da revista de estudos psíquicos e espíritas, "Il Mistero", publicada em Milão, o qual, neste mesmo dia, escreveu uma carta ao Arcebispo Tommazo Reggio, relatando-lhe o caso.

Quatro dias depois, recebeu resposta do Arcebispo, confirmando todos os dados fornecidos na mensagem e manifestando seu profundo interesse pelo fenômeno, ao mesmo tempo em que solicitava novos informes mediúnicos. Atendido em sua solicitação, o Arcebispo não mais voltou a escrever. Mas, em compensação, o SHT comunicou a Ferdinando do Rio que o seu irmão cumprira o solicitado na comunicação e, por isso, ele se sentia feliz pela solução do problema. A causa da mensagem mediúnica foi o não cumprimento de uma disposição de última vontade, não indicada em testamento, mas que Vincenzo manifestara *in extremis* ao seu irmão Tommazo.

Francisco Cândido Xavier psicografou, em 1978, em italiano, mensagens da sra. Ilda Mascaró Saulo, falecida em Roma, na Itália, no ano anterior. O Prof. Carlos Augusto Perandrèa, perito judiciário em Documentoscopia e professor de Identificação Datiloscópica e Grafotécnica do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade Estadual de Londrina. Perandrèa publicou uma monografia onde relata o exame grafotécnico que realizou na mensagem mediúnica psicografada de 22 de julho de 1978 e fez um minucioso exame da caligrafia de Francisco Cândido Xavier e de escritos da Sra. Ilda, quando viva. Concluiu que a mensagem contém *"consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para a revelação e identificação de Ilda Mascaró Saulo como autora da mensagem questionada"*. Mas, reconhece que: *"Em menor número, constam, também, elementos de gênese gráfica, que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier."*

Comunicações personificativas especiais

Gabriel Delanne relatou que, no dia 21 de agosto de 1872, a Sra. Hardinge Britten, escritora muito conhecida, presenciou, numa sessão na residência do sr. Bears, em Siracusa, quando a Sra. Corwin assumiu a identidade de uma pessoa surda e muda já falecida, a qual, utilizando o alfabeto dos surdos-mudos, comunicou-se com o seu marido ali presente. A Sra. Hardigen Briten informou que o MB não conhecia a linguagem dos surdos-mudos nem também o referido cavalheiro.

Francisco Cândido Xavier psicografou, no dia 6 de maio de 1977, uma mensagem, em alfabeto Braille, da Sra. Engrácia Ferreira, pioneira do alfabeto dos cegos no Brasil e que falecera no dia 21 de abril daquele ano. Recebeu ainda mais duas comunicações do SHT, nos dias 1º de maio do mesmo ano e outra em 16 de novembro do ano seguinte, também em Braille. O MB não conhecia o alfabeto dos cegos.

Nestes dois casos, a intervenção de um SHT é a hipótese mais satisfatória, porque, ainda que alguma pessoa presente conhecesse a linguagem dos surdos-mudos e do alfabeto Braille, parece altamente improvável que pudesse, por

telepatia, transmiti-los ao inconsciente dos MBs. O que não sabemos é como os SHTs agiram sobre os MBs para manifestar o seu FS em circunstâncias tão especiais.

Comunicações transcendentais simultâneas

No fenômeno conhecido como psicografia ambidestra, alguns APs escrevem com as duas mãos simultaneamente duas mensagens diferentes, até mesmo em idiomas diferentes, enquanto conversam com outras pessoas. É como se existissem três personalidades autônomas, sediadas temporariamente num mesmo corpo. Poder-se-ia pensar que este fenômeno de ambidestrismo psicográfico resulta de uma estranha e inexplicável interrupção do fluxo sináptico entre os dois hemisférios cerebrais, como se o corpo caloso perdesse temporariamente a sua função de ponte de integração entre eles. No entanto, se a suspensão da atividade integradora do corpo caloso fosse temporariamente suspensa, resultaria em dois centros psíquicos autônomos e não em três. O que é, portanto, esse *tertius* que mantém contato com o mundo exterior, enquanto os outros dois psicografam mensagens das quais ele não tem consciência?

No princípio deste século foi descoberta uma estranha doença neurológica a que se deu o nome de *síndrome da mão alheia*. Ela consiste numa forma de autonomia de uma das mãos, a qual não obedece ao comando da mente, realizando ações contrárias aos desejos da pessoa e geralmente age de maneira destrutiva contra o próprio indivíduo e também contra o que está ao seu alcance.

Observaram os neurologistas que as pessoas que tiveram o seu corpo caloso seccionado, com a finalidade de controlar os ataques epiléticos muito freqüentes, apresentavam uma absoluta falta de integração entre os dois hemisférios cerebrais, resultando na ignorância de cada um deles acerca da atividade do outro. No entanto, estas pessoas, apesar da desconexão entre os dois hemisférios cerebrais, não apresentaram a síndrome da mão alheia.

A psicografia ambidestra consiste numa atividade autônoma dos dois hemisférios cerebrais, que, contrariamente à ação destrutiva da síndrome da mão alheia, realiza um trabalho criativo, demonstrando conhecimentos e aptidões que o AP não possui a nível consciente. Este fenômeno se torna mais impressionante quando ocorre com uma criança, como observou César Lombroso.

As personificações subjetivas se manifestam, em geral, sucessivamente, enquanto na psicografia ambidestra as manifestações são simultâneas, produzindo psicograficamente duas mensagens diferentes até mesmo em idiomas diversos. Se o MB não conhece os idiomas que as suas mãos psicografam, a evidência da ação de um SHT é extremamente sugestiva, e mais ainda se ele também desconhece as informações recebidas mediunicamente.

Correspondência cruzada

Um dos casos mais famosos de psicografia foi o denominado de *correspondência cruzada*, e considerado uma das provas mais robustas da sobrevivência *post-mortem*.

Frederick Myers, após sua morte, teria concebido uma forma de comunicação mediúnicamente que não pudesse ser explicável pela telepatia e, agindo sobre vários MBs (Sras. Forbes, Willet, Verral, Eleonora Piper entre outros,) ao mesmo tempo e em lugares diferentes, transmitiu-lhes mensagens cifradas, as quais, isoladamente, não tinham qualquer sentido. Na verdade, se tratava de mensagens complementares e revelavam o conhecimento da literatura clássica grega e latina de Myers e que estava muito acima da capacidade daqueles MBs a respeito do assunto. Esta experiência se prolongou por muitos anos e constitui uma sólida constatação do FS de Myers na sua condição de SHT.

Psicografia invertida

Alguns MBs psicografaram mensagens com a escrita invertida, fenômeno este que foi intitulado de psicografia especular, porque poderia ser lida facilmente em oposição a um espelho.

Vem-se atualmente observando o mesmo fenômeno do invertido na Transcomunicação Instrumental. Alguns pesquisadores, como Juergenson e Hildegard Schäfer, descobriram em suas gravações o fenômeno das vozes invertidas.

Em todos esses casos, o conteúdo das mensagens é que vai definir se se trata de um fenômeno psicológico, parapsicológico ou transcendental.

Aparição subjetiva

O que pensamos ver é o que nos ensinaram a ver: nosso ato de ver se transforma numa percepção estereotipada. Ver não é apenas um fenômeno fisiológico, mas uma experiência cultural. Estudos sociológicos e antropológicos demonstraram que cada cultura tem suas formas peculiares de percepção e, por conseguinte, desenvolve um modo especial de perceber a realidade.

Ver é um padrão. E cada sociedade impõe padrões visuais aos seus indivíduos. Por isto, a visão é o produto final deste aprendizado.

A visão é mais significação do que atividade retiniana. Eis por que vemos dormindo o que jamais vimos em nosso estado de vigília. E até mesmo neste estado, com os olhos abertos aos estímulos luminosos do ambiente físico, podemos ter experiências oníricas apesar de a nossa retina estar registrando imagens da realidade material.

Ampliamos, cada vez mais, o nosso modo de perceber, mas não mudamos o nosso padrão de percepção. Assim, só podemos perceber segundo o nosso padrão sensorial e, por conseguinte, somos levados a crer que a realidade é somente como a percebemos e que ela se amplia à medida que aumentamos tecnologicamente a nossa capacidade perceptual.

Mediante sugestão hipnótica, uma pessoa pode ver algo que fisicamente não existe ou não perceber algo que fisicamente existe e está colocado à sua frente. Pode, ainda, perceber, num determinado objeto, uma cor que ele não possui.

A sugestão telepática também foi experimentalmente constatada. Nesta situação, uma pessoa pode perceber a presença de outra que não se encontra fisicamente naquele local. Por esta razão, os parapsicólogos admitem que uma

informação telepática possa se converter numa experiência alucinatória sob forma de aparição referente a uma pessoa que, involuntariamente, foi o seu indutor.

Mantemos a velha convicção de que apenas vemos com os olhos. Mas, o que causa a visão dos sonhos, se os nossos olhos estão fechados? Muitos sonhos não existem no mundo físico e, portanto, não podem ser vistos pelos nossos olhos. Nossos sonhos são visões, mesmo que ainda se diga que são resultados de nossas experiências no mundo físico, o que é apenas parcialmente verdadeiro, porque a maioria deles não são cópias das nossas impressões sensoriais e se referem a situações pelas quais jamais passamos em nosso estado de vigília. E se os sonhos são visões, temos de convir que podemos ver sem o auxílio dos olhos. Se alguns são lembranças da memória, então temos de convir que a memória é uma forma de ver o que passou. Na verdade, como podemos ver os sonhos e as alucinações, se eles não existem no universo físico?

A visão, portanto, não é um fenômeno exclusivamente físico. Podemos ver os sonhos e estes não resultam de um estímulo luminoso. Logo, também temos uma visão psíquica, mediante a qual vemos coisas psíquicas como os sonhos e as aparições ou fantasmas. O que agora se pode questionar é se as aparições são alucinações telepáticas ou auto-induzidas em se tratando de aparições de pessoas vivas, se são alucinações telepáticas produzidas por SHT, ou, ainda, se é uma visão transcendental, permitindo a percepção do SHT, como se ele ocupasse uma posição no nosso espaço físico.

Jean-Claude Schmitt considera Agostinho como "*o verdadeiro fundador da teoria cristã dos fantasmas*". Agostinho procurou, por todos os meios, negar a possibilidade da comunicação entre as pessoas e os SHTs e doutrinou que os mortos nada sabem do que ocorre no mundo físico, porque somente os anjos são os intermediários entre os dois universos. No entanto, ele admitiu que, em alguns casos, SHTs especiais, como os santos, podiam aparecer aos vivos.

Na alta Idade Média, há referências de aparições de mortos comuns e não apenas de santos. A partir do século IX d.C., multiplicaram-se os relatos destas aparições, passando-se, então, a admitir que os SHTs apareciam às pessoas para benefícios de ambos, contrariando assim a posição de Agostinho. Os SHTs apareciam aos parentes ou amigos para pedir-lhes, em seu favor, preces e missas, assim como a distribuição de esmolas em sufrágio à sua memória.

No século XII, Pierre, o Venerável, o oitavo abade do mosteiro de Cluny, escreveu *De Miraculis*, onde reuniu uma coletânea de relatos sobre as aparições de mortos. Ele assegurou que um SHT pode dar conselhos úteis aos vivos, anunciar sua morte iminente e enunciar as razões de seu sofrimento no mundo espiritual. Neste mesmo século, o cisterciense Césaire de Heisterbach escreveu o *Dialogus Miraculorum*, onde fez o relato de cinquenta aparições que se diziam originárias do céu, do inferno e, principalmente, do purgatório. As aparições não visavam apenas informar as pessoas sobre a realidade do Além, mas anunciar-lhes a morte iminente e preveni-los contra os castigos *post-mortem*. Nessa coletânea, o número maior de aparições era de monges.

No século XV, Jacques de Jüterborg ou de Paradis, abade cisterciense de Paradis, escreveu o *Tractatus de animabus exutis a corporibus*, onde afirmou que as aparições dos mortos caracterizam a cristandade, enquanto as aparições de demônios se referem aos sarracenos e judeus.

As aparições são melhor explicáveis pela hipótese transcendentalógica, se elas demonstram a manifesta intenção de se comunicar com o percipiente.

As aparições que denominamos de recorrentes, ou seja, aquelas que estão ligadas a determinado lugar, repetindo os mesmos gestos, praticando as mesmas ações e percorrendo o mesmo caminho anos a fio não passam, na verdade, de imagens psíquicas, as quais, segundo Frederic Myers, resultam de "uma manifestação de energia pessoal persistente". Fortes sentimentos de culpa, remorso, rancor, angústia, desespero e intenso sofrimento podem gravar imagens cinéticas em determinada região do espaço, tornando aquele sítio assombrado. Genady Sergejev sustentava que uma forte impressão pode impregnar a matéria, visto que todos os objetos são dotados de propriedades magnéticas e podem, em certos casos, mudar as características magnéticas de suas moléculas, passando a funcionar como gravadores magnéticos naturais. Ernesto Bozzano, anteriormente, já defendia esta hipótese da "impregnação psíquica" da matéria.

Denominamos de aparição de compromisso aquela resultante de acordo prévio entre duas pessoas, mediante o qual aquela que morresse em primeiro lugar iria avisar a outra a respeito do seu falecimento e dar-lhe também o testemunho da sobrevivência *post-mortem*. Embora esta experiência possa ser explicável pela hipótese transcendentalógica, admite, mais vantajosamente, uma explicação parapsicológica. Em virtude do pacto firmado, os contratantes, a nível inconsciente, ficam de sobreaviso para a possibilidade de seu cumprimento, resultando numa predisposição entre ambos para passar por esse tipo de experiência. Ora, no momento em que um dos contratantes vem a falecer, se estabelece, de imediato, uma relação telepática entre eles. Então, o sobrevivente, já psiquicamente predisposto, vê a aparição do amigo, dando cumprimento ao compromisso assumido. Trata-se, como se vê, de uma telepatia entre vivos, pois a informação telepática pode ter sido emitida antes e não depois da morte do contratante falecido.

Se a aparição de pessoa falecida ocorre horas depois de sua morte, ela pode ser explicável pela hipótese da latência telepática, proposta por Myers, segundo a qual uma informação psicômica pode permanecer, em estado potencial no psiquismo inconsciente de uma pessoa pelo prazo arbitrário de 17 horas.

Já se aventou a hipótese de que pessoas sepultadas ainda vivas poderiam, nessa situação extremamente dramática, produzir alucinações telepáticas visuais em parentes e amigos, dando-lhe a convicção de que se tratava de aparição de um SHT.

Porém se a aparição de pessoa morta se manifesta meses e até anos depois do seu falecimento, a hipótese da latência telepática resulta inconvincente, principalmente se ela veicula informação que sugira fortemente uma relação telepática entre uma pessoa e um SHT.

As aparições são parapsicologicamente explicáveis como uma alucinação visual telepática, induzida pela pessoa representada na aparição.

Se a aparição é de pessoa viva, a hipótese parapsicológica é sustentável. Observou-se que a aparição correspondia a uma situação de extremo perigo de vida que a pessoa, por ela representada, estava experimentando. Então se explica que a mente desta pessoa interagiu telepaticamente com a mente do percebedor, a qual

decodificou a informação sob a forma de uma alucinação visual, ou seja, por meio de uma linguagem simbólica.

Mas, se a aparição é de pessoa morta, quem seria o indutor, já que a Parapsicologia não cogita de uma agência transcendental? Seria uma outra pessoa viva. Mas quem? E por que, na interação telepática entre esta pessoa desconhecida e o percebedor, a mente deste converteu a experiência paranormal numa aparição de pessoa morta e não na imagem de seu indutor vivo?

Se foi o próprio percebedor que se auto-induziu, produzindo a aparição, então não mais se trata de um fenômeno telepático, mas criptomnésico, ou seja, oriundo do seu inconsciente.

E se a aparição de pessoa morta é vista por mais de uma pessoa? A explicação de alguns parapsicólogos é que se trata de uma alucinação visual coletiva, induzida por uma das pessoas presentes. Esta alucinação coletiva, porém, é uma hipótese não-científica, pois não é testável, nem refutável. Uma ilusão, no entanto, pode ser coletiva e a prestidigitação é a demonstração experimental desta experiência.

Mediante uma indução hipnótica, alguém pode passar por uma alucinação. Mas ainda não se conseguiu, por hipnose, uma alucinação coletiva.

Se a alucinação é uma percepção que não decorre de um dado físico, podemos também admitir que o sonho é uma modalidade de alucinação.

O problema agora se torna ainda mais complexo. A pessoa que produziu a aparição, não apenas se auto-induziu, mas induziu telepaticamente as outras pessoas a passar pela mesma experiência. Resta, porém, a indagação de por que a aparição foi de pessoa morta e não do próprio indutor. Por outro lado, a alucinação coletiva por indução telepática é uma hipótese extremamente frágil, pois não há qualquer indício que a comprove. A própria alucinação coletiva por sugestão verbal é uma hipótese altamente controversa e ainda destituída de constatação empírica.

No caso de aparição de pessoa viva, o fato de esta não se lembrar do acontecido não invalida a sua realidade. A aparição pode ser uma experiência da mesma natureza do sonho, na qual o sonhador, na maioria das vezes, não se recorda dos seus sonhos quando se acorda. Ou de pessoas hipnotizadas que praticam ações das quais não se lembram quando voltam ao estado normal.

Se à luz da Parapsicologia a aparição é uma representação simbólica de uma interação telepática alucinatória entre duas pessoas vivas, podemos argumentar que, sob a ótica da Transcendentologia, a aparição pode ser:

- a) a resultante alucinatória de uma interação telepática entre o SHT e uma pessoa física;
- b) a percepção transcendental que uma pessoa tem de um SHT em seu próprio universo, embora lhe pareça que ele se encontra em determinado lugar do nosso universo físico.

Ou seja: a aparição pode ser resultado de uma alucinação telepática visual ou de uma percepção transcendental.

Se temos uma percepção extra-sensorial, por que não poderíamos ter também uma percepção transcendental, ou seja, percebermos um segmento da RT? A dificuldade consiste em saber se se trata de uma alucinação telepática visual, produzida por um AT ou de uma modalidade especial de percepção – a percepção

transcendental. Nesse caso, algumas pessoas, em ocasiões especiais, seriam capazes de ver ATs, podendo ou não serem vistas também por eles.

Aparições induzidas

As aparições são geralmente espontâneas. Mas podem ser induzidas mediante a utilização da cristalomania, conforme experiências realizadas por Raymond Mood Jr.

Observou Mood Jr. que, em regra geral, neste tipo de aparição, os SHTs se apresentam como se fossem mais jovens do que eram quando de seu falecimento. Ele próprio passou por esta experiência, quando viu a aparição de sua avó.

Comunicações mediúnicas informam a respeito do rejuvenescimento da imagem da pessoa falecida. Será que os SHTs ainda se apegam à imagem do seu corpo físico e têm o poder de dar-lhe uma aparência mais juvenil? Ou será que é o percipiente que, inconscientemente, melhora a apresentação da aparição?

Em alguns casos, a aparição se deixa tocar ou entra em contato físico com o percipiente. Em outros casos, se esquia de ser tocada.

A circunstância de a aparição tocar nas pessoas ou ser tocada por elas suscita a hipótese de se tratar de uma aparição objetiva. O percipiente tem plena convicção de que estava em estado de vigília e, por isso, o toque lhe pareceu fisicamente real. Acontece, porém, que a aparição não deixa qualquer vestígio de sua presença física, como geralmente acontece com as aparições objetivas. Esta sensação de contato com a aparição poderia então ser explicada como um análogo da experiência onírica, visto que, nos sonhos, temos a mesma sensação de que os seres e as coisas com os quais nos relacionamos são reais.

Talvez seja simbólico o comportamento da aparição em não permitir ser tocada. De qualquer maneira, a experiência se processa numa ambiência psíquica, embora referenciada a um contexto indutivo físico, mediante o emprego de um espelho.

As aparições podem falar ou comunicar-se telepaticamente com o percipiente. E, segundo Mood Jr., elas sempre dizem que estão bem na sua nova existência. Poder-se-ia alegar que se trata de uma forma de autoconsolação do percipiente para compensar a dor da perda, principalmente em se tratando de uma pessoa que, em vida, lhe foi tão cara.

As aparições demonstram alegria e felicidade no contato com o percipiente.

Com argúcia, observou Raymond Mood Jr. que o percipiente nem sempre vê a pessoa falecida que deseja, mas a que necessita ver, embora não esteja consciente desta necessidade.

As aparições quase nunca são vistas por inteiro, mas da cintura para cima. Esta peculiaridade as distingue das pessoas que vemos em sonhos, onde elas aparecem em sua integridade física. Por que, então, essa diferença tão marcante?

Observou, ainda, Mood Jr. que cerca de 25% dos casos de aparições ocorrem não na cabina psicomante, mas em outro local, normalmente num prazo de 24 horas. É como se a indução permanecesse em latência em nível inconsciente e só fosse conscientizada horas depois.

Susan Blackmore relatou a extraordinária experiência de Ruth, paciente do psiquiatra Morton Schatzman, de Londres, uma mulher que possuía uma grande

capacidade imaginativa e que se sentia seriamente perturbada pelas aparições de seu falecido genitor. Essas aparições eram tão reais, que ela, não apenas via perfeitamente o corpo de seu pai, mas sentia o seu cheiro e ouvia a sua voz. Quando se sentava na cama, a aparição também o fazia e ela percebia seus movimentos e os contornos do espaço ocupado por ele. Finalmente, chegou a vê-lo ocupando o lugar de seu marido na cama. A aparição se apresentava nos mais diversos momentos e a aterrorizava, porque ela se lembrava das vezes em que seu genitor a tentara estuprar.

Schatzman apresentou uma solução criativa para o problema. Orientou sua paciente a não tentar se livrar da aparição, mas, sim, a provocar a sua presença, quando ela o quisesse. Com isso, Ruth passou a controlar a aparição paterna e terminou aprendendo também a criar e controlar aparições de amigos, parentes e outras pessoas.

Aparições no leito de morte

Alguns moribundos registram a presença de pessoas falecidas nas proximidades de seu leito, como núncios de sua morte e talvez cicerones de sua viagem para o Além.

O *psicopompo*, cujo significado é "condutor das almas" é um ST que vem ajudar o moribundo na sua passagem ao mundo espiritual. No Hinduísmo, Yama, o deus da morte, desempenhava este papel e, no Judaísmo rabínico existe a figura do anjo da morte. No Espiritismo, o papel do psicopompo é desempenhado por SHTs, os quais, quando seres humanos, eram parentes do moribundo. Observou Ernesto Bozzano que tanto entre os povos civilizados quanto entre os primitivos foi observada *"a presença de mensageiros espirituais, que intervêm, assistindo o Espírito do moribundo no período da crise suprema."*

Disse Bozzano que *"não se conhece um só exemplo de aparição de vivos no leito de morte"* e, por isso, argumentou que as aparições de mortos, nestas circunstâncias, *"não são produtos da imaginação do moribundo e, sim, a presença real dos espíritos de pessoas falecidas"*.

Não sabemos o que Bozzano quis dizer com *"presença real dos espíritos de pessoas falecidas"*. Se o real a que se refere é o mundo físico, a sua afirmativa é falsa, porque um ser não-físico, como um SHT, não pode ocupar um lugar no espaço. Mas, se entende por "presença real" a alucinação visual provocada telepaticamente por um SHT, agindo sobre a mente do moribundo, a sua assertiva não merece reparo.

A afirmação de Bozzano de que não há casos de aparição de vivos no leito de morte do moribundo é, todavia, improcedente.

Dr. Karlis Osis e Dr. Erlendur Haraldsson fizeram importantes observações em suas pesquisas sobre aparições no leito de morte, como antes já o fizera William Barret. Vamos destacar as suas constatações, baseadas naquelas pesquisas:

- a) Na maioria dos casos, o moribundo estava, sob todos os aspectos, perfeitamente lúcido e senhor de si mesmo, quando afirmava que um ser lhe aparecia para o conduzir para o outro mundo;

- b) 83% das aparições eram de parentes dos moribundos, sendo que, em 90% dos casos, eram de parentes próximos - mãe, pai, irmãos - e do cônjuge;
- c) 70% das aparições eram de pessoas mortas;
- d) Fatores como a febre e a administração de calmantes não aumentaram a frequência das aparições;
- e) Os moribundos que estavam perfeitamente lúcidos e suficientemente conscientes do meio ambiente para poderem interagir com ele têm mais frequentemente aparições do que aqueles cujo espírito está perturbado e cuja aptidão para comunicar é limitada;
- f) Nenhuma diferença notável foi observada entre homens e mulheres, jovens e velhos;
- g) A personalidade dos pacientes não exerceu qualquer influência sobre as aparições;
- h) A intenção manifesta das aparições, em mais da metade dos casos, era levar os pacientes para o outro mundo e destes 72% aceitaram o convite de maneira serena e até com fervor religioso;
- i) Os pacientes norte-americanos apresentaram maior número de aparições de parentes, e os indianos, de figuras religiosas;
- j) Nenhuma aparição de pessoa viva manifestou a intenção de levar o paciente para outro mundo;
- k) Os jovens tiveram mais aparições de parentes próximos falecidos que pertenciam à geração precedente, e os indivíduos mais idosos tiveram, na sua maioria, mais aparições de pessoas de sua geração;
- l) Entre os norte-americanos, 61% tiveram aparições femininas e os indianos, 23%;
- m) A morte do paciente ocorreu muito mais cedo quando a aparição manifestou a intenção de levá-lo;
- n) As experiências de aparição só foram observadas em um número restrito de moribundos;
- o) Em nenhum caso ficou estabelecida qualquer relação entre disfunções cerebrais e aparições.

As aparições de pessoas mortas no leito do moribundo se apresentam sob as seguintes modalidades:

- a) aparição cuja morte era conhecida do moribundo e apenas percebida por este;
- b) aparição cuja morte era conhecida do moribundo e percebida simultaneamente por ele e pelas pessoas presentes;
- c) aparição cuja morte era desconhecida do moribundo e apenas percebida por este;
- d) aparição cuja morte era desconhecida do moribundo e percebida por este e por todos os presentes simultaneamente;
- e) aparição vista por uma das pessoas presentes, mas não pelo moribundo;
- f) aparição vista por todas as pessoas presentes, mas não pelo moribundo.

O primeiro caso pode ser interpretado como um anúncio simbólico da morte próxima do moribundo. Trata-se, portanto, de uma alucinação experimentada por ele, tomando consciência do término iminente de sua vida, simbolizado pela

presença de pessoa falecida que vem ajudá-lo na sua passagem para o Além. Se esta aparição é uma dramatização do inconsciente do moribundo, o fenômeno é de natureza psicológica. Mas, se é induzida telepaticamente por uma das pessoas presentes, emocionalmente envolvida com a situação do moribundo, o fenômeno é parapsicológico. Todavia, nada impede que se admita que esta indução telepática se origine de um SHT.

O segundo caso pode ser interpretado como uma alucinação coletiva, induzida telepaticamente pelo moribundo, ou como uma aparição objetiva. Acontece que a hipótese da alucinação coletiva não tem qualquer fundamento empírico e experimental.

O terceiro caso pode ser interpretado como resultante de uma liberação da informação telepática, então latente, no psiquismo do inconsciente do moribundo sobre a morte da pessoa que ele percebe junto ao seu leito. É possível também que uma das pessoas presentes, que sabia da morte da pessoa simbolizada na aparição, tenha transmitido essa informação involuntariamente ao inconsciente do moribundo, a qual foi decodificada sob forma de uma alucinação telepática visual. Porém, pode ainda tratar-se de uma alucinação produzida pelo SHT representado na aparição.

O quarto caso pode ser interpretado como uma alucinação coletiva e apresenta duas situações distintas: a) um dos presentes sabia da morte da pessoa representada na aparição; b) ninguém sabia a respeito da morte daquela pessoa. Então, podemos especular, utilizando a fragilíssima hipótese da alucinação coletiva, que a aparição foi telepaticamente induzida pela pessoa que tinha conhecimento da morte ou mesmo pelo SHT, cuja aparição lhe dizia respeito. Mas, se nenhuma das pessoas presentes sabia a respeito da morte, somente o SHT poderia ser o indutor da alucinação coletiva. A hipótese que melhor se ajusta a este caso parece ser a da aparição objetiva.

O quinto caso pode ser interpretado como uma indução telepática produzida pelo inconsciente do moribundo, se este sabia da morte, ou pelo SHT, ou, ainda, uma auto-indução do percipiente, se este também estava ciente do fato.

Finalmente, o sexto e último caso pode ser interpretado como uma alucinação telepática visual coletiva produzida pelo inconsciente do moribundo, se este sabia da morte da pessoa representada na aparição, por uma das pessoas presentes, se também tinha conhecimento do fato, ou como uma aparição objetiva.

Se as aparições de vivos são produzidas por vivos, as aparições de mortos seriam apenas a resultante de necessidades emocionais do moribundo, carente de proteção na sua passagem para o Além? Neste caso, seria uma alucinação auto-induzida ou criptomnésica. E por que não seria uma alucinação telepática provocada por um SHT ou uma percepção transcendental do moribundo?

É interessante assinalar que nenhuma aparição de vivo manifestou a intenção de levar o paciente para o Além. Talvez porque, simbolicamente falando, sendo o vivo a negação da morte, o paciente estava lutando para não morrer.

Se à luz da Parapsicologia a aparição é uma representação simbólica de uma interação telepática alucinatória entre duas pessoas vivas, podemos argumentar que, sob a ótica da Transcendentologia, a aparição pode ser ou a resultante alucinatória de uma interação telepática entre o SHT e uma pessoa humana ou a

percepção transcendental que ela tem de um SHT, dando-lhe a impressão de que ele se encontra em determinado lugar do nosso universo físico.

O SHT não se encontra fisicamente em nosso mundo. Ou nós o percebemos, por um processo de alucinação visual telepática, como se estivesse em algum lugar do espaço, ou o observamos em seu universo não-físico, mediante uma percepção transcendental.

Aparições de STs

Há diversos relatos da vida de santos católicos a respeito de seus contatos com seres angelicais.

Joana D'Arc declarou que o arcanjo Miguel apareceu diante dela e anunciou sua missão de salvar a França.

Como estes contatos foram pessoais, não podemos saber se se trataram de aparições subjetivas ou objetivas. Apenas por uma questão didática, resolvemos incluir estes contatos no gênero das aparições subjetivas.

Animais & aparições

Há casos de animais que vêem aparições e reagem a elas como se se tratasse de uma pessoa. Pode um homem alucinar um animal? Se o ser humano pode alucinar um animal, por que, de igual modo, não o poderia um SHT? Ou será que os animais também são dotados de percepção transcendental?

Há casos, porém, em que a aparição é um animal e é vista, simultaneamente por uma pessoa e por outro animal. Pode o animal, neste caso, alucinar o ser humano ou se trata de uma percepção transcendental? Qualquer que seja o caso, temos de convir que se trata de um indício de sobrevivência *post-mortem* ao menos de alguns animais. Principalmente, se se trata de aparições objetivas.

Ou será que as aparições de animais de estimação, vistos por seus donos, não passam de alucinações auto-induzidas como compensação afetiva pela sua perda?

Percepção transcendental

Podemos também postular que o MB pode perceber diretamente a RT e que, do mesmo modo, um AT pode tomar conhecimento do que se passa no universo físico sem a intermediação telepática do MB. Trata-se, portanto, de uma forma de clarividência que não se limita à percepção sujeito-objeto sem a utilização de qualquer recurso sensorial.

Clarividência transcendental

A clarividência invalida o postulado de que a visão é um ato exclusivamente físico, fisiológico, mediado pelos olhos.

O AP, em algumas ocasiões, é capaz de ler o conteúdo de cartas e livros fechados ou de ver um fato que está ocorrendo à distância, seja num aposento

contíguo, como se percebesse através da matéria, seja a muitos quilômetros de onde ele se encontra.

Stephan Ossowieck conseguia ler o conteúdo de cartas fechadas e jamais cometeu qualquer equívoco nestas experiências.

Algumas pessoas já passaram pela experiência de ver o ambiente onde se encontravam como se sua visão se localizasse em outro lugar do espaço que não o ocupado pelo seu corpo. E, finalmente, há aquelas que visualizaram acontecimentos que estavam ocorrendo a quilômetros de distância.

Se vemos um acontecimento à distância é porque algo de nós se projetou até lá, ou porque ocorreu uma extraordinária dilatação do nosso campo visual? Ou porque, em sendo a mente não-física, pode perceber fatos físicos em qualquer região do espaço? Se a mente não está no corpo, ela, por conseguinte, não está localizada especialmente. O que não sabemos é como a mente estabelece esta interface com o corpo e, em algumas circunstâncias, como no caso da EFC, em outro local “fora” do corpo.

Se uma pessoa muda, por clarividência, o seu padrão perceptual, tudo o que ela passa a perceber é tido por fantasia, loucura, subjetividade. Se o objeto da percepção clarividente corresponde à realidade física, a explicação mais generosa para o enigma é a de que se trata de mera coincidência, embora fique restando a explicação de como o fato, mesmo episódico, ocorreu. A própria Parapsicologia ainda não encontrou um modelo satisfatório para este fenômeno.

O problema assume maior proporção quando o clarividente afirma perceber outro tipo de realidade que não a física, observando seres que já não pertencem ou que nunca pertenceram ao nosso mundo fenomenal. Naturalmente, o caminho mais cômodo é negar peremptoriamente esta experiência a admitir uma mudança de padrão perceptual capaz de habilitar o homem a conhecer um outro nível da realidade.

A percepção transcendental não ocorre apenas com o MB, mas também com o SHT, ainda que este não se tenha identificado com qualquer pessoa já falecida. A evidência será ainda melhor se o SHT puder identificar-se. Um dos melhores exemplos para este caso foi um tipo de experiência feita pelo Rev. C. Drayton Thomas e denominada de “book test”, contando, para isso, com o concurso de Gladys Osborn Leonard.

Drayton Thomas combinou com o seu falecido pai, como prova de sua sobrevivência, a utilização daquele teste mediante o qual aquele SHT deveria examinar livros que se encontravam dentro de um pacote fechado ou na biblioteca de sua casa. O objetivo da experiência era comprovar que as informações dadas pelo MB não poderiam originar-se da mente de qualquer pessoa, mas, de um SHT.

Os resultados foram surpreendentes. E um dos mais convincentes destes testes ocorreu numa das primeiras sessões de Drayton Thomas com a Sra. Osborn Leonard. Contou Drayton que, certa noite, estava sentado em sua casa, quando ouviu algumas batidas peculiares. Inicialmente, ele pensou que poderiam ser tentativas de seu pai para entrar em contato com ele.

Logo depois de uma sessão com a Sra. Leonard, “Feda”, o seu “guia espiritual”, aludiu espontaneamente ao incidente e afirmou que fora ela quem batera na casa de Drayton. “Feda” trouxe então o pai de Drayton Thomas e este lhe disse que voltasse para casa e procurasse um livro atrás da porta de seu estúdio, na

segunda estante a partir do chão e o quinto livro à esquerda. E informou que, quase no alto da página 17, ele iria encontrar as palavras que indicavam o que "Feda" estava tentando fazer quando deu batidas em seu quarto.

Drayton retornou à sua casa e, seguindo a orientação do seu pai, localizou o livro indicado. O seu autor era Shakespeare e a página indicada continha um trecho de Henrique IV, que dizia: *"Eu não te responderei com palavras, mas com pancadas"*.

O reverendo C. Drayton Thomas passou a explorar vários outros aspectos da mediunidade da Sra. Leonard. Finalmente chegou à conclusão de que o melhor meio de testá-la era separar completamente o cliente do local da sessão. Isso levou-o a implementar o que chamava "sessões de intermediário", nas quais ele se sentava com o MB na ausência do cliente. Ele, então, explicava a "Feda" que estava representando uma pessoa ausente que desejava estabelecer contato com um comunicador específico. Sua esperança era que "Feda" fosse capaz de trazer o SHT desejado mesmo nessas rigorosas condições experimentais. Os resultados combinados das numerosas "sessões de intermediário", realizadas por Drayton Thomas e, posteriormente, pela secretária de Oliver Lodge, demonstraram que este procedimento não prejudicava os resultados. As mais célebres dessas numerosas "sessões de intermediário" foram relatadas pela Sociedade de Pesquisa Psíquica em 1935. Tratava-se de uma série de sessões que o clérigo realizou em nome de um estranho que lhe escrevera. O cavalheiro desejava estabelecer contato com seu neto, que falecera apenas um mês antes.

Drayton Thomas sentia-se cético inicialmente, pois pensava que um SHT tão jovem não conseguiria falar através do MB. Suas dúvidas logo se dissiparam, quando "Bobbie Newlove" foi capaz de comunicar-se com o auxílio dos SHTs que assistiam o MB e, em pouco tempo, enviou ao seu avô uma série de mensagens verídicas. Entre essas mensagens estava a descrição correta de um saleiro em forma de cão que ele possuía em vida, um traje de propagandista que usara certa vez, e mesmo o nome da rua que margeava a sua escola. A mais provocadora mensagem que aquele SHT comunicou referia-se a alguns canos localizados em um terreno perto de sua escola, onde ele, quando menino, gostava de brincar.

Esses canos foram posteriormente encontrados e constatou-se que o menino, em certa ocasião, ficara doente provavelmente por ter bebido água estagnada que escorria deles.

Como ocorre a percepção transcendental, quando o MB afirma ter visitado mundos espirituais e conversado com seus habitantes? Dizer que o MB esteve psiquicamente na RT não tem qualquer sentido em nossa realidade física, embora não exista outro modo de explicar esta experiência. É o mesmo que tentar compreender as vivências oníricas utilizando os referenciais físicos de tempo e espaço.

Igualmente difícil é entender como um AT, que é um ser não-físico, possa perceber o nosso universo sem estar fisicamente presente no mesmo, a não ser no caso de aparição objetiva.

Uma enorme quantidade de experiências insólitas tem demonstrado que uma pessoa, em certas situações especiais, pode perceber o mundo físico, como se estivesse "fora" de seu corpo

Experiência fora do corpo (EFC)

A constatação da ação extracorpórea da mente, embora não seja uma evidência conclusiva da sobrevivência *post-mortem*, é, no entanto, um indício sugestivo da autonomia da mente em relação ao corpo. Esta autonomia, porém, pode ser relativa e acidental e, neste caso, a mente não sobreviveria à morte do corpo. Quando muito, constitui um indício da existência de um fator não-físico no ser humano e que age autonomamente em relação ao corpo, ensejando a especulação de que sobreviva à morte do organismo. Esta autonomia, porém, pode ser apenas funcional e não essencial. Ou seja, embora a mente exerça uma atividade extracorpórea, ela pode sucumbir com a morte do corpo. Por isso, acatamos, com reserva, a opinião de Scott Rogo, quando argumenta:

*“Parece-me lógico concluir que, se a mente humana pode funcionar afastada do corpo por um tempo limitado, poderia ser capaz de funcionar independente dele **permanentemente**.”*

A nossa imagem pode ser transmitida a qualquer parte do nosso planeta, aparecendo nas telas de todos os televisores ligados ao canal transmissor. Mas a nossa consciência não acompanha as nossas imagens. Ela permanece ligada a sua sede orgânica, que constitui a fonte das imagens do nosso corpo. Na EFC, ao contrário, a consciência não se encontra no corpo físico, mas em outra região do espaço.

Nossas imagens falantes e moventes podem ficar gravadas em películas fotográficas, em fitas de vídeo e em CDs. E reproduzir-nos quando quisermos, ou quando outros quiserem e, ainda, serem copiadas indefinidamente. Mas, a nossa consciência não está lá.

Podemos, pois, armazenar seqüências de nossas imagens num meio eletrônico ou magnético, mas não a nossa consciência.

Refletindo sobre a ficção científica da teletransportação, Roger Penrose questiona se o processo de transmissão de todos os dados do homem teletransportado, agora totalmente reproduzido em outro local, não teria, como conseqüência, acarretar a morte do corpo de onde a consciência se transferiu. Ou seja, a transferência da consciência para um novo corpo, constituído a partir dos dados obtidos do corpo que a sediava, poderia resultar na morte deste, desprovido, a partir de agora, de seu fator de agregação.

O que importa saber é se a nossa consciência pode transferir-se de um corpo para outro que ela gerou ou já possuía em outro nível da realidade. No caso da EFC, este corpo gerado no nosso universo físico seria, no entanto, provisório, pois, de certo modo, a consciência continua ligada ao seu corpo físico original.

Há aqueles que se especializaram em viagens psíquicas por outros níveis da consciência ou por universos ditos espirituais. Embora a descrição destas experiências nem sempre coincidam em seus detalhes, são, no entanto, impressionantemente semelhantes em seus aspectos gerais, o que permite a elaboração de um padrão fenomenológico significativo.

Se a consciência sobrevive à morte do corpo, como será esta consciência definitivamente desvinculada do organismo e, por conseguinte, do contexto tempo-espacial? Parece-nos deva existir uma mudança na consciência sobrevivente a partir do momento em que ela perde os parâmetros e os referenciais da vida física e

social. É possível que, inicialmente, a consciência sobrevivente consiga reter as características de sua personalidade falecida, mas gradativamente começa a mudar a sua natureza.

As EFCs não podem dar-nos informação sobre a consciência desvinculada do corpo físico, porque estas experiências dizem respeito à consciência ainda ligada ao organismo, embora operacionalmente “fora” dele. Neste aspecto, elas se assemelham a outros tipos de consciência, como a do sonho, a da hipnose e a das drogas.

Quem percebe “fora” do corpo?

Há pessoas que se vêem como se estivessem “fora” do corpo, percebendo o que está ocorrendo ao seu redor ou em outros locais. Neste último caso, eles podem ou não ser percebidos pelas pessoas que ali se encontram. Há testemunhos sobre a presença de santos da Igreja em dois lugares simultaneamente. No Catolicismo, este fenômeno tem o nome de *bilocação* e referências a este fenômeno são encontradas nos processos de canonização de vários santos.

No dia 22 de setembro de 1774, estava Santo Afonso de Liguori meditando e jejuando em sua cela, no Palácio de Santa Ágata, em Arezzo, Itália, quando se ergueu e anunciou aos seus companheiros que o papa Clemente XIV acabara de morrer. A notícia foi recebida com incredulidade, pois Roma estava a um dia de viagem e Santo Afonso não se afastara de sua cela. Mas, logo depois, chegou a confirmação do fato e também a informação de que Santo Afonso fora visto ao lado da cama do pontífice moribundo, orando com as pessoas presentes.

Conta-se que São Martinho de Porres apareceu muitas vezes à cabeceira de enfermos, trazendo-lhes remédios e lhe dizendo palavras de conforto, quando se encontrava fisicamente em outro local.

Famosas foram as bilocações de Sórora Maria Coronel de Agreda e da mística Teresa Higginson, as quais aparentemente levavam consigo objetos religiosos quando se transportavam para onde desejavam.

Do Padre Pio fala-se que, por diversas vezes, deixou traços físicos de suas bilocações nos locais onde esteve. Comenta-se que quando o cardeal Mindszenty, da Hungria, estava na prisão, após a revolta comunista de 1956, o Padre Pio foi ter várias vezes com ele, por bilocação, levando-lhe água, vinho e hóstias, assim como auxiliando-o na celebração da missa.

Os casos de EFC são em tão grande número que parecem tratar-se de um fenômeno bastante comum, embora as pessoas relutem em relatá-los.

Podemos formular a hipótese de que esta experiência resulta de um colapso sensorial, no qual o indivíduo, transitoriamente, perde as coordenadas físicas de sua posição no espaço e, numa tentativa instintiva de orientação, situa seu estar em qualquer sítio físico que não o de seu corpo. São os sentidos que nos fornecem a experiência do corpo, ocupando uma área geográfica específica a partir da qual estabelecem a sua relação com o mundo exterior. Quando a sinergia sensorial se caotiza, o indivíduo se experimenta como se estivesse “fora” do corpo.

Podemos também supor que não temos um único padrão sensorial que nos fornece um determinado tipo de realidade. É possível que fatores endógenos e/ou exógenos possam deflagrar mudanças no padrão dito normal ou acionar outros

padrões que nos forneçam novos tipos de realidade. Voltamos, então, à velha postura kantiana, mediante a qual o sujeito é que dá organicidade ao objeto da percepção. Ora, se a realidade que vemos lá fora é produto da nossa organização sensorial, a mudança dos padrões perceptuais cria novas realidades, as quais têm a mesma “materialidade” daquela que nos é dada pela percepção padrão. Se não há realidade “lá fora”, então todos os padrões perceptuais nos enganam, dando-nos a impressão de que vemos algo que, na verdade, é produto da nossa subjetividade ou, quando muito, da nossa intersubjetividade.

A mente, no universo físico, interage com o corpo, parecendo ocupar um lugar no espaço. Mas, pode também interagir com qualquer região do espaço, dando a impressão de que se encontra “fora” do corpo físico. Algumas pessoas afirmaram que, na sua experiência extracorpórea, se perceberam como se fossem uma bola de luz.

Se, nos sonhos, nos vemos com um corpo semelhante ao nosso símile físico, por que na “experiência fora do corpo” não podemos reproduzir a nossa imagem corporal?

Em certo nível de meditação, não mais sentimos nosso corpo, como se a consciência estivesse liberta de qualquer referencial físico.

Desde as fotografias psíquicas ou escotografias de William Mumler e William Hope, revelando a presença de SHTs ao lado das pessoas fotografadas, desde as tentativas do Dr. Hippolyte Baraduc, fotografando a morte de seu filho e, depois, de sua esposa, obtendo formações discutíveis na chapa fotográfica, desde as fotografias de duplos realizadas pelo Coronel Alberto de Rochas, até as tentativas modernas de captar, instrumentalmente, a presença psíquica de Blue Harary, Ingo Swann e Alex Tanous, poucos foram os progressos registrados nesse campo de pesquisa. Não podemos saber se o cérebro pode agir à distância, por meio de uma força ainda desconhecida, ou se é a mente que passa a interagir em outro local do espaço, embora permaneça vinculada ao corpo físico. Mesmo que os instrumentos registrem essa influência ou presença, a questão permanece indefinida. E, finalmente, ainda que fotografias desta presença sejam obtidas, não podemos saber se são imagens produzidas à distância pelo cérebro ou se é a mente impregnando a película fotográfica com a sua imagem corporal. Ademais, a questão de algo sair do corpo é falsa: se a mente é não-física, ela não está encerrada no corpo. Logo, ela não pode sair de onde não está.

O nosso conceito de corpo como invólucro perde a sua validade, pois ele apenas intersecciona uma atividade inteligente, que não é constituída como resultado de seu metabolismo. Se assim o fosse, como este corpo se prorrogaria além de seu território morfológico, agindo à distância sobre outros seres vivos e as coisas materiais?! Poderíamos dizer que ele não age, mas ressoa e, por isso, seu ressoar pode-se dar em qualquer sítio do universo. Assim, o que chamamos de corpo é o sítio habitual da ressonância e, por isso, de maior consistência operacional. Esse ressoar do corpo à distância explicaria os fenômenos de EFC, o que de nada vale para explicar a situação da consciência sitiada ou da consciência ressoada. É a consciência o resultado da ressonância somática ou é o corpo um sistema de ressonâncias gerado pela consciência?

A aparição subjetiva de pessoa viva é, por conseguinte, um fenômeno decorrente de uma alucinação telepática visual ou de uma EFC. Neste último caso,

a pessoa que está passando por uma EFC percebe o que se passa em outro local e sua presença psíquica é também percebida por outra pessoa. Mas, se ela é percebida por mais de uma pessoa, não podemos mais afirmar que se trata de uma aparição subjetiva, mas, sim, de uma aparição objetiva.

Há "viajantes psíquicos" que são levados aos mais diversos níveis da RT e por isso as suas declarações não são coincidentes nos detalhes. Robert Monroe foi um deles.

É a constatação da realidade do SHT que valida a EFC e não a EFC que comprova o SHT. As EFCs são experiências de pessoas vivas: não constituem manifestação do SHT.

Experiência de Quase-Morte (EQM)

O mesmo se diga em relação às experiências de quase-morte ou EQMs visto tratar-se de experiência de pessoa viva. A hipótese do SHT tem por premissa a morte da personalidade e a verificabilidade experimental da *continuidade post-mortem* da consciência. É um evidente paradoxo fazer prova da sobrevivência *post-mortem* em pessoa viva.

Alguém dado por clinicamente morto, volta de novo à vida e, em alguns casos, relata experiências extraordinárias que viveu em outro nível da realidade. O magno problema reside em saber se aquela pessoa estava realmente morta, apesar da constatação da abolição de todos os sinais vitais. A morte clínica é uma morte técnica e, em alguns casos, não se tem certeza absoluta de que uma pessoa estava realmente morta.

P. M. H. Atwater relata dois impressionantes casos em que as pessoas que passaram pela EQM estavam inequivocamente mortas.

“Ouvi alguém afirmar que se nenhum cadáver de verdade reviveu para contar uma Experiência de Quase-Morte, é óbvio que o fenômeno deve ser uma manobra de precaução do cérebro, quando na iminência da morte. Se isto é verdade, como se explica o caso de Ricky Bradshaw, que hoje vive em Staunton, Virgínia?”

Em 1975, o tronco do corpo de Bradshaw foi literalmente partido ao meio, quando ele ficou preso entre dois automóveis que se chocaram no estacionamento de uma mercearia. Apenas sua espinha dorsal e alguns tendões à volta tinham ficado intactos quando os motoristas apavorados pararam com a discussão inútil e decidiram agir. Ele foi levado às pressas para um hospital e declarado morto, e seu corpo foi deixado num canto. Um grupo de estudantes de medicina viu o cadáver e pediu permissão para fazer experiências com ele (o hospital era uma unidade de estudos). Com a nova aquisição deitada como se fosse "um paciente de verdade", os futuros médicos começaram a esticar isso e a colocar aquilo. Depois de uma hora nessa "folia", um dos estudantes percebeu que o monitor do coração, que eles tinham conectado ao corpo "só de brincadeira", começava a registrar impulsos. Preocupados com as condições do equipamento, e não porque achassem que o cadáver tinha ressuscitado, resolveram chamar um superior. O médico reconheceu os sinais - que naquele momento já eram freqüentes - e assumiu. Dois anos e 24 cirurgias mais tarde, o caso de Ricky Bradshaw entrou para a história da medicina nacional. E, como você mesmo adivinhou, ele passou por uma longa

Experiência de Quase-Morte. Durante ela, ele não apenas viu tudo que os estudantes de medicina estavam fazendo no seu corpo, como também visitou outras dimensões da existência e, como "recompensa" por concordar em retornar à vida na Terra, pôde assistir toda a história, do começo ao fim. Esse homem, com certeza, esteve morto de verdade, ou não?

E como explicar o caso de George Rodonaia?

Uma voz comunista dissidente em Tbilisi, Geórgia, Rodonaia foi atropelado duas vezes, em 1976, por um carro dirigido por um membro da KGB (a segunda vez foi para assegurar que não tinha havido falhas na tentativa de assassinato). Foi levado às pressas para o hospital, declarado morto, e seu corpo despachado para o necrotério. Em Tbilisi, os necrotérios não são como nos Estados Unidos. Lá, os corpos são imediatamente congelados quando chegam e mantidos assim, por três dias, antes de ser feita autópsia ou serem dispensados. Depois de três dias, o corpo de Rodonaia foi retirado do congelador e levado para a sala de autópsia. Um grupo de médicos começou a seccionar seu tronco inferior. Quando a lâmina penetrou na sua carne, ele conseguiu abrir os olhos. Um dos médicos, achando que tinha sido mero reflexo, fechou-os imediatamente. Ele abriu os olhos mais uma vez e o médico fechou-os novamente. Quando seus olhos abriram-se pela terceira vez, o médico pulou para trás e deu um grito. Acredite se quiser, um dos próprios tios de Rodonaia era um dos médicos de plantão! No capítulo sobre casos transcendentais, discutirei mais detalhadamente o caso de George Rodonaia, pois é o caso mais extraordinário das Experiências de Quase-Morte na história moderna; além do que sua morte e o estado congelado do seu corpo foram verificados. Não existe nenhuma dúvida. Esse homem esteve morto para valer.

O caso de George Rodonaia desafia todo o campo de estudos sobre Experiência de Quase-Morte e a própria definição deste termo."

A rigor, estes dois casos não podem ser tidos por EQM, pois estas duas pessoas realmente estavam mortas, ressuscitaram e, no período em que estavam mortas, tiveram a oportunidade de conhecer a realidade transcendental e de se lembrarem desta experiência quando retornaram à vida biológica.

Raymond Mood Jr. foi quem primeiro reuniu testemunhos desta experiência a que ele deu o nome de *near death experiences* (experiências na proximidade da morte) ou NDE. Entrevistando pessoas que passaram pela morte clínica aparente, ele observou fatos coincidentes e significativos que, se não sugerem a sobrevivência *post-mortem*, ao menos evidenciam uma espécie de arquétipo do morrer. Isto permitiu a Mood Jr. elaborar um modelo padrão desta experiência, embora as seqüências do processo sejam diversas segundo cada pessoa.

Poderíamos dar explicações psicológicas a algumas fases deste processo. O mergulho num túnel escuro e a saída para um mundo de luz lembrariam a revivescência do momento de nascer, onde a criança se desloca pelo corredor escuro da vagina e é acolhida e amparada por pessoas num ambiente iluminado em relação às trevas onde vivera. O encontro com amigos e parentes falecidos poderia ser uma paródia da presença do médico e assistentes por ocasião do nascimento. Finalmente, a presença de um ser luminoso, irradiando amor e compreensão, simbolizaria a necessidade de proteção ante o impacto do desconhecido.

Seja como for, metáfora ou realidade, muitas pessoas que passaram pela EQM, perderam completamente o medo da morte e começaram a acreditar no amor como o verdadeiro significado da vida. Na verdade, se o preâmbulo do morrer é uma experiência prazerosa, como ficou demonstrada pela quase totalidade das pessoas que passaram por ela, a sua conseqüência natural é a perda ou, no mínimo, a redução do medo de morrer. Porque, na verdade, os que tiveram uma morte clínica a rigor não morreram, não são seres ressuscitados. E esta experiência é tão extremamente gratificante que as pessoas não sentem a mínima vontade de voltar à vida física e de reatar os vínculos afetivos com os seus parentes e amigos. Elas experimentam uma paz profunda, uma felicidade indescritível, resultando num desinteresse e desapego em relação à sua antiga vida terrestre. Isto parece sugerir que o ser sobrevivente não é o mesmo que morreu, mas um novo ser transformado.

Mood Jr. narra um caso impressionante:

“Em Long Island, uma mulher de setenta anos, cega desde os dezoito, foi capaz de descrever, com detalhes vívidos, o que aconteceu, enquanto os médicos tentavam ressuscitá-la de um ataque do coração.

Ela conseguiu dar uma boa descrição dos instrumentos que foram utilizados, e até mesmo de suas cores.

E o mais surpreendente para mim é que a maioria daqueles instrumentos sequer fora concebida na época em que ela ainda podia ver, havia cerca de cinqüenta anos. Além de tudo isso, ela ainda disse ao médico que ele usava um jaleco azul quando começou a ressuscitá-la.”

A Dra. Elizabeth Kübler-Ross recolheu, com o seu grupo, cerca de 20.000 depoimentos de pessoas que passaram por uma EQM ou NDE. A Dra. Helen Wambach experimentou, por duas vezes, a EQM.

Em 1982, o Instituto Gallup realizou uma pesquisa que constatou que 8.000.000 de americanos já haviam passado por esta experiência após a morte clínica ou o coma profundo.

Buscam-se explicações farmacológicas para as EQMs, observando-se que a quetamina e o LSD provocam sensações de saída do corpo e encontro com seres superiores.

Dr. Wilder Penfield descobriu que, estimulando o lobo temporal de alguns pacientes, durante uma cirurgia no cérebro, eles tinham a nítida sensação de estarem deixando seus corpos e, em alguns casos, diziam ouvir música celestial. Embora numerosos pesquisadores tenham constatado que cada elemento da EQM pode ser localizado no lobo temporal direito, a experiência da luz é o único elemento que não foi encontrado naquela região do cérebro.

Melvin Morse e seu grupo começaram a examinar o trabalho de Penfield e descobriram, num texto que data de quarenta anos, uma referência clara às áreas do cérebro que, quando eletricamente estimuladas, produzem uma EFC. Em algumas ocasiões, pacientes na mesa de operações informavam que estavam deixando o corpo físico, quando se estimulava eletricamente a fissura de Silvio, uma área no lobo temporal direito, localizada logo acima da orelha. Quando eram estimuladas as áreas adjacentes da fissura, os pacientes tinham, freqüentemente, a experiência de ver a Deus, de ouvir música celestial, de encontrar amigos e parentes mortos e passar por um retrospecto panorâmico de sua vida.

Será que toda EFC ou EQM resultam da estimulação elétrica da cissura de Sílvio e das áreas adjacentes? Será que aquelas pessoas que, voluntariamente, experimentam uma projeção da consciência aprenderam, empiricamente, a estimular esta área cerebral?

Melvin Morse advertiu que, embora numerosos pesquisadores tenham documentado que cada elemento da EQM – a experiência fora do corpo, a viagem pelo túnel, a visão de parentes mortos, a recapitulação panorâmica da vida, as visões celestes – possa ser localizada no lobo temporal direito, a experiência da luz ainda não foi encontrada em qualquer parte do cérebro.

Acontece, porém, que nos fenômenos espontâneos de EFC, a pessoa não se encontra sob o efeito de qualquer substância administrada ou sob ação de estimulação elétrica do lobo temporal direito do cérebro. Duas experiências semelhantes não resultam necessariamente de uma mesma causa.

Procurou-se demonstrar que a EQM é uma alucinação altamente estruturada, visto que componentes típicos desta experiência são freqüentemente descritos por pessoas que tomaram drogas alucinógenas. Não há dúvida que as alucinações provocadas pela cetamina, sintetizada em 1961 pelos laboratórios Parke-Davis, se assemelham às EQMs.

Uma das evidências em favor da EQM é a de que crianças pequenas, que passaram pela morte clínica e que provavelmente nunca leram nada sobre o assunto, relataram esta experiência da mesma forma que os adultos.

As experiências de paz, serenidade e amor, experimentadas numa EQM, não seriam arquétipos fisiológicos que, embora normalmente inconscientes, afetam nossa vida consciente, sob forma de uma busca pela justiça, pela paz e pelo amor na nossa vida social? O que é inquietante nesta experiência transcendental da nossa fisiologia arquetipal é o sentimento de que se está em casa, no seu mundo, no seu verdadeiro estado de ser, onde o chamado mundo físico ou real se torna cinzento, irreal, indesejável. E o que é mais inquietante ainda: aqueles que voltaram do mundo transcendental ainda não se esqueceram desta experiência e, por isso, mudaram o referencial de suas vidas, passando a valorizar os interesses espirituais.

Esta paz profunda, este sentimento de unidade, esta ausência de medo que ocorre durante as EQMs podem ser explicadas tão-somente pela circulação de endorfinas e encefalinas na corrente sanguínea ou por um hipotético arquétipo de morrer?

Por que as pessoas se sentem tão felizes e, em sua maioria, não querem mais voltar ao corpo? Até mesmo aquelas que preferem voltar, o fazem porque acham que outras pessoas ainda dela precisam.

Por que as pessoas, em EQM, vêem parentes e amigos falecidos mais moços e felizes?

Por que a presença de um ser de luz cheio de bondade e compreensão? Uma prosaica resultante de fosfenos orgânicos? Uma necessidade inconsciente de auto-justificação?

Por que as pessoas, no momento da EQM, embora convictas de que morreram, não se desesperam, mas, ao contrário, se tornam indiferentes à sua morte e invadidas por um sentimento de felicidade e paz? Seria este estado de beatitude a resultante de um processo orgânico, fisiológico ou ainda o efeito compensatório para o nosso ancestral medo de morrer?

As EQMs negativas nos obrigam a refletir sobre a possibilidade de essas experiências resultarem da situação psicológica da pessoa no momento de sua ocorrência. Se o reino dos céus está dentro de nós, segundo o ensinamento evangélico, o reino do inferno também está. A EQM é, assim, um reflexo daquilo que psiquicamente somos. É possível que haja um mundo transcendental coletivo, mas as EQMs só nos fornecem um transcendental pessoal ou uma visão pessoal do transcendental.

Se na maioria dos casos de EQM a extasiante experiência da morte é um produto da nossa atividade endocrinológica, bendita seja a nossa fisiologia que faz da morte um evento extremamente gratificante e, após o nosso retorno, nos torna humanamente melhores e sem medo da morte.

Será que a EQM libera uma substância endógena desconhecida que só é ativada após aquela experiência? Se essa substância realmente existe, ela transforma a morte num acontecimento extraordinariamente gratificante, produzindo alucinações de intensa felicidade. Que bela fraude então a natureza nos preparou! Morrer assim, em pleno porre metafísico, parece uma solução altamente compensadora da vida rotineira que se acabou de perder.

O que é isto que faz com que uma pessoa desista da vida física, deixando-se arrebatado por uma experiência de luz, por uma sensação de onisciência, de plenitude e de paz? Se é produto de uma disfunção cerebral ou da liberação de substâncias endócrinas, benditas sejam esta disfunção e essas substâncias capazes de fabricar uma inusitada felicidade. Em breve, se verdadeira tal explicação, a felicidade poderá ser sintetizada em laboratório e comercializada nas farmácias. Ou prescritas por médicos a doentes terminais para que possam morrer afogados em tanta felicidade.

Incrível esse desprendimento dos laços familiares, das posses terrenas, da própria vida física, contrariando o próprio instinto de sobrevivência.

O que mais impressiona, contudo, é a presença da luz, de uma luz quase pessoa ou ao mesmo tempo pessoa. A luz é a experiência fundamental. Ela é sentida como o conteúdo de tudo, a razão de tudo.

Atente-se para o seguinte: a luz não transmite uma sensação de julgamento, de avaliação de culpa, mas de uma calorosa compreensão. Não há ameaças de danos ou cobranças por ações pecaminosas. A pergunta da luz é uma indução catártica: “O que você fez de sua vida?” O que se segue é o desenrolar de toda a existência do indivíduo como numa projeção cinematográfica, onde ele se coloca na posição de um espectador crítico de todas as suas ações. Então, ele compreende, num vislumbre maiêutico, que tudo aquilo que lhe parecia importante em sua vida não era, na verdade, importante.

Para a maioria das pessoas a ordem é: *“volte, porque seu tempo ainda não terminou”*. Na quase totalidade dos casos, elas relutam em voltar e só o fazem a contragosto, pois sentem profundamente que aquela é a verdadeira vida. E para um pequeno número de pessoas, dá-se-lhes a opção: *“a decisão é sua de ficar ou voltar”*.

Além de um ser ou seres de luz, há também cidades de luz.

Afirma-se que os anjos são seres de luz e que irradiam um amor que está muito acima da experiência humana. Serão eles que aparecem nas EQMs?

O amor a tudo, o conhecimento de tudo e a luz em tudo são as causas transcendentais da transformação radical por que passam aqueles que vivenciaram uma EQM. Quase todos afirmaram que perderam o interesse pelas pessoas e coisas da vida material. Prefeririam, ao invés, não mais retornar à vida física, pois se sentiam intensa e profundamente felizes com a experiência. Isto nos leva à conclusão provisória de que os SHTs, ao menos como regra geral, não têm mais interesse pela vida material, o que evidencia a raridade das comunicações mediúnicas confiavelmente atribuíveis a eles. No entanto, comunicações mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, principalmente de jovens falecidos em acidentes, demonstram que eles permanecem, mesmo na condição de SHTs, ainda ligados afetivamente ao seu grupo familiar.

Será que é deleitosa a experiência da morte? Os que passaram pela EQM, quase a unanimidade, disseram que sim. Pouquíssimos tiveram uma experiência dolorosa. Se morrer é tão delicioso, ao menos para a grande maioria das pessoas, então não há porque temer a morte, mesmo que não haja sobrevivência e que esta experiência, por conseguinte, seja passageira.

Comparando as experiências dos pacientes de Wambach com a das pessoas que vivenciaram uma EQM, vê-se que elas afirmam, em sua grande maioria, que a morte é uma experiência agradável.

Elisabeth Kübler-Ross e outros pesquisadores observaram que muitos pacientes mentais, até mesmo aqueles com grave comprometimento cerebral, voltaram à normalidade pouco tempo antes de morrerem. Isto sugere que mente vai recuperando a sua autonomia, à proporção que ela se desvincula do organismo agonizante.

Melvin Morse asseverou que a presença de anjos nas EQMs de adultos oscila entre dez a vinte por cento e, nas de crianças, entre sessenta a setenta por cento, incluindo aquelas sem qualquer treinamento religioso.

Nos casos de experiência fora do corpo ou EFC e de experiência de quase morte ou EQM, as pessoas se vêem "fora" de seu corpo, percebendo o ambiente físico circunjacente e também outras pessoas, ainda que não sejam percebidas por estas. Então, é de se indagar: onde realmente está, quem está "fora" de seu corpo? No universo físico ou no universo transcendental, embora o percebedor tenha a impressão de que se encontra no universo físico?

Psicologicamente, há uma diferença entre a EFC e a EQM.

Em regra geral, na EFC, a pessoa sente que não está morta e prefere voltar ao corpo físico, enquanto que, na EQM, ela sente que está morta e não quer mais voltar à vida física.

As EQMs fornecem farto material para a especulação sobre a realidade transcendental, as quais podem ser confrontadas com os ensinamentos religiosos e as comunicações mediúnicas. Subsídios psicológicos, sociológicos e antropológicos podem aclarar a natureza destas experiências.

Há relatos desta experiência que, embora não verificáveis empiricamente, apresentam uma coincidência significativa, tais como: o encontro com seres de luz, a visão de cidades de luz ou paisagens paradisíacas, um sentimento transcendental do amor e de unidade com todas as coisas, a consciência de um saber universal.

Então se questiona: a realidade transcendental não passa de uma mera projeção psíquica das pessoas ou ela é autônoma, sendo a EQM uma das formas de acessá-la, segundo as peculiaridades de cada pessoa?

Por que a EQM traz, como consequência, a valorização do amor e da responsabilidade? Temos de admitir que, se se trata de alucinação, é uma alucinação benéfica porque torna as pessoas melhores.

Merece reflexão o fato de que os que tiveram uma EQM e experimentaram o sentimento do conhecimento universal não saibam depois expressar esse conhecimento. Parece que o cérebro é impotente para registrar este conhecimento por se tratar de um órgão que funciona na realidade física. Fica a lembrança esgarçada daquele conhecimento, mas não o conhecimento.

Há um conhecimento universal inato ou tudo não passa de um processo alucinatório?

No primeiro caso, a EQM seria um dos modos de confirmar, embora não de adquirir, este conhecimento.

No segundo caso, estaríamos perante um processo alucinatório quase sempre presente na EQM.

Se se fala de um paraíso perdido, a EQM é a confirmação da existência deste paraíso e também a certeza de que ele não está perdido e que, um dia, o recuperaremos.

Atwater advertiu para a distorção que o ego pode produzir depois da EQM, resultando numa orientação existencial inadequada, gerando, na pessoa, a convicção de que ela está seguindo uma orientação divina.

Percepção do processo do morrer

Há uma hipótese de que a morte é um processo rápido ou gradativo de liberação da energia eletromagnética do organismo.

Constatou-se que os organismos agonizantes emitem uma intensa quantidade de energia eletromagnética, ou luz. O físico Janusz Slawinski descobriu que, no processo da morte, os organismos emitem um "grito luminoso" mais de mil vezes maior do que em seu estado de repouso habitual. Esta liberação de poderosa carga de energia eletromagnética é a luz que as pessoas que tiveram uma EQM realmente observam.

Há relatos de pessoas que viram esta luz irradiando das pessoas agonizantes.

É interessante observar as coincidências de relatos de MBs, como o do Juiz Edmonds, William Stainton Moses, Sra. Joy Snell e também de SHTs, nas comunicações mediúnicas, sobre o processo do desencarne.

Cognição transcendental

Há ocasiões em que uma pessoa apresenta conhecimentos e aptidões que não foram resultantes de aprendizado prévio. Como esses fenômenos não são explicáveis pela telepatia e pela clarividência, demos-lhes o nome de criptomnésia, argumentando tratar-se de uma fonte interna do conhecimento paranormal. Estes fenômenos são a memória extracerebral, a xenoglossia e os que denominamos de criatividade psi. Acontece que a Parapsicologia ainda não possui uma hipótese

científica para explicá-los, cingindo-se a afirmação vaga de que se trata de aptidões extraordinárias do inconsciente. Esta fragilidade explicativa permite que possamos especular sobre a possibilidade de que tais fenômenos possam ser atribuídos a fatores não localizáveis na vida atual do AP e/ou a interferência de um SHT.

Memória extracerebral

A memória extracerebral consiste no conhecimento que uma pessoa, geralmente uma criança na faixa etária de dois a oito anos, apresenta da vida de alguém já falecido e que ela afirma ter sido em vida anterior. Neste caso, teríamos de admitir a existência de uma memória extracerebral ou mesmo transcendental, superposta, embora em outro nível fenomênico, à memória física, interagindo com ela em situações especialíssimas.

Inicialmente, porém, devemos investigar o que é a memória no nosso universo físico a fim de que possamos, por analogia, tentar compreendê-la como fenômeno transcendental.

É de fundamental importância questionar se a memória é o registro integral de tudo o que vivemos, desde o nascimento até agora, ou apenas de eventos significativos e emocionais que nos proporcionam um sentimento biográfico.

A experiência tem demonstrado que só nos lembramos com facilidade de eventos significativos, o que não importa na admissão de que tudo o mais foi definitivamente apagado. É possível que isto resulte da circunstância de não termos encontrado o caminho associativo para acessar esses registros mnemônicos.

O que fizemos e do qual não nos lembramos, continua, no entanto, como fato se lembrado por terceiros.

O fato por si só não se mantém. Ele tem de ser sempre passível de evocação, seja pela lembrança das pessoas que o compuseram ou o testemunharam, ou pela sua continuidade como memória social.

A memória é sempre uma construção de fatos reais ou de interpretações de fatos, e de equívocos espontâneos ou intencionais. Tudo isso, afinal, pode harmonizar-se num conjunto biográfico lógico que proporciona ao indivíduo a convicção de sua veracidade.

A rigor, não há apenas o que aconteceu, mas o que cada um pensou que aconteceu.

O esquecimento é uma forma voluntária ou involuntária de apagar o que pensamos que aconteceu, quando sua interpretação originária é causa de sofrimento. Ou se busca simplesmente apagar o seu registro ou se modifica a sua interpretação.

Cada pessoa, portanto, pode refazer continuamente a sua história e, na verdade, o faz, quando adapta certas lembranças do passado às novas exigências existenciais do presente.

Rarissimamente observamos as coisas com atenção. O presente é quase sempre vivido de maneira superficial e fortemente contaminado pela nossa subjetividade. Como podemos, então, lembrar com fidelidade aquilo que foi vivido tão desatentamente?!

A memória não é um ato de fidelidade ao que foi, mas um processo de recriação e reinterpretação para atender as necessidades do presente e manter a ilusão da nossa continuidade psicológica no tempo.

Somos um processo de estados transitórios semelhantes, o que nos dá a ilusão da continuidade do eu.

A nossa memória também são os outros.

A memória se enfraquece pela mesmice, pela rotina. Somente o que é novo é capaz de revitalizá-la, estabelecendo novas associações e desenvolvendo a criatividade. O perigo da repetitividade é nos aprisionar num circuito fechado.

Existe uma relação biunívoca entre o saber e o lembrar? Examinemos a questão sob quatro aspectos:

a) Sabemos que sabemos e nos lembramos do que sabemos.

É uma atividade cognitiva bastante freqüente. Sabemos um determinado endereço e lembramo-nos desse endereço quando o evocamos.

b) Sabemos que sabemos, mas não nos lembramos do que sabemos.

Também é uma atividade cognitiva bastante comum, embora traga certo desconforto ao indivíduo, que sabe que conhece um determinado endereço, mas não consegue lembrar-se dele no momento em que o evoca.

c) Sabemos que não sabemos de fatos e coisas que não fazem parte de nossa experiência.

Este é o princípio aristotélico do conhecimento: nada está no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos. Logo, o que sabemos, sabemos; e o que não sabemos, não sabemos.

d) Sabemos que não sabemos e, no entanto, sabemos.

Trata-se, aqui, de uma atividade gnosiológica *sui generis* e que conflita com o princípio aristotélico. Podemos saber o que não aprendemos por nossa atividade racional ou através dos sentidos, mas sim mediante uma experiência de telepatia, clarividência ou criptomnésia. Então, sabemos determinadas coisas que não sabemos que as sabemos. A dificuldade consiste em determinar, em cada caso específico, o conhecimento obtido por meio paranormal.

É a nossa memória constituída apenas por nossas experiências pessoais ou também formada de lembranças alheias, seja por aquisição genética ou telepática? Há crianças que afirmam ter sido pessoas falecidas que jamais conheceram, e o que dizem, sentem, falam e gesticulam corresponde à personalidade das pessoas que acreditam ter sido em vidas anteriores. Algumas, inclusive, apresentam sinais ou marcas de nascença nas regiões anatômicas correspondentes aos então existentes no corpo daquelas pessoas falecidas.

Indícios de reencarnação ou dramatização do inconsciente?

Se se trata de reencarnação, temos de convir sobre a necessidade de mudar a semântica do vocábulo. A reencarnação é um reprocessamento ontológico, porque o ser emergente da morte não é o mesmo ser que acreditava em sobreviver. A reencarnação não é o retorno de quem morreu, mas uma forma reprocessada do ser que já foi. Assim, se não há ser que sobrevive, não há ser que reencarne, pois o ser, na verdade, não é um estado, mas um fluxo em permanente reprocessamento de seus estados.

Ken Wilber assim se pronuncia:

“No entanto, o problema não é tão sério quanto poderia a princípio parecer pois a doutrina da reencarnação, tal como é apresentada pelas grandes tradições místicas, é uma noção bastante específica: Ela não significa que a mente viaja ao longo de vidas sucessivas e que, por conseguinte, em condições especiais - como, por exemplo, sob hipnose - a mente pode recordar todas as suas vidas passadas. Pelo contrário, é a alma, e não a mente, que transmigra. Portanto, o fato de não se poder provar a reencarnação fazendo-se apelo às lembranças de vidas passadas é exatamente o que se poderia esperar: lembranças específicas, idéias, conhecimentos, e assim por diante pertencem à mente e não transmigram. Tudo isso é deixado para trás, juntamente com o corpo, por ocasião da morte. Talvez algumas poucas lembranças específicas consigam se insinuar de vez em quando, como nos casos registrados pelo Professor Ian Stevenson e por outros, mas esses casos constituiriam antes a exceção que a regra. O que transmigra é a alma, e esta não é um conjunto de lembranças, de idéias ou de crenças.”

Pietro Ubaldi viu na reencarnação o resultado de um processo evolutivo da natureza, visando a conservação de suas próprias conquistas. E argumentou:

“Ora, diz-nos a lógica que, sem reencarnação, a conservação dos maiores valores da vida é impossível, porque lhes falta o fio condutor da evolução.”

Em entrevista concedida a Patrick Drouot, a falecida psicóloga clínica Helen Wambach afirmou ter hipnotizado de seis a sete mil pessoas durante sessões de grupo entre americanos, canadenses e ingleses e que 90% delas conseguiram relembrar vidas passadas.

A conservação da informação, apesar da morte das células, é o que permite a sua transmissão às novas células que são formadas. É essa informação que reencarna nas novas células e mantém a continuidade do organismo.

Durante uma vida inteira, mesmo muito longa, lembranças nítidas da infância, da adolescência e da maturidade se conservam incólumes num organismo às vezes senil, através de um grande número de multiplicações celulares. Questiona-se, então: a conservação mnemônica só acontece enquanto o organismo está vivo, ou, por ser a informação algo não-físico, pode prosseguir além da morte do corpo, onde "reencarnou" celularmente inúmeras vezes?

As pesquisas realizadas por H. N. Banerjee, Ian Stevenson, Helen Wambach, Brian L. Weiss, Roger J. Woolger e Patrick Drouot, entre outros, sugerem que, ao menos parte da memória de uma pessoa falecida, pode "reencarnar", ou melhor, recorporificar-se na existência física.

Informa Patric Drouot que alguns médicos americanos, trabalhando certas regiões musculares de um paciente, provoca neles um fluxo de lembranças, freqüentemente fragmentárias, de suas vidas passadas. E esclarece que este fato começa a ser observado por certo número de osteopatas franceses e canadenses com os quais trabalhou.

Segundo Drouot, a garantia da autenticidade da recordação das vidas anteriores não está no grau de veracidade das informações objetivas que fornece, mas na carga emocional que comporta, pois toda lembrança surgida do inconsciente está carregada de enorme carga emocional.

Ele diz acreditar na existência de vidas anteriores, mas pensa que as lembranças que se exprimem em estado de expansão de consciência são uma

espécie de colcha de retalhos de diferentes materiais: de uma parte, traços de acontecimentos que efetivamente ocorreram; de outra, tentativas do inconsciente para resolver seus conflitos internos em nível simbólico, arquetípico, como acontece nos sonhos.

Esta observação de Drouot confirma o nosso ponto de vista de que o ser reencarnado é sempre um novo ser, uma síntese provisória de tudo quanto ele foi em vidas pretéritas, pois tudo o que somos é essencialmente um processo em permanente mudança, porque o ser, fenomenalmente, é o seu fluir. Tudo está passando e cada ser é o momento do seu passar. O que chamamos "carma" nada mais é do que resíduos do que fomos e que, a nível inconsciente, influem no ser que agora somos. Embora não determinem nossas escolhas, inclina-nos, com maior ou menor intensidade, a fazer escolhas.

O que podemos especular é se esta memória, agora sem corpo físico, fica vagando em algum nível da realidade até se incorporar num outro organismo. Se assim o é, em que momento esta incorporação acontece? Durante a fecundação? Em alguma fase do desenvolvimento embrionário? Por ocasião do nascimento?

Nessa hipótese, a incorporação mnemônica a outro organismo é o que se denomina de reencarnação e se torna responsável pelo surgimento de lembranças, de sinais de nascença, de defeitos congênitos, de fobias, tendências e habilidades não aprendidas. Porém, a memória reencarnante, com o curso do tempo, se transforma, em virtude de suas novas experiências, em outra individualidade, formando um novo núcleo mnemônico ou "espírito". Assim, se o ser que morreu não é o mesmo que sobreviveu, o ser reencarnante não é o mesmo ser que morreu e cuja memória naquele prosseguiu.

É possível, porém, que essa memória sem corpo seja assimilada psiquicamente por uma criança, dias, meses ou anos depois de nascida e ela passe a ter lembranças de uma pessoa já falecida e que ela jamais conheceu. Seria isso uma reencarnação?

Se o que chamamos de espírito é uma continuidade mnemônica sempre em transformação e se a memória permanece incólume após a morte do organismo com o qual interagiu, chegamos à conclusão de que o SHT é um ser diferente daquele ser que morreu, embora possa guardar algumas características deste. Nesse caso, tais características podem persistir e prosseguir no novo corpo físico que o SHT venha a se interconectar, tornando-se um novo homem na realidade física.

Harald Wiesendanger informa que Ian Stevenson, em 1973, recebeu uma contribuição muito importante para os casos de pessoas que apresentam sinais de nascença, relativos a vidas passadas. Diz ele que, num congresso de Parapsicologia realizado nos Estados Unidos da América, o médico turco Rezat Bayer apresentou publicamente mais de 150 casos, por ele cuidadosamente analisados, de pessoas que tinham "sinais de nascença". E, em concordância com as pesquisas de Ian Stevenson, descobriu que esses sinais aparecem, predominantemente, em pessoas que se recordam de mortes violentas em suas vidas passadas.

Raymond A. Moody Jr. conta que, em experiência de regressão, sob a orientação de Diana Denholm, vivenciou nove vidas passadas. E faz considerações sobre a reencarnação, que merecem uma séria reflexão. Diz ele:

"Depois de todo esse trabalho, eu gostaria de poder mostrar algo que fosse uma prova positiva de reencarnação. Mas não posso. Como dizem os filósofos do método científico: "Afirmações extraordinárias exigem provas extraordinárias." No que diz respeito à reencarnação, ninguém até agora forneceu esta prova."

E mais adiante:

"Também devemos ter em mente que a reencarnação - se existe - pode ser muito diferente de como a imaginamos. Talvez mesmo incompreensivelmente diferente."

Por fim, conclui:

"Pessoalmente, minha experiência com vidas passadas mudou o meu sistema de crenças. Não considero mais estas experiências como "esquisitices". Vejo-as agora como eventos normais que podem acontecer com quase todos os que possam ser hipnotizados. No mínimo, são revelações profundas do inconsciente. No máximo, são indícios de uma vida anterior a esta."

Por que fatos extraordinários exigem provas extraordinárias? Os fatos extraordinários existem. Mas o que são essas "provas extraordinárias"? Ademais, qual a prova irrefutável em ciência? Aliás, se for irrefutável, não será científica. Se a prova parece inatacável, suspeita-se do pesquisador. Se a sua honestidade é inquestionável, aventa-se a possibilidade de um equívoco na condução do experimento. Na verdade, a resistência ao fato extraordinário é que explica a exigência paranóica da "prova extraordinária".

Hipnoterapeutas, como o médico alemão Claus H. Bick e o inglês Derek apontam casos de pessoas que recordaram fatos relativos à vida de seus antepassados e defendem a hipótese de que as "vidas passadas" são lembranças herdadas, ou seja, se originam de uma memória ancestral. E o psiquiatra Lipod Szondi defendeu a hipótese de um "inconsciente familiar", situado entre o inconsciente pessoal e o coletivo. Acontece, porém, que na maioria dos casos de lembranças de vidas passadas, a pessoa que o recordante diz ter sido em vida anterior não tem qualquer parentesco com a sua família atual.

Os indícios mais sugestivos de reencarnação são os seguintes:

a) recordações espontâneas, em crianças, de uma vida anterior, cuja pessoa falecida personificada é reconhecida por seus parentes e/ou amigos, principalmente pelas características marcantes de sua personalidade;

b) recordações espontâneas, obtidas por terapias regressivas, de vidas anteriores, com a comprovação histórica dos fatos relatados, desde que constatada a impossibilidade de o recordante conhecê-los;

c) sinais de nascença na mesma região anatômica, coincidentes com os que existiam no corpo da pessoa que o recordante diz ter sido em vida anterior;

d) certas fobias não explicáveis pela vida atual.

A memória extracerebral não é satisfatoriamente explicável pela Parapsicologia e, por isso, é melhor abordada pela hipótese transcendentológica. Neste caso, o FS não é pesquisado num SHT, mas numa pessoa que diz lembrar de uma vida anterior. Isto evidencia que um SHT, ao retornar à vida física como ser humano, pode conservar o FS de sua existência biológica anterior. Não conhecemos, porém, qualquer caso de pessoa que lembre sua existência como SHT ou guarde alguma recordação de sua passagem no mundo transcendental.

Xenoglossia

Podemos definir a xenoglossia como o fenômeno insólito segundo o qual uma pessoa pode, em certas circunstâncias, falar e/ou escrever fluentemente em idioma que não conhece. Nos casos de xenoglossia personificativa, ela se exprime como se fosse uma outra pessoa, a qual, geralmente, pode apresentar-se como um SHT, cujo FS é posteriormente comprovado.

Embora fenômeno raríssimo, a xenoglossia suscita uma gravíssima questão sobre a origem do conhecimento. Se apenas sabemos o que aprendemos, como podemos também saber o que não aprendemos? Pode uma determinada ordem de conhecimento, no caso um idioma, ser herdada geneticamente? Pode ser resultante de uma interação telepática? Pode ser a evidência de uma vida pretérita? Ou pode ser, ainda, a manifestação de um SHT?

Um dos casos mais interessantes de xenoglossia é o de “Lady Nona”, um SHT que se comunicou através de “Rosemary”, pseudônimo de Ivy Beaumont. “Lady Nona” dizia ter sido Telika, esposa do faraó Amenófis III.

O Dr. Frederic Wood e o Prof. Howard Hulme apresentaram o caso, em palestra realizada, em 6 de dezembro de 1935, no International Institute for Psychical Research, em Londres.

Um dos diretores da instituição, o Dr. Nandor Fodor convidou o Dr. Wood para fazer uma gravação com “Lady Nona” com o instrumental do Instituto e a supervisão daquele.

A sessão de gravação ocorreu no dia 4 de maio de 1936 e “Lady Nona” conseguiu gravar uma longa mensagem em egípcio antigo, que ocupou as duas faces do disco.

Por solicitação do Dr. Nandor Fodor, foi realizada, no dia 14 de julho de 1938, uma nova gravação com “Lady Nona”, na sede do Instituto.

A xenoglossia já ocorreu em fenômenos de escrita direta, voz direta e materialização.

Eis o resumo de um interessante caso de xenoglossia com crianças, publicado no “Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery”:

O Dr. Marshall McDuffie, famoso médico nova-iorquino, e sua esposa Wilhelmina, surpreenderam-se ao ouvir seus pequenos gêmeos conversando entre si em língua desconhecida.

Levaram as crianças para o departamento de Lingüística da Universidade de Colúmbia, mas nenhum dos professores presentes conseguiu identificar o idioma que elas falavam. Fortuitamente, um professor de línguas mortas, que passava pelo local, ouviu as crianças conversarem e descobriu que se tratava do aramaico, idioma comum no tempo de Jesus.

Ernesto Bozzano coletou dezenas de casos bem comprovados de xenoglossia, inclusive de línguas mortas, como aramaico e tártaro-persa.

Disse H. N. Banerjee que Alan Lee, de Baltimore, Maryland, quando entrava em estado de transe, escrevia em grego antigo, hebreu, latim, italiano, franco-normando, inglês arcaico e também num idioma que dizia ter sido da Atlântida. Quando Alan passava de uma existência a outra, seus modelos de ondas cerebrais também se modificavam.

Um caso interessantíssimo de xenoglossia ocorreu com Ken Webster, residente perto de Chester, na Inglaterra, onde um personagem histórico, do século XVI, imprimiu comunicações no computador, usando inglês medieval dos séculos XIV a XVI. Este fenômeno ocorreu entre os anos de 1984 e 1985. O personagem principal da comunicação se chamava Thomas Harden e a sua afirmação de que teria vivido na época de Henrique VIII foi comprovada com documentos antigos. Seu nome consta das "Anotações", no Oxford Brasenose College, onde era decano da capela deste Colégio e defensor do Papa.

Admite-se que o fenômeno xenoglóssico não pode ser explicado, por telepatia, entre duas pessoas. Nem também pela telepatia entre um ser humano e um SHT, a não ser que admitamos que o SHT possua, ao menos neste aspecto, poderes superiores ao ser humano. A explicação mais consistente para a xenoglossia é a criptomnésia: a pessoa que passa por esta experiência apenas está recordando um idioma que conheceu em uma de suas vidas passadas.

A xenoglossia não é apenas um fenômeno transcendental subjetivo, mas também objetivo, pois ele também já ocorreu por escrita direta e por voz direta.

Criatividade psi

Há casos em que uma pessoa apresenta conhecimentos e aptidões especiais não aprendidos, falando, escrevendo ou produzindo obras filosóficas, científicas, literárias e artísticas muito acima de sua capacidade intelectual e instrução acadêmica.

Geraldine Cummins, a partir de 1926, psicografou obras atribuídas a Filipe, o Evangelista e Cleofas. O primeiro livro "Os Escritos de Cleofas" suplementa os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de São Paulo. Essas narrativas históricas sobre a Igreja primitiva prosseguiram nos seus dois livros seguintes "Paulo em Atenas" e "Os Grandes Dias de Éfeso". Os seus escritos, por psicografia automática, foram presenciados por eminentes teólogos, que reconheceram o seu mérito, principalmente por ser o MB uma leiga em teologia.

A Sra. Curran ditou, num total de 35 horas, o poema "Telka", contendo aproximadamente 70.000 palavras no idioma anglo-saxônico e atribuído a um pretenso SHT denominado "Patience Worth". O professor Schiller, da Universidade de Oxford, considerou "Telka" um "milagre filológico".

Hudson Tuttle, por psicografia automática, escreveu, entre outros livros, "Arcanos da Natureza", uma monumental obra científica, que ele atribuiu aos SHTs Lamarck e Alexander von Humboldt, entre outros. Este livro foi citado por Theodor Büchner no seu livro "Força e Matéria". Charles Darwin também citou, em seu livro "Descendência do Homem", outra obra de Hudson Tuttle, intitulada "Origem e Antiguidade do Homem Físico". Büchner e Darwin ignoravam que as obras citadas foram produzidas, mediunicamente, por uma pessoa ignorante.

A criatividade psi pode revelar a extraordinária capacidade criativa do psiquismo inconsciente, quando se trata de produções literárias ou artísticas. No entanto, este talento do inconsciente se torna questionável e inconvincente no caso de obras psicográficas, de natureza filosófica ou científica, cujo conteúdo ultrapassa os conhecimentos do psicógrafo. Neste caso, duas hipóteses podem ser aventadas:

ou se trata de uma intervenção telepática de um SHT ou de uma criptomnésia de existência pretérita.

CAPÍTULO IV

FENÔMENOS TRANSCENDENTAIS OBJETIVOS

Ação transcendental

Alguns físicos alegam que a consciência parece ser parte do processo quântico. Assim, no processo de observação, uma pessoa pode exercer um efeito psi-kapa, produzindo uma discreta mudança nas probabilidades de eventos. O observador, de certo modo, ajuda a realidade a ser o que ele pretende ver.

Mudar as probabilidades de eventos é atuar na própria estrutura do real. É organizar a realidade a partir do caos quântico de conformidade com as necessidades e os desejos do observador. Assim, o ato de observar é uma ação inconsciente de criar. O que vemos é o que inconscientemente queremos e assim a realidade é o que inconscientemente queremos e sempre criada em cada ato de observar. A realidade não é apenas como a vejo, mas também como sou. Este ato de criar a partir do universo quântico primariamente me afeta, mas também pode afetar outras pessoas, estabelecendo uma realidade comum entre nós. Na verdade, somos magos cegos, enfeitados pelo próprio feitiço e cuja paranormalidade é a nossa varinha de fazer prodígios.

A “materialidade” do mundo é a nossa percepção. Assim, as propriedades da matéria não passam de constructos perceptuais.

A matéria tem propriedades ou essas propriedades da matéria são criações da mente e, portanto, podem ser modificadas pela mente?

Esse dualismo mente-matéria pode ser falso, produzindo reducionismo em ambos os extremos. Mente e matéria podem ser uma só coisa, embora operacionalmente diversificadas. Mente pode ser o elemento programático da matéria e matéria pode ser mente objetivada. Assim, poderemos propor que toda matéria contém mente e não existe mente sem matéria.

A ação da mente sobre o universo exterior foi comprovada pela experimentação parapsicológica.

Charles Honorton levou Felícia Parise ao Instituto de Parapsicologia da Fundação para a Pesquisa sobre a Natureza do Homem (originalmente o Laboratório Duke de Parapsicologia) e observou que ela era capaz de provocar um tipo de campo de força cujo efeito permanecia no local por cerca de trinta minutos antes de se dissipar.

Helmud Schmidt, utilizando um gerador de números aleatórios, constatou experimentalmente a existência de um fenômeno denominado de micro-pk, ou seja, a ação paranormal da mente sobre o comportamento das partículas.

Experimentos de laboratório têm comprovado que a mente humana tanto pode inibir como promover o crescimento de microorganismos.

Há pessoas que psiquicamente favorecem o crescimento de plantas e outras que produzem o efeito contrário, resultando, em muitos casos, na morte dos vegetais. As crianças são os seres humanos mais afetados por essa energia psíquica.

É evidente que, se a mente humana pode influir sobre os microorganismos, ela é capaz de curar ou enfermar o organismo das pessoas. Os Kahunas realizavam a prece da morte para matar uma determinada pessoa e o conseguia.

Fenômenos insólitos, que ocorrem na presença de certas pessoas, evidenciam uma ação inteligente produzindo, por meios não-físicos, escritos em papeis ou ardósias (escrita direta ou pneumatografia), desenhos ou pinturas em telas em branco (desenho e pintura diretos) e impressão de imagens em películas fotográficas (escotografia). Esta mesma ação inteligente é capaz de movimentar, psiquicamente, objetos físicos (telecinesia), elevar pessoas do solo (levitação), fazer

surgir e/ou desaparecer coisas e seres vivos (metafanismo) e ainda produzir uma diversidade de fenômenos insólitos denominados de "poltergeist".

Embora a Parapsicologia admita que o psiquismo inconsciente seja capaz de realizar estes prodígios, não sabe explicar como ele o faz. Na verdade, sabemos fazer coisas que não aprendemos. O nosso organismo possui um conhecimento inato, não só para lidar consigo mesmo, mas também com o meio ambiente, agindo e reagindo adequadamente às situações decorrentes destas interações. Como estamos acostumados a esta atividade orgânica em situações ordinárias, somos inclinados a estender esta sua competência a situações extraordinárias e, assim, atribuímos ao psiquismo inconsciente a responsabilidade pela manifestação de todos os fenômenos insólitos.

Assim, a questão que se coloca é a seguinte. Se uma pessoa pode, psiquicamente, agir sobre outros seres vivos e a matéria em geral, não poderia um SHT ou um ST obter, do mesmo modo, idêntico resultado? O que é extremamente difícil é determinar quando se trata da ação psíquica de seres humanos ou de ATs.

Postulamos que aqueles fenômenos podem também ser atribuídos a um AT e não exclusivamente a um AP e, por isso, o denominamos de *ação transcendental*.

Escrita direta ou pneumatografia

A escrita direta, um fenômeno insólito praticamente extinto, consistia na impressão de palavras ou frases, num papel em branco, ou nas duas faces internas de uma ardósia.

O Barão de Goldenstube, que foi o seu pioneiro, obteve milhares de comunicações em 20 idiomas diferentes. Vinte e sete testemunhas acompanharam as experiências do Barão, entre elas o Rev. Dale Owen e o Rev. William Stainton Moses, e atestaram a sua veracidade.

Segundo o Dr. Nandor Fodor, escritas diretas foram produzidas nas sessões da Sra. Thomas Everitt numa velocidade de 100 a 150 palavras em cada oito a dez segundos. E William Eglington obteve, por esse meio, respostas às perguntas formuladas pelos presentes, em espanhol, francês e grego.

Epes Sargent presenciou esses fenômenos, na presença de Carlos Watkins e o Rev. Haraldur Nielsson também os observou com Indridi Indridasson.

O Dr. Paul Gibier declara que viu Henry Slade realizar, mais de 500 vezes, esse prodígio em ardósias e sempre à plena luz.

Frank Podmore, em 1876, e os Profs. Friedrich Zöllner, Wilhelm Weber, Gustav Fechner e Scheibner, em 1877, fizeram experiências com Slade e se convenceram da autenticidade dos seus fenômenos.

Nettie Colburn Maynard disse que viu Charles E. Schockle obter uma mensagem assinada pelo falecido General Knox, por escrita direta e à plena luz, no Salão Vermelho da Casa Branca, e na presença do Presidente Lincoln, esposa e convidados especiais.

Mary Marshall, primeira MB profissional inglesa, obteve escrita direta em folhas de vidro cuja superfície era coberta com uma composição de óleo embranquecido e colocadas sob a mesa. Este foi início de um novo fenômeno de escrita direta em lousas.

Fred P. Evans, certa ocasião, recebeu uma escrita na ardósia em doze línguas diferentes.

Nas sessões de "Peixotinho", versos por escrita direta eram assinados pelos SHTs Batuíra, Aracy, "Zé Grosso", e "Scheilla".

Pintura ou desenho diretos

Este fenômeno, também desaparecido, consistia na impressão de desenhos e de pintura de retratos de pessoas falecidas, em uma tela em branco.

Segundo Nandor Fodor, David Duguid se especializou em miniaturas de pinturas a óleo. Elas foram obtidas sob o controle de Jacob Ruisdale e Jan Steen e o fenômeno era obtido na escuridão. Enquanto o MB estava amarrado na cadeira ou seguro pelas mãos, o ruído do movimento dos pincéis era ouvido sobre a mesa. Algumas vezes, um minuto mais tarde, os pincéis ou lápis assim como o quadro caíam sobre a mesa. Em algumas ocasiões, os desenhos eram produzidos em poucos segundos em envelopes fechados ou em folhas de papel dobradas.

E. J. French, a Sra. Guppy I e Helen Smith também apresentaram esse fenômeno.

Os irmãos Campbell obtinham pinturas na escuridão e os críticos que examinaram as suas telas não souberam explicar a técnica de sua execução, dada a inexistência de qualquer vestígio de pincel e de espátula nas mesmas.

Diferentemente dos Campbell, as irmãs Lizzie e May Bangs produziam o fenômeno, à plena luz, no Acampamento Espírita Chesterfield, da Associação dos Espíritas de Indiana e à frente de inúmeras pessoas. As telas em branco começavam, em dado momento, a apresentar cores e imagens e, num tempo aproximado de 22 minutos, surgiam, aos olhos dos espectadores, retratos de pessoas já falecidas, as quais eram, de imediato, reconhecidas por seus amigos ou parentes que ali se encontravam.

As telas eram marcadas previamente para se evitar suspeição de fraude e a pintura ia-se formando lentamente. Em alguns casos, os retratos eram, paranormalmente, retocados a pedido dos assistentes.

É importante salientar que as telas das irmãs Bangs, à semelhança das dos irmãos Campbell, não apresentavam qualquer sinal de pincel na sua feitura.

Elas solicitavam dos presentes que trouxessem fotografias de seus parentes falecidos. As fotos, porém, só eram mostradas depois da pintura dos quadros e, nestes, as pessoas retratadas estavam em pose diferente da das fotografias. Em certos casos, os pormenores, nos retratos, só apareciam quando as telas já se encontravam na residência dos adquirentes.

Havia ocasiões em que um retrato era pintado de um lado e, inesperadamente, mudava de posição.

Certa vez, o vice-almirante W. Osborne Moore, que investigou longamente as irmãs Bangs, inclusive preparando as telas e marcando-as, sugeriu, mentalmente, que um broche de ouro, que já tinha aparecido no retrato, fosse aumentado e decorado com um monograma. A sugestão mental foi aceita e, de imediato, providenciado o acréscimo.

Escotografia

No século passado, nas chapas fotográficas dos chamados *médiuns fotógrafos*, surgiam imagens de pessoas falecidas, e que eram reconhecidas por seus familiares e amigos. Entre eles, destacou-se William Hope, cuja aptidão foi comprovada experimentalmente por Erich John Dingwall, Hereward Carrington e Lindsay Johnson. Hope, em certas ocasiões, nem sequer se aproximava da máquina fotográfica e os pesquisadores traziam suas próprias chapas, batiam as fotografias e eles mesmos se encarregavam da revelação.

Estes fenômenos também foram apresentados por Stanislaw Tomczak, Elisabeth D'Esperance, Guppy II e Thomas Slater.

César Lombroso narrou o seguinte caso:

"Túmulo, em Roma, numa sessão com Politi obteve a fotografia da filha, morta alguns antes. Para evitar qualquer suspeita de truque, ele mesmo adquiriu a placa, apôs-lhe a assinatura que se vê junto à imagem da filha".

Lombroso relatou um caso acontecido com William Stead. Tratava-se de escotografia de pessoa falecida, mas desconhecida de Stead, do fotógrafo e do seu assistente.

Quando Stead sentou-se para ser fotografado, um SHT foi visto ao seu lado pelo fotógrafo, que era clarividente e clariaudiente. A pedido de Stead, o fotógrafo solicitou ao SHT que declinasse sua identidade, e ele disse chamar-se Piet Botha. Revelada a chapa, a imagem aparecida na foto, junto ao ombro de Stead, era de um velho soldado da guerra dos boers.

Terminada a guerra, quando o general Botha chegou de Londres, Stead enviou-lhe a fotografia por intermédio do Sr. Fischer, primeiro ministro de Estado do Orange. No dia seguinte, Stead recebeu a visita do Sr. W. Wessels, que se mostrou maravilhado com a fotografia. A imagem era de seu parente e fora o primeiro comandante boer que sucumbira no assédio de Kimberley. Seu nome era Petrus Botha, mas era chamado, por seus parentes, de Piet. O Sr. Wessels trouxera consigo uma fotografia de Piet Botha, para comprovar a realidade do fenômeno escotográfico.

Horace Leaf conta que, em dezembro de 1936, estava em Nova Iorque e fotografou um grupo formado pelo MB Frank Decker e duas senhoras de sua amizade, todos sentados num sofá. Depois de alguns dias, mandou revelar o filme e, para sua surpresa, as pessoas fotografadas tinham sofrido uma impressionante transformação. Decker apareceu vestido como um cacique e as duas senhoras como esposas índias. E, para tornar a fotografia ainda mais singular, apareceu na foto uma senhora desconhecida e que não se encontrava no grupo.

Quando, meses depois, Leaf mostrou a foto a Decker, este atribuiu a façanha a "Pena Preta", um dos SHTs que mantinham contato com ele.

Em maio de 1916, William Crookes perdeu sua esposa, o que o deixou profundamente abalado.

Pouco tempo depois, Crookes obteve, em Crewe, na presença do "médium fotógrafo" William Hope, uma fotografia espiritual da falecida.

Em carta enviada a Sir Oliver Lodge, durante o mês de dezembro de 1916, Crookes, que também era um fotógrafo experiente, fez os seguintes comentários acerca da fotografia:

"Há muitos anos comecei a investigar a questão das fraudes fotográficas e, a partir das confissões e aquiescências que obtive de embusteiros, familiarizei-me com todos os truques possíveis. No meu caso, em Crewe, a chapa jamais se separou de mim, exceto no minuto em que o Sr. Hope a colocou na câmara e de lá a retirou. Ele não poderia ter feito o que quer que fosse para me enganar. Eu mesmo cuidei da revelação. A fotografia que revelei na chapa não é um fac-símile de qualquer fotografia tirada de minha esposa.

"Alegra-me dizer que a posse desta prova definitiva da sobrevivência fez muito bem ao meu coração."

Os ocultistas asseguram que os pensamentos têm formas específicas ou *formas-pensamentos*, as quais simbolizam sentimentos diversos como o amor, o ódio, a ambição, a inveja, a cólera etc. E também afirmam que certas aparições em casas mal-assombradas não passam de *formas-pensamentos* engendradas por pessoas tragicamente falecidas naqueles locais. Ochorowicz se convenceu de que as imagens psíquicas possuem propriedades actínicas, porque são capazes de impressionar a película fotográfica, como ocorre nos fenômenos de escotografia.

Em certas circunstâncias, o AP pode, voluntariamente, imprimir imagens mentais sobre uma película fotográfica. M. Darget, em 1896, foi o primeiro pesquisador a realizar, com êxito, essa experiência, obtendo as imagens de uma garrafa, de uma bengala e de um grande pássaro.

Em nossos dias, Theodoro ("Ted") Serious produziu, voluntariamente, esse fenômeno e foi investigado pelo Dr. Jule Eisenbud. Ele já obteve escotografias sem o auxílio da câmara. Certa ocasião, Ted se concentrou em direção a uma parede lisa e, às vistas das pessoas presentes, uma imagem ali se formou, perfeitamente nítida, embora de duração efêmera.

Enquanto Ted Serious conseguia realizar suas impressões psíquicas com a objetiva da máquina totalmente aberta, Mazuaki Kiyota, em Tóquio, realiza a mesma proeza, usando, porém, a objetiva fechada. No primeiro caso, as fotos deveriam aparecer totalmente brancas e, no segundo, totalmente pretas.

Na Rússia, Nelya Mikhailova repetiu as mesmas experiências, fazendo aparecer a imagem de um A ou de um O numa película fotográfica.

Não há dúvidas, portanto, de que a matéria pode ser afetada pela presença de certas pessoas e o fator inteligente que nela produz impressões seja a mente inconsciente do AP. Principalmente, porque este fenômeno já foi obtido voluntariamente o que favorece a hipótese parapsicológica e minimiza a transcendentológica.

No entanto, algumas destas impressões psíquicas sobre a matéria podem suscitar indícios da intervenção de um AT, principalmente em relação à produção artística de quadros, sabendo-se que o seu agente humano não possuía esta aptidão. Por outro lado, casos de imagens fotográficas de pessoas desconhecidas e que foram, posteriormente, reconhecidas por pessoas que não se encontravam no local por ocasião do fenômeno, não podem ser razoavelmente explicáveis pela atuação da mente inconsciente do AP.

Podemos, assim, formular a seguinte questão:

A mente, enquanto ligada ao organismo, é capaz de produzir fenômenos de psi-kapa. Em caso de sua sobrevivência *post-mortem*, poderia ela continuar a produzir aqueles fenômenos?

Até o momento, a evidência é que a mente age diretamente sobre a matéria sem se utilizar de qualquer intermediário físico ou energético. Em sendo assim, não poderia o SHT agir também diretamente sobre a matéria, sem necessitar de intermediário, ou seja, de uma pessoa viva?

Mas, se a mente necessita de meio material para exercer esta ação, então o SHT poderia agir sobre o mundo físico: a) influenciando o psiquismo inconsciente do MB; b) extraindo do organismo do MB a energia necessária à realização dessa ação.

Infelizmente estas formas de ação psíquica impressiva sobre a matéria praticamente não mais existem, embora tenham sido substituídas por uma modalidade mais complexa e personificativa denominada transcomunicação instrumental ou TCI.

Telecinesia

A telecinesia é um dos fenômenos insólitos mais freqüentes. Muitos MBs o produziram e apenas pequeníssimo número de APs o obtiveram voluntariamente. Contudo, as telecinesias voluntárias só ocorrem com pequenos objetos. Telecinesias de móveis pesados, como pianos, mesas de grande porte, cadeiras, armários quase sempre se produzem espontaneamente e, em alguns casos, contra a vontade do MB.

Nettie Colburn Maynard relatou que, no dia 5 de fevereiro de 1863, numa sessão espírita na Casa Branca, cujo MB era a Sra. Belle Miller, um piano começou a se movimentar pela sala. De imediato, o presidente Abraham Lincoln tentou impedir que o piano se elevasse do solo e saltou para cima dele, ficando com as pernas dependuradas de um dos seus lados. Em seguida, mais três pessoas, entre elas o coronel Simon P. Kase fizeram o mesmo. Este peso adicional não impediu que o piano continuasse a se movimentar com o mesmo desembaraço até que as pessoas desistissem de impedir seus movimentos e saíssem de cima dele.

William Crawford descreveu as proezas de uma mesa nas sessões de Kathleen Goligher:

"Os operadores invisíveis parecem ter prazer em convencer crentes e céticos da realidade da força psíquica. O visitante usual é habitualmente convidado a entrar no círculo, a segurar a mesa, imóvel, e a tentar mantê-la quieta. Começa então a luta. Se o executante é dotado de músculos sólidos e firmar todo o seu peso exatamente no centro da mesa, poderá consegui-lo por um instante. Mas, logo, (mais cedo que tarde) a mesa lhe escapa, salta, inclina-se, vira-se e, se a pressão muscular se relaxa, ergue-se acima do solo. Então, poucas pessoas conseguirão fazê-la descer, não obstante os esforços empregados. Após esta luta, volta tranqüilamente ao chão e o visitante é convidado a sentar-se sobre ela. Não se demora muito tempo. Ao cabo de um momento, ergue-se vagarosamente sobre dois pés e o faz escorregar para o chão. Enfim é ele "reconduzido" para fora do círculo por um empurrão violento que o obriga a retirar-se."

William Barret, por sua vez, relatou a sua peleja contra a mesa levitada, numa sessão a que compareceu, a convite de Crawford, na casa da família Goligher:

"A mesa elevou-se, então, cerca de 45 centímetros e ficou suspensa, perfeitamente nivelada. Fui autorizado a examiná-la e vi claramente que

ninguém lhe tocara e que estava isolada dos assistentes. Tentei pô-la no chão e não consegui, apesar de empregar toda a minha força . Quando me sentei em cima dela, os pés começaram a oscilar. Fui sacudido dum lado e doutro e escorreguei para o chão . A mesa voltou-se sem lhe tocarem e pareceu-nos estar colada ao soalho . Em vão me esforcei para a levantar. Os assistentes mantinham-se de mãos erguidas. E logo que desisti dos meus esforços, a mesa endireitou-se sozinha.”

Albert de Rochas narrou a seguinte telecinesia ocorrida com Daniel Dunglas Home:

"Numa experiência do Dr. Hallole com o médium Home, havia sobre a mesa um copo com duas velas, um lápis e algumas folhas de papel. Tendo-se a mesa elevado com uma inclinação de trinta graus, todos os objetos que se achavam sobre ela conservaram as suas posições, como se estivessem aí colados. Pediram depois aos Espíritos levantassem a mesa com a mesma inclinação, e destacassem dela o lápis, conservando-se o resto em posição fixa. O lápis caiu no chão, e os outros objetos conservaram a sua fixidez. Tornaram a colocar o lápis sobre a mesa e pediram a mesma experiência, mas desta vez para se conservar tudo exceto o copo; o copo escorregou e foi recebido à beira da mesa por um dos assistentes. Em sessão, a mesa ergueu-se sobre um ângulo de 42º; sobre ela achavam-se um jarro de flores, livros e pequenos objetos de ornamentos. Tudo se conservou imóvel como se os objetos estivessem presos nos seus lugares. Numa experiência feita pelo príncipe Luis Napoleão com o médium Home, um candelabro guarnecido de velas acesas passou da posição vertical à horizontal, onde ficou flutuando livremente, continuando as chamas a brilhar em sentido horizontal.”

Em 1903, Eusápia Paladino recebeu um convite, sob forma de repto, do major Alexander Henry Davis, milionário norte-americano, para provar os seus poderes mediúnicos.

Eusápia assentiu em realizar a sessão demonstrativa, concentrou-se, e de suas mãos saíram, à luz do dia, duas longas linhas de matéria branca que tocaram numa mesa grande e pesada, formada, na sua parte inferior, de uma só peça de mármore de Carrara. A mesa começou inicialmente a balançar, moveu-se depois lentamente e, em dado momento, se movimentou rapidamente em direção ao major que olhava, com uma atitude cética, o fenômeno. A mesa alcançou o major e começou a empurrá-lo de encontro a outra mesa de carvalho, que estava atrás dele, com o visível intuito de espremê-lo. O major tentou inutilmente sair da angustiada situação e, não o conseguindo, pediu socorro aos presentes. Quatro homens fortes, criados do major, foram convocados para a tarefa de conter a mesa, porém eles nada conseguiram, pois a força que acionava o móvel parecia cada vez mais forte. Alguém, porém, levou Eusápia, que parecia em transe, até o local onde o major se encontrava imprensado entre as duas mesas. Ela, então, pôs as mãos sobre a mesa agressora e esta, de imediato, começou, lentamente, a recuar até voltar ao lugar de onde viera.

Em outra ocasião, Cesar Lombroso viu quando um móvel, que estava a dois metros de Eusápia, começou a movimentar-se em direção a ela, caminhando como se fosse um paquiderme.

Certa ocasião, William Crookes tentou obter de Daniel Dunglas Home uma mensagem escrita por telecinesia. Ele assim descreveu a experiência:

"Esta manifestação se deu à luz, em meu próprio quarto, e somente em presença de Home e de alguns amigos íntimos. Manifestei o desejo de ser testemunha naquele momento da produção de uma mensagem escrita, assim como, algum tempo antes, ouvira contar por um dos meus amigos. Imediatamente foi-nos dada a comunicação alfabética seguinte: "Tentaremos". Algumas folhas de papel e um lápis foram postos em meio da mesa; então, o lápis elevou-se sobre sua ponta, adiantou-se para o papel com passos inseguros e caiu. Pela terceira vez, tentou, mas sem melhor resultado. Após as três tentativas infrutíferas, uma pequena ripa, que estava a um lado sobre a mesa, arrastou-se para o lápis e elevou-se algumas polegadas acima da mesa; o lápis ergueu-se novamente, e, encostando-se na ripa, tentaram juntos escrever no papel. Depois de haverem tentado três vezes, a ripa abandonou o lápis e voltou ao seu lugar; o lápis tornou a cair no papel, e uma mensagem alfabética nos disse: "Procuramos satisfazer o vosso desejo, mas isto está acima do nosso poder."

Em 1966, o psicólogo britânico Kenneth Batcheldor fundou na Inglaterra um grupo que investigava efeitos "massivos" de psicocinese. Os membros do grupo se sentavam ao redor de uma mesa de madeira, colocavam as mãos esticadas sobre a sua superfície, como se estivessem numa "sessão" espírita. No entanto, eles não partiam do pressuposto de que os SHTs produzissem os fenômenos, mas, sim, de que a mesa se moveria como uma consequência da influência da mente sobre a matéria. Os resultados foram espantosos e, no decorrer dos anos, mesas de vários tamanhos moveram-se e levitaram. Quando o grupo se tornou ainda mais confiante, conseguiu levitar uma pesada mesa de madeira várias vezes, e, certa ocasião, até mesmo um piano.

Para induzir fenômenos de telecinesia e metafanismo, certas condições eram necessárias, como uma forte crença na possibilidade de ocorrência desses fenômenos, pois se observou que o ceticismo inibia o processo. Em algumas ocasiões, o grupo começava a rir, a cantar e conversar animadamente, para evitar pensamentos negativos. Mas, se nada acontecia, Batcheldor simulava propositamente um fenômeno de psi-kapa. Esta estratégia produziu resultados positivos e ocasionou duas ou três telecinesias genuínas. Observou-se que o desenvolvimento de uma mente grupal produzia os melhores resultados com o mínimo de esforço. Todavia, sempre que se introduzia alguma forma de controle ou teste, o efeito diminuía ou mesmo desaparecia. As tentativas de fotografar as telecinesias resultavam na "inutilização" da câmara por alguma força ou produziam "misteriosos defeitos" no aparelho.

Outra experiência desta natureza foi idealizada pelo físico George Owen e sua esposa Iris, em Toronto, Canadá, em 1976. Seu grupo decidiu criar um fantasma, denominado Philip, e criaram para ele uma história completa com detalhes pessoais, nomes de contemporâneos, uma esposa e até uma amante. Ele teria vivido durante a época de Oliver Cromwell, no solar Didington. Para dar maior realismo à história, Owen usou uma casa que ainda existe e mostrou fotografias dela para estimular o grupo.

Seguindo o modelo de Batcheldor, desenvolveu-se uma atmosfera cheia de leveza e de bom humor.

Convencionou-se um código de comunicação, no qual "Philip" revelava sua presença dando uma batida para "sim" e duas para "não". Assim, ele não só respondeu a perguntas sobre sua vida fictícia, mas também corrigiu certas informações errôneas dadas pelo grupo sobre um dos dignitários da corte daquela época.

Depois de certo tempo, "Philip" começou a produzir fenômenos de telecinesia. Quadros se mexiam nas paredes ou caíam no chão e, certa ocasião, uma mesa deslizou pelo chão e subiu algumas escadas.

Lyall Watson disse ter participado de uma dessas sessões em Toronto e observou que "Phillip" produzia fenômenos de psi-kapa, como telecinesia e toribismo. E informou ainda:

"A umas poucas milhas de distância, outro grupo se comunica com Papai Noel; e um terceiro comité de poltergeists conscientes adotou como bode expiatório, nem mais nem menos, o matreiro Dodger de Dickens."

Isto nos leva a cogitar que talvez o companheiro invisível de certas crianças seja, na verdade, um ser psíquico, gerado pela imaginação infantil, principalmente daquelas afetivamente desnutridas e/ou solitárias.

Quatro outros grupos canadenses baseados na experiência "Philip" desenvolveram-se, e um deles também conseguiu produzir levitações.

A Society for Research on Rapport and Telekinesis (SORRAT - Sociedade para Pesquisa em Comunicação Mediúnic e Psicocinese) fundada John G. Neihard, um escritor e poeta bastante conhecido, começou, em 1961, um dos mais importantes experimentos com psicocinese controlada.

As sessões experimentais eram realizados na fazenda de Neihardt, no Missouri, EUA, e constituiu uma das mais longas e exaustivamente documentadas séries contínuas de experiências parapsicológicas sobre as quais o Dr. Thomas Richards fez observações detalhadas durante dezoito anos.

Para evitar a possibilidade de fraudes foi construído um minilaboratório em um espaço semelhante a um aquário, o qual era trancado com cadeados. Os fenômenos ali observados foram telecinesias, metafanismos e toribismos semelhantes a um terremoto na sala de reuniões. Ainda foram visto anéis de couro que se uniam e desuniam, lápis que escreviam sozinhos, objetos que atravessavam a parede de vidro do laboratório e balões que se inflavam sozinhos.

Uma das ocorrências mais insólitas foi a de cartas que, deixadas no laboratório, apareceram em diferentes partes do mundo, apresentando carimbo do correio local, embora tivessem selos de outros países nos envelopes.

Estas sessões de psi-kapa experimental suscitam alguns questionamentos:

a) os pesquisadores teriam criado um ser psíquico, uma réplica ocidental do "tulpa", relatado por Alexandra David Neel, e, a partir de certo momento, este ser adquiriu autonomia, podendo realizar coisas que estavam além das possibilidades dos seres humanos?

b) os pesquisadores, sem o saber, teriam criado condições favoráveis à intervenção de STs, pensando tratar-se de poderes desconhecidos do inconsciente?

Em qualquer dos casos, os pesquisadores, a partir de determinado momento, perderam o controle da experiência e os fenômenos passaram a ser dirigidos por uma força inteligente que demonstrava ostensivamente a sua própria autonomia.

Podemos admitir que toda força gerada é produto de problemas do inconsciente, tais como frustrações, raivas, sentimentos destrutivos, etc? As telecinesias produzidas voluntariamente, à custa de uma grande exaustão física e psíquica do AP, demonstraram o seu reduzido alcance operacional. Logo, ao menos a nível consciente, a vontade do AP está muito aquém dos poderes apresentados pela vontade que direciona as telecinesias de grande porte. Resta ao parapsicólogo argumentar que, a nível inconsciente, a vontade do AP é capaz de produzir tais prodígios, sob o fundamento implícito de que, como ainda não conhecemos os limites do nosso inconsciente, ele pode produzir tudo, como se fosse ilimitado.

Embora não haja uma explicação convincente para atribuir ao AT a agência de alguns fenômenos de telecinesia, não se pode, por isso, descartar esta possibilidade. Enquanto não dimensionarmos os limites do inconsciente, tanto vale, metaforicamente, explicar a telecinesia como produzida pela possível capacidade ilimitada do inconsciente, como pela atuação de um AT.

Levitação

A levitação é uma modalidade de telecinesia porque a ação da mente não se exerce sobre objetos físicos, mas sobre o corpo humano, erguendo-o do solo. Não há qualquer caso confiável de levitação voluntária.

Em 1861, Charles H. Foster, em uma de suas sessões, foi visto levitando juntamente com um piano onde estava tocando.

Cecil Husk, certa vez, foi levantado com a cadeira onde estava sentado fortemente seguro pelos pesquisadores.

William Crookes afirmou que, em três ocasiões diferentes, assistiu à levitação de Daniel Dunglas Home. E assinalou que há, pelo menos, cem casos deste fenômeno ocorridos com aquele MB e observados por um grande número de pessoas.

Catherine Berry, no seu livro “Experiences in Spiritualism” relatou uma levitação conjunta de Frank Herne e Guppy II. Contou que Herne flutuava no ar e sua voz era ouvida perto do teto, enquanto seus pés eram sentidos por diversas pessoas no aposento. A Sra. Guppy, que estava sentada perto dele, foi atingida na cabeça pelos pés de Herne, quando ele desceu para a cadeira. Minutos depois, Herne iniciou nova ascensão e a Sra. Guppy, para prevenir-se, segurou seu braço, mas foi arrastada também para cima e ambos levitaram com as cadeiras onde estavam sentados. Porém, de repente, a porta foi inesperadamente aberta e Herne caiu ao chão, machucando o ombro. A Sra. Guppy, por sua vez, caiu sentada na cadeira, com grande estrondo, sobre a mesa.

Mary J. Hollis (mais tarde, Sra. Hollis-Billing) foi, algumas vezes, levitada até o teto e ali deixou uma marca com um lápis.

As levitações de Eusápia Paladino estão entre aquelas mais bem observadas. Julien Ochorowicz, Ercole Chiaia, César Lombroso, Enrico Morselli e o coronel Eugène Auguste Albert D'Aiglun Rochas deram testemunho da autenticidade dos fatos.

Mais de 70 santos da Igreja levitaram e alguns deles deixaram descrições minuciosas de suas levitações em suas autobiografias, diários íntimos e cartas.

As levitações de São Felipe Neri ocorriam com bastante freqüência, principalmente durante a missa.

São José de Cupertino foi o mais famoso de todos os levitadores cristãos. Certa ocasião, ele foi levitado e arrastou consigo as pessoas que tentavam segurá-lo.

Dom Evilásio Garrone declarou, sob juramento, que testemunhou a levitação de Dom Bosco durante a missa em três diferentes ocasiões.

Experiências recentes demonstraram que um AP pode alterar o nível de energia de uma pequena área do espaço e reordenar a energia livre que normalmente existe em qualquer corpo de ar. Também há indicações de que os APs conseguem extrair pequenas quantidades de energia do ar e redirecioná-las para outros lugares.

É possível que, de certo modo, a mente do AP, durante a levitação, altere fisicamente a área ao seu redor, de modo que as leis da gravidade sejam temporariamente suspensas, ocorrendo então a ausência de peso. Essa teoria pode explicar a extrema leveza do corpo de certos santos e também os casos em que os observadores, na tentativa de impedir a levitação, foram levantados no ar junto com as pessoas levitadas. Este fenômeno ocorreu também com Eglington que, ao levitar, arrastou consigo o mágico Harry Kellar, que segurava a sua mão esquerda.

Gertrude Schmeidler, quando fazia experiências com Ingo Swann, no City College, em Nova York, em 1972, constatou que ele conseguia alterar as leituras de temperatura de pequenos termistores ligados a pedaços de baquelita e grafite simplesmente concentrando-se neles. Verificou, ainda, que cada vez que Swann alterava um termistor havia mudanças correspondentes de temperatura - porém na direção oposta nos espaços de ar próximos a ele, mas não diretamente ao seu redor.

A levitação poderia ainda ser explicada por alguns princípios da física quântica. Richard Mattuck, físico da Universidade de Copenhague, e Evan Harris Walker, físico americano da Universidade John Hopkins, propuseram o que chamam de teoria do "ruído termal" da psicocinese. Eles sugeriram que se poderia fazer com que um objeto físico se movesse por si mesmo, se alguma força, por exemplo a mente humana, pudesse interferir no movimento aleatório das partículas atômicas contidas no seu interior. Todo objeto físico é um agregado de átomos, e todo átomo é uma massa de partículas subatômicas que se projetam em direções aleatórias e a intervalos de tempo também aleatórios. Portanto, se alguma energia conseguisse ordenar essas partículas de tal modo que elas se movessem uniformemente e na mesma direção, o objeto por elas abrangido se moveria na direção correspondente. A levitação então ocorreria, se o processo de ordenamento interferisse de algum modo nos átomos que compõem o corpo humano.

Se estas pessoas levitam por impulsão do inconsciente ou pela intercessão de um AT é uma questão em aberto, o que coloca este fenômeno nas fronteiras do paranormal e do transcendental.

Poltergeist

O "poltergeist" é o mais complexo fenômeno de ação da mente sobre a matéria e apresenta características especiais:

- a) geralmente ocorre na presença de adolescentes, na fase da puberdade;

- b) apresenta uma atividade recorrente, podendo durar dias, meses e, excepcionalmente, alguns anos;
- c) manifesta, na maioria das vezes, uma natureza agressiva, investindo contra o AP e até contra outras pessoas ou, o que é mais freqüente, exercendo uma ação destrutiva sobre objetos materiais.

Procuram os parapsicólogos uma causa psicológica para o “poltergeist”, admitindo tratar-se de uma forma paranormal de catarse para problemas existenciais, de forte conteúdo emocional, e não resolvidos. À luz deste entendimento, podemos metamorfosear problemas em duendes, provocando assombrações e prodígios. Ou transmudar as nossas emoções em fantasmas, demônios e espíritos. O que não sabemos é como esses seres que geramos pareçam dotados de inteligência e vontade autônomas, conhecendo e fazendo coisas que não conhecemos nem fazemos.

O “poltergeist”, na maioria das vezes, age de conformidade com as crenças e as expectativas dos observadores. Ele se apresenta lúdico, caprichoso, travesso, destruidor e cada qual parece ter uma personalidade própria. Ou investe contra determinadas pessoas ou profana e até mesmo destrói objetos sagrados.

Há “poltergeists” que, além de investir contra os observadores, ainda os perseguem em suas residências. Mordem o AP e dão murros ou derrubam outras pessoas. Incendeiam e quebram objetos, fazem brotar água em diversas partes do local onde ocorrem. Jogam pedras contra certas pessoas, parecendo querer feri-las e até matá-las. A pessoa vitimada por um “poltergeist” tipo “possessão” ou demoníaco pode ser levitada do solo, gritar obscenidades, apresentar força sobre-humana, vomitar agulhas e outros materiais e, em alguns casos, falar outras línguas. Os exorcismos são inúteis e o “poltergeist” se torna ainda mais violento.

Lyall Watson acredita que os fenômenos paranormais "parecem enraizados no inconsciente coletivo".

Poderia o "poltergeist" ser produzido por um SHT ou mesmo um ST? Scott Rogo admite que *“alguma porção separada da mente do agente dirige o “poltergeist”, criando um tulpa visível ou invisível, ou tornando-se um, engendrado pela PK.”* Em acordo com Ian Stevenson, ele acredita que o “poltergeist” possa ser manipulado pelos SHTs.

Scott Rogo adverte que os “poltergeist” gostam especialmente de perturbar as vidas das pessoas muito religiosas. Mas será que todas as pessoas religiosas que são atormentadas por “poltergeist” têm terríveis problemas psicológicos? Será que Jean Marie Vianney, o famoso cura de Ars, cuja vida inteira dedicada à caridade, à pobreza, à frugalidade, à contemplação, chegando muitas vezes a flagelar o seu corpo para desviar a sua mente das preocupações mundanas, foi atormentado durante muitos anos por um “poltergeist”, porque, no seu íntimo, estava em profundo conflito consigo mesmo? Este “poltergeist”, que ele pensara ser um demônio ao qual deu o nome “Grappin”, não parava de atormentá-lo e destruía especificamente objetos religiosos. Certa ocasião, chegou a profanar uma imagem da Santa Virgem, representando a Anunciação e que era objeto de grande estimação do padre Vianney, cobrindo-as todas as noites com lama e sujeira. Será que era o inconsciente do padre que, ambivalentemente, destruía os objetos de seu culto? Será que a sua santidade, na verdade, não passava de mera compensação para apaziguar o seu tormento intrínseco, agredindo satanicamente os objetos

sagrados de sua religião? Estaria o padre Vianney, de forma inconsciente, testando estoicamente a sua fé ou existiria um elemento externo transcendental que produzia todos esses longos dissabores àquele sacerdote? Parece-nos evidente que há casos em que a explicação psicológica se revela insatisfatória como causa deflagradora da manifestação do “poltergeist”.

Curas transcendentais

As curas transcendentais, também conhecidas como "curas milagrosas" são uma fortíssima evidência da intervenção de um AT no universo físico.

Em 1974, uma criança, que nascera sem pupilas nos olhos, foi levada ao mosteiro do Padre Pio para que ele a abençoasse. O Padre Pio esfregou os olhos da criança e ela, de imediato, começou a ver, apesar de continuar sem as pupilas.

A gruta de Lourdes, na França, é o mais famoso santuário de curas do mundo católico. Ali, as curas são obtidas sem a presença de um intermediário humano.

Ao contrário das curas transcendentais, as cirurgias ditas mediúnicas são imprestáveis à pesquisa do SHT, porque, até o momento, nenhum “cirurgião espiritual” forneceu evidências de sua existência terrena suscetíveis de investigação e comprovação. Além disso, os seus procedimentos médicos não convencionais têm demonstrado um conhecimento técnico inferior ao estágio atual da Medicina.

Essas cirurgias deveriam ser feitas sem utilização de qualquer instrumento material e seguida de comprovação médica atestando o desaparecimento da lesão ou remoção do órgão afetado. No entanto, é admissível que o AP poderia, por psi-kapa, realizar esta façanha sem necessidade da intervenção de um SHT.

A hipótese transcendentológica só seria viável no caso de a cirurgia ser realizada por aparição objetiva do próprio SHT, o qual poderia utilizar-se dos meios físicos que melhor lhe aprouvesse.

Metafanismo

O metafanismo, mais conhecido como transporte, é um dos mais fascinantes dos fenômenos insólitos. Objetos, plantas, animais e até pessoas são transportadas de um local para outro, próximo ou distante, sem se deslocar visivelmente no espaço e atravessando qualquer obstáculo material.

Na presença de Agnes Nichol (depois Sra. Samuel Guppy II) ocorreram, centenas de vezes, metafanismo de frutas e flores. Os pedidos dos assistentes quase sempre eram atendidos. Enguias e lagostas vivas, não raramente, eram transportadas para o recinto das sessões. Mais tarde, os metafanismos começaram a ocorrer à plena luz. Certa ocasião, um gato e um cão maltês da Sra. Guppy II apareceram numa sessão que ela realizava na residência da Sra. Berry.

O metafanismo de pessoas, porém, é o mais impressionante de todos.

Em 3 de junho de 1871, a Sra. Guppy II foi transportada, enquanto dormia, de sua casa para o local onde se realizava uma sessão, da qual participavam os MBs Frank Herne e Charles William e mais oito pessoas, numa distância de três milhas. O agente do fenômeno atendera prontamente a um pedido que lhe fora feito para realizar aquela façanha, um tanto constrangedora para a Sra. Guppy, que se viu, de

repente, em roupas de dormir, no meio de uma mesa onde seu corpo caíra e na presença de tantas testemunhas. Refeita do choque, a Sra. Guppy participou do restante da reunião, pois os seus sapatos, chapéu e roupas foram, em seguida, transportados também para aquele recinto.

Veja-se que o agente do fenômeno não fora a Sra. Guppy, a não ser que se argumente que, por telepatia ou clarividência, ela tomasse conhecimento daquela sessão, influenciando psiquicamente sobre o inconsciente de um dos assistentes para que ele formulasse o pedido de sua presença naquele local. Então, o inconsciente da Sra. Guppy providenciou seu transporte e, posteriormente, o de seu vestuário.

Seria o inconsciente daquele que formulou o pedido a causa do metafanismo, ou, seria o inconsciente da Sra. Guppy, que assim procedeu para atender à solicitação que fora feita?

Em 16 de maio de 1878, William Eglington passou por uma experiência de metafanismo, na residência da Sra. Makdougall Gregory, sendo transportado, através do teto, para o aposento do andar superior.

Thomaz Green Morton, em 1982, viajava com um grupo de amigos, de Brasília para a fazenda do general Uchoa. Por volta das 3 horas da tarde, a caravana se deteve numa parada de caminhões e Thomaz foi comprar cigarro numa lanchonete. Como demorasse além do esperado, duas pessoas do grupo foram procurá-lo e não o encontrando, indagaram dos funcionários se haviam visto uma pessoa do tipo que descreveram. Como se tratasse de um local pequeno, de logo se constatou que Thomaz tinha desaparecido. Depois de contatar com o general Uchoa por telefone, dando conta do ocorrido, a caravana prosseguiu para a fazenda, ali chegando por volta das 6 horas da noite. E, para surpresa de todos, lá estava Thomaz conversando animadamente com o caseiro. Quando perguntaram à mulher do caseiro há quanto tempo Thomaz tinha chegado à fazenda, ela informou que fora um pouco mais das três horas e aparentava estar confuso, indagando se ali era a casa do General Uchoa. Thomaz só se lembrava de haver entrado na lanchonete e, de repente, se ver em frente de uma casa onde nunca estivera antes.

Num encontro que tivemos com Thomaz, no dia 18 de dezembro de 1998, intermediado pelo nosso amigo, Dr. Perseu Lemos e no consultório deste, indagamos sobre o que ele sentiu ou percebeu no momento do seu metafanismo e ele nos respondeu que não teve a mínima consciência do que estava ocorrendo.

Quem metafanizou Thomaz? O seu desejo inconsciente de chegar mais rápido à fazenda do general Uchoa? Ou um ST?

A matéria é uma relação entre coisas e seres de um mesmo nível. A materialidade de um ser ou de uma coisa é relativa ao nível da realidade em que ele ou ela se encontra. No caso do metafanismo – seja de coisas materiais, seja de seres vivos – o que se questiona é como a matéria atravessa a matéria. Pode-se especular que a coisa ou ser que atravessou um meio material se encontrava em outro nível fenomenológico e, portanto, estava despojado transitoriamente de sua materialidade em relação ao meio físico que atravessou. Como, porém, uma coisa ou ser perde a sua materialidade e a readquire depois? Qual o mecanismo deste fenômeno e o que ou quem o produziu?

É de se convir, ainda, que a materialidade em nosso universo físico também é constituída de níveis que interagem entre si, como é o caso da água em seus estados sólido, líquido e gasoso.

Os seres ou as coisas transportados de um local para outro, atravessando ambientes fechados, estariam, talvez, num outro estado da matéria, somente perceptível em situações excepcionais, visto que há casos episódicos em que os objetos transportados foram observados antes que se tornassem visíveis e sólidos. Observou-se, em alguns casos, que estes objetos estavam aquecidos, como se houvessem passado por uma reação química ou física.

Podemos postular especulativamente que a realidade é uma substância em infinitos níveis de manifestações e que cada um desses níveis possui a sua própria materialidade. Os níveis mais próximos entre si interagem mutuamente, variando a intensidade de ação recíproca em razão da sua proximidade. À medida, porém, que esses níveis estejam cada vez mais distantes, essa relação tende cada vez mais a diminuir até não mais existir. Por isso, o SHT só existirá para nós enquanto puder interagir com o nosso nível de materialidade. E a pesquisa sobre ele não poderá ir além desse nível. Se há SHTs que transcendem este nível não sabemos e talvez jamais possamos saber.

A Parapsicologia entende que o metafanismo é causado pelo inconsciente do AP. Porém, não explica como ele o produz e nem como o ser humano pode conhecer leis que são incompatíveis com o nosso universo físico. Afirmar que o inconsciente sabe tudo é tão metafísico como afirmar que os SHTs e STs produzem este fenômeno.

Também fica inexplicado como estes objetos desaparecem, por onde transitam de um lugar para outro ou onde permanecem enquanto não reaparecem. Atribuir estes fenômenos à ação de um SHT também não ajuda muito o deslinde da questão. Trata-se, na verdade, de um SHT ou de um ST? Como sabemos que os ATs que se dizem "espíritos dos mortos" são realmente o que dizem? O que podemos, no máximo, admitir é que se trata de ATs e registrar, com ressalva, tudo o que nos disserem a seu respeito.

A Igreja prega que seres demoníacos podem fazer-se passar por "espíritos dos mortos". O Espiritismo reconhece que os espíritos podem nos enganar ou que apenas exprimem suas opiniões pessoais. Logo, de um modo ou de outro, os ATs não nos dão garantia de que são o que dizem ser.

Ernesto Bozzano chamou a atenção para a relação existente entre o metafanismo de objetos e os ditames da ética, argumentando que *"se a gênese dos fenômenos de "transporte" fosse puramente anímica, os tesouros dos escrínios alheios deveriam ser transportados aos pés dos experimentadores que os desejassem"*. E concluiu que *"se semelhante portento, embora desejadíssimo por bom número de médiuns e experimentadores, ainda não se produziu nunca e nunca se realizará na prática, como explicar as severas restrições de ordem moral que governam os "transportes", sem exorbitar da hipótese anímica?"*

Comunicação transcendental objetiva

A comunicação personificativa objetiva é o fenômeno insólito que consiste numa interação física entre um possível AT e os seres humanos sem a participação intelectual de um MB. Ele são de três modalidades: voz direta, aparição objetiva e transcomunicação instrumental.

Voz direta ou pneumatofonia

Esse fenômeno consistia no aparecimento de vozes ou, em casos raríssimos, de música no ambiente onde se realizavam as sessões experimentais, sem que se pudesse localizar a sua fonte física. Alguns pesquisadores tentaram explicá-lo pela ventriloquia inconsciente do AP, embora não se saiba de qualquer ventríloquo que o tenha reproduzido ou mesmo tentado.

Fenômenos de voz direta foram obtidos, a partir de 1867, por intermédio de Mary Marshall.

Nas sessões de Elizabeth Blake, os fenômenos ocorriam geralmente à plena luz, o que levou James Hyslop a convencer-se da sua autenticidade.

A técnica de Elizabeth era original. Ela usava uma trombeta dupla, com dois pés de comprimento, colocava a parte menor em seu ouvido e a parte maior no ouvido de um dos assistentes e a voz era ouvida como se viesse do ouvido da MB. Se ela cobria a parte menor da trombeta com a palma de sua mão, o resultado era o mesmo. As vozes começavam com sussurros e alcançavam um som tão alto que podiam ser ouvidas a uma distância de alguns metros.

Em 1906, dois experientes prestidigitadores, David P. Abbott, da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, e E. A. Parsons admitiram que este fenômeno comprovava a identidade dos SHTs comunicantes.

Nas sessões do nobre italiano Marquês Carlo Centurione Scotto, as vozes falavam em três línguas - Latim, Espanhol e Alemão - e em cinco dialetos - Piemontês, Romanolo, Napolitano, Venezuelano e Siciliano - que ele desconhecia.

Denis Bradley contou que, nas sessões de George Valiantine, as vozes paranormais falavam nos dialetos vasconço, irlandês e galês. E disse ainda que o Sr. Caradoc Evans conversou, em dialeto galês, com o seu falecido pai, o qual lhe forneceu provas convincentes de sua identidade.

Cecil Husk também apresentou fenômenos de voz direta em muitos idiomas.

Nas sessões de Mary Hollis (Sra. Hollis-Billing), que eram realizadas na obscuridade, cerca de trinta e quatro vozes se fizeram escutar numa certa ocasião.

J. Arthur Findlay, pesquisando com John Sloan, constatou que, quando as condições eram propícias, se ouviam cerca de trinta a quarenta vozes a falar com os assistentes. Sloan não utilizava a cabina e os fenômenos de voz direta se produziam através de uma trombeta.

Em certas ocasiões, nas sessões de Valiantine e de Sloan, várias vozes paranormais falavam simultaneamente com as pessoas presentes.

Convincentes fenômenos de voz direta também ocorreram na presença de Gladys Osborne Leonard. As pessoas podiam ouvir, na sala de sessões, uma terceira voz que freqüentemente sussurrava informações para "Feda", o guia espiritual da MB e que controlava diretamente a sua fala. Essa voz era, às vezes, muito alta e foi freqüentemente registrada por um gravador de fita, instrumento mecânico novo na época e que era usado para o registro das sessões de Leonard.

Na sessão de Francisco Peixoto Lins, mais conhecido por "Peixotinho", de 27 de maio de 1947, as aparições objetivas de "Zé Grosso", "André Luiz", Caírbar Schutel, "Scheilla", Abel Gomes, Garcez, João de Deus e Auta de Souza falavam, por voz direta, ora em prosa, ora em verso.

O fenômeno de voz direta é melhor explicável pela hipótese transcendentológica, pois o seu agente sempre se identificava, como um SHT, fornecendo a algum parente ou amigo presente à sessão as provas convincentes de sua falecida personalidade.

Transcomunicação instrumental – TCI

As interações homem-máquina a nível psíquico têm sido observadas em diversos laboratórios de Parapsicologia.

O físico George Gamow contava que o seu colega Wolfgang Pauli, quando passeava pelo laboratório, produzia falhas, desarranjos, quebra e incêndio nos equipamentos.

Alguns físicos admitem existir uma conexão entre a psi e a física quântica, especulando que a consciência pode ser uma variável oculta que influi no colapso do estado vetor.

As pesquisas parapsicológicas em psi-kapa têm evidenciado a influência da mente sobre equipamentos eletrônicos, o que ensejou Dean Radin a especular sobre a criação dos *psibots*, ou seja, robôs que podem responder aos comandos de um operador humano. Podemos, assim, conjeturar que, em futuro próximo, a máquina passe a ser não uma simples prótese, mas um corpo alternativo da mente humana para realização de tarefas que o corpo biológico é incapaz de realizar. E mais: o computador passará a ser um cérebro auxiliar a serviço da mente humana. O homem do porvir será uma trindade constituída de mente, corpo e máquina.

A transcomunicação instrumental ou TCI é um fenômeno que vem atraindo a atenção dos pesquisadores psíquicos, porque sugere ou uma ação da mente sobre aparelhos eletrônicos, ou a constatação de uma modalidade contemporânea de comunicação entre os seres humanos e os SHTs.

As informações fornecidas pelos SHTs nas TCIs apresentam várias contradições, não só a respeito da vida naquela dimensão da realidade, mas também a respeito de questões metafísicas como a reencarnação e o pecado original, por exemplo. Ou seja, as mensagens por TCI apresentam as mesmas dificuldades daquelas recebidas por comunicações mediúnicas. Os SHTs têm as mesmas divergências filosóficas e religiosas dos seres humanos e, portanto, ao menos neste aspecto, não são superiores a nós. Para os parapsicólogos, esta é uma forte evidência de que o conteúdo de tais comunicações é de natureza humana e não transcendental.

Aliás, Kardec já chamara a atenção para a diversidade dos SHTs e do seu grau de compreensão segundo a sua evolução espiritual. Por isso, dizia ele, não se deve acreditar em tudo o que dizem os Espíritos ou SHTs.

Em acordo com Kardec, o Pe. François Brune admite que um SHT, por motivos os mais diversos, possa fazer-se passar por outro, assumindo a paternidade de mensagens transmitidas pela TCI. Aliás, a recomendação do Pe. Brune é de conteúdo fortemente kardequiano:

“O erro, e o perigo, seria acreditar que todas as mensagens são transmitidas por seres muito evoluídos, como algumas destas entidades pretendem fazer crer para que aceitemos mais facilmente suas próprias convicções”.

O Pe. Brune é taxativo:

“O problema não está na existência do fenômeno em si, mas, no conteúdo das mensagens.”

Uma comunicação da entidade ABXJUNO, de 4 de maio de 1993, através do computador, fornece a seguinte informação:

“O verdadeiro obstáculo é a diferença de programação das consciências. Poucos dentre vocês podem se adaptar ao nosso modo de pensar.

“No final físico do indivíduo, sua consciência programada se transforma”.

É justamente esta a nossa hipótese sobre o SHT, consubstanciada na máxima: o ser que morreu não é o mesmo que sobreviveu, mas sim a sua continuidade transformada.

Scott Rogo observou que é muito grande a proporção de “telefonemas dos mortos”, produzida meses depois de suas mortes e quando somente estas pessoas falecidas teriam qualquer motivação para produzir o contato. Notou ainda que *“os mortos têm certa propensão para telefonar em dias que tiveram (ou têm) significação psicológica para eles próprios ou para seus amigos ou parentes vivos.”*

Pietro Ubaldi já preconizava:

“Quando se houver experimentalmente provado aquilo que agora a intuição me diz, isto é, que o espírito é um organismo de forças individualizáveis por onda, frequência e potencial, e que a sua vida se exprime em oscilações dinâmicas ou vibrações de um comprimento de onda que se situa além dos raios ultravioletas, então se poderão construir aparelhos rádio-receptores de tais ondas, que revelarão o pensamento incorpóreo humano e ultra-terreno.”

Scott Rogo e Raymond Bayless colecionaram mais de 70 casos de TCI por telefone.

Relatam-se casos de telefonema de SHT, com duração de meia hora, mas cuja morte não era conhecida pela pessoa com a qual conversara.

Scott Rogo e Raymond Bayless observaram, no entanto, que os telefonemas breves são mais comuns, representando $\frac{3}{4}$ dos telefonemas de SHTs.

Os telefonemas de SHTs não ficam registrados na central telefônica.

Theo Locher e Maggy Harsh descobriram a seguinte regra:

“Quando o receptor da ligação sabe que o emissor está morto, o contato é bastante curto, certamente devido ao impacto psíquico sofrido pelo receptor. A emoção parece interromper o suprimento de energia para a prolongação do contato. Quando o receptor não se dá conta da morte do emissor, o diálogo, de modo geral, é mais longo.”

Observaram, ainda, que *“a maioria dos casos acontece 24 horas depois do falecimento.”*

George W. Meek e seus colaboradores se utilizavam de um MB para se comunicarem com a equipe de SHTs dirigidos por W. F. Gray Swann, a fim de se orientarem na construção do Mark II, o qual, no entanto, não mostrou resultados satisfatórios. Meek observou que os SHTs colaboradores não tinham soluções para todas as perguntas sobre a comunicação através do Spiricon.

O Mark IV foi aperfeiçoado pelo SHT George Jeffries Mueller, que fora Doutor em Física Experimental pela Cornell University. Este, depois de meses de colaboração, declarou que não podia mais ficar com o grupo de Meek que operava o

Mark IV, e deixou de se comunicar. Meek só conseguiu contatar com ele através de um MB, pois agora se encontrava num nível espiritual fora do alcance do Mark IV.

Segundo Meek, devido ao sistema operacional do Mark IV, o seu sistema exige que o operador seja um bom doador de ectoplasma vaporoso, a fim de que os SHTs, agindo sobre este meio semi-material, possam interferir sobre as ondas eletromagnéticas, modulando-as e produzindo as suas vozes. Meek e sua equipe chegaram à conclusão de que necessitava de um transdutor que possibilitasse contato com os níveis superiores do mundo astral. Este transdutor deveria ter um componente biológico, visto que o uso das altas frequências não obteve o resultado esperado.

Através do Mark IV se comunicavam também SHTs que falavam línguas estranhas ou que usavam palavras de baixo calão. Por isto, o projeto Mark IV foi abandonado. Hildegard Schäfer relata os casos de vozes invertidas (o que lembra a psicografia invertida), onde as frases ouvidas de trás para frente possuem outros significados. Diz ele que a reprodução invertida é possível nas fitas magnéticas, quando a fita é virada para se ouvir a trilha não gravada.

Jules e Maggy Harsch Fishbach, de Luxemburgo, dizem que, nas pesquisas da TCI pela TV, têm recebido ajuda de SHTs, entre eles a de Raudive e também de uma entidade não-humana, que a si própria se denomina de o “Técnico”.

Theo Loscher e Maggy Harsch argumentaram que o inconsciente de Klaus Schreiber não poderia imprimir psiquicamente na tela da TV imagens de rostos nunca vistos por ele. Este argumento, porém, não procede. Quando sonhamos também vemos pessoas desconhecidas e que não passam, portanto, de criações do nosso inconsciente. É necessário lembrar, ainda, as fotografias psíquicas voluntárias de Ted Serios, pesquisado por Jules Eisenbud. E as fotografias psíquicas involuntárias denominadas, no passado, de fotografias espíritas e de escotografias.

Theo Loscher, em Luxemburgo, quando em companhia de outros dois pesquisadores, expressou opinião contrária à existência de mundos paralelos. Momentos depois, surgiu na tela do computador uma mensagem afirmando a existência destes mundos. Teria sido o inconsciente de um dos dois outros pesquisadores que agiu, por psi-kapa, sobre o computador, contestando a afirmativa de Theo Loscher, ou a refutação partiu de um ST?

Hernani Guimarães Andrade se posiciona em favor da hipótese do SHT como agente causal da TCI. E argumenta que, se fosse o inconsciente do operador, ele poderia agir psicocineticamente sobre as fitas virgens. No entanto, as vozes pedem que mudem as frequências sintonizadas para melhorar a gravação. As vozes sempre falam do mundo espiritual e se identificam como espíritos de pessoas falecidas. Embora entre os pesquisadores existam aqueles que não acreditam na sobrevivência, é estranho que os seus inconscientes não contradigam estas informações.

A mente age diretamente sobre a matéria (psicocinesia) ou se utiliza de recursos materiais (telergia, ectoplasmia) para agir sobre ela?

Se a mente de um ser humano pode agir psicocineticamente sobre a matéria, não poderia a mente de um SHT possuir a mesma aptidão? Por que, em caso afirmativo, ele necessitaria do concurso de um MB?

Porém, se a ação do ser humano sobre a matéria for psicocinética, então o SHT pode agir indiretamente sobre a matéria, influenciando telepaticamente sobre o inconsciente do MB, levando-o a agir, por psi-kapa, sobre a matéria, segundo o comando telepático recebido.

É significativo que o inconsciente dos pesquisadores da TCI sempre afirmem que os comunicantes são SHTs. Não dizem que são anjos, demônios ou qualquer outro ST e apenas um deles assegurou não ser um ente humano. E, finalmente, não desmentem as informações sobre a realidade espiritual, apesar da crença em contrário de alguns pesquisadores.

Aparição objetiva

O mais impressionante de todos os fenômenos transcendentais objetivos é o que a Transcendentologia denomina de aparição objetiva em substituição aos termos materialização e personificação objetiva.

Será que a aparição objetiva é a presença física de um SHT à custa do organismo do MB?

Experiências realizadas no passado evidenciaram que ocorre uma dissolução parcial do organismo do MB no processo da materialização das aparições e a esta parte dissolvida deu-se o nome de ectoplasma.

O que é o ectoplasma

Gustavo Geley definiu o fenômeno de ectoplasmia como “*um desdobramento físico do médium*”, o qual, durante o transe, exterioriza uma porção do seu organismo.

O ectoplasma, no seu primeiro estágio, é invisível e intangível. Em seguida, passa ao estado vaporoso, líquido e sólido no seu processo de condensação. Ele exala um cheiro que lembra o do ozônio.

O ectoplasma vaporoso foi visto emanando do busto de Elisabeth D’Esperance e de um dos lados de Eusápia Paladino.

O estado líquido do ectoplasma, detectado em Eva Carrière e Franek Kluski, se apresentava como pontos brancos e luminosos da forma de uma ervilha em várias partes de suas roupas.

O estado sólido do ectoplasma, em forma de alavanca, foi observado e fotografado por William Crawford em Kathleen Goligher.

O ectoplasma se apresenta gelatinoso, viscoso, emanando de todos os orifícios naturais do corpo, do alto da cabeça, do tórax e da ponta dos dedos. Porém, geralmente, se origina da boca.

Segundo Geley, ele varia de forma, apresentando-se como fios, cordas, membranas, raios rígidos, material tecido ou trançado com contornos irregulares ou ainda como uma membrana com franjas e pregas. Ele se movimenta vagarosamente à semelhança de um réptil ou rapidamente como um relâmpago.

O ectoplasma pode apresentar-se nas cores branca, preta ou cinza. A cor branca, porém, é a mais freqüente ou talvez a mais facilmente observável. Algumas vezes, as três cores se apresentam simultaneamente.

Ele é geralmente observado próximo do MB ou de algum objeto tocado por ele. A sua visibilidade é bastante variável.

A produção ectoplasmática varia grandemente e pode afetar a temperatura ambiental. O ectoplasma está condicionado a fatores psicológicos, ao desejo e à emoção. A sensação que se tem, quando nele se toca, é de uma substância ora úmida e fria, ora viscosa e pegajosa e raramente seca e dura.

O ectoplasma pode envolver o MB como se fosse um manto.

Em Boston, nas sessões de Mina Stinson Crandon ou "Margery", o ectoplasma foi fotografado como se tivesse sendo reabsorvido pelo corpo do MB através da boca, das fossas nasais e dos ouvidos.

Contou Arthur Conan Doyle que, certa ocasião, numa sessão com Eva Carrière e num ambiente iluminado, ele obteve a permissão de apertar um pedaço de ectoplasma entre os seus dedos. E a sensação que experimentou foi de que se tratava de uma substância viva, vibrante e contrátil a seu toque.

Muitas observações têm validado a pressuposição de que o ectoplasma tem uma i-mediata e irresistível tendência à organização e, como natural consequência, de assumir a forma do corpo do MB.

Perda de peso do MB e desmaterialização

A perda de peso do MB, durante as sessões, é a evidência de que o ectoplasma é produzido à custa do seu organismo.

Alguns MBs como Charles Williams, Annie Fairlamb (mais tarde, Sra. Mellon) e C. E. Wood e, no Brasil, "Peixotinho" perdiam peso por ocasião das aparições.

Pesquisadores credenciados viram quando alguns MBs chegaram a perder 35 quilos, ao desmaterializar parte de seu corpo.

William Crawford observou que a Srta. Goligher, em uma das sessões, apresentou uma diminuição de 24 quilos em seu peso, com sensível desmaterialização de parte de seu corpo.

Annie Fairlamb e C. E. Wood chegaram a perder metade de seu peso por ocasião do fenômeno.

Dr. Joseph Venzano uma vez notou o desaparecimento dos membros inferiores de Eusápia Paladino. O SHT "John King" alegou que produziu aquela desmaterialização para ganhar mais força.

O Prof. Haraldur Nielsson, da Universidade de Reykjavík, Islândia, presenciou, por três vezes, o desaparecimento do braço esquerdo de Indridi Indridasson. Em uma das ocasiões, o exame no corpo de Indridi foi feito à plena luz e o seu braço reapareceu meia hora depois.

Alexandre Aksakof, em 11 de dezembro de 1885, em Helsingfors, observou a parcial desmaterialização do corpo de Elisabeth D'Esperance.

Um processo de desmaterialização de dois MBs brasileiros ocorreu, em virtude de uma inesperada penetração de luz no recinto da sessão. Conta Wilson de Oliveira que "Peixotinho", numa sessão, ficou sem as pernas e o SHTs passaram mais de uma hora para recompô-las. E R. A. Ranieri informou que Jair Soares assistiu a uma sessão, no Grupo Scheilla, em Belo Horizonte, do dia 7 de novembro de 1949, onde os SHTs também tiveram muito trabalho para recompor as pernas

desmaterializadas de Fábio Machado.

Fala-se que Carlos Mirabelli, em São Paulo, teve, certa vez, os seus dois braços desmaterializados.

Ação da luz sobre o ectoplasma

O ectoplasma reage intensamente à exposição de uma luz intensa e repentina, recolhendo-se abruptamente ao organismo do MB. Gustavo Geley observou que o choque súbito de uma luz é proporcional à sua duração e não à sua intensidade. O clarão do magnésio fere menos o MB do que os raios de uma lâmpada de bolso. Se o ectoplasma está solidificado, o perigo de lesão para o MB é menor.

Geley informou que a ação prejudicial da luz sobre as formações ectoplasmáticas nada tem de surpreendente, pois a luz é antibiótica para os microorganismos e ainda parece nociva à organização das formas primordiais de vida. Assegura que os germes em evolução estão geralmente subtraídos àquela ação pelas condições naturais em que se desenvolvem. E lembra que as primeiras fases da vida embrionária transcorrem no escuro.

Advertiu Geley que a luz vermelha tem-se mostrado tão prejudicial para as aparições como a luz branca. No entanto, a experiência tem comprovado que a luz menos nociva à ectoplasma é a luz fria e desprovida das radiações químicas. A claridade da lua é a melhor de todas.

Se se trata, porém, de um MB bem preparado, pode ser utilizada a luz vermelha controlada por um reostato, esperando-se que o transe se aprofunde para aumentar, gradativamente, a luminosidade ambiente até se obter uma visibilidade satisfatória. Porém, em nenhuma circunstância, deve-se dirigir a luz diretamente sobre o MB.

Franek Kluski sofreu uma ferida aberta como resultado de um violento retorno do ectoplasma.

Arthur Conan Doyle contou o caso de um MB que exibia uma contusão, do peito para o ombro, causada pelo recuo do ectoplasma.

Evan Powell, numa sessão realizada no British College of Psychic Science, sofreu um grave ferimento no peito, devido a um movimento violento, mas não intencional, de uma das pessoas presentes, quando foi tocada por um braço ectoplásmico.

Hemorragias podem resultar de uma súbita exposição à luz do ectoplasma.

Dennis Bradley mencionou uma sessão onde George Valiantine ficou com uma contusão escura, medindo alguns centímetros, na região estomacal, como conseqüência de um choque produzido pelo retorno do ectoplasma, quando alguém, subitamente, acendeu a luz.

E Wilson Oliveira contou que, numa sessão de “Peixotinho”, a luz foi acesa, involuntariamente, por um dos assistentes, produzindo, em conseqüência o desfazimento da aparição. “Peixotinho” tomou um choque tão violento que quase chegou a morrer.

Fisiologia do ectoplasma

O ectoplasma já foi definido como uma argila psíquica, constituída de material orgânico altamente maleável à atividade ideoplástica do psiquismo inconsciente. Não seria ele uma espécie de histólise parcial e setorizada do organismo humano a serviço da mente para a produção temporária de formas humanas e animais com todas as aparências de vida e inteligência? Se há um comando que garante a continuidade orgânica apesar da permanente renovação celular, por que não poderia este mesmo comando reservar uma parte deste mesmo organismo para, numa operação histológica, produzir fenômenos ideoplásticos, segundo a sua capacidade criativa?

Claude Bernard já tinha observado que as funções vitais se processam pela destruição e regeneração orgânicas, o que importa dizer que “*jamaís a mesma matéria serve duas vezes à vida*”. Por conseguinte, o que chamamos de vida é o processo gerado e mantido pela dialética destruição-regereneração, e o que chamamos de morte é a cessação deste processo a partir do momento em que à fase de destruição não se seguiu a de regeneração, desequilibrando o organismo num vórtice entrópico até a sua destruição.

Se, na histólise, o corpo do inseto se desmaterializa, nos fenômenos de personificação objetiva parte do corpo do MB também se desmaterializa e se converte numa massa orgânica amorfa, suscetível, porém, de se comportar segundo o comando do psiquismo inconsciente.

Gustave Geley foi quem mais estudou estes fenômenos ideoplásticos aos quais denominou de fisiologia paranormal, observando que estas formas ectoplasmáticas podem ser, não apenas completas ou incompletas, mas também simulacros orgânicos, alguns com formas aberrantes, em tudo equivalentes às manifestações teratológicas da fisiologia normal. As conclusões de Geley sobre o processo ectoplasmático são as seguintes.

A condição primordial da ectoplasma reside numa descentralização anátomo-biológica do corpo do MB e numa exteriorização dos elementos descentralizados no estado amorfo, seja sólido, líquido ou gasoso.

Esta descentralização é acompanhada da liberação de uma proporção considerável de *energia vital*.

A energia vital assim liberada pode converter-se em *energia mecânica*, produzindo as telecinesias e os toribismos.

Pode ainda se transformar em *energia luminosa*, com a produção de luz viva inteiramente análoga à luz viva normal. Algumas vezes, essa energia parece condensar-se em tal ou qual órgão materializado ou em vias de materialização, ou produz uma secreção fosforescente capaz de aglomerar-se e de formar verdadeiras lâmpadas vivas ou, finalmente, se manifesta sob forma de descargas ou de relâmpagos.

As aparições completas constituem a fase final da ectoplasma.

Exteriorização do ectoplasma

Certa ocasião, foi fotografada a saída do ectoplasma do plexo solar de T. Lynn. Quando o ectoplasma desaparecia, ficavam, na pele de Lynn, marcas vermelhas, como se fossem perfurações. As fotografias, obtidas com flashes, também mostraram conexões luminosas entre o corpo do MB e os objetos sobre o

qual atuava. Estas experiências ocorreram em 1928 e o MB era colocado numa mala, com as mãos e os joelhos atados com fitas.

Muitas observações têm comprovado que fios, mais finos dos que os de aranha, podem, à maneira de teias, conectar o MB com objetos. D'Esperance reclamou, muitas vezes, que sentia uma espécie de teia de aranha em seu rosto. "Margery" e outros assistentes também tiveram a mesma sensação.

William Crawford constatou, por fotografias, que do corpo de Kathleen Goligher se projetava uma substância, a qual se comportava como uma alavanca, suspendendo a mesa do solo. Esta ligação do ectoplasma à mesa era feita por sucção. Em virtude desta ligação ectoplásmica, qualquer puxão da mesa arrastava consigo o MB.

Observou, ainda, Crawford o efeito negativo da luz branca sobre o ectoplasma, pois toda vez que uma luz incidia sobre a mesa suspensa, ela caía de imediato. Constatou, também, que o peso da mesa variava a pedido dos assistentes.

Conseqüências fisiológicas

Observou Geley que, quando se aumentava bruscamente a luminosidade ambiente, Franek Kluski voltava a si espontaneamente. Porém, ficava cansadíssimo e era tal a sua prostração que tinha de se deitar estendido num divã, na iminência de uma síncope, e sem fazer o menor movimento. Apresentava uma leve sudorese e, às vezes, momentos de penosas palpitações. Seguiu-se uma sede ardente que o levava a beber água em abundância. Um pouco mais tarde, se recuperava gradualmente.

Depois das sessões, Kluski dava mostras de esgotamento nervoso e de excitação. Geralmente, apresentava insônia e, às vezes, vomitava sangue, o que determinava a interrupção de sua atividade mediúnica.

Ideoplastias

William Crookes, em várias sessões com Daniel Dunglas Home, observou, em diversas ocasiões, à plena luz, aparições de pequenas mãos. Uma delas, bateu no braço de Crookes e puxou várias vezes o seu paletó. Tocando nestas mãos, Crookes constatou que elas, ora eram geladas e mortas, ora quentes e vivas e apertaram as suas mãos "*com a firmeza de um velho amigo*". Crookes, certa ocasião, tentou reter uma delas, mas a mão, pouco a pouco, pareceu dissolver-se em vapor e desapareceu. Em outra oportunidade, agora porém na escuridão, uma mão luminosa desceu do teto da sala, pairou junto de Crookes durante alguns segundos, tomou-lhe o lápis, escreveu rapidamente numa folha de papel, abandonou o lápis, subiu de novo e desapareceu.

Uma espécie de "terceiro braço", perfeitamente materializado, se projetava dos ombros de William Stainton Moses e Eusápia Paladino. Este braço ectoplasmático se retraía ou mesmo desaparecia, ante qualquer tentativa de agarrá-lo.

Segundo o relato bíblico (Daniel 5: 1;30) por ocasião de um grande banquete oferecido pelo rei Belsassar, filho de Nabucodonosor, a seus mil dignitários,

apareceram "os dedos de uma mão de homem que escreveram diante do candelabro, sobre o reboco da parede da sala régia", as palavras *mane, tékel, fares*.

Serão as ideoplastias um fenômeno paranormal ou transcendental? Seguindo o princípio da economia das hipóteses, devemos dar preferência à explicação parapsicológica.

Modelagens

Em 1875, William Denton, de Boston, Estados Unidos, inventou o processo de modelagem, mediante o qual o SHT, atuando psiquicamente sobre parafina quente, realizava modelagens de peças anatômicas do corpo humano e também de flores artisticamente fabricadas. O molde de parafina era, em seguida, preenchido com gesso.

Denton, para fazer prova da presença física dos SHTs, solicitou-lhes que mergulhassem suas mãos na parafina. A MB era Mary Hardy. Anos depois, Kluski repetiu este fenômeno no Instituto Metapsíquico Internacional.

Nas sessões de Kluski produziam-se modelagens que apresentavam linhas da mão e impressões digitais que não correspondiam nem às dele nem às de qualquer das pessoas presentes. Estas modelagens eram geralmente de mãos e pés de crianças.

Robert Amadou reconheceu a autenticidade das moldagens produzidas por Kluski, observando que elas *“apresentam linhas palmares e impressões digitais que não correspondem nem às do médium, nem às dos assistentes. Além disso, a constituição anatômica dos membros moldados – mãos de criança, pé de criança – não correspondem realmente à dos membros de qualquer assistente.”*

Eusápia Paladino, sob a fiscalização do Prof. Chiaia, conseguiu imprimir, numa argila, um rosto melancólico, em baixo relevo, num período de três minutos.

A modelagem será um fenômeno claramente transcendental no dia em que a reprodução da mão de uma pessoa falecida, com as suas respectivas impressões digitais, for examinada e comprovada por um perito criminal. Neste caso, pouco importa que o MB tenha conhecido ou não a pessoa falecida, cuja réplica paranormal da mão foi modelada em parafina.

Mas será que o SHT pode conservar, em seu inconsciente, a matriz das impressões digitais de um corpo que já não existe e reproduzi-las num molde de parafina?

Controle dos MBs

O controle exercido sobre os MBs era, geralmente, muito rígido. Richet afirmou que Eva Carrière era examinada e revistada antes e depois das sessões. Assegurou que, em nenhum momento, ele a perdeu de vista e a MB tinha as suas mãos sempre seguras e visíveis.

Gustave Geley informou que, nas sessões que realizou no Instituto Metapsíquico Internacional, Eva foi completamente despida em sua presença e vestida com uma roupa apertada, costurada para cima e atrás e nos pulsos. O cabelo e a boca foram examinados por Geley e seus colaboradores antes e depois das sessões. Eva foi colocada numa cadeira de vime no gabinete escuro. As suas

mãos estavam sempre vistas por completo fora das cortinas e o quarto era bastante iluminado durante o tempo inteiro. Geley afirmou, categoricamente, que não havia qualquer possibilidade de fraude. E disse: “*A materialização ocorreu sob meus olhos e observei sua gênese e seu completo desenvolvimento.*”

Segundo Geley, Jan Guzik, nas sessões realizadas no Instituto Metapsíquico Internacional, se despia completamente na presença de, no mínimo, dois dos pesquisadores, antes de entrar na sala das sessões, e se vestia com um pijama sem bolsos.

Informou ainda Geley que Franek Kluski, na sessão de 24 de abril de 1922, no Instituto Metapsíquico Internacional, fez questão de se despir de toda roupa, apesar do frio, a fim de oferecer um controle mais rigoroso de seus fenômenos.

Em 3 de setembro de 1891, numa sessão realizada na Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, em Orset, Massachussets, Etta Roberts, perante cerca de 60 pessoas, foi trancada dentro de uma sólida gaiola de arame, sustentada por uma armação de madeira. Antes, porém, a roupa da MB foi examinada por uma senhora. A Comissão composta pelo reverendo M. J. Savage fechou a porta da gaiola com um cadeado e coseu, com um fio grosso, os dois lados e o centro da porta, a qual foi selada com lacre, adaptando-se a este um sinete especial. Depois, abaixou-se a luz e a sessão começou.

No espaço de uma hora, trinta diferentes aparições saíram do lugar onde se encontrava Etta Roberts e se materializaram na presença dos assistentes. Eram SHTs de alta e baixa estatura e que foram reconhecidos pelas pessoas às quais se dirigiam.

De repente, Etta Roberts apareceu fora da gaiola, sem violação dos selos de segurança, e caminhou lentamente em direção às pessoas presentes.

Rudi Schneider, pesquisado por Harry Price, foi submetido a um tríplice controle: as mãos e os pés de Rudi estavam seguros por dois pesquisadores e um terceiro ainda o observava por trás. Além disso, ele era fiscalizado por um equipamento elétrico. Rudi vestia um pijama tipo jaqueta ao qual estavam costuradas luvas metálicas.

O famoso mágico Will Goldston presenciou algumas dessas sessões e afirmou que, sob aquelas condições de controle, nenhum prestidigitador jamais poderia produzir os fenômenos que ele observou.

Processo de formação da aparição

Paul Gibier descreveu o processo de formação de uma aparição que ocorreu à sua frente. O MB era a Sra. Salmon, pseudônimo de Carrie M. Sawyer.

"Passaram-se 6 segundos e um ponto branco apareceu no chão, junto ao gabinete. Em 2 ou 3 segundos cresceu até atingir o tamanho de um ovo, movendo-se em várias direções à semelhança uma casca de ovo que, nas salas de tiro, dança no alto de um repuxo. Rapidamente alongou-se essa coisa até converter-se numa coluna de 1 metro de altura por 10 centímetros de diâmetro, chegando logo a 1m,50 com duas prolongações transversais no vértice que lhe davam um aspecto de T. Tinha a aparência de neve ou assemelhava-se a uma nuvem espessa de vapor d'água. Ambos os braços do T se agitaram e uma espécie de véu saiu da substância, alargou-se a coisa e apareceu vagamente

primeiro com muita limpidez e depois a forma branca de uma mulher envolta em um véu. Dois braços igualmente brancos saíram de cima do véu e o afastaram para trás até que os fizeram desaparecer. Tão pronto isso ocorreu, vimos uma encantadora moça de feições finas, delicadas, de porte esbelto de 1m,60 pouco mais ou menos de altura e, com uma voz apenas perceptível, nos deu o nome de "Lúcia". Manteve-se um momento em nossa presença, como para permitir que a observássemos e efetivamente a olhamos bem, podendo apreciar que o vestido era inteiramente branco, as mangas curtas e largas não chegavam ao cotovelo e os braços nus e delicados. Os cabelos eram pretos e penteados em espessos bandós salientes que partiam dos dois lados da cabeça. (A médium tem os cabelos louros, muito curtos e anelados)"

Ao final da sessão, "Lúcia", como diz Gibier, "desmoronou, aos nossos pés, como um castelo de cartas" e "desapareceu progressivamente em 2 segundos".

C. W. Leadbeater, que passou pela mesma experiência de Gibier, assim a relatou:

"A forma era a de um homem de estatura avantajada, mas ao invés de começar formando vestimenta, apareceu como uma mancha de nuvem luminosa no solo, que se ergueu e cresceu até tomar aparentemente a forma de arbusto. Este cresceu até tornar-se uma vaga coluna de nuvem que se erguia acima de nossas cabeças, para depois se condensar numa forma definida e bem conhecida, que avançou para mim, apertou-me a mão calorosamente e falou-me em voz clara, tão exatamente como o teria feito qualquer outro amigo. Depois de palestrar conosco cerca de cinco minutos e de responder a algumas perguntas, apertou-me de novo as mãos e anunciou que precisava retirar-se. Acenando com um adeus, imediatamente seus contornos foram se apagando até desaparecer na coluna nebulosa, que se reduziu rapidamente na pequena mancha de nuvem luminosa no solo, que depois de bruxulear, desapareceu".

Tipos de aparições

As aparições são de pessoas das mais diferentes idades e de ambos os sexos, como também de diversas raças.

Durante dez anos, Paul Gibier pesquisou, em seu laboratório, a Sra. Salmon e presenciou aparições de adultos e de crianças que falavam com as pessoas presentes.

Leo Talamonti informou que nas sessões de Luis Martinez, mais conhecido por "Dom Luisito", apareciam pequenas entidades luminosas e esses fenômenos foram observados por Alberto Barajas e Gutiérrez Tibón. Disse Talamonti:

"Entravam em cena as chamadas "crianças", pequenas entidades luminosas que imediatamente se apoderavam dos numerosos brinquedos sonoros ali postos para elas e iniciavam um concerto muito vivo, ainda que desordenado, de castanholas, pratos, tamborins e tudo quanto houvesse de ruidoso para o maior prazer dos menores, inclusive aqueles bonecos de borracha que guincham ao serem apertados. O único "solista" do grupo era um certo "Botitas", que a pedido dos presentes estava sempre pronto a executar, com pequena gaita de boca, uma tarantela ou um ritmo sentimental .

As aparições podem ser de pessoas desconhecidas, isto é, aquelas cujo FS não foi comprovado, ou de pessoas conhecidas, cuja identidade foi reconhecida por parentes ou amigos que participavam das sessões onde elas se apresentaram.

Aparições de pessoas desconhecidas

As primeiras aparições registradas deste gênero aconteceram em 1860, na Moravia, próximo de Auburn, nos Estados Unidos, nas sessões de Mary Andrews.

Duas aparições polêmicas ocorreram em 1874: a de "Katie King", através de Florence, pesquisada por William Crookes e a de "Bien Boa", em Vila Carmen, através de Eva Carrière, pesquisada por Charles Richet. Estas duas aparições tinham aparentemente todos os atributos de um ser vivo.

Normalmente, as sessões se realizavam na escuridão ou na semi-obscuridade. Em raríssimas ocasiões, à plena luz.

No Brasil, ficaram famosas as aparições de "Zé Grosso" e "Sheilla", entre outros, nas sessões de "Peixotinho" e Fábio Machado.

Aparições de pessoas conhecidas

Se a aparição objetiva de pessoa desconhecida já constitui uma forte evidência em favor do SHT, esta evidência ainda se torna maior quando se trata de aparição objetiva de pessoa falecida e conhecida de uma das pessoas presentes à reunião.

Nos Estados Unidos, em 1861, nas sessões de Kate Fox, aparecia a forma de Estelle, esposa do banqueiro Charles F. Livermore e que falecera no ano anterior. Foram realizadas, ao todo, 388 sessões e as aparições de Estelle só começaram após a 43^a sessão.

César Lombroso contou que, em 1902, em Gênova, Eusápia Paladino, em estado de semi-embriaguês, lhe prometeu que, naquela sessão, obteria a aparição da genitora dele. E assim aconteceu. Eusápia, naquele momento, estava segura pelas mãos de duas pessoas. O fenômeno foi de tal modo convincente que Lombroso declarou: *“Pude verificar uma vez a aparição completa de minha mãe”*. Em sessões posteriores, em Milão e Turim, de 1906 a 1907, a aparição da mãe de Lombroso voltou a se manifestar, porém menos distintamente.

É difícil admitir que o inconsciente de Eusápia captasse do inconsciente de Lombroso a imagem da sua genitora e obtivesse a objetivação de sua imagem com tanta semelhança a ponto de convencer aquele cientista.

Lombroso ainda recordou que, certa ocasião, em sessão com Eusápia, ocorreu a aparição da falecida esposa de Ernesto Bozzano *“que tanto o fizera sofrer, e a quem ele não desejava ver”*. Ela falou com Bozzano em dialeto genovês, o qual Eusápia não conhecia.

Conta Robert Tocquet:

Na sessão de 18 de dezembro de 1901, no Circolo Minerva, o Sr. Vassallo se sente agarrado por detrás por dois braços que logo passam a abraçá-lo afetuosamente, enquanto duas mãos de longos dedos afilados, dum pessoa jovem, cingem-lhe a cabeça e a acariciam; enquanto isso, lábios o beijam por diversas vezes, e todo mundo ouve ruídos de beijos. Vassallo pergunta o nome da

entidade que manifesta a seu respeito sentimentos tão ternos e, por movimentos da mesa, obtém o nome de Romano. Era um dos prenomes de seu filho falecido, nome esse ignorado até mesmo por seus parentes mais próximos, pois o chamavam sempre Naldino.

O Prof. Porro viu a aparição de sua falecida filha Elza. E o Dr. Joseph Venzano conversou com um parente falecido à vista de todos os assistentes. Em todos esses casos, o MP era Eusápia Paladino.

No Brasil, as sessões de “Peixotinho” foram pródigas em aparições de pessoas falecidas, que falavam com parentes e amigos presentes: Júlio Olivier (médico falecido em Macaé, RJ), João Passos (cientista brasileiro, falecido em Caxambu, MG), Nina Arueira (ex-noiva do escritor espírita Clóvis Tavares e falecida aos 19 anos de idade), Ilka Elói dos Santos, Neuza Magaldi, Abel Gomes, David Pais dos Santos (pai do Dr. Amadeu Santos), Aracy (filha falecida de Peixotinho), “Mãe Iza” (sogra do Prof. Leopoldo Machado), Ilka dos Santos (filha falecida de Vitorino e Alina Ferreira dos Santos), e Batuíra, que, em vida, fora grande divulgador da doutrina espírita.

A aparição de Neusa Magaldi manteve com o seu pai, Aleixo Victor Magaldi, um rápido diálogo. E a aparição de “Mãe Iza”, também conversou com a sua filha Marília Barbosa Machado e sua neta Ilza Chaves de Almeida.

No dia 31 de maio de 1947, a aparição de Ilka dos Santos falou com os seus pais Vitorino e Alina Ferreira dos Santos.

Segundo depoimento de Adete Ferreira Vianna, viúva de Ramiro Martins Vianna, “Peixotinho”, após quatro anos de seu falecimento, apareceu numa sessão em Caratinga, perante cerca de sessenta pessoas, e abraçou comovidamente a todos os presentes, entre os quais a sua esposa Dona Baby. A depoente se encontrava presente com o seu esposo e também foram abraçados por “Peixotinho”.

Ana Prado foi um notável MB brasileiro, cujos fenômenos ocorreram em Belém do Pará entre os anos de 1919 a 1921. Por seu intermédio, as aparições falavam com as pessoas presentes e faziam modelagens de parafina.

Uma das aparições mais notáveis, a da falecida Rachel Figner, ocorreu em 1921, e foi devidamente documentada pelo testemunho dos seus pais, Esther e Frederico Figner os quais tiveram a oportunidade de falar demoradamente com a aparição da filha durante mais de duas horas. Esta aparição é uma das melhores do gênero, principalmente porque o FS do SHT foi indubitavelmente reconhecido por seus familiares e o fenômeno detalhadamente descrito pelos genitores da pessoa falecida.

Na sessão de 2 de maio, Frederico Figner anotou a presença de muitas aparições das mais diversas estaturas, entre eles sua filha Rachel. Observou que, *"devido talvez ao excessivo número de aparições, que absorveram muitos fluidos"*, a de Rachel *"não era tão perfeita como esperávamos"*. No entanto, *"era bastante para ser reconhecida por todos nós"*.

Na sessão de 4 de maio, Frederico ressaltou que a aparição de sua filha foi *"a mais perfeita possível"*. E, emocionadamente, asseverou:

"Rachel apresentou-se com tanta perfeição, com tanta graça e tão ela mesma, com os mesmos gestos e modos, que não pudemos conter nossa emoção e todos, chorando, de joelhos, rendemos graças a Deus, por tamanha esmola".

Acrescentou ainda:

"Era Rachel viva, pronta para ir a uma festa. A sua cabeça erguida, os seus braços redondos, o seu sorriso habitual, as suas bonitas mãos e até a posição destas, toda sua exatamente como era na Terra. Falou à mãe, pedindo-lhe exatamente que na próxima sessão viesse toda de branco como desejava e aí estava materializada".

Esther Figner afirmou enfaticamente que *"Rachel nos apareceu em toda perfeição de suas formas, tal qual fora, absolutamente reconhecível. Ali estava viva e palpitante"*.

E mais adiante:

"Enfim, Rachel estava diante de mim tão perfeita e tão viva que se não podia ter a mínima dúvida. Eram os mesmos braços alvos, as mesmas lindas mãos que tinha aqui na Terra. Em tudo, nas maneiras, nas formas, no rosto, era a minha adorada filha".

Esther além de ser beijada, acariciada e apertada por Rachel, sentiu o calor de seu corpo, sua respiração, seu hálito. Então beijou as mãos da aparição e tocou-lhe as unhas, percebendo que elas estavam pontudas e polidas como as de sua filha quando viva.

Esther disse que Rachel falou distintamente com ela e numa voz forte, que todos ouviram, lhe pediu:

"Não quero que ande mais de preto, ouviu? Quero que venha toda de branco, assim como eu estou".

Frederico confirmou este fato. E acentuou:

"Toda essa frase minha filha a pronunciou tão clara e distintamente que todos, além de minha esposa, a ouvimos".

Esther prometeu a filha que atenderia ao seu pedido e descreveu a cena em que aparição também acariciou Frederico:

"Rachel chegou-se a ele, abraçou-o, beijou-o, acariciou-o muito, do mesmo modo que fizera comigo. Passou o braço esquerdo sobre o ombro esquerdo do pai, de forma que se lhe via a mão caída sobre o peito deste, aquela mão lindíssima que eu tão bem conhecia e que não podia deixar de reconhecer ali ser inteiramente a mesma da minha Rachel".

Frederico, que estava sentado numa cadeira, disse que Rachel, depois de acariciá-lo, colocou uma angélica na lapela do seu paletó, apoiando-se, *"com todo o peso de seu corpo sobre meus ombros"*.

Em dado momento, Esther fez o seguinte pedido a aparição:

"Minha Rachel, ainda não vi os teus cabelos. Mostra-nos a tua linda cabeleira."

Esther, então, informou que, atendendo ao seu pedido, *"ela foi à câmara e logo voltou, trazendo os cabelos a lhe caírem soltos sobre os ombros, lindos quais eram na Terra. Punha-se de frente e de costas para nós, a fim de que bem a pudessemos apreciar"*.

Este fato foi também confirmado por seu esposo.

Frederico contou que Rachel tocou em todos eles e todos sentiram o seu "calor natural". E observou que, naquela sessão, a aparição de Rachel tinha durado 40 minutos.

No dia 6 de maio, Esther compareceu à sessão vestida de branco para atender ao pedido de sua filha. Assim ela relatou a reação de Rachel:

"Apenas viu que eu me achava de branco, manifestou grande satisfação. Falava, batia palmas e pulava de alegria, como costumava fazer na Terra, quando experimentava um vivo contentamento".

Frederico confirmou este acontecimento.

Esther salientou que a aparição de Rachel era completamente visível e declarou:

"A todas as pessoas presentes mostrou nitidamente o seu rosto, seu colo, seus braços. Mostrou-se, enfim, perfeitamente materializada, como se estivesse viva na Terra".

Frederico e Esther relataram que Rachel permitiu que a mãe e as irmãs, Helena e Leontina, beijassem sua mão. Em seguida, aproximando-se do pai, num gesto rápido, pegou-lhe a mão com bastante força e a beijou.

Contaram, ainda, que Rachel pediu a sua mãe que levasse Leontina às festas e ao teatro como fazia com ela quando viva.

Indagada sobre Gabriel, Rachael o chamou pelo apelido de "Bilé", o que, segundo Esther, foi uma "prova magnífica" de sua identidade, pois somente os seus familiares assim o chamavam.

Ao receber flores de sua mãe, Rachel as distribuiu com todos os seus familiares e demais pessoas presentes. E, num gesto que costumava fazer nos dias de aniversário dos seus pais, desfolhou algumas flores e as espargiu sobre as cabeças de Esther, Frederico, Helena e Leontina.

Depois, erguendo as mãos para o céu, Rachel exclamou:

"Graças a Deus. Sinto-me contente por ter vencido a dor de mamãe. Vou subir muito alto."

Frederico Figner constatou que, nesta última sessão, a aparição de Rachel durou duas horas e quarenta minutos.

Outro extraordinário MB brasileiro foi Carlos Mirabelli, cujas sessões eram realizadas à plena luz e o local sempre examinado cuidadosamente para evitar a possibilidade de fraude.

Carlos Mirabelli, numa das suas sessões, anunciou a aparição do bispo D. José de Camargo Barros, morto num naufrágio. Sentiu-se um odor de rosas, e o prelado se materializou, usando o seu barrete, falando e sorrindo. Um médico presente constatou a presença de dentes, de saliva, da pulsação cardíaca, de borborigmos intestinais. A aparição se prestou a todos os exames e recomendou que observassem a sua partida. Então, diminuiu sua estatura até 30 centímetros e se evaporou.

De outra vez, surgiu a aparição do Dr. Bezerra de Menezes e que foi reconhecida pelos seus colegas presentes, com os quais conversou, servindo-se do aparelho amplificador de sons. Foram tiradas diversas fotografias, realizados exames clínicos, como se se tratasse de pessoa viva. Finalmente, a aparição se elevou até o teto, desmaterializando inicialmente os membros inferiores e, depois, todo o corpo. Uma das pessoas presentes levantou o braço para tocar no corpo restante da aparição e sentiu como se atravessasse uma espécie de nuvem esponjosa.

Uma das mais impressionantes aparições foi a do califa Harun al-Racshid (766 - 809) e aconteceu na década de 20, durante uma sessão experimental na Academia de Estudos Psíquicos César Lombroso, em São Paulo. Os médicos Carlos Pereira de Castro e Olegário de Moura, entre outros, testemunharam o fato.

Os pesquisadores estavam sentados em círculo ao redor de uma mesa quando se ouviu um estrondo vindo de cima. Mirabelli, naquele momento, estava em estado de transe.

Subitamente uma aparição masculina, com aparência de árabe, surgiu em pé sobre a mesa. E, em seguida, desceu dali e sentou-se junto aos demais participantes da sessão.

O Dr. Olegário fez um demorado exame clínico na aparição e constatou que se tratava de um ser humano normal. Todos os demais observadores tocaram na aparição que falava em árabe e disse chamar-se Harun al-Rashid..

Depois de algum tempo, a aparição subiu à mesa, falou mais um pouco em seu idioma, levitou por alguns segundos e desapareceu instantaneamente.

O que não ficou esclarecido é se alguns dos participantes sabia árabe.

Aparições coletivas

As aparições, geralmente, se apresentam sucessivamente. No entanto, há casos de mais de trinta aparições sucessivas em uma única sessão.

Quando as aparições são vistas simultaneamente, elas são denominadas de aparições coletivas.

Ernesto Bozzano narra que, certa ocasião, numa reunião no Círculo Minerva, ele presenciou, juntamente com outros pesquisadores, entre eles o Prof. Morselli e o Dr. Venzano, o aparecimento de seis formas humanas completas, à plena luz. Eusápia Paladino estava sendo observada, deitada numa maca e solidamente amarrada, o que descarta a hipótese de fraude.

É extremamente difícil explicar que este fenômeno foi produzido pelo inconsciente de Eusápia, gerando matéria suficiente para formar seis aparições ao mesmo tempo. Se estas aparições foram produzidas pelo inconsciente de Eusápia, temos de convir que a mente humana é capaz de gerar matéria e criar seres aparentemente humanos e transitórios. E se a mente pode produzir matéria, então não poderia ela formar um corpo para si, em outro nível da realidade, após a morte do seu corpo físico?

Robert Tocquet relata uma sessão realizada com a presença de Eusápia Paladino e do Prof. Morselli, do Dr. J. Venzano, de Ernesto Bozzano, de Luigi Montaldo e senhora, do casal Avellino e seus dois filhos.

"O local da sessão foi a sala de jantar da família Avellino, e o gabinete mediúnico o desvão da única janela da sala. Eusápia despiu-se completamente, e a sua roupa foi examinada com o maior cuidado. Em seguida, o médium foi solidamente amarrado numa pequena cama de ferro, e a experiência se realizou à luz dum bico de gás Auer, tendo começado às 22 horas e 30 minutos.

Julgou-se conveniente diminuir momentaneamente a luz excessiva proveniente da chama de gás. Ainda assim, a visibilidade permaneceu satisfatória, conforme atestou o Prof. Morselli:

"Fiz o que se pode chamar uma experiência elementar de fotometria: constatei que com aquela dose de iluminação eu conseguia ler as letras mais pequenas dum jornal (corpo 6), ver a hora que o meu relógio marcava, discernir nitidamente os claro-escuros das gravuras e fotografias dependuradas nas paredes na sala de jantar."

Após um quarto de hora de espera, os fenômenos principiaram a manifestar-se.

"A mesa, que se achava a um metro de nós e a vinte centímetros do gabinete, declara o Dr. Venzano, "começou a movimentar-se sozinha. Primeiro ergueu dois dos quatro pés, que tornaram a cair, fazendo barulho várias vezes.

"Depois, de repente", afirma o Prof. Morselli, "às 20 horas e 50 minutos, as cortinas pretas se afastaram uma da outra, no centro, e então, a uma altura de 1 metro e 60 centímetros mais ou menos do colchão, portanto a 2 metros do assoalho, apresentou-se, virada para mim, uma primeira "aparição". Era duma cor esbranquiçada. Tive a impressão que ela não só recebia os raios luminosos do gás aceso como possuía ela própria, talvez, uma certa luminosidade comparável a um luar muito lívido. Contudo, ela me pareceu algo indistinta, pois os contornos eram difusos e as linhas mal definidas. Dir-se-ia que se apresentava através dum nevoeiro. . . A parte inferior do corpo perdia-se numa espécie de nuvem. Um turbante de véus enrolava-lhe os cabelos até a testa e as têmporas, os cabelos mal sendo visíveis perto das orelhas. Outro véu mais grosso envolvia-lhe o pescoço, subindo até o queixo, um tanto à maneira das mulheres turcas. Do rosto permaneciam descobertos os seguintes trechos: a arcada superciliar, o nariz, as faces... O corpo também estava enrolado num panejamento cuja trama parecia muito rala... A cabeça dava a impressão de ser maior do que o natural, porém suas proporções dependiam provavelmente da espessura dos véus... A aparição permaneceu imóvel cerca de 15 ou 20 segundos; mas, tendo eu dito que não conseguia discerni-la bem por causa do envoltório e dos cabelos que a escondiam um pouco, ela levantou as mãos à altura das orelhas e, com um gesto gracioso, descobriu um pouco o rosto; em seguida inclinou ligeiramente a cabeça, como numa saudação amável; por fim, dissolvendo-se depressa, desapareceu."

Uma segunda aparição, radicalmente diferente, sobreveio quase logo.

"Discutia-se ainda a respeito da figura humana aparecida", continua o Prof. Morselli, "e a mesa, retomando as suas danças solitárias, participava com a sua linguagem muda da nossa conversa quando, às 23 horas, uma segunda aparição se mostrou, sempre no desvão do gabinete... Desta vez era a figura dum homem, as partes visíveis sendo as mesmas da materialização anterior... Percebi-lhe muito bem a morfologia. Tratava-se dum verdadeiro gigante, de estatura vigorosa, cabeça enorme, rosto largo com fortes zigomas, nariz grosso e curto, meio achatado. A barba parecia densa, curta, crespa. Os ombros eram quadrados, robustos; o pescoço musculoso; o peito saliente e largo. Tivemos a impressão de que ele nos saudava com movimentos expressivos da cabeça, após o que sumiu rapidamente. Primeiro, porém, os traços do rosto se tornaram incertos; depois os contornos se dissolveram até serem substituídos pelo fundo negro da janela... Levantei-me depressa e me precipitei para lá a fim de verificar o comportamento do médium. E vi que este continuava estendido na cama, em estado semiletárgico; ofegava e transpirava, porém permanecia solidamente amarrado."

Após curta interrupção, a sessão prosseguiu; uma terceira e uma quarta aparição surgiram; eram femininas e análogas à primeira, só que o rosto da terceira aparição tinha uma cor mais natural do que o da primeira (conforme observou o Prof. Morselli, que o pôde examinar de perto), e o peito e a cabeça da

quarta aparição estavam rodeados por uma quantidade incrível de faixas de tecido fazendo-a assemelhar-se a uma múmia. Os dois fantasmas, sucessivamente, inclinando-se para fora das cortinas, projetavam uma sombra sobre a parede iluminada, e essa sombra seguia os movimentos de cada uma.

Como os laços que prendiam os pés e as mãos de Eusapia estavam muito apertados, incomodando-a, foram então retirados; mas ainda assim o médium continuou sempre ligado às barras da cama pelas cordas que lhe passavam pelo tronco.

Nestas circunstâncias foi que apareceu a última forma feminina, acompanhada por uma criança. Esta dupla aparição constitui, por certo, o episódio mais maravilhoso da mediunidade de Eusapia.

"Mal havíamos voltado aos nossos lugares", escreve o Dr. Venzano, "quando as cortinas se abriram a certa distância do assoalho, e vimos aparecer, através dum espaço largo e oval, uma mulher que segurava em seus braços uma criancinha, com ar quase de estar a niná-la. Essa mulher, que dava a impressão de ter uns quarenta anos de idade, trazia na cabeça uma touca branca, com rendas da mesma cor, e que, cobrindo-lhe os cabelos, deixava perceber traços dum rosto grande e largo, de frente elevada. A parte restante do corpo que as cortinas não tapavam achava-se envolta em panejamentos também brancos. Quanto à criança, poderia, a avaliar-se pelo desenvolvimento da cabeça e do corpo, ter três anos de idade. A pequenina cabeça estava descoberta, mostrando cabelos muito curtos. Achava-se num nível um tanto superior ao da cabeça da mulher. E o corpo parecia envolto em cueiros compostos também de tecido leve e alvíssimo. O olhar da mulher estava voltado para cima, de maneira que resultava uma atitude de amor em direção à criança que, por sua vez, mantinha a cabeça voltada para ela.

"A aparição durou mais dum minuto. Ficamos todos de pé e nos aproximamos, o que nos permitiu seguir-lhe todos os movimentos. Antes que a cortina tornasse a abaixar-se, a cabeça da mulher se inclinou um pouco para a frente, enquanto a do bebê, inclinando-se repetidamente para a direita e para a esquerda, pousou no rosto da mulher diversos beijos cujo timbre infantil chegou aos nossos ouvidos da maneira mais nítida.

"Durante todo esse tempo, as lamúrias e gemidos de Eusapia continuavam, aumentando sempre; isto fez com que decidíssemos penetrar no gabinete. Eusapia mantinha-se na posição em que a havíamos deixado antes, e demonstrava cansaço e sofrimento."

"No que se relaciona com a realidade dessas manifestações", acrescenta o Dr. Venzano, "seria inútil dispensar-lhe palavras supérfluas. Trata-se de fenômenos que se produziram em plena luz, em lugar escolhido e cercado por nós das mais rigorosas precauções quanto não só ao local das experiências como ao médium e às suas roupas."

Enfim, e é aqui que a aparição da mulher e da criança se reveste dum aspecto espíritoide, a família Avellino, principalmente a senhora Avellino, cuidaram reconhecer naquelas figuras fantasmáticas, devido a certos pormenores de indumentária, mormente a touca toda guarnecida de rendas, a mãe e um dos filhos da Sra. Avellino, criança essa falecida com a idade de três anos apenas.

Leadbeater também presenciou esta modalidade de personificação. Disse ele:

"Já vi três formas juntas, materializadas: a de um árabe de estatura uns três centímetros maior que a comum; a de um europeu de estatura mediana, e a de uma menina morena, porém que se dizia índia-pele-vermelha".

Florence Marryat relata que, certa feita, durante uma sessão com Arthur Colleman, *"houve nada menos de seis formas presentes, e os assistentes eram apenas cinco; depois, a forma astral ou fluídica de A. Colleman apareceu também, com profunda estupefação nossa"*.

Em relação à hipótese do inconsciente do MB como causa das aparições coletivas Alexandre Aksakof assim se posicionou:

"Mas, poder-se-ia argumentar, e nos casos em que a materialização se produz, mesmo que o médium esteja em estado de transe, há, pois, nesse caso duas consciências, duas vontades, dois corpos que agem simultaneamente?"

E prosseguiu:

"E quando duas ou três formas materializadas aparecem ao mesmo tempo, convém atribuí-las sempre a essa fantasia sonambúlica, atribuindo-lhe a faculdade de multiplicar os corpos e as consciências?"

Aparições coletivas de pessoas conhecidas

O caso único deste gênero vamos encontrar nos Evangelhos (Marcos 9:2-7, Mateus 17:1-7, Lucas 9:28-34), quando, na presença dos apóstolos Pedro, Tiago e João, apareceram Moisés e Elias e conversaram com Jesus.

Aparições minúsculas

Observou-se que nas sessões de Kluski as aparições se apresentavam em tamanho bem menor do que o normal, quando aquele médium começava a ficar esgotado.

O Prof. F.W. Pawloski constatou que, nas ocasiões em que Kluski não estava em boas condições físicas ou psicológicas, as aparições se reduziam a 2/3 ou até mesmo à metade do tamanho normal.

A respeito desses prodígios realizados por Kluski, o Prof. Pawloski relatou suas observações decorrentes de experiências que realizou com aquele MB e que foram publicadas na revista "Psychic Science", em 1925:

"As materializações não são sempre de tamanho normal. No fim da sessão, quando o médium começa a ficar esgotado ou quando não está fisiológica ou psicologicamente bem disposto, a estatura dos espíritos torna-se inferior, anormal; ela fica reduzida a dois terços ou mesmo à metade do normal. A primeira vez que me sucedeu observar esse fenômeno, julguei tratar-se de crianças, mas examinando-as melhor, distingui os rostos enrugados de um velho e de uma velha, em dimensões muito reduzidas. Quando esse fato se deu, a personalidade dirigente das sessões disse: "Ajudem o médium", expressão empregada do círculo, para fazer notar que o médium começava a perder as forças e que os experimentadores executassem simultaneamente a respiração

profunda cujo efeito era literalmente maravilhoso; o tamanho dos espíritos anões aumentava rapidamente e, em alguns segundos, tomava proporções normais".

Eva Carrière e Franek Kluski conseguiram realizar um fenômeno singular: a aparição de figuras humanas minúsculas com até vinte centímetros de altura.

Aparições luminosas

A aparição pode apresentar-se sob forma luminosa.

Ranieri assim descreveu este fenômeno que presenciou:

"Diversos espíritos apresentaram-se materializados. Todavia se apresentaram totalmente iluminados, por luz que saía de dentro para fora, tornando o ambiente antes às escuras, num suave crepúsculo. A impressão exata que se tinha era de que um globo de luz fluorescente em forma humana caminhava pela sala."

Uma destas aparições luminosas impressionou vivamente Ranieri, que assim relatou o fato:

"Tudo escuro. De repente, na entrada da cabina, surgiu uma figura luminosa de beleza sem igual. Posso declarar que durante todo o tempo que freqüentei o André Luiz jamais vi alguém que se lhe assemelhasse em luminosidade. O seu corpo espiritual se apresentava todo cheio de ondulações como se fosse a pele de um carneiro. Lembrava a roupa com que o Dante nos é apresentado: túnica e a cabeça envolvida por uma espécie de turbante. A luz irradiante era intensa e de uma grandiosidade fora do comum. Sabíamos que diante de nós estava uma elevadíssima figura espiritual."

E mais adiante:

"Estava pertinho de mim. Tomei o papel e o lápis. Aproximei-me um pouco mais e comecei a escrever à claridade que do espírito se irradiava. O papel iluminado pela "luz do luar" que se desprendia do espírito me permitiu anotar tudo o que desejava. O espírito afastou-se, penetrou na cabina e nós voltamos a nos mergulhar em completa escuridão".

Contou Ranieri que ficou deslumbrado com uma das aparições luminosas e, quando uma outra aparição se fez presente, ele lhe perguntou quem era aquela que a antecederia. E foi informado que se tratava de Maria João de Deus que, em sua vida física, fora mãe de Francisco Cândido Xavier e, anos depois de sua morte, ditou a seu filho, por psicografia, um livro intitulado "Cartas de uma Morta".

Aparições com xenoglossia

Há casos de aparições que falam ou escrevem em idioma desconhecido do MB.

Nas sessões de Elisabeth D'Esperance, a aparição "Nephenté", que dizia ter vivido na Grécia clássica, escreveu, algumas vezes, em grego antigo.

O Prof. Pawloski informou que, nas sessões de Kluski, as aparições falavam geralmente na língua de seu país natal. Segundo Paul Gibier, este fenômeno também ocorria nas reuniões da Sra. Salmon.

Contatos físicos dos pesquisadores com as aparições

William Crookes, Harry Price, Charles Richet, Paul Gibier, entre outros, examinaram fisicamente as aparições e, segundo eles, tiveram a firme convicção de que apalpavam pessoas reais. Ouviram seus batimentos cardíacos. Sentiram o calor de seus corpos. Conversaram com elas e constataram que eram de seres inteligentes e autônomos.

Disse Crookes que em 11 de março de 1874, a aparição “Katie King” passou pela sala durante quase duas horas, conversando familiarmente com as pessoas presentes. Por várias vezes, tomou Crookes pelo braço e saiu andando com ele. Crookes confessa que a impressão que teve é que “Katie” era uma mulher viva e não uma visitante do outro mundo. Ele, então, pediu-lhe permissão para tomá-la nos braços, o que lhe foi concedido. Crookes se convenceu de que tinha em seus braços uma pessoa tão material quanto a própria Florence Cook.

Crookes também observou diferenças físicas entre Florence Cook e “Katie King”:

“A estatura de Kátie era variável: em minha casa a vi maior 6 polegadas do que a Srta. Cook. Ontem à noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ela era maior 4 polegadas e meia do que a Srta. Cook, e tinha o pescoço descoberto; a pele era perfeitamente macia ao tato e à vista, enquanto à Srta. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circunstâncias semelhantes, se vê distintamente, sendo áspera ao tato. As orelhas de Kátie não são furadas, enquanto as da Srta. Cook trazem ordinariamente brincos. A cor de Kátie é muito branca, enquanto a da Srta. Cook é muito morena. Os dedos de Kátie são muito mais longos que os da Srta. Cook, e seu rosto é também maior. Nas formas e maneiras de se exprimir há também diferenças assinaladas” .

Dr. Georges A. Tapp, examinando “Katie King”, observou que não havia ossos no seu punho. Comunicou o fato a aparição que, sorrindo, mandou que esperasse um pouco. Circulou, então, entre os presentes e colocou, depois, o seu braço na mão de Georges Tapp para novo exame e este constatou a presença dos ossos que faltavam.

Numa outra sessão, tendo gracejado com “Katie King”, recebeu um forte murro da aparição. Surpreso com a dor da pancada, Georges Tapp, instintivamente, agarrou o punho direito de “Katie”, que cedeu à pressão como fosse um papel fofo e os seus dedos se encontraram através do braço da aparição que fundia como um fluido.

Paul Gibier declarou que freqüentemente apertava a mão das aparições e conversava com elas.

A aparição “Mahedi”, que comparecia às sessões de Monck, era um gigante. Sua força física era tão grande que ela suspendia uma pessoa até a altura de seus ombros sem aparente esforço.

Ranieri relata que, nas sessões de Fábio Machado, se apresentava uma aparição chamada de “Palminha”, muito brincalhona, e que gostava de se agarrar com as pessoas, caindo com elas no chão, dando-lhes tapas e empurrões, fazendo-lhe cócegas, arrastando-as para o meio da sala, falando com elas e causando um grande alvoroço no recinto.

Conta Guy Playfair que o Dr. Rubens Romanelli apertou a mão da aparição "Sheilla", "sentindo a resistência de um corpo carnal, o calor de uma mão humana". Disse Romanelli:

"Notei que seus olhos não tinham brilho e perguntei-lhe o motivo. Explicou-me que isto era perfeitamente normal durante a materialização, porque não era possível reproduzir o brilho dos olhos humanos. Notei também uma mancha escura entre o seu braço e o seu tórax e ela explicou que, desde que o médium estava atacado de um resfriado, não lhe era possível materializar-se completamente. Disse que isso era prova de que ela era realmente um espírito e pediu-me que pegasse a capa de um álbum de discos e passasse entre seu braço e seu tórax, o que fiz sem qualquer dificuldade, apurando que não havia ligação material entre ambos. O braço me deu a impressão de estar solto. Não havia ligação material para os nossos olhos, mas havia um dinamismo espiritual que iludia o olho material, e esse dinamismo permitia a articulação do braço."

"Sheilla" explicou a Romanelli que o fenômeno da aparição objetiva apresenta o mesmo processo do ferromagnetismo, onde o ectoplasma, à semelhança da limalha de ferro atraída pelo eletroímã, é orientado em direção ao SHT.

Romanelli observou que os olhos de "Sheilla" não tinham brilho e ela lhe explicou que isto acontecia, porque era impossível reproduzir o brilho dos olhos humanos. O mesmo fato ocorreu com "Katie King", no século passado. Os olhos da aparição, segundo o testemunho de algumas pessoas, eram fixos, glaciais, sem expressão, como se fossem de vidro.

MBs e aparições vistos juntos

Informou Lombroso que Elisabeth D'Esperance e a aparição "Iolanda" foram fotografadas juntas.

D'Esperance confirmou que, em algumas ocasiões, ela e "Iolanda" desfilaram juntas para que fossem percebidas pelas pessoas presentes às sessões:

"Às vezes, passei com Iolanda fora do gabinete, de modo que os assistentes podiam ver-nos ambas ao mesmo tempo."

William Crookes declarou que viu, simultaneamente, mais de uma vez, Florence Cook e a aparição "Katie King". Ele, assim, descreveu uma dessas ocasiões:

Entre no aposento com precaução: estava escuro, e foi pelo tato que procurei a Srta. Cook; encontrei-a de cócoras, no soalho.

Ajoelhando-me, deixei o ar entrar na lâmpada, é, à sua claridade, vi essa moça vestida de veludo preto, como se achava no começo da sessão, e com toda a aparência de estar completamente insensível. Não se moveu quando lhe tomei a mão; conservei a lâmpada muito perto do seu rosto, mas continuou a respirar tranqüilamente.

Elevando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi Kátie, que se achava em pé, muito perto da Srta. Cook e por trás dela. Kátie estava vestida com uma roupa branca, flutuante, como já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cook na minha e ajoelhando-me ainda, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para alumiar a figura inteira de Kátie, como para plenamente

convencer-me de que eu via, sem a menor dúvida, a verdadeira Kátie, que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas moveu a cabeça, em sinal de reconhecimento. Três vezes examinei cuidadosamente a Srta. Cook, de cócoras, diante de mim, para ter a certeza de que a mão que eu segurava era de fato a de uma mulher viva, e três vezes voltei a lâmpada para Kátie, a fim de a examinar com segurança e atenção, até não ter a menor dúvida de que ela estava diante de mim. Por fim, a Srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Kátie, deu um sinal para que me fosse embora. Retirei-me. Para outra parte do gabinete e deixei então de ver Kátie, mas só abandonei o aposento depois que a Srta. Cook acordou e que dois dos assistentes entrassem com luz.

O Rev. Haraldur Nielson afirmou que, inúmeras vezes, observou Indridi Indridasson ao lado de uma aparição.

Ações físicas praticadas pelas aparições

A aparição de Estelle escrevia cartas para seu esposo Livermore, enquanto as mãos de Kate Fox estavam seguras. A caligrafia era uma reprodução perfeita de sua grafia, quando viva.

Nandor Fodor declarou que, em novembro de 1890, em uma das sessões de George Spriggs, uma das aparições bebeu água, comeu biscoitos e escreveu cartas para as pessoas presentes.

Aliás, segundo Lucas (24:36-43) Jesus, após a sua morte, tendo aparecido, certa ocasião, entre os discípulos ainda incrédulos e estupefatos com o que viam, perguntou-lhe se havia alguma coisa para comer. Eles lhe deram um pedaço de peixe assado e Jesus, tomando-o em suas mãos, pôs-se a comê-lo à vista de todos.

Algumas aparições, como "Nephenté" e "Kátie King", costumavam escrever cartas à frente dos assistentes.

Outras aparições, além de falar com os assistentes, também costumavam cantar.

Nas sessões de "Peixotinho", a aparição que dizia ser japonês e se chamar "Tongo" fazia desenhos das outras aparições que participavam das mesmas. Certa ocasião, "Tongo" escreveu, em sua língua, uma poesia de Casimiro Cunha.

Fotografia das aparições

William Crookes obteve quarenta e quatro fotografias de "Katie King" e, em uma delas, foi fotografado ao seu lado.

Em uma das sessões realizadas por "Peixotinho" em Fortaleza, em 1952, foi fotografada a aparição de Maria Gonçalves Duarte, que, quando viva, tinha sido esposa do conferencista espírita português, Isidoro Duarte Santos. Uma cópia da fotografia da aparição foi enviada ao seu marido em Portugal, que a reconheceu de imediato. Por causa disto, Isidoro Duarte Santos veio ao Brasil e conseguiu participar de uma sessão com Peixotinho, onde, mais uma vez, ocorreu a aparição de sua esposa. A aparição, no entanto, não foi total e não apresentou a mesma nitidez da vez anterior. Isidoro, então, pediu-lhe uma prova contundente de sua identidade. Um perfume invadiu o aposento e Isidoro reconheceu que se tratava do

mesmo perfume que o casal costumeiramente usava. É preciso ressaltar que Maria Gonçalves Duarte jamais esteve no Brasil.

Em três sessões diferentes de "Peixotinho", na residência de Francisco Cândido Xavier, foram obtidas três fotografias de aparições. Em abril de 1953, foi batida a fotografia da aparição de Camerino, surgindo numa massa ectoplásmica, ao lado de Peixotinho deitado numa cama. Camerino, quando vivo, residia em Macaé, RJ, tendo ali falecido. Outra fotografia, nas mesmas circunstâncias, foi obtida em 15 de setembro do mesmo ano, nela aparecendo o rosto de Ana, que viveu e desencarnou em Campos, no então Estado do Rio. E, finalmente, em 13 de dezembro de 1954, conseguiu-se a foto de uma aparição, em fase de materialização, de uma pessoa que, em vida, era conhecida por Pinheiros e que viveu e morreu em Macaé, Rio de Janeiro.

As vestes das aparições

Um dos fatos mais intrigantes é a vestimenta das aparições. Algumas se vestem de maneira exótica, cheias de adereços e jóias e de toda esta indumentária não fica o mínimo vestígio. A aparição "Abd-u-lah", quando se apresentava nas sessões de Eglington, se ornava com diamantes, esmeraldas, rubis, anéis e crucifixos que valiam uma fortuna. Em outras ocasiões, ele materializava pedras preciosas no ar e entregava aos presentes para serem examinadas e estimadas quanto ao seu valor. Em seguida, ele as desmaterializava.

Em casos raríssimos, porém, as aparições cortaram pedaços de suas roupas e deixaram de lembrança para os presentes. Outras, como "Katie King", ofereceram, muitas vezes, anéis de seus cabelos como souvenir, os quais eram diferentes, em cor, dos cabelos de Florence Cook.

Outra relação interessante é a das vestes do MB com as das aparições objetivas.

Elisabeth D'Esperance relata este fenômeno:

“Foi numa dessas sessões, em Cristiânia, que certo assistente furtou um pedaço de pano que envolvia um Espírito. Mais tarde descobri que faltava um grande pedaço quadrado da fazenda de minha saia, o qual havia sido em parte cortado e em parte arrancado. Meu vestido era de uma fazenda espessa de lã, de cor escura, ao passo que o pano subtraído tinha igual forma ao que me faltava, porém era maior, de cor branca, e de um tecido tão fino e leve como a teia de aranha. Um fato semelhante tinha sucedido na Inglaterra, quando alguém pedira a Nínia um fragmento de sua ampla vestimenta. Ela consentira, embora contrariada, e a razão de sua pouca vontade foi explicada depois da sessão, quando encontrei um buraco no vestido que usava pela primeira vez. Sendo quase negro esse vestido, preferi atribuir o fato algum acidente da parte de Nínia a uma causa psicológica.

Como, porém, isso se repetiu, comecei a compreender que não se tratava de um acidente, e que a minha roupa ou as dos assistentes eram, de algum modo, o reservatório donde saiam os brilhantes vestidos que envolviam os Espíritos.

Esse mesmo fenômeno produziu-se ainda mais uma ou duas vezes; porém, quando o Espírito dava voluntariamente ou cortava ele próprio o pedaço de seu vestido, o meu ficava isento de qualquer avaria.”

A Sra. Ross-Church (pseudônimo Florence Marryat) descreveu uma demonstração do poder de "Katie King" sobre o seu próprio vestuário:

“Uma noite, quando Katie King esburacara muito seu vestido, eu lhe disse “que o vestuário teria necessidade de grandes consertos. Ela replicou: “Vou mostrar-vos como trabalhamos no mundo dos Espíritos”. Ergueu parte do seu vestido, e retalhou-o bem com a tesoura, deixando-lhe cerca de quarenta buracos; depois exclamou: “Não é uma bonita peneira?”. Estávamos muito perto dela; vimo-la então sacudir docemente sua saia, e logo todos os buracos desapareceram sem deixarem o menor sinal.”

D’Esperance era um dos poucos MBs que se mantinha consciente durante as materializações. Por isto, podia observar o que se passava nas sessões.

Aparelhos usados pelas aparições

Essa é uma das peculiaridades das aparições no Brasil: elas traziam estranhos aparelhos para as reuniões de “Peixotinho” e Fábio Machado e estes aparelhos eram vistos e tocados pelos assistentes.

Ranieri descreveu um deles: *“parecia um bolo feito numa forma semelhante à concavidade de um prato fundo, portanto quase um disco, gelatinoso, de cor verde-clara transparente.”*

Disse Ranieri que uma aparição colocou aquele aparelho no peito de uma senhora e *“como por um passe de mágica pudemos ver-lhe o interior do corpo como se contemplássemos peixes em um aquário: lá dentro palpitava o coração, viviam os pulmões e corria o sangue nas artérias e nas veias.”*

E, mais adiante acrescentou:

“Ainda não voltáramos de nosso assombro, quando a entidade mergulhou uma das mãos através do aparelho, ficando parte da mão no interior do corpo da senhora e o resto de fora. Em gestos compassados, o espírito retirava a mão e tornava a mergulhá-la. De cada vez que retirava trazia nos dedos certa matéria escura que lançava no ambiente e se dissolvia.”

As informações de Ranieri a respeito de Fábio Machado não são precisas. Apenas se sabe que fazia parte do grupo de Jair Soares, de Belo Horizonte, e ali produziu fenômenos de aparição, com a participação das mesmas entidades que pontificavam nas sessões de "Peixotinho".

Certa noite, “Zé Grosso” anunciou que se ia fazer uma experiência nova, saturando o ambiente com radioatividade.

Indagado sobre os riscos desta experiência para as pessoas presentes, “Zé Grosso” respondeu que os SHTs iriam derramar no ambiente um outro elemento ainda desconhecido pelos homens e que neutralizaria a ação do rádio.

Ranieri assim descreveu esta inusitada experiência:

“De repente, o Márcio Cattôni deu um grito de alegria e de espanto ao mesmo tempo:

- Olhem, olhem para a minha roupa, para o meu suspensório! Está saindo luz!

Todos nos voltamos imediatamente para o Márcio e contemplamos um fenômeno notável: à medida que o Márcio passava as mãos na roupa ou no

suspensório, dele saía luz, luz fosforescente, luz de luar, luz igual à que os espíritos, pelo Peixotinho, apresentavam nos seus tecidos do outro mundo.

Imediatamente, o César Burnier, uma das pessoas presentes, advogado e fiscal do Estado de Minas Gerais, experimentou fazer a mesma coisa e o fenômeno se reproduziu com ele.

Todos nós tentamos realizar o mesmo fenômeno e o fenômeno se revelou com todos que o tentaram. Alguns passavam as mãos nos cabelos e os cabelos derramavam luz fosforescente. Eu passei as mãos na minha roupa, nos meus suspensórios e nos meus cabelos e via a luz desprender-se deles.

Eram quase trinta pessoas a realizar o mesmo fenômeno, a reproduzir a mesma experiência.

Tempos depois, o Zé Grosso disse que iam retirar a radioatividade do ambiente. Retirada a radioatividade, todos tentaram continuar realizando o fenômeno, esfregando as roupas, os suspensórios e os cabelos, mas apenas a escuridão respondia ao apelo. Nada mais acontecia. Como por encanto, a luz fosforescente desaparecera do ambiente como um anjo de luz que houvesse desaparecido nas trevas.”

Embora as aparições objetivas brasileiras não tenham sido investigadas por cientistas renomados, com rigoroso controle científico, não se pode negar, no entanto, o seu valor empírico.

Relações entre os MBs e as aparições

Porém, o fenômeno mais impressionante é a relação entre o MB e a aparição objetiva. Jayme Cervino elegantemente a definiu como uma “*notável solidariedade fisiológica entre médium e fantasma – gêmeos univitelinos, quer exista ou não um elo visível entre ambos.*”

E, mais adiante:

“*Médium e fantasma, feitos da mesma substância, constituem uma unidade funcional, organismo único ocasionalmente cindido por um prodigioso efeito de psicocinesia.*”

Elisabeth D’Esperance observou existir uma forte relação física e psicológica entre ela e a aparição “Iolanda”. Disse ela:

“*Parecia existir entre nós um laço estranho. Eu nada podia fazer para garantir sua presença no meio de nós, pois ela vinha e se retirava inteiramente independente da minha vontade. Entretanto, descobri que, enquanto ela se achava conosco, sua curta existência material dependia da minha vontade, e que então eu perdia, não a minha individualidade, mas a minha força e o meu poder de agir.*

Eu perdia também uma grande parte da minha substância material, embora na ocasião não desconfiasse disso. Sentia em mim uma transformação qualquer, e é curioso que todo esforço de minha parte para pensar com lógica e seguir o encadeamento de um raciocínio parecia molestar e enfraquecer Iolanda. Ela possuía mais força e vida, quando eu tinha menos inclinação a pensar e raciocinar.”

E ainda notou:

“Todo movimento um pouco rápido da parte de Iolanda me faz mais facilmente transpirar. Não sei onde ela se move; sinto somente que ela o faz, e sei agora, por experiência, que todo esforço de sua parte me esgota muito mais do que se eu fizesse por mim própria.”

Ela constatou que se sentia mais forte, quando "Iolanda" se desmaterializava.

Tudo o que acontecia com o corpo de "Iolanda" repercutia no corpo de D'Esperance. Ela assim descreveu esta experiência:

“Não sei quando ela toca um objeto, como, por exemplo, um livro, uma mesa; mas quando ela agarra alguma coisa, sinto os meus músculos se contraírem, como se as minhas mãos houvessem agarrado esse objeto. Quando ela modelou a mão na parafina derretida, experimentei uma sensação de queimadura. Quando houve sessões na casa do Sr. Hedlund, lembro-me de que uma noite ela abriu ao meio a cortina do gabinete; pareceu-me que, nesse momento, Iolanda deu com o pé num cavalete de pintura, porque senti imediatamente uma dor no pé; Iolanda, porém, nada sentiu.

Há alguns anos, em Newcastle, ela tinha uma rosa na mão, e um espinho lhe entrou no dedo; no mesmo momento senti a picada no meu dedo.”

Informou ainda D'Esperance:

“Quando toco Iolanda sinto como se tocasse em mim própria; mas, como sinto que aí há quatro mãos, concluo que elas não são minhas. Sábado, quando ela tomou as minhas duas mãos, uma para segurar a guitarra, outra para dedilhar as cordas, tive a sensação de que eu mesma estava tocando as minhas mãos. As mãos delas estavam mais frias do que as minhas: eis a única diferença notável.”

E ainda:

“Quando ela me toca, a sensação é toda semelhante à que eu experimento tocando-me a mim mesma. Não sinto como se fosse uma parte dela; mas sinto, ao contrário, como se ela fosse uma parte de mim.”

D'Esperance narrou essa sua extraordinária experiência:

“Apresentou-se então outra figura menor, mais delgada e com os braços estendidos. Alguém se levantou na extremidade do círculo, caminhou para ela e caiu em seus braços. Ouvi gritos mal articulados:

- Ana, ó Ana! minha filha, meu amor!

Outra pessoa aproximou-se igualmente e passou os braços em torno do Espírito; lágrimas, soluços e louvores a Deus se confundiram. Eu sentia o meu corpo puxado, ora para direita, ora para a esquerda, e tudo se tornou sombrio a meus olhos. Experimentava a sensação de ser abraçada por alguém, e entretanto eu me achava só na minha cadeira. Sentia que o coração de alguém batia de encontro ao meu peito, que tudo isso está dando, ao passo que junto a mim apenas se achavam duas crianças. Ninguém pensava em mim; todos os pensamentos, todas as vistas convergiam para a branca e delicada figura cercada pelos braços de duas mulheres de luto.

*Eu sentia distintamente pulsar o meu coração, e, entretanto, que braços eram esses que me cercavam? Jamais tive consciência de um contato tão real, e comecei a perguntar a mim mesma **quem era eu**. Seria aquela branca figura ou a pessoa assentada na cadeira? Seriam minhas as mãos que rodeavam o pescoço*

da dama idosa, ou só eram minhas as mãos que descansavam nos joelhos da pessoa sentada na minha cadeira?

Certamente eram meus os lábios que recebiam os beijos, era meu o rosto que eu sentia regado pelas lágrimas abundantes das duas velhas damas. Como se dava isso? Era horrível o sentimento de perder assim a consciência da minha identidade. Desejei erguer uma das mãos do corpo que se achava na cadeira e tocar em alguma coisa, a fim de saber se eu existia realmente ou se era somente a vítima de um sonho; desejei saber se Ana era eu, se a minha personalidade e a dela eram a mesma coisa.

Sentia os braços trêmulos da velha, os beijos, as lágrimas e as carícias da sua irmã; ouvia sua bênção e, entregue a uma verdadeira agonia de dúvidas e angústias, perguntava a mim mesma que tempo duraria isso, por quanto tempo duraria esse estado.

Eu seria Ana ou Ana seria eu?

*De repente, senti duas mãos pequenas segurarem as minhas, que se conservavam inertes. Elas me fizeram tomar posse de mim mesma e, com um sentimento de alegria exaltada, senti que **eu era eu**. É que o menino Jonte, fatigado de ver diante de si o Espírito materializado e as duas mulheres, sentiu-se isolado e agarrou as minhas mãos para se consolar.*

Que felicidade me veio com o contato da mão dessa criança! Minhas dúvidas desapareceram a respeito da minha individualidade e do lugar em que me achava... E, quando esse sentimento voltava, a branca figura de Ana entrou no gabinete, e as duas damas retomaram suas cadeiras, agitadas, soluçando, porém cheias de contentamento.”

D'Esperance também assinalou que experimentava uma fadiga particular, quando os aparições se apresentavam.

Numa sessão desastrosa em que um dos assistentes agarrou "Yolanda", D'Esperance sofreu as conseqüências físicas desse incidente, como ela própria narrou:

“O que experimentei foi uma sensação angustiosa e horrível, como se me quisessem sufocar ou esmagar, como se eu fosse uma boneca de borracha violentamente apertada nos braços de uma pessoa. Depois, senti-me invadida pelo terror, constrangida pela agonia da dor; julguei que ia perder a razão e precipitar-me num abismo medonho, onde nada via, nada ouvia, nada compreendia, a não ser o eco de um grito penetrante que parecia vir de longe.

Sentia-me cair, mas não sabia em que lugar. Tentava segurar-me, prender-me a alguma coisa, mas o apoio me faltava; desmaiei, e só tornei a mim para estremecer de horror, com a idéia de haver recebido um golpe mortal.

Os meus sentidos pareciam dispersos, e não foi senão aos poucos que pude concentrá-los suficientemente para saber o que sucedera. Iolanda tinha sido agarrada por alguém, que a tomou por mim própria.

Foi o que me contaram. Esse fato era tão extraordinário que, se me não achasse em tão penoso estado de prostração, eu teria rido, porém não pude pensar nem mover-me. Sentia que pouca vida restava em mim, e esse sopro de vida era para mim um tormento. A hemorragia pulmonar, que durante a minha estada no Sul fora aparentemente curada, reapareceu, e uma onda de sangue quase me sufocou. Dessa sessão resultou para mim uma longa e grave

enfermidade, que fez demorar por muitas semanas a nossa partida da Inglaterra, pois que eu não podia ser transportada.”

Elisabeth D’Esperance sentia fisicamente tudo o que sucedia com as aparições, porque estas, na verdade, eram uma extensão de seu corpo. E, embora se mostrassem autônomas, elas faziam parte da substância física e psíquica de D’Esperance.

O Prof. V. Tummolo, numa das sessões com Lucia Sordi, relatou que, numa tentativa de desmascará-la, um pesquisador, sentindo-se tocado por algo, acendeu a lâmpada elétrica, produzindo uma luz intensa no recinto. Então, se viu uma espécie de camisa transparente que imediatamente entrou em Lúcia Sordi. Ela foi encontrada em sua cabina com o controle que lhe impuseram totalmente intacto.

Como resultado disto, Lucia expectorou sangue e sentiu dores terríveis na região do coração, que duraram até o dia seguinte.

A respeito de sua relação com a aparição, dizia a Sra. Mellon:

"Eu sinto como se fosse aquela forma, e ainda eu sei que eu não sou e que eu estou sentada em minha cadeira. É um tipo de dupla consciência - um sentimento longínquo, difícil de definir. Em um momento eu tenho calor, e no momento próximo, frio. Às vezes sinto uma sufocação, um desfalecimento, uma sensação de afundamento, quando a forma está fora."

Descrevendo uma sessão de aparição objetiva da Sra. Thompson, Sr. F. W. Thurstan disse:

"Tudo isso enquanto a Sra. T. estava completamente consciente, mas ela ficou exclamando que sentia "um vazio" e notou que sempre que os dedos de "Clare" tocavam qualquer pessoa ela sentia distintamente uma sensação de picadas no corpo dela, bem parecido às suas experiências quando ela foi colocada uma vez em um tamborete isolante e carregado de eletricidade e pessoas tocavam nela para fazer faísca vinda dela".

As interações entre o MB, a aparição e os participantes das sessões são das mais diversas naturezas.

A Senhorita Cook de Florença apresentou certa vez uma mancha escura em uma parte coberta do seu corpo depois que uma marca de tinta foi feita na face de "Katie", enquanto o MB estava fechado na cabina.

D’Esperance que nunca fez uso de tabaco, sentia o envenenamento de nicotina, quando os assistentes fumavam durante o processo de ectoplasmia.

Willie Reichel observou que as aparições de C. V. Miller cheiravam a tabaco e até mesmo a comida e vinho se o MB tivesse feito uso deles antes da sessão.

Aparição vista por uma só pessoa

Pode acontecer que a aparição ocorra na presença de uma única pessoa. A questão reside em saber se se trata de uma aparição objetiva ou de uma aparição subjetiva.

Disse Yogananda que, após a morte do mestre Láhiri Mahásaya, este apareceu, no dia seguinte, no seu quarto em Benares, às dez horas da manhã e conversou com ele. Em outra ocasião, Yogananda, que estava hospedado, num quarto de hotel em Bombaim, recebeu, às três horas da tarde, a visita de seu

mestre, Sri Yuktéswar, que falecera dias atrás, e ambos dialogaram por um longo tempo.

Elisabeth Kübler-Ross também passou por uma experiência semelhante. Ela conta que, em virtude de sua falta de sintonia com o pastor N, estava se preparando para encerrar definitivamente o seu seminário sobre a morte e o morrer. Assim decidida, na ocasião em que ela e o pastor se encontravam diante da porta do elevador analisando o seminário que acabara pouco antes, ela procurou a melhor maneira para abordar o assunto. Quando o pastor apertou o botão para chamar o elevador, ela resolveu lhe falar antes que ele entrasse e as portas se fechassem. Porém, foi tarde demais. As portas do elevador se abriram.

Elisabeth assim relatou o caso:

“Mal comecei a falar, uma mulher apareceu de repente atrás do pastor e diante do elevador aberto. Meu queixo caiu. A mulher flutuava no ar, quase transparente, e sorria para mim como se nos conhecêssemos.

- Meu Deus, o que é isso? - perguntei, com voz esquisita. O pastor N. não tinha noção do que estava se passando. Pelo modo como me olhou, pensava que eu estava perdendo o juízo.

- Acho que conheço essa mulher - eu disse. - Ela está olhando para mim.

- O quê? - perguntou ele, olhando e não vendo nada.

- Ela está esperando que o senhor entre no elevador para poder sair - respondi.

O pastor N., que provavelmente já estava planejando como escapar daquela situação, pulou para dentro do elevador como se fosse uma rede de segurança. Quando ele se foi, a mulher, a aparição, aquela visão, aproximou-se de mim.

- Doutora Ross, eu tinha de voltar - disse. - Importa-se se formos para seu consultório? Só preciso de alguns minutos.

A distância dali até meu consultório era pequena. Mas foi o percurso mais estranho e arrepiante que jamais fiz. Será que eu estava tendo um surto psicótico? Estava realmente um pouco estressada, mas não a ponto de ver fantasmas. Especialmente fantasmas que paravam diante da porta de meu consultório, abriam a porta e deixavam-me entrar primeiro como se eu fosse a visitante. Assim que ela fechou a porta, porém, a reconheci.

- Senhora Schwartz!

O que eu estava dizendo? A senhora Schwartz morreria dez meses antes. E fora enterrada. No entanto, lá estava ela em meu consultório, de pé a meu lado. Sua aparência era a mesma de sempre, agradável mas preocupada. Eu, decididamente, não me sentia da mesma maneira, portanto, sentei-me antes que desmaiasse.

- Doutora Ross, tive de voltar por duas razões - disse, claramente. - Primeiro, para agradecer tudo o que a senhora e o reverendo Gaines fizeram por mim.

Toquei com a ponta dos dedos minha caneta, meus papéis e minha xícara de café para ter certeza de que eram reais. Eram tão reais quanto o som da voz dela.

- A segunda razão por que voltei, entretanto, foi para dizer-lhe que não desista de seu trabalho sobre a morte e o morrer... ainda não.

A senhora Schwartz veio para o lado de minha escrivadinha e lançou-me um sorriso radiante. Tive um momento para pensar. Aquilo estava realmente acontecendo? Como ela sabia que eu estava planejando parar?

- Está me ouvindo? Seu trabalho apenas começou - disse. Vamos ajudá-la.

Embora fosse difícil até para mim acreditar no que estava acontecendo, não pude deixar de dizer:

- Sim, estou ouvindo.

Subitamente, percebi que a senhora Schwartz já sabia o que eu estava pensando e tudo o que ia dizer. Decidi ter uma prova de que ela estava mesmo ali dando-lhe uma caneta e uma folha de papel e pedindo-lhe para redigir um bilhete para o reverendo Gaines. Ela rabiscou um rápido agradecimento.

- Agora está satisfeita? - perguntou.

Para ser franca, eu não sabia bem o que estava sentindo. Um instante depois, a senhora Schwartz desapareceu. Procurei-a por toda parte, não encontrei, voltei correndo para meu consultório e examinei o bilhete dela, apalpando a folha de papel, analisando a caligrafia e assim por diante. Então me contive. Por que duvidar? Por que continuar questionando?

Como aprendi desde então, se não estivermos prontos para experiências místicas, nunca acreditaremos nelas. Se estivermos abertos, porém, essas experiências virão a nós, acreditaremos nelas e, ainda por cima, mesmo que o nosso destino dependa disso naquele instante, saberemos que são absolutamente reais.

De uma hora para outra, a última coisa no mundo que queria fazer era abandonar meu trabalho. Alguns meses mais tarde, iria mesmo deixar o hospital, mas naquela noite fui para casa revigorada e animada quanto ao futuro. Sabia que a senhora Schwartz tinha impedido que eu cometesse um terrível engano. O bilhete dela foi enviado para Mwalimu. Segundo me consta, ele ainda o guarda.”

Esta experiência de Elisabeth Kübler-Ross é complexa. Na ocasião em que ela estava na companhia do pastor N, a aparição foi subjetiva. Porém, ela se transformou, depois, numa aparição objetiva, deixando uma prova visível de sua "materialidade", ao escrever, a pedido de Elisabeth, um bilhete para Mwalimu.

Aparição de pessoa viva?

Disse Nandor Fodor que, por mais absurdo que possa parecer, há alguns casos registrados de aparição objetiva de pessoas vivas. Um desses foi o de Alfred Vout Peters que viu, numa sessão de Cecil Husk, a aparição objetiva de um amigo vivo, o qual, naquele momento, estaria em casa, talvez dormindo.

Horace Leaf declarou que, quando estava em Edimburgo, recebeu a visita de uma sua parente que se encontrava em Londres. Ele conversou durante vários minutos com a aparição, segurando a sua mão e sentiu que, embora de forma tênue, tinha ossatura. Depois de expressar sua alegria pelo encontro, ela disse que René D... iria para Nova Iorque. Dito isto, desapareceu.

Dias depois, Horace foi à casa da parente em Londres. Ele lhe contou sobre o fato, mas ela achou que tudo não passava de um sonho. Porém, quando foi mencionada a informação sobre a viagem de René, ela ficou surpresa, dizendo que

René lhe dissera que esta viagem era um segredo e que ela não falasse com ninguém a respeito.

Podemos aparecer a alguém e mesmo lhe falar sem que tenhamos conhecimento deste fato? Parece que sim. Assim como não nos lembramos, geralmente, de todos os nossos sonhos, é possível que certas experiências transcendentais também não sejam normalmente acessíveis ao nosso consciente. Podemos, assim, agir fora do nosso estado de vigília, num estado alternativo de consciência, e praticarmos ações transcendentais das quais não nos lembraremos, quando retornarmos ao nosso estado ordinário de consciência.

Processo de desaparecimento da aparição

Florence Marryat, descreveu um fenômeno de desaparecimento de "Kátie King", à plena luz, na frente dos assistentes e a pedido destes:

"O Espírito Katie pôs-se em pé, encostado à parede do salão, e estendeu seus braços em cruz, esperando a dissolução. Acenderam-se os três bicos de gás (a sala media cerca de dezesseis pés quadrados).

O efeito produzido sobre Kátie foi extraordinário. Ela resistiu somente por um instante; depois, vimo-la fundir-se aos nossos olhos, como uma boneca de cera diante de um fogo forte. Primeiramente seus traços se desvaneceram, e não podiam ser distinguidos. Os olhos afundaram-se nas orbitas, o nariz desapareceu, o rosto pareceu entrar na cabeça. Depois os membros cederam, e todo o seu corpo se apagou como um edifício que caía. Não restava mais que a sua cabeça sobre o tapete; depois, um pouco de tecido branco, que desapareceu como se o tirassem daí subitamente. Ficamos alguns instantes com os olhos fixados no lugar onde Kátie cessara de aparecer. Assim terminou essa sessão memorável."

Certa ocasião, em uma das sessões de Elisabeth D'Esperance, a aparição conhecida por "Nephenthès", após ter sido fotografada várias vezes, se desmaterializou no meio da assistência.

Robert Tocquet, embora relutantemente, admitiu que seria difícil, "explicar pela fraude a materialização e a desmaterialização de Nephenthès, pois a descrição do fenômeno foi feita de maneira idêntica por diversos observadores que parecem qualificados. Além disso, convém notar que Mme. D'Esperance, após alguns anos de prática mediúnica, resolveu não entrar mais no gabinete de materialização, e sim permanecer no meio dos assistentes, que desta maneira puderam convencer-se que não era ela, disfarçada, quem desempenhava o papel de fantasma."

Uma das aparições de Maria

As aparições de anjos, santos e da Virgem Maria são fenômenos freqüentes no universo católico.

A Igreja investiga cerca de 2.000 aparições marianas. Um dos casos mais impressionantes destas aparições ocorreu em Zeitune, um subúrbio pobre do Cairo, uma cidade de população predominantemente muçulmana. Ali existe uma lenda segundo a qual Maria e José se esconderam em Zeitune após fugir de sua terra, quando Herodes ordenou a matança dos inocentes ao ser informado do nascimento

do Messias e, por isso, se cultivava naquele bairro uma rica tradição mariana. Essas aparições se iniciaram em 1968 e terminaram em 1971. Os fenômenos aconteceram na igreja copta conhecida como de Santa Maria de Zeitune. Scott Rogo assim descreveu o fenômeno:

"A aparição se revelava de várias maneiras. Antes da manifestação propriamente dita, lampejos eram vistos cruzando acima da cúpula. Ocasionalmente, a própria cúpula ficava intensamente iluminada. Outras vezes, fogos meteóricos fendiam na direção da igreja como se mandados do céu. A figura sempre surgia banhada em luz. A princípio um tanto amorfa, finalmente assumia contornos humanos mais bem-definidos. Primeiro, mostrava-se suspensa no ar, acima ou diante do domo central, ou caminhando para frente e para trás sobre o teto. Geralmente notava a multidão e fazia-lhe uma mesura. Em raras ocasiões, chegou a manifestar-se como "A Madona e o Menino". Jamais falava e suas aparições eram imprevisíveis. Podia surgir apenas uma vez ou desaparecer e reaparecer repetidamente no espaço de uma só noite. Embora quase sempre fosse vista no topo da igreja, também se materializou de raro em raro no pátio do edifício. A cor era o mais das vezes branca, mas podia assumir tons azulados. As roupas pareciam confeccionadas de luz diáfana.

Um aspecto especialmente bizarro dessa aparição era o modo com que costumava ser precedida ou acompanhada por "pombos de luz". Tratava-se de imagens luminosas lembrando pombos que voavam sobre a cúpula pouco antes ou durante as aparições. Às vezes, surgiram em noites em que a SVM não se manifestou. Como que formados de pura luz, embora atingissem consideráveis distâncias, jamais pareciam ruflar as asas. Também esse fenômeno foi repetidamente fotografado.

Outras descrições do fenômeno foram feitas pelo bispo Samuel, autoridade da Igreja Copta que avistou a aparição diversas vezes no início de abril de 1968 e pelo bispo Atanásio, outra autoridade daquela Igreja que viajou a Zeitune, de sua cidade Beni-Soueff, por solicitação do papa Cirilo VI. O bispo Atanásio apresentou seu relatório ao papa Cirilo e ao reverendo Jerome Palmer, um padre americano que se tornara perito no caso Zeitune. Em 1969, o padre Palmer foi ao Egito, entrevistou testemunhas e, mais tarde, publicou os seus depoimentos em seu livro "Nossa Senhora retorna ao Egito".

Aparições de STs

A Bíblia é um repositório de aparições angélicas. Entre muitas destas aparições, podemos destacar: a) a aparição de anjos a Abraão; b) a aparição de um anjo que lutou com Jacó; c) a aparição de anjos a Lot para lhe anunciar a destruição de Sodoma e Gomorra; d) a aparição do arcanjo Gabriel, anunciando a Virgem Maria que ela daria à luz a Jesus; e) a aparição de um anjo informando aos pastores o nascimento de Jesus; f) a aparição de um anjo que libertou Pedro da prisão.

Há relatos de aparições de figuras angelicais durante as batalhas. Algumas das mais famosas dessas aparições aconteceram no início da Primeira Guerra Mundial, nas batalhas entre as tropas alemãs e os aliados britânicos, franceses e belgas, no período de 23 a 28 de agosto de 1914, nas proximidades da cidade de

Mons, na Bélgica. Segundo relatos de oficiais britânicos, em uma dessas ocasiões, o exército alemão recuou, quando "uma tropa de anjos" se interpôs em seu caminho.

Aparição de formas animais

Nas sessões de Jean Guzik e Franek Kluski apareciam formas animais. Aparições de cães e animais estranhos aconteciam nas reuniões de Guzik. E, nas de Kluski, uma ave de rapina, pequenas feras, um leão e um homem-macaco. Um falcão apareceu pousado no ombro de Kluski e foi fotografado.

Cães também apareciam nas sessões da Sra. Etta Wriedt e de Haxby.

Charles Richet narrou este caso que ele presenciou com Guzik:

*“Em Varsóvia, numa sala fechada à chave, apareceram, iluminadas por um vago luar, duas formas de indivíduos fantasmagóricos, dos quais não se viam as faces. Conversavam entre si em polonês. Um disse: **“Por que trouxeste teu cão?”** Nesse momento ouvimos na sala o trote de um cão. Senti o cão aproximar-se de mim e morder gentilmente meu tornozelo, aliás sem me magoar. Foi tão nítido que pude distinguir ser um pequeno cão do qual eu sentia os pequenos dentes pontiagudos.. Depois o cãozinho aproximou-se de Geley e mordeu-o com mais força, de sorte que Geley, disse: **Basta, basta!** ao que censurei energicamente. Ele deveria dizer: **Mais, mais!**”*

Questiona-se, então, se estas aparições não seriam uma simples ideoplastia, um fenômeno de metafanismo ou a presença objetiva de animais falecidos. De todas essas hipóteses, a mais polêmica é certamente a última, pois há uma tendência de se admitir que a sobrevivência *post-mortem* é apenas privilégio do ser humano.

Discussão

Já se procurou explicar as aparições objetivas como sonhos compartilhados. A hipótese é sedutora, pois explicaria porque todas as pessoas presentes vêem as aparições, tocam nelas e são tocadas por elas, conversam com elas e as observam praticar ações físicas. O universo onírico tem também a sua “materialidade” e, por isto, as pessoas presentes no espaço do mesmo sonho poderiam constatar a materialidade dos SHTs. Então, não é de espantar que, numa mesma sessão, surjam, sucessiva ou simultaneamente, várias aparições, num ambiente semelhante a uma reunião social. Por certo o MB sozinho ou com o auxílio de outras pessoas é o produtor de aparições, numa parceria inconsciente para a satisfação das necessidades emocionais de alguns ou mesmo de todos os presentes.

Poderíamos dizer que a mente do MB fabricaria, a expensas do seu próprio organismo e também do de terceiros, formas humanas e animais, com todas as aparências de um ser vivo?

Ou poderíamos ainda conjecturar que estas formas não passam de singulares hologramas produzidos por seu inconsciente?

Acontece, porém, que o sonho compartilhado e o holograma, por si sós, não realizam ações físicas nem deixam marcas materiais de sua presença.

Restaria, por certo, a hipótese da ação do inconsciente do MB, transformando seus sonhos em realidade, utilizando os recursos de seu próprio

organismo e, possivelmente, também do organismo de terceiros. Esses seres, embora constituindo uma realidade física transitória, nada mais seriam do que cópias de pessoas falecidas, ou meras criações oníricas, quando se tratassem de pessoas fictícias. Esta hipótese se reforça, se se traz à discussão a aparição de formas humanas diminutas, como se tratasse de seres liliputianos das aventuras de Gulliver, frutos da imaginação de Swift.

Que a mente humana é capaz de criar seres psíquicos que podem assumir forma material é afirmado por Alexandra David-Neel. Segundo seu relato, ela observou, no Tibete, que os monges são capazes de produzir criaturas psíquicas, dotadas de vida autônoma e denominadas de *tulpas*. Ela diz que conseguiu criar um *tulpa*, o qual, posteriormente, teve de destruir pelos problemas que ele lhe estava causando.

Vemos também pela imaginação e fabricamos seres e cenas que jamais os nossos olhos viram. Logo, podemos ver sem os olhos e produzir as imagens apenas vistas através da nossa imaginação. A imaginação pode assim ser definida como a visão da mente.

Alguns romancistas, como Dickens e Balzac, diziam ver os personagens de seus livros como se fossem pessoas reais. E há pintores cujo poder de visualização lhes permite dispensar os modelos de seus quadros.

Cabe lembrar, ainda, que se uma imagem mental for sugerida a um paciente, em estado de hipnose, ele a continuará percebendo, mesmo depois de ser retirada a sugestão. Segundo Binet, que realizou vários desses experimentos, esta imagem fictícia se comporta como se fosse de natureza física aos olhos do hipnotizado, observando-se modificações de sua retina para se acomodar aos movimentos realizados pela imagem alucinatória.

Se o hipnotizado vê lá fora as imagens que lhe foram sugeridas, não poderiam estas imagens psíquicas adquirir materialidade? Eusápia Paladino conseguiu, à distância, imprimir três de seus dedos numa argila. O que impede, pois, a imaginação de fabricar seres humanos e não-humanos, dando-lhes materialidade, utilizando-se de seus recursos ectoplásmicos? Mas como podemos, por meio da personificação objetiva, reproduzir física e psiquicamente réplicas de pessoas falecidas que nós não conhecemos?

Tem razão Geley quando prudentemente teorizou que tudo se passa nas grandes sessões mediúnicas como se a aparição dos fenômenos, a iniciativa, a idéia diretriz primordial proviessem de entidades autônomas e independentes e como se este psiquismo, diretor primordial, se combinasse, de maneira inextricável, com elementos mentais, conscientes e subconscientes, tomados do MB e dos experimentadores.

A questão fundamental que se levanta é se o psiquismo inconsciente de uma pessoa pode criar seres com todas as características de uma pessoa viva, capaz de falar e realizar ações físicas.

Há aqueles que argumentam que, como o fato aconteceu há muito tempo, já perdeu a sua credibilidade, o que deixa em posição extremamente delicada todos os historiadores, notadamente os especialistas da Antigüidade.

O mais fácil e cômodo, porém, é se negar simplesmente a realidade deste fenômeno, com a velha e surrada alegação de fraude, sem se apresentar a menor prova daquilo que se alega.

Na verdade, as fraudes são mais alegadas do que provadas. Para os negadores sistemáticos, basta a suposição de que um MB poderia ter escamoteado um determinado fenômeno desta ou daquela maneira, mesmo à míngua do menor indício que autorize tal hipótese, para que a "prova" da fraude fique indiscutivelmente estabelecida.

MBs famosos fraudaram. Porém, nem todos fraudaram. E os que fraudaram, nem sempre o fizeram todas as vezes, pois se fraudassem sempre, não seriam MBs.

Allan Kardec a respeito, fez uma observação judiciosa:

"Existem, sem dúvida, prestidigitadores de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem escamoteação, forçoso seria reconhecer que esta arte fez, em pouco tempo, inauditos progressos e se tornou de súbito vulgaríssima, apresentando-se inata em pessoas que dela nem suspeitavam e, até, em crianças".

Charles Richet, comentando as críticas contra os pesquisadores dos fenômenos paranormais, mesmo os do mais alto gabarito científico como William Crookes, advertiu:

"E' fácilimo dizer que se enganaram e que foram enganados. E' uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece. Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar ao lado de sua médium, Florence Cook, o dito sabichão pode erguer os ombros e dizer: "E' impossível. O bom senso faz-me afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil." Mas esse pobre sabichão não descobriu nem a matéria radiante, nem o tálio, nem as ampolas que transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros. E pouco importa que rebocados pelo sabichão, uma multidão de jornalistas - que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram - diga que a opinião de Crookes de nada vale. Não me admirarei."

Charles Richet confessou que não tinha pavor de presenciar fenômenos estranhos, mas, sim, de ser enganado. E revelou que William James, Oliver Lodge, Frederich Myers, Enrico Morselli, Schrenck-Notzing e Botazzi lhe haviam confidenciado que só temiam uma coisa: serem ludibriados por impostores.

É extremamente difícil admitir a hipótese da fraude nos casos de aparição simultâneas. A não ser que o MB contasse com vários cúmplices para levar a cabo aquela representação teatral. O difícil (ou mesmo impossível) é demonstrar como os cúmplices puderam ser introduzidos na sala da sessão sem serem percebidos pelos pesquisadores e de lá saírem da mesma maneira. A não ser que todos os pesquisadores também fossem coniventes com a fraude.

Em caso de aparições sucessivas de dezenas de aparições, seria satisfatória a suposição de que o MB levaria para a sala da sessão uma variedade de disfarces para se disfarçar em diversos SHTs? Esta hipótese poderia ser crível, se todas as aparições fossem da mesma estatura e da mesma faixa etária. Mas, quando se trata de aparições de adultos e crianças? Então, neste caso, o MB não usaria sempre disfarces, porém se valeria do concurso de uma criança para a prática da fraude. E como ele introduziria esta criança no recinto sem que ela fosse percebida? Por outro lado, a criança deveria ser muito esperta para ludibriar os pesquisadores. Por outro lado, quando se trata de aparição coletiva de pequenas entidades luminosas,

como nas sessões de “Dom Luizito”, devemos argumentar que se trata de crianças ou de anões, vestidos de trajes luminescentes, como cúmplices da fraude do MB? Será que a aparição da garotinha Ana numa das sessões de Elisabeth D’Esperance e que, reconhecida por seus familiares, foi beijada e abraçada por eles, era uma criança farsante, em conluio com a MB?

E o que dizer dos casos em que o MB e a personificação são vistos juntos. Um cúmplice ou um manequim?

Como explicar os casos em que a aparição fala em idioma que o MB não conhece?

E, quando se trata de aparição de pessoa falecida e esta é reconhecida por seus familiares? “Peixotinho” foi quem mais apresentou fenômenos desta natureza. O que se pode objetar é que estas aparições não têm validade científica, pois não é mencionada qualquer forma de controle das sessões. E os adversários do Espiritismo dirão que tudo não passou de fraude com o propósito de confirmar a crença nas comunicações com o Além. Encarando, porém, a questão com neutralidade podemos argumentar que o que não é científico não é necessariamente irreal e que o conhecimento científico nem sempre é correto em relação ao entendimento da realidade. Esta alegação de fraude está viciada por uma premissa insustentável, porque fundamentada na falta de confiabilidade de fenômenos presenciados e relatados por espíritas. Ora, se os relatos de pessoas espíritas sobre fenômenos mediúnicos não merecem fé pelo fato de elas serem espíritas, o mesmo raciocínio se poderia aplicar aos padres e beatos, quando afirmam os milagres dos santos católicos, pelo fato de serem padres e beatos.

A alegação de fraude seria admissível no caso de materialização e de desmaterialização da aparição à frente dos assistentes?

Afirmar a realidade dos fenômenos insólitos é ainda em nossos dias um ato de coragem, principalmente quando se escreve a respeito dos mesmos. Há décadas atrás, porém, era bem pior, como atestava Charles Richet:

“Todos aqueles que publicaram as suas experiências sabiam que por essa publicação comprometiam seu renome científico, expondo-se às zombarias de seus colegas e aos sarcasmos do povo. Não é, pois, com satisfação que, se entra nessa batalha, onde não há mais que golpes receber. E' porque nos limitamos à honra de defender a verdade, por mais arriscada que ela possa ser.

Não imaginam as angústias interiores por que passa um sábio assim que se lhe apresenta um fenômeno extraordinário, anormal, cruelmente inverossímil, que parece estar em contradição evidente com tudo quanto ele conhece, com tudo que seus mestres lhe ensinaram, com tudo que ele próprio ensinou. Poderá um jornalista adivinhar o que pensa um fisiologista quando presencia (como eu presenciei), uma expansão sair do corpo do médium, prolongar-se formando duas pernas estranhas que se fixam no solo, emitindo depois mais alguns prolongamentos que tomam aos poucos a forma de mão, da qual se distinguem vagamente os ossos, sentindo a sua pressão nos joelhos. E' necessário coragem para crer nisso! E é necessário muito mais coragem para relatar.”

Gabriel Delanne apresentou a seguinte hipótese para a aparição:

“Para que o Espírito se mostre é preciso que ele extraia o fluido vital do organismo do encarnado. Por meio desse agente, ele produz em seu envoltório uma alteração molecular que de translúcido o torna opaco. Encontra-se um efeito

análogo, posto que inverso, quando se estudam as propriedades de certas substâncias, como o hidrofânio, rocha silicosa opaca, que se torna transparente, quando mergulhada na água. Dá-se o mesmo com uma folha de papel untada dum corpo gorduroso. A opacidade é devida à reflexão da luz sobre as diferentes parcelas do papel; mas a interposição de uma substância que impeça a reflexão permite a luz atravessar o corpo e, por conseqüência, produz-se a transparência.

E mais adiante:

"O invólucro fluídico que reproduz, geralmente, a aparência física que o Espírito tinha em sua última encarnação, possui todos os órgãos do homem, de sorte que, diminuindo o movimento molecular radiante desse invólucro, ele aparece, a princípio, sob um aspecto vaporoso, como no caso da inspetora de Riga; depois o fluido vital do médium se vai acumulando no corpo fluídico, e lhe comunica, momentaneamente, uma vida factícia, que é tanto mais intensa quanto maior quantidade de fluido despende o médium. E' esta a razão por que os médiuns de materialização ficam mergulhados em catalepsia."

Em outro trecho, ele sentenciou:

"O invólucro da alma é invisível, porque seu movimento vibratório molecular é muito rápido; mas, se por qualquer meio, esse movimento diminui, o ser torna-se visível, não só para o médium como também para os assistentes."

A magna questão, porém, que se coloca é a seguinte: é a aparição objetiva a materialização do corpo atual do SHT ou a materialização de um simulacro do seu extinto corpo físico?

CAPÍTULO V

A METAFÍSICA DA TRANSCENDENTOLOGIA

As questões metafísicas

A Transcendentologia investiga as questões transcendentais relativas aos seres individuais como também do Ser absoluto, discutindo as relações ontológicas entre os indivíduos e o Todo.

Parece existir um acordo tácito entre as diversas correntes filosóficas e religiosas sobre a existência de algo necessariamente eterno de onde se originam todas as coisas.

Na verdade, se não existe algo eterno, coisa alguma subsistiria, pois, mesmo admitindo o absurdo de que algo pudesse originar-se do nada, este algo não seria eterno e, portanto, voltaria ao nada de onde veio. Aqui nos referimos ao nada como um nada e não como uma potencialidade ou virtualidade. Logo, é claramente evidente que o nada não pode gerar algo e, muito menos, ser uma fonte contínua de tudo quanto existe.

Mas, se existe algo eterno, ele pode ser esta fonte geradora contínua de tudo quanto existe, restando discutir se as coisas geradas são também imortais ou apenas passageiras, retornando à fonte original.

Para se admitir a primeira hipótese, temos de argumentar que tudo o que se origina de algo eterno é necessariamente imortal a partir da sua criação. Giordano Bruno já postulava que todas as coisas têm alma, porque tudo é vivo no Todo.

Para fundamentar a segunda hipótese, podemos alegar que tudo o que se origina de algo eterno é substancialmente imortal, embora formalmente efêmero, visto ser impossível existir a morte no que é eterno ou nas manifestações deste algo eterno.

Mas, o que é este algo eterno? Deus? A matéria?

Os espiritualistas afirmam que tudo é Deus e, portanto, tudo sai de Deus e volta a Deus. E os materialistas asseveram que tudo é matéria e, portanto, tudo sai da matéria e volta à matéria.

A rigor, como se vê, espiritualistas e materialistas dizem a mesma coisa, usando, porém, palavras diferentes que produzem resultados diferentes. Mas, o seu fundamento é comum: existe algo eterno de onde tudo sai e para onde tudo retorna. Então se trocarmos as palavras Deus e matéria pelo vocábulo Todo, poderemos afirmar que tudo sai do Todo e tudo volta ao Todo.

O primeiro sistema filosófico do ocidente foi concebido por Parmênides. Para ele, a realidade é o Ser e o fundamento da realidade é o racional. O Ser (ou o Todo) é uno, imutável e imóvel, pois a multiplicidade, a mudança e o movimento das coisas não passam de aparências. Com isso, ele contestava Heráclito que ensinava tudo era o devir. Parmênides argumentava que, como nada existe além do Ser, ele não tem para onde ir e, por isso, não pode mover-se.

Porque nunca foi criado, o Ser é eterno. Mas, é também pleno, porque é um *continuum* ininterrupto. Por isso, não existe o vazio.

O Ser é homogêneo e conseqüentemente indivisível. Também é limitado e esférico, pois, para o pensamento grego da época, o círculo e a esfera eram figuras geométricas que simbolizavam a perfeição. Melisso de Samos, porém, discordou de seu mestre, sustentando que o Ser é infinito, porque não pode ser limitado por outro ser ou pelo não-ser.

Xenófanes afirmava que o Ser move tudo com a sua mente, permanecendo imóvel e imutável. Essas mudanças ocorrem nos indivíduos e não no Todo.

Para o Vedismo, Brahman (o Absoluto) e atman (a alma) formam uma unidade. Tudo é um.

Brahman é com forma e sem forma, e se manifesta no seu tríplice aspecto: a) de criador (Brahma); b) de conservador (Vishnu); c) de destruidor (Shiva).

Brahman se apresenta como universo em potencial (pralaya) e universo manifesto (kalpa), mas não se esgota em sua manifestação porque é infinito.

Dionísio, o Areopagita, ou Pseudo Dionísio definiu Deus não como o Um, mas como a superunidade e que se manifesta em suas teofanias energéticas ou *dunamis*. Deus, portanto, está presente em todas as suas manifestações.

Huberto Rohden afirmava que Deus é essencialmente um e existencialmente muitos.

Segundo a Cabala, o Todo é um processo e há um único Ser evoluindo eternamente sob formas diversas, tudo criando de sua própria substância.

O Infinito (En-Sof) é inacessível. O Absoluto, como tal, ignora-se a si mesmo e não tem atributos.

Deus, depois de engendrar-se a Si mesmo, passou a criar os outros seres.

Há dez formas imutáveis do Ser que são chamadas Sefiroths. Cada Sefiroth é uma manifestação do Absoluto no seu processo de individuação, de criação.

Para o Jainismo, não há Deus criador, porque o universo é eterno. Os deuses são constituídos de mônadas vitais e somente as mônadas são eternas.

Há religiões e filosofias que defendem o princípio de que o Todo é imortal e as suas individualizações também. Mas, há outras que defendem a idéia oposta, afirmando que só o Todo é real e tudo o mais são aspectos ou manifestações transitórias do Todo.

A religião védica ensina que todos os indivíduos são mortais, inclusive os deuses.

Para o Taoísmo, tudo é um e a multiplicidade é mera aparência.

A Escola Vedanta Advaita ou Monista ensina que só existe uma realidade - o Absoluto. Tudo o mais é ilusão.

Não há separação real entre o Absoluto. As individualidades e a multiplicidade do mundo existem para o homem, porque ele assim o crê.

Brahman é a única realidade e o universo fenomenal, o seu sonho, onde ele se imagina dividido num ilimitado número de almas individuais. Assim, não existem individualidades separadas, autônomas, reais em si mesmas, pois a única realidade é o Absoluto.

O mundo, assim, é relativamente real. Só é ilusório, quando considerado real em si mesmo. O mundo é real enquanto Brahman pensar nele. Quando o Absoluto deixar de pensar no mundo, ou despertar do seu sonho, tudo o que existe voltará ao Todo. Nesta hipótese, o ser individual pode durar séculos, até mesmo milênios, retornar várias vezes a existência física (reencarnação) e, um dia, finalmente, morrer, retornando ao Todo de onde se originou.

Para Mestre Eckhart, as criaturas não têm realidade em si: o seu ser é idêntico a Deus. Neste ponto, ele discorda de Tomás de Aquino que ensinava ser a criatura semelhante e não idêntica a Deus.

Espinosa também defendia a idéia de há um apenas um Ser e que os seres individuais são transitórios.

Descartes procurou demonstrar que o mundo não é uma ilusão, argumentando que Deus não nos daria sentidos enganosos. Deus não nos enganaria, fazendo-nos perceber o que não existe.

É o Todo a causa de tudo?

Segundo Ockam, Deus é a causa produtora e mantenedora do universo.

Mestre Eckhart ensinava que Deus produz todas as coisas de Si mesmo. Séculos mais tarde, Huberto Rohden defenderia esta mesma posição.

Para Espinosa, Deus é a causa do mundo, mas não causa externa e transcendente, e sim causa interna e imanente.

Leibniz concebeu a criação como uma ação contínua de Deus, porque todas as coisas existem em Deus como possibilidades.

O Ocasionalismo, representado por Geulincx e Malebranche, adotou uma posição semelhante a de Leibniz, afirmando que Deus contém em Si todas as idéias como arquétipos das coisas. Por isso, todo acontecimento do universo resulta da ação direta de Deus.

Para Pietro Ubaldi, não há criação no Absoluto. Somente no relativo pode haver nascimento e transformação.

Aristóteles faz parte de uma corrente de pensadores que afirma que Deus é transcendente e não imanente ao universo. Se tal for assim, Deus não é o Todo e, portanto, é um Ser limitado.

Outra corrente defende a hipótese de que Deus é imanente em tudo. Assim, Deus é tudo e tudo é Deus, logo Deus é o Todo.

Agostinho asseverava que Deus está imanente em todos os homens. Por isso, Ele é nosso mestre interior. Ele está presente essencialmente em nós, embora subjetivamente estejamos ausentes d'Ele. E adverte que é no momento de reflexão do homem sobre si mesmo que ele encontra Deus na sua intimidade. Na verdade, diz Agostinho, o homem não procuraria Deus se já não O tivesse encontrado. Logo, a verdade está potencialmente em cada pessoa, embora a nossa consciência, por si só, não seja capaz de apreendê-la. É a graça divina que revela a verdade latente em cada ser humano.

Leibniz, na sua visão sistêmica do universo, postulou a existência de uma hierarquia de mônadas das quais Deus é a mônada suprema. Para ele, a matéria é o

conjunto infinito de mônadas ou centros de forças, as quais são substâncias simples, eternas, diferentes entre si qualitativamente e o seu número é infinito. Cada mônada é fechada em si mesma. Elas não exercem ação recíproca, mas se relacionam mutuamente pelo princípio da harmonia preestabelecida.

Explica Leibniz que, no ato de criação, Deus procedeu de tal forma que as modificações internas de cada mônada correspondam exatamente às modificações internas de todas as demais. Assim, não é necessário que as mônadas interajam externamente. As mônadas de Leibniz são átomos formais.

Antes de Leibniz, Giordano Bruno apresentou uma monadologia em que cada mônada é espelho do universo, tem alma e vida, estão sempre em transformação, diferem entre si e concorrem para a harmonia e perfeição universais.

Para Huberto Rohden, Deus é imanência e transcendência. Por isso, o homem, na sua íntima essência, é Deus. Podemos conhecer o Deus imanente, porém nunca o Deus transcendente.

Se Deus é tudo, Ele está imanente em todas as suas manifestações e transcende a todas elas.

Para a religião védica, Brahman ou o Absoluto é transcendente e imanente.

Yajnavalkya, considerado o supremo pensador dos Upanishads e também o mais erudito dos sábios hindus, também afirmava a imanência e transcendência de Deus. Séculos depois, Giordano Bruno e Nicolau de Cusa adotaram o mesmo entendimento.

Se o Todo é tudo, parece óbvio que tudo está no Todo.

Agostinho dizia que, na mente de Deus, estão as idéias e os modelos de todas as coisas.

Mas será que o Todo está potencialmente inteiro em cada uma de suas individualizações? Seremos nós hologramas do Todo?

Plotino foi quem primeiro concebeu a identidade é entre o Uno e o Absoluto.

O Uno é o Absoluto. Não é nem mesmo Deus. O Uno é o Absoluto sem qualquer predicado.

O Uno é o que quer e quer o que é.

O Uno é todas as coisas sem ser nenhuma delas. Tudo se origina dele, através de suas emanações. (Plotino foi quem primeiro elaborou o conceito de emanação.) Essas emanações são modos (hipóstases) da manifestação do Uno, o qual se encontra além do tempo e do espaço. As emanações, contudo, não constituem uma "queda" no sentido gnóstico, mas uma "diminuição da tensão".

São três os graus de emanação: a) o intelecto ou Nous; b) a Alma; c) o mundo corpóreo.

O Nous é a primeira emanação do Uno.

Do Nous emana a Alma.

Abaixo da Alma está o mundo sensível, o último grau do Ser e submetido às leis da matéria. O processo de emanação encontra, neste ponto, o seu limite extremo, pois a matéria é não-ser.

O mundo é a última emanação do Uno e nele se inicia o processo gradual de reversão da multiplicidade à Unidade.

O mundo inteligível é formado pelo Uno, o Nous e a alma e o mundo sensível, pelas coisas e pela matéria.

Há uma distinção entre emanção e criação. Na emanção, há o autodesprendimento do Todo e o emanado é idêntico ao Todo do qual emanou. Na criação, ao contrário, o Todo retira algo do nada e o criado não é idêntico, mas semelhante ao Todo que o criou.

Bruno acreditava que o Todo é uno e que todas as coisas estão em cada coisa. Advertiu, porém, que *"tudo está em tudo, mas não totalmente e sob todos os modos em cada indivíduo"*.

Parmênides asseverara que o Todo é indivisível e homogêneo. Ele é, portanto, um *continuum* em todos os seus níveis.

Discute-se também se o Todo é pessoal ou impessoal.

Ramanuja pregava um Deus pessoal e dotado de várias perfeições.

A Escola Ioga, de Patanjali, admite que há um Deus pessoal (Ishwara ou Purusha Universal), o qual difere dos purushas (espíritos) individuais, não em natureza, mas em grau. Os purushas individuais, porém, estão envolvidos no Samsara ou mundo da existência fenomenal.

Para a Escola Sânquia, não há um Deus pessoal (Ishwara), mas apenas o Absoluto (Tat ou Brahman). O Espírito (Purusha) e a Matéria (Prakriti) não são aspectos, mas "emanções" do Absoluto. Não são, portanto, reais em si mesmos, mas aparências do Absoluto. Também não são eternos e duram um Maha-Kalpa, isto é, um período equivalente a 311 trilhões e 40 bilhões de anos, ou 100 anos de Brahman.

O Espírito é constituído de um número ilimitado de espíritos ou átomos individuais, destituídos de atributos. Só a Matéria tem atributos, tais como inteligência e desejos e a moral não é uma qualidade do Espírito, mas uma purificação da matéria. Talvez pudéssemos entender que o Espírito, conquanto não possua atributos, interage com a matéria cujas qualidades estejam compatíveis com a seu grau de evolução.

Cada espírito está completamente isolado dos outros, o que lembra as mônadas de Leibniz.

Ramakhrisna alertava que Deus é com forma ou sem forma segundo as necessidades do devoto.

Mas o que é o Todo na sua essência? É ele dotado ou não de atributos.

Mestre Eckhart ensinava que Deus é puro Nada. Ele adotou a chamada Teologia negativa, asseverando:

"O homem não pode saber o que é Deus, embora conheça perfeitamente o que Ele não é".

A corrente religiosa dominante é a que ensina que o Todo ou Deus é dotado dos atributos de onisciência, onipresença e onipotência.

Visvakarman afirmava que Deus é uno, onipresente, onisciente, onipotente.

Tomás de Aquino, por sua vez, filiou-se à teologia positiva, dotando Deus dos atributos de unicidade, incorporeidade, perfeição, infinitude, eternidade, imutabilidade, bondade, beleza, inteligência e vontade.

O Espiritismo ensina que Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

É o Todo uma potencialidade ou uma substância?

Tchang Tsai doutrinava que a única realidade é o Grande Vazio, o qual, no entanto, pode condensar-se e manifestar-se sob diversos aspectos, ensejando a formação dos seres individuais.

Para o filósofo védico Visvakarman, Deus é a substância universal.

Aristóteles afirmava que o Ser é a substância. E Bruno sustentava que Deus e matéria são aspectos da mesma substância: Deus como o seu princípio ativo e a matéria como o seu princípio passivo.

Scotus Erígena teorizou a existência de quatro tipos de natureza: a) a natureza não criada e não criante - Deus como o Absoluto; b) a natureza não criada e criante - o Deus Pai; c) a natureza criada e criante - o Deus Filho; d) a natureza criada e não criante - o mundo dos seres sensíveis.

Para Descartes, há duas substâncias no universo: a *res cogitans* ou a substância pensante e a *res extensa* ou a substância material. Matéria e espírito são duas substâncias heterogêneas que não se relacionam entre si. Mas, a glândula pineal estabelece relação entre estes dois mundos.

Espinosa admitiu a existência de uma só substância - Deus -, da qual o pensamento (*res cogitans*) e a matéria (*res extensa*) são atributos. As coisas particulares constituem tão somente modos da substância. Pensamento e matéria são irreduzíveis. O pensamento não é causa da matéria e vice-versa.

Hegel indicou o infinito como a substância de todas as coisas.

Fichte entendeu que a consciência é o fundamento do Ser. Postulou a existência de um Eu puro, absoluto e infinito, dos eus empíricos, individuais e finitos, e do não-eu, objeto ou mundo, que é posto pelo Eu absoluto e limita os eus empíricos. Os eus empíricos, tomando consciência de seus limites, procuram superá-los, mas sem êxito. Por isso, o eu empírico é sempre um processo, um permanente vir-a-ser.

Eduard Von Hartmann, no entanto, concebeu a existência de um espírito inconsciente, ou alma do mundo, ao qual se vinculam o pensamento lógico e a vontade ilógica. À semelhança de Carus, ele classificou os processos inconscientes em três modalidades: a) um Inconsciente absoluto, essência de todos os fenômenos naturais do universo; b) um inconsciente fisiológico (Carus diria - absoluto relativo); c) um inconsciente psicológico, origem de todos os padrões de comportamento.

Von Hartmann afirmou que no Inconsciente estão copresentes e opostos a vontade e o intelecto, e o objetivo da evolução é a resolução do conflito entre eles.

A corrente mentalista defende a idéia de que o Todo, na sua essência, é razão, intelecto, pensamento.

Parmênides via o real como o racional e o racional como o real.

Para Aristóteles, Deus é puro Intelecto. Aliás, toda filosofia grega desconheceu a noção de Deus como vontade.

Xenófanes também admitia que Deus é puro pensamento e apenas age pelo pensamento.

A Escola Yogachara apregoava que tudo é pensamento. O mundo exterior e a multiplicidade das coisas nada mais são do que representações ou idéias.

E, em nossa época, James Jean afirmou que o mundo se assemelhava mais a um grande pensamento do que a uma grande máquina.

A concepção voluntarista do Todo se iniciou na Idade Média.

Segundo Tomás de Aquino, Deus não é puro Intelecto, mas vontade.

Duns Scotus proclamava que Deus é a liberdade absoluta. O mesmo dizia Guilherme de Ockam, o qual ainda sentenciava que tudo é como Deus quer e poderia ser de outro modo se Ele o quisesse. E também que se Deus quisesse, seria meritório odiá-Lo.

Dizia Descartes que Deus cria tudo por decreto arbitrário.

Para Schopenhauer, o Ser verdadeiro é a vontade. Tudo o que existe é uma objetivação da vontade. A vontade é o númeno, a própria realidade.

Wundt também pregou a existência de uma Vontade Universal da qual as vontades individuais não passam de fragmentos.

Finalmente, resta especular as relações entre o Todo e as partes.

O Jainismo negava a existência de um Deus criador, porque o universo é eterno.

Platão afirmava que Deus não criou o mundo. Este foi criado pelo Demiurgo, uma espécie de sub-Deus, o que explica as imperfeições do universo.

Aristóteles concebia Deus como o primeiro motor, ou primeiro impulso ou *impetus* e, por isso, não mais intervém no universo.

O gnosticismo, repetindo Platão, ensinava que o mundo material foi criado pelo Demiurgo.

Para Agostinho, Deus criou o mundo do nada, de um estado de indeterminação e de imperfeição.

Diferentemente da postura aristotélica, Tomás de Aquino asseverava que Deus não é apenas criador, mas renova a criação a cada momento e a mantém. Assim, o Todo interage continuamente com tudo. Deus, dizia Tomás de Aquino, é a Providência que intervém no mundo também através de milagres.

Mestre Eckhart afirmava que Deus produz todas as coisas em si mesmo.

Nicolau de Cusa acreditava que tudo o que existe é uma *contração* do Todo divino. Antes dele, porém, Duns Scotus ensinava que a individualização consiste numa contração e limitação da essência, não constituindo uma degradação, mas perfeição do Ser.

Os SHTs disseram a Allan Kardec que não sabiam se a matéria é eterna ou se foi criada por Deus, mas argumentam que, se o universo existisse por toda a eternidade não teria sido criado por Deus. Asseguraram que não existe vida inteligente apenas na Terra, mas também em outros mundos. E ensinaram que o mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, que preexiste e sobrevive a tudo, enquanto o mundo material é secundário e poderia deixar de existir ou jamais ter existido.

Diz Huberto Rohden que Deus, pela atividade criadora, se individualiza sem cessar, mas nunca se torna indivíduo.

Henri Bergson, Pietro Ubaldi e Arthur Koestler asseguravam que há uma infinidade de graus de individualidade e, portanto, em sentido absoluto, a individualidade não existe.

Os mestres da Escola Sânquia e da Escola Ioga afirmavam que o problema da relação Espírito-matéria é insolúvel, pois é impossível explicar como o Espírito, eternamente livre, se deixa aprisionar na ilusão da matéria.

As religiões, na sua quase totalidade, explicam a existência da dor, do mal e da morte como resultado de um pecado, de uma queda e, portanto, os homens

estão perdidos e necessitam de salvação. Uma das raras exceções é o Espiritismo que ensina que os SHTs foram criados simples e ignorantes e que evoluem, através de inúmeras encarnações, até atingir a perfeição.

Pietro Ubaldi apresentou uma doutrina pessoal sobre a criação que pode ser assim resumida.

A primeira criação ou criação originária foi a dos espíritos puros e perfeitos, oriundos da própria substância de Deus. Estes espíritos, que formavam um organismo unitário, possuíam as mesmas qualidades divinas, entre elas a do egocentrismo. Embora perfeitos, eles eram finitamente perfeitos, cada qual situado em seu próprio nível na hierarquia universal.

Alguns desses espíritos, porém, se deixaram levar por seu egocentrismo e, ultrapassando seus limites, infringiram a ordem do Sistema, colocando-se, em conseqüência, numa posição às avessas - o Anti-Sistema. Este Anti-Sistema, produto da queda dos espíritos até então perfeitos, constituiu uma segunda criação - a do universo onde vivemos. Logo, este universo não foi criação de Deus, mas resultante de uma atitude de rebeldia, o que, por si só, explica a sua imperfeição.

No entanto, o Anti-Sistema contém, em sua essência, as propriedades do Sistema e, por conseguinte, a possibilidade de sua redenção. E este retorno gradual dos elementos do Anti-Sistema ao Sistema é o que se denomina de evolução.

Cada ser decaído, porém, conserva, em seu inconsciente, o conhecimento que possuía antes da queda. Por isso, todo conhecimento não passa, na verdade, de recordação, de reconquista gradual da sabedoria relativa à nossa antiga posição no Sistema.

O mal, a imperfeição e a dor não são, portanto, criações de Deus, mas resultados da rebeldia espiritual e qualidades específicas do Anti-Sistema.

O retorno dos espíritos rebeldes ao Sistema se processa através de inúmeras reencarnações, as quais cessarão quando todos os elementos do Anti-Sistema estiverem, de novo, reintegrados em suas antigas posições no Sistema.

Séculos antes, Orígenes criava a doutrina da apocatástase, mediante a qual, no fim dos tempos, todas as criaturas serão salvas. Da afirmativa de São Paulo de que Deus é tudo e está em tudo, Orígenes concluiu que, estando Deus em todas as pessoas e em todas as coisas, tudo será salvo no final do processo cósmico.

O Budismo se preocupa apenas com o problema do sofrimento e apresenta estratégias para eliminá-lo.

Praticamente, todas as religiões admitem que a matéria é a causa da queda do espírito, a sua prisão, o empecilho à sua evolução. Afirmam, ainda, que a matéria não tem realidade em si mesma e, por isso, é um não-ser.

Dizia Pietro Ubaldi:

"A matéria não é o estado originário da criação, mas é o estado de máxima curvatura do espírito, é o ponto final do processo da involução e o ponto de partida do qual se inicia a evolução".

Teilhard de Chardin afirma que o mal faz parte do processo evolutivo e, não, de uma queda e que, na verdade, não há senão um só mal: a desunião.

Na discussão das questões metafísicas, não se pode prescindir da contribuição do Esoterismo ou Ocultismo, que se fundamenta no princípio do segredo, mediante o qual nem todo conhecimento deve ser revelado. Cada pessoa deve receber apenas o que pode compreender, pois o conhecimento só será eficaz

segundo a capacidade do conhecedor. Daí, a razão das sociedades secretas e dos graus de iniciação. A transmissão do conhecimento a quem não está à sua altura resulta em seu desperdício ou em sua aplicação inadequada.

O princípio da unidade ensina que Tudo é um e a multiplicidade não passa de aparência. O Todo é tudo e tudo é o Todo. O Todo não tem "fora" e tudo ocorre "dentro" do Todo. Tudo é feito do Todo e tudo é emanção do Todo. Tudo o que existe, portanto, é uma pantofania.

O princípio do mentalismo afirma que o Todo é mental e tudo o que existe tem mente.

Segundo o princípio da correspondência, o que está em cima é como o que está em baixo. O microcosmo é a imagem do macrocosmo

O princípio do movimento doutrina que tudo se movimenta pela alternância dos opostos. Tudo tem fluxo e refluxo. Tudo é cíclico. Tudo se renova.

O princípio de causa e efeito assegura que não há ação sem reação correspondente.

Para o princípio da polaridade, tudo é duplo e tudo tem o seu oposto. O Yang e o Yin são a simbolização deste princípio.

O princípio da interconexão ensina que o que afeta o Todo afeta as partes e o que afeta a parte afeta o Todo. O que pertenceu a um todo, mesmo dele separado, continua a ele ligado. Este, aliás, é o fundamento da chamada magia simpática.

O princípio do transformismo afirma que tudo pode ser transformado em tudo e constitui a essência da Alquimia

O princípio da universalidade da Vida reconhece que tudo é vivo. Átomos e astros são tão vivos quanto as células dos organismos biológicos

O princípio da hierarquia afirma que a natureza está hierarquicamente organizada e que existe uma pluralidade de níveis da realidade e da consciência.

O princípio da semelhança assevera que o semelhante não apenas atrai, mas cura o semelhante. O semelhante como fator universal de cura do semelhante tornou-se a base da homeopatia.

O princípio da simulação é uma das estratégias fundamentais da ação esotérica. A simulação é uma realidade virtual que tende a transformar-se em realidade física. É a preparação psíquica de um fato futuro. A chamada magia imitativa é a aplicação prática do princípio da simulação, utilizada, no passado, na caça e, ainda, hoje, pelos chamados fazedores de chuva. A simulação tornou-se também um procedimento utilizado na ciência e na tecnologia.

O Ocultismo utiliza o método analógico e o ritual como tecnologia mágica, a qual se fundamenta no pensamento, na imaginação, na emoção e na vontade.

Para o Ocultismo, o pensamento cria realidades. O pensamento repetido se transforma, mais cedo ou mais tarde, em fato físico.

A imaginação é a formalização do pensamento. É a sua representação visual e dinâmica. Quem constantemente imagina quem é se transformará no ser que imagina e quem imagina o que terá, terá o que imagina.

A emoção é o "combustível" da ação psíquica. A emoção, uma vez exaltada pelo ritual mágico, dinamiza a imaginação.

Porém, para que a ação psíquica alcance seus objetivos é necessário não só o emprego, mas o direcionamento da vontade, mediante a utilização de apetrechos mágicos durante o procedimento ritualístico.

A realidade fenomenal

Diferentemente do Ser absoluto, os seres individuais estão em permanente mudança, não só no nível da realidade onde se encontram, mas também em outros níveis da realidade para onde se transfirmam. O ser individual é basicamente um processo transformista e esta condição o faz pensar que a realidade é sempre mutável. O que se questiona é se o ser individual, em todas as suas transformações, mantém alguma forma imutável de identidade.

Como não chegamos, ainda, ao elemento fundamental da matéria, por certo, também, não chegaremos à essência do espírito. Por isso, não podemos detectar materialmente o espírito, nem encontrar o elemento último da matéria, pois não sabemos se existe um ponto crítico, onde um deles termina e o outro começa.

O ser individual é simultaneamente comando (espírito) e centro operacional (corpo). O comando é o aspecto interno e informacional do ser, variando seus conteúdos informacionais segundo as suas necessidades no universo onde ele esteja. O centro operacional é o aspecto externo e material do ser e varia de materialidade segundo o universo em que atue.

O corpo é a consciência do ser no nível da realidade onde ele se encontra. Sem corpo, não há consciência, pois o corpo é o ponto referencial do processo. Por isso, dizia, elegantemente, Merleau-Ponty que o corpo é o nosso ancoradouro no mundo, o nosso meio geral de ter um mundo. O corpo é o poder geral de habitar todos os lugares do mundo. Assim, ser é sinônimo de estar situado.

O corpo físico é que nos dá consciência no mundo físico. O ST também tem seu corpo, que é o veículo pelo qual ele percebe o mundo transcendental, o qual é, para ele, a sua realidade.

A nossa experiência do universo do devir nos evidencia que tudo se transforma. Na nossa vida física, estamos em permanente transformação em nosso corpo e em nossa personalidade. Somos uma continuidade transformada de tudo o que fomos. A nossa identidade é a nossa história pessoal, preservada em nossa memória. E a nossa memória, embora fidedigna sob certos aspectos, é modificada pelo presente segundo as necessidades do presente.

Na natureza não há repetição, mas semelhança. Nenhuma coisa é igual a qualquer coisa e nem sequer é igual a si mesma como foi ou como será. Tudo o que existe é semelhante ou diferente. Por isto nada se repete e, se nada se repete, tudo é novo, por mais que pareça semelhante ao que já foi.

Quer queiramos ou não, a cada dia, somos menos semelhantes ao que fomos, porque, a cada dia somos outro. Portanto, o que de nós sobrevive? O outro que, um dia, seremos pode lembrar o ser que hoje somos, porém não é o que somos.

Se o homem sobrevive à morte física, transformando-se num SHT, o que chamamos de sobrevivência é, na verdade, continuidade transformada. O SHT é uma mudança ontológica do ser humano e, portanto, de certo modo, é um novo ser, embora guarde reminiscência, o seu FS, de quem ele foi. O SHT é o eco do ser biológico que morreu e que ainda guarda características de sua personalidade terrena. Por quanto tempo, não se sabe. Em mensagens mediúnicas recebidas por Francisco Cândido Xavier, os SHTs comunicantes revelaram que, logo após a sua

morte, foram recebidos por parentes falecidos, alguns dos quais eles não conheciam. Estes parentes, por preservarem o FS de sua vida humana anterior, declinavam seus nomes e quase sempre eram os avós maternos ou paternos dos SHTs comunicantes. Por outro lado, a memória extracerebral é outra evidência da conservação do FS de algumas vidas pretéritas na existência atual.

O FS se refere a uma personalidade falecida determinada. Se existe a reencarnação, há um FS para cada personalidade falecida. Porém, é possível que algumas dessas personalidades não conservem seu FS e se extingam completamente. Esta descontinuidade em nada afeta o fluxo fenomênico do ser, visto que as personalidades nada mais são do que aspectos transitórios do seu fluir.

O SHT também é um ser em transformação. O ser individual, seja ele uma pessoa humana ou um SHT, é um ser do devir.

Cada ser individual é uma sucessão de estados. O que somos hoje não é o que sobrevivemos de ontem, mas a sua transformação. O que seremos amanhã não é o que sobreviveu do nosso eu de hoje.

Não sobrevivemos como somos, mas como outro, assim como somos outro em relação ao que já fomos. Ser outro é o nosso futuro.

A angústia existencial do homem é querer perpetuar o que ele é. Assim, acredita na sobrevivência do que ele é.

Tememos a morte, porque queremos perpetuar o que é transitório. Mas a morte é a própria transformação. Estamos morrendo a cada instante, porque estamos em transformação permanente. É a crença na continuidade de um eu transitório que ocasiona todas as crenças fantásticas sobre o Além. Por isso, temos a tendência de acreditar que a RT é uma cópia da realidade física ou vice-versa. E cremos que os laços da família carnal prosseguem na RT, onde cada um de seus membros mantém o seu antigo papel.

Se estamos sempre mudando, por que queremos que algo de nós continue imutável?

Se existe a reencarnação, o que de nós sobreviveu dos múltiplos seres humanos que já fomos? Se pouco nos lembramos de tudo o que fizemos na nossa existência atual, como guardaríamos reminiscências de séculos atrás?

O que chamamos de identidade é o processo das nossas semelhanças se sucedendo no tempo. Assim, à medida que nos afastamos de um determinado ponto do nosso fluir, observamos que somos cada vez menos semelhantes ao que fomos naquele momento do tempo.

Esquecemos muito do que fomos e sobrevivemos do pouco que lembramos. E assim mesmo o que lembramos é, na maioria das vezes, uma reinterpretação do que lembramos.

Por mais que nos lembremos do que fomos, não somos mais o que fomos. Podemos tentar preservar o que fomos, porque pensamos que o ser é a sua história.

A individualidade não passa de um agregado dinâmico e transitório de átomos, células, lembranças, sentimentos, resultando na ilusão de uma entidade autônoma a que chamamos de eu.

O que importa, pois, sabermos o que fomos em vidas pretéritas, se as pessoas que lembramos ter sido não é a pessoa que somos no momento atual?!

Do mesmo modo, de que serve tentar preservar o que hoje somos, se amanhã seremos outro?!

A respeito do ser individual, são discutidas as seguintes hipóteses:

- a) embora ele sobreviva à morte física e possa durar milênios, um dia, finalmente, morrerá, pois o universo fenomenal é finito;
- b) ele não é imortal, mas imortalizável, ou seja, pode conquistar ou não a sua imortalidade;
- c) ele é imortal, embora não possamos saber em que ele definitivamente se transformará.

Outra questão que se discute é a seguinte:

- a) o ser individual continua evoluindo até atingir a perfeição,
- b) o ser individual continua evoluindo indefinidamente, pois jamais atingirá a perfeição.

A realidade numenal

A realidade numenal é o domínio do Absoluto, do Todo. Está além de todos os níveis da realidade fenomênica na qual se inclui a realidade transcendental.

A imortalidade do Todo sempre pareceu uma questão pacífica na filosofia, na religião e até mesmo na ciência, seja ele entendido como Deus ou a Divindade, a matéria ou a natureza. Podemos também postular que o Todo é eterno, imortal e infinito, e os seres individuais são seus aspectos individuais também eternos embora formalmente transitórios.

O Todo é imortal e, por isso, nada pode morrer no Todo. Os indivíduos são atividades funcionalmente setorizadas no Todo. Não há divisão real entre estas atividades e o Todo. O individual, como algo separado, fechado em si mesmo, é uma ilusão. Se tal ocorresse, o Todo não seria infinito. Nada morre e nada existe sem vida no Todo. Tudo é vivo desde as partículas aos mais complexos sistemas biológicos.

A essência de tudo é o Todo. Tudo o que existe é, portanto, essencialmente imortal. A individualidade não é algo separado do Todo, mas interagente com ele. Na verdade, não há indivíduos, mas a ilusão da individualidade e é esta ilusão que nos faz temer a morte. Pensamos que estamos separados e tememos perder esta ilusória separação.

Enquanto nos sentimos indivíduos, podemos argumentar que tudo sai do Todo e tudo volta ao Todo. Na verdade, sendo o Todo infinito, nada pode sair do Todo e voltar para ele. Nunca saímos e nunca voltamos, pois eternamente sempre estivemos. O que acontece é que crescemos, cada vez mais, na compreensão desta unidade. Os avatares são aquelas consciências que estão mais intensamente identificadas com o Todo. Por isso, para nós, eles são uma teofania, uma presença do Todo em forma humana, acelerando o processo de conscientização de cada ser humano. O avatar é como se fosse o Todo para nós.

O mistério insolúvel de toda Metafísica é saber por que o Todo criou infinitas individualizações de si mesmo.

Sentimo-nos perdidos e buscamos a salvação, enquanto permanece a nossa consciência de que somos seres separados.

O ser individual, por ser limitado, tem necessariamente um corpo, mas este corpo varia de forma e propriedades segundo o nível da realidade onde ele se encontra.

Parece-nos que a evolução do Ser pode, em dado momento, conflitar com o mundo e o corpo onde ele se manifesta, como se a materialidade onde ele está inserido lhe desse uma angustiada sensação de aprisionamento e limitação. Então ele julga que esta matéria é má e sente necessidade de se libertar dela.

O Todo possui um comando, mas nada se sabe sobre a natureza deste comando, isto é, se ele é centralizado ou partilhado, em sistema de rede ou hierarquizado. Deus é a palavra com a qual se designa o comando do Todo, embora não se saiba o que é esse comando e como ele é exercido.

Também é impossível saber se tudo o que existe foi criado ou existe eternamente, embora a experiência humana sugira que tudo o que conhecemos nasce e morre, num regime de contínua transformação.

Tudo é feito do Todo, não apenas pelo Todo, porque nada existe além do Todo. Assim, o que quer que for criado será criado do próprio Todo, como parte do Todo. Por mais diversas que sejam as manifestações, desde os átomos às organizações biológicas mais complexas, tudo é parte do Todo. Cada manifestação do Todo tem, portanto, no Todo o seu íntimo ser.

O Todo é tudo o que é manifesto e o imanifestado. É atualidade e potencialidade.

Se Deus está imanente no universo, Ele não está apenas imanente no homem. Então, tudo o que existe, da poeira ao ser mais elevado, é uma teofania.

Embora mergulhado no mundo fenomenal, o ser extrapola a realidade física, conservando a sua contraparte não-física, espiritual. Assim, toda sabedoria que nos é necessária se origina da nossa contraparte, o *daimon* socrático, a nossa virtualidade ou espírito. Por isso, aquele que centra sua consciência exclusivamente no mundo material, ganha as coisas deste mundo, mas perde, não a sua alma, mas o contato com ela. Assim, a nossa “perdição” não é estar no mundo, mas estar separado da contraparte espiritual de nós mesmos.

Tem-se especulado ainda que o universo é, fundamentalmente, um holograma e que, por isso, está presente em cada uma de suas talvez infinitas fragmentações. Se cada parte é a miniaturização do Todo, então, a rigor, não há aprendizado, nem troca de informações, porque já sabemos de tudo o que passou, de tudo o que está passando em qualquer parte do universo e até de tudo o que acontecerá. Assim, temos de dar razão a Platão, quando declarou que saber é recordar. O que não sabemos é como podemos ter acesso a essa sabedoria universal.

O Deus que podemos conhecer é a nossa parte complementar. É nela que reside a nossa verdadeira semelhança a Deus.

Uma das magnas questões da metafísica é a indagação se o Todo permanecerá parcialmente em estado de manifestação ou se se tornará plenamente imanifesto. Como em relação ao Todo não podemos falar em tempo, não sabemos se o Todo sempre esteve em contínua manifestação ou não.

O Todo é a realidade integral. Por isso, está imanente em todas as suas manifestações e transcende a todas elas.

O Todo não é intelecto, nem vontade, nem bondade, nem justiça. Esses atributos conferidos ao Todo, mesmo em seu mais alto grau, não passam de mero antropomorfismo. O Todo está além da compreensão de suas mais elevadas individualizações.

Se o Todo, como manifestação, assemelha-se a um holograma, cada aspecto do Todo contém tudo o que está contido em cada uma de suas individualizações. Assim, o Todo imanifesto não está disponível para cada uma de suas individualizações. Logo, o Todo está imanente em cada uma de suas individualizações, mas estas não contêm, em potencial, a totalidade do Todo. Se o universo manifestado for hologramático, cada individualidade é um clone de cada individualidade. As partes só conhecem do Todo o seu aspecto manifestado. O Todo imanifesto, por ser transcendental à sua manifestação, não é cognoscível a qualquer indivíduo. O manifesto só conhece o manifesto, jamais o imanifesto.

O Todo é imortal e, por isso, todas as suas individualizações são também imortais, embora formalmente transitórias. O que chamamos de morte é a mudança das formas.

O Todo, em sua essência, é imutável, embora seja mutável em suas individualizações.

O Todo não tem atributos e, por conseguinte, o bem e o mal decorrem das relações entre os seres individuais, as espécies, os sistemas de quaisquer naturezas e em qualquer nível fenomenológico da realidade.

O Todo se manifesta em infinitos níveis fenomênicos, cada qual com sua "materialidade" própria, sua realidade específica e que existe uma maior ou menor interconexão entre esses níveis. Por sua vez, o Todo está em permanente interação com tudo o que existe em todos os seus níveis fenomênicos e ontológicos. Os diversos níveis fenomenológicos não são lugares de punições e prêmios, mas estados de consciência compatíveis com a natureza de cada ser individual.

Não há morte, perdição e salvação, pois nada pode morrer ou se perder no Todo e, portanto, não há nada para salvar. O que se chama de morte é o processo contínuo de transformação das formas. O que se chama de perdição, a ignorância da parte sobre a sua essencial união com o Todo. E o que se chama de salvação ou libertação, a conscientização do ser individual de sua integração no Todo. A salvação ou libertação não é a perda da individualidade, absorvida pelo Todo, mas a perda da ilusão de uma individualidade separada de tudo e do Todo.

A evolução só existe na realidade fenomenal e consiste no processo de contínua ampliação da consciência da integração do ser individual no Todo.

O ser individual é, como essência, imortal e, portanto, em sua trajetória evolutiva, ele não conquista a imortalidade, mas sim a consciência de sua imortalidade.

BIBLIOGRAFIA

- Aksakof, Alexandre - *Animismo e Espiritismo*. FEB. Rio de Janeiro. 1956.\
- Aksakof, Alexandre - *Um Caso de Desmaterialização*. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.
- Andrade, Hernani Guimarães – *Reencarnação no Brasil*. Casa Editora O Clarim. Matão. SP. 1988.
- Aradi Zsolt – *O Livro dos Milagres*. Ibrasa. São Paulo. 1967,
- Atwater, P. M. H. – *Muito Além da Luz*. Record: Nova Era. Rio de Janeiro. 1998.
- Banerjee, H. N. - *Memória Extra-Cerebral*. Grupo Editor Futuro. Santa Fé, Argentina. 1977.
- Banerjee, H. N. - *Vida Pretérita e Futura*. Editorial Nórdica. Rio de Janeiro.
- Barret, William – *Nos Umbrais do Além*. Estudos Psíquicos. Lisboa. 1947.
- Barret, William - *Death-Bed Visions*. The Aquarian Press. England. 1986.
- Barrow, John D. – *Teorias de Tudo. A Busca da Explicação Final*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994.
- Bateson, Gregory – *Mente e Natureza: a Unidade Necessária*. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro. 1986.
- Banerjee, H. N. - *Vida Pretérita e Futura*. Editorial Nórdica. Rio de Janeiro.
- Bergson, Henri - *A Evolução Criadora*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.
- Blackmore, Susan J. – *Experiências fora do Corpo*. Editora Pensamento. São Paulo.
- Bohm, David – *A Totalidade e a Ordem Implicada*. Editora Cultrix. São Paulo. 1996.
- Borges, Valter da Rosa – *A Realidade Múltipla*. Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Recife. 1995.
- Borges, Valter da Rosa - *A Questão da Metodologia na Parapsicologia*. Anais do I Congresso Internacional e Brasileiro de Parapsicologia. Recife. 1997.
- Bowman, Carol – *Crianças e suas Vidas Passadas*. Salamandra. Rio de Janeiro. 1997.
- Bozzano, Ernesto - *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*. Editora Eco. Rio de Janeiro.
- Bozzano, Ernesto – *Fenômenos de “Transporte”*. Edição Calvário. São Paulo. 1972.
- Bozzano, Ernesto - *Quatro Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos*. Edição Calvário. São Paulo. 1974.
- Bozzano, Ernesto - *Xenoglossia*. FEB. Rio de Janeiro. 1949.
- Bozzano, Ernesto - *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*. FE. São Paulo. 1997.

- Bradley, Dennis – *A Imortalidade da Alma*. Edicel. São Paulo. 1971.
- Bozzano, Ernesto - *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*. FEB. Rio de Janeiro. 1949.
- Brune, François & Chauvin, Rémy - *Linha Direta do Além. Transcomunicação Instrumental: Realidade ou Utopia*. Edicel. 1ª edição. 1994. Sobradinho. DF.
- Bunge, Mario - *Epistemologia*. Edusp. São Paulo. 1980.
- Capra, Fritjof – *O Tao da Física*. Editora Cultrix. São Paulo. 1986.
- Carington, Wately - *La Telepatia. Hechos, Teoría, Implicaciones*. Editorial Dedalo. Buenos Aires.
- Cervino, Jayme – *Além do Inconsciente*. FEB. Rio de Janeiro. 1ª edição.
- Chardin, Teilhard – *O Fenômeno Humano*. Editora Helder. São Paulo. 1966.
- Chopra, Deepak - *Corpo sem Idade, Mente sem Fronteiras*. Rocco. Rio de Janeiro, 1995.
- Cookes, William - *Fatos Espíritas*. FEB. Rio de Janeiro. 1971.
- Crawford, William J. – *Mecânica Psíquica*. Lake. São Paulo. 1963.
- Davies, Paul - *Deus e a Nova Física*. Edições 70. Lisboa. Portugal. 1988.
- Delanne, Gabriel - *O Espiritismo perante a Ciência*. FEB. Rio de Janeiro.
- Delanne, Gabriel - *O Fenômeno Espírita*. FEB. Rio de Janeiro.
- Delanne, Gabriel - *Investigaciones sobre la Mediumnidad*. Editorial "Constancia". Buenos Aires. 1948.
- D'Esperance, Elisabeth – *No País das Sombras*. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.
- Doore, Gary (Org.) *Explorações Contemporâneas da Vida depois da Morte*. Editora Cultrix. São Paulo. 1994.
- Dossey, Larry - *Reencontro com a Alma. Uma Investigação Científica e Espiritual*. Cultrix. São Paulo. 1992.
- Dossey, Larry - *Tiempo, Espacio y Medicina*. Editorial Kairós. Barcelona. 1992.
- Dossey, Larry - *As Palavras Curam*. Cultrix. São Paulo. 1996.
- Drouot, Patrick - *Nós somos Todos Imortais*. Editora Record. Rio de Janeiro. 1995.
- Drouot, Patrick - *Reencarnação e Imortalidade: das Vidas Passadas às Vidas Futuras*. Editora Record. Rio de Janeiro. 2ª edição. 1994.
- Eadie, Betty J. - *Envolvido pela Luz*. Editora Record. Rio de Janeiro. 1994.
- Erny, Alfred – *O Psiquismo Experimental*. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.
- Farias, Nogueira de – *O Trabalho dos Mortos*. FEB. Rio de Janeiro. 3ª edição.
- Findlay, J. Artur – *No Limiar do Etéreo*. FEB. Rio de Janeiro. 1950.
- Fiore, Edith - *Já vivemos antes*. Publicações Europa-América. Póvoa de Varzim, Portugal.
- Fodor, Nandor - *Encyclopaedia of Psychic Science*. University Books. USA. 1974.
- Gauld, Alan – *Mediumidade e Sobrevivência*. Editora Pensamento. São Paulo. 1986.
- Geley, Gustavo – *Resumo da Doutrina Espírita*. Lake - Livraria Alan Kardec Editora. São Paulo. 1975.
- Geley, Gustave – *La Ectoplasma y la Clarividencia*. Aguilar. Madrid.
- Geley, Gustave – *Del Inconsciente al Consciente*. Editorial "Constancia". Buenos Aires. 1947.
- Gibier, Paul e Bozzano, Ernesto - *Materializações de Espíritos*. Editora Eco. Rio de Janeiro. 1973.
- Gribbin, John - *A Procura do Gato de Schrödinger*. Editorial Presença. Lisboa.

Jacobson, Nils O. - *Vida sem Morte?* Nordica. Rio de Janeiro. 1971.

Kardec, Allan - *O que é o Espiritismo*. FEB. 14ª edição. Rio de Janeiro.

Kardec, Allan - *O Livro dos Médiuns*. FEB. 25ª edição. Rio de Janeiro. 1957.

Kardec, Allan - *O Livro dos Espíritos*. FEB. 28ª edição. Rio de Janeiro. 1960.

Kardec, Allan - *Obras Póstumas*. FEB. 12ª edição. Rio de Janeiro. 1960.

Kastenbaum, Robert - *Haverá Vida depois da Morte?* Nórdica. Rio de Janeiro. 1989.

Klimo, Jon - *Chanelling*. Edições Siciliano. São Paulo. 1990.

Kübler-Ross, Elisabeth – *A Roda da Vida*. Sextante. Rio de Janeiro. 1998.

Leadbeater, Charles Webster – *O que há além da Morte*. Pensamento. São Paulo.

Leaf, Horace – *A Morte não é o Fim*. Editora Pensamento. São Paulo. 1968.

Locher, Teo & Harsch, Maggy - *Transcomunicação*. Editora Pensamento. São Paulo.

Lombroso, César - *Hipnotismo e Espiritismo*. Lake. São Paulo. 1960.

LeShan, Lawrence - *De Newton à Percepção Extrasensorial*. Summus Editorial. São Paulo. 1995.

LeShan, Lawrence - *Realidades Alternativas*. Summus Editorial. São Paulo. 1995.

LeShan, Lawrence - *O Médium, o Místico e o Físico*. Summus Editorial. São Paulo. 1994.

Long, Max Freedom - *Milagres da Ciência Secreta*. Grupo Editorial Monismo. São Paulo. 1961.

Maynard, Nettie Colburn – *Sessões Espíritas na Casa Branca*. O Clarim. Matão. 1967,

Maturana, Humberto & Varela, Francisco - *De Maquinas y Seres Vivos*. Editorial Universitaria. Santiago, Chile. 1972.

MacKensie, Andrew - *Fantasmagorias e Aparições*. Editora Pensamento. São Paulo.

Merlau-Ponti, M. – *Fenomenologia da Percepção*. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro. 1971.

Miranda, Hermínio C. – *Arquivos Psíquicos do Egito*. Publicações Lachâtre. Niterói. 1994.

Monroe, Robert A. - *Viagens fora do Corpo*. Editora Record. Rio de Janeiro.

Monroe, Robert A. - *Viagens além do Universo*. Editora Record. Rio de Janeiro. 2ª edição.

Monroe, Robert A. - *Ultimate Journey*. Doubleday. New York. 1994.

Moody Jr., Raymond A. - *Investigando Vidas Passadas*. Cultrix. São Paulo. 1992

Moody Jr., Raymond A. - *Reencuentros, Contactos con los Seres Queridos tras sua Morte*. Edaf/Nueva Era. Madrid. Espanha. 1994.

Moody Jr., Raymond A. – *A Luz do Além*. Nordica. Rio de Janeiro.

Moody Jr., Raymond A. – *Reencontros*. Nova Era. Rio de Janeiro. 1996. 2ª edição.

Morse, Melvin & Perry, Paul – *Do Outro Lado da Vida*. Editora Objetiva. Rio de Janeiro. 1992.

Morse, Melvin & Perry, Paul – *Transformados pela Luz*. Nova Era. Rio de Janeiro. 1997.

Muldoon, Sylvan J. & Carrington, Hereward - *Projeção do Corpo Astral*. Editora Pensamento. São Paulo. 1965.

Nielson, Haraldur - *O Espiritismo e a Igreja*. Edicel. São Paulo. 3ª edição.

Osís, Karlis & Haraldsson Erlendur – *O que eles viram...no Limiar da Morte*. Publicações Europa-América. Portugal.

Pagels, Heinz R. – *O Código Cósmico*. Gradiva. Lisboa. 2ª edição.

Penfield, Wilder – *O Mistério da Mente*. Ateneu Editora. São Paulo. 1983.

Penrose, Roger - *A Mente Nova do Rei. Computadores, Mentes e as Leis da Física*. Editora Campus. Rio de Janeiro. 1993.

Perandréa, Carlos Augusto - *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*. Editora FE. São Paulo. 1991.

Prigogine, Ilya - *O Fim das Certezas. Tempo, Caos e as Leis da Natureza*. Editora UNESP. São Paulo. 1996.

Ramakrishna, Sri - *O Ensino Espiritual*. Editora Ananda. Niterói. Rio de Janeiro.

Ranieri, R. A. - *Forças Libertadoras (Fenômenos Espíritas)*. Editora Eco. Rio de Janeiro, 2ª edição.

Ranieri, R. A. - *Materializações Luminosas*. Editora Lake. São Paulo. 2ª edição.

Richet, Charles – *A Grande Esperança*. Lake. São Paulo. 1956.

Ritchie, Georg G. & Sherril, Elisabeth - *Voltar do Amanhã*. Nórdica. Rio de Janeiro.

Rhine, J.B. - *O Alcance do Espírito*. Bestseller. São Paulo. 1965.

Rhine, J.B - *O Novo Mundo do Espírito*. Bestseller. São Paulo. 1966.

Richman, Gary & Pulos, Lee. *O Milagre do Rá*. Nova Era-Record. Rio de Janeiro. 1994.

Ring, Kenneth - *Rumo ao Ponto Ômega*. Rocco. Rio de Janeiro. 1996.

Ring, Kenneth - *The Omega Project*. Quill William Morrow. New York. 1992.

Rizl, Milan - *Parapsicologia Atual - Fatos e Realidade*. Ibrasa. São Paulo. 1976.

Rochas, Albert de – *A Levitação*. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.

Rodriguez, Nelio – *Sonata Cósmica. (Uma Vida com Thomaz Green Morton) Rá*. Editora Eco. Rio de Janeiro. 1995.

Rogo, D. Scott - *Vida após a Morte. Evidências da Sobrevivência à Morte Corporal*. Ibrasa. São Paulo. 1991.

Rogo, D. Scott - *Milagres. Uma Exploração Científica dos Fenômenos Paranormais*. Ibrasa. São Paulo. 1994.

Rogo, D. Scott – *A Inteligência no Poltergeist*. Ibrasa. São Paulo. 1995.

Rogo, D. Scott - *Além da Realidade*. Ibrasa. São Paulo. 1994.

Rogo, D. Scott - *A Mente e a Matéria*. Ibrasa. São Paulo. 1992.

Rogo, D. Scott - *Volta à Vida*. Ibrasa. São Paulo. 1995.

Rogo, D. Scott - *A Inteligência no Poltergeist*. Ibrasa. São Paulo. 1995.

Rogo, D. Scott - *Leaving the Body. A Complete Guide to Astral Projection*. Fireside. NewYork. 1993.

Russel, Bertrand - *Nosso Conhecimento do Mundo Exterior*. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1966.

Sargent, Epes – *Bases Científicas do Espiritismo*. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.

Schäfer, Hildegard - *Ponte entre o Aqui e o Além. Teoria e Prática da Transcomunicação*. Editora Pensamento. São Paulo.

Schmitt, Jean-Claude - *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. Companhia das Letras. São Paulo. 1999.

Sheldrake, Rupert - *O Renascimento da Natureza*. Cultrix. São Paulo. 1996.

Sheldrake, Rupert - *Siete Experimentos que pueden cambiar el Mundo*. Paidós, Barcelona. 1ª edição, 1995.

Stevenson, Ian - *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*. Editora Difusora Cultural. São Paulo. 1971.

Swedenborg, Emmanuel - *Sabedoria Angélica*. Livraria Freitas Bastos. São Paulo. 1965.

Talamonti, Leo - *Universo Proibido*. Editora Record. Rio de Janeiro.

Tocquet, Robert - *A Cura pelo Pensamento e Outros Prodígios*. Edições MM. São Paulo. 1973.

Tocquet, Robert - *Os Poderes Secretos do Homem*. Ibrasa. São Paulo. 1967.

Ubaldi, Pietro - *As Noúres*. Fundação Pietro Ubaldi. Campos, RJ. 2ª edição. 1981.

Ubaldi, Pietro - *Ascese Mística*. Fundação Pietro Ubaldi. Campos, RJ. 3ª edição. 1983.

Ubaldi, Pietro - *Ascensões Humanas*. Edição Lake. São Paulo. 2ª edição. 1957.

Ubaldi, Pietro - *Problemas Atuais*. Grupo Editorial Monismo. São Paulo. 1ª edição. 1960.

Ubaldi, Pietro - *Problemas do Futuro*. Editora Lake. São Paulo. 2ª edição. 1956.

Ubaldi, Pietro - *A Grande Síntese*. Lake. São Paulo. 1976.

Vieira, Waldo - *Projeções da Consciência*. Lake. São Paulo. 1981.

Vieira, Waldo - *Projeziologia*. Edição do Autor. Rio de Janeiro. 1986.

Wach, Joachim - *Sociologia da Religião*. Edições Paulina, São Paulo, 1990

Walsh, Roger N. & Vaughan, Frances (orgs.) - *Além do Ego*. Editora Cultrix/Pensamento. São Paulo. 1995.

Wambach, Helen - *Recordando Vidas Passadas*. Editora Pensamento. São Paulo.

Watson, Lyal - *Onde vivem as Lendas*. Difel. São Paulo. 1979.

Watson, Lyal - *Maré da Vida. Uma Biologia do Inconsciente*. Difel. São Paulo. 1980.

Weber, Renée - *Diálogos com Cientistas e Sábios*. Editora Cultrix. São Paulo. 1995.

Webster, Ken - *Os Mortos comunicam-se por Computadores?* Edicel. Sobradinho.DF. 1ª edição. 1994.

Weinberg, Steven - *Sonhos de uma Teoria Final*. Rocco. Rio de Janeiro. 1996.

Weiss, Brian - *Muitas Vidas, muitos Mestres*. Salamandra. Rio de Janeiro. 1991.

Weiss, Brian - *A Cura através da Terapia de Vidas Passadas*. Salamandra. Rio de Janeiro. 1996.

Wiesendanger, Harald - *A Terapia da Reencarnação*. Pensamento. São Paulo. 1994.

Wilber, Ken (Org.) - *O Paradigma Holográfico e Outros Paradoxos*. Editora Cultrix. São Paulo. 1992.

Wilber, Ken (Org.) - *Cuestiones Cuánticas. Escritos Místicos dos Físicos mais Famosos do Mundo*. Editorial Kairós. Barcelona. 1994.

Wilson, Ian - *A Experiência da Morte*. Editora Campus. Rio de Janeiro. 1995.

Woolger, Roger J. - *Other Lives, other Selves. A Jungian Psychoterapist discovers Past Lives*. Bantam Books. New York. 1988.

Xavier, Francisco Cândido - *Os Mensageiros*. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro. 4ª edição.

Yogananda, Paramahansa - *Autobiografia de um Yogue Contemporâneo*. Bestseller. São Paulo. 1972.

Zöllner, J.K.F. – Provas Científicas da Sobrevivência. Edicel. São Paulo. 1966.